UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURAS E
IDENTIDADES BRASILEIRAS

ELISIANE DA SILVA QUEVEDO

Humilhados e ofendidos: os Carés em *O Tempo e o Vento*, de
Erico Verissimo

São Paulo
2018

ELISIANE DA SILVA QUEVEDO

Humilhados e ofendidos: os Carés em *O Tempo e o Vento*, de
Erico Verissimo

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Culturas e Identidades
Brasileiras do Instituto de Estudos
Brasileiros da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Mestre em
Filosofia. Área de concentração: Estudos
Brasileiros

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2018

Q5

Quevedo, Elisiane da Silva

Humilhados e ofendidos: os Carés em O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo / Elisiane da Silva Quevedo -- São Paulo, 2018.

Orientador : Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Versão do título para o inglês: Humiliated and insulted : the Carés in The Time and the Wind, by Érico Veríssimo.

Descritores: 1. Veríssimo, Érico, 1905-1975 2. Literatura brasileira 3. Romance 4. Personagens 5. Pobreza I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Título.

IEB/SBD54/2018

CDD 869.935

Nome: QUEVEDO, Elisiane da Silva

Título: Humilhados e ofendidos: os Carés em *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Estudos Brasileiros

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

O percurso que me trouxe até aqui foi longo, sinuoso, íngreme, mas foi o caminho que escolhi percorrer desde o início, desde a submissão do projeto à banca, tendo a consciência de que a empreitada não seria fácil. E, de fato, não foi, tendo sido mais dura e mais longa do que eu poderia supor. Ainda assim (e talvez um pouco por isso), uma empreitada de muito aprendizado. Eu propus-me não apenas a desenvolver uma pesquisa de mestrado, mas a viajar, toda a semana, do estado do Rio Grande do Sul ao estado de São Paulo, para cumprir as disciplinas do curso, uma vez que, por motivos profissionais, estive impedida de estabelecer moradia na capital paulista durante o tempo da pesquisa. Sujeitei-me à tamanha “indiada” porque eu queria a EXPERIÊNCIA. Experiência esta que não se resume ao “produto” aqui apresentado, a dissertação (embora ela realmente seja parte significativa do “bolo”), mas inclui conhecer novas pessoas e novos lugares e, especialmente, adquirir novos saberes ou reinterpretá-los.

Dito isso, seguem os meus sinceros agradecimentos àqueles que fizeram parte deste período acadêmico e que, de alguma forma, contribuíram para que pudesse finalizá-lo exitosamente.

À USP, instituição pública e de qualidade, pela acolhida e pela disponibilização de estrutura (que inclui alojamentos e restaurantes), permitindo que eu, mesmo sendo de outro estado e financeiramente desprivilegiada, pudesse realizar um curso presencial na instituição.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, por ter confiado em mim e na viabilidade do projeto tematizando os Carés na obra de Erico Verissimo; por ter acreditado na minha palavra, nos vários momentos em que a ansiedade traiu-me, prejudicando, um pouco, a forma como eu me apresentava ao mundo. Agradeço, especialmente, pela paciência com que soube lidar com os meus medos e as minhas inseguranças, conduzindo a orientação de maneira a “florescer” a pesquisadora dedicada e sensível.

À Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Bordini, grande referência no estudo da obra de Erico Verissimo, pelo imenso auxílio no desenvolvimento deste trabalho, o que inclui ter ajudado na elaboração do projeto de pesquisa, ter me recebido em sua casa e dado dicas

em relação ao direcionamento do estudo, ter sugerido referências bibliográficas que auxiliaram significativamente no processo de análise e por ter me emprestado vários livros, alguns de sua própria autoria.

Aos professores do IEB, com quem tive contato nas disciplinas do mestrado, Prof. Dr. Jaime Tadeu Oliva, Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Cavalcanti Simioni, Prof^ª. Dr^ª Mayra Laudanna. Cada um, a seu modo, instigou-me no sentido de produzir um novo olhar sobre o meu próprio objetivo de estudo e também sobre muitas outras questões que envolvem os estudos brasileiros. Seus cursos foram, para mim, momentos de reflexão e formação singulares, únicos.

Aos funcionários da USP, especialmente as secretárias do Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, Maria Cristina Pires da Costa e Daniele Lopes Freitas, sempre simpáticas, gentis, atenciosas e disponíveis para sanar as minhas dúvidas, que não foram poucas.

Aos colegas de curso, Conrado Vivacqua, Marcel Lima e Guilherme Botelho, pelas trocas de vivências, expectativas e lamentações. Agradeço, particularmente, à minha querida companheira Luana Nascimento, que conheci no curso de mestrado e por quem desenvolvi grande apreço e amizade. Luana, saber que você viajava mais do que eu para se fazer presente nas disciplinas do mestrado sempre foi meu estímulo. “Se ela consegue, eu também consigo”. Obrigada pela companhia nas jantas do “bandejão”, nos passeios, nas conversas por meio das redes sociais, enfim, por dividir comigo as alegrias e os infortúnios desta fase tão singular (para não dizer maluca) das nossas vidas.

À amiga Elizabet Follmann, que, generosamente, dispôs-se a fazer a revisão linguística deste trabalho.

Ao amigo Daniel Bazzotti, que aceitou colaborar com a tradução do resumo para o inglês.

Ao amigo Gabriel Nagatani, que, com seus preciosos conhecimentos em biblioteconomia, auxiliou-me na “clarificação” das referências bibliográficas.

Aos familiares, aos amigos e aos colegas de trabalho da Universidade Federal da Fronteira Sul, pelas palavras de estímulo e incentivo.

Ao Paulo (minha Libélula, meu amigo, “meu amor”), por sempre se dispor a pegar os livros de que eu precisava na biblioteca da UFRGS e por ser uma companhia, quase sempre presente (e divertida), nos meus dias em Porto Alegre.

RESUMO

QUEVEDO, Elisiane. *Humilhados e ofendidos: os Carés em O Tempo e o Vento, de Erico Verissimo*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros). Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação tematiza a configuração das personagens de sobrenome Caré na trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor sul-rio-grandense Erico Verissimo (1905-1975). Lulu Caré, José Caré (Juca Feio), Quincas Caré, Chiru Caré, João Caré, Mingote Caré, Pedro Caré, Mané Caré, Ismália Caré, Lauro Caré, Romualdinho Caré, Antônia, Ondina Caré, Joaninha Caré são representantes de uma classe de indivíduos espoliados presentes nas três partes do romance: *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*. Ladeando o enredo principal, quase despercebidos do leitor, os Carés contrapõem-se aos protagonistas, os representantes da aristocracia. São sujeitos livres, mas “sem eira nem beira”, desvalidos, que vivem, inicialmente, errantes, e que, posteriormente, passam a viver nas franjas da propriedade dos Terra Cambará, dependentes da solidariedade dos poderosos. O objetivo desta dissertação é explorar a configuração dos Carés ao longo da trilogia, buscando observar as relações entre ficção e experiência da realidade. Para tanto, a dissertação aborda: 1. a relação entre os Carés e o sentido de “raça” ou mestiçagem, analisando-se a linhagem dos Carés em um viés étnico; 2. a relação entre os Carés e a ideia de “gaúcho”, procurando inquirir se eles se enquadrariam ou não em um modelo culturalmente preconcebido – destemido, audacioso, íntegro, com seu cavalo e indumentária típica; 3. a conexão entre Carés e a terra (o Continente de São Pedro, o estado do Rio Grande do Sul, a fazenda do grande proprietário) que os abriga, mas sobre a qual não têm direito; 4. a relação entre os Carés e a guerra, sublinhando a incongruência entre sujeitos rechaçados pela sociedade em tempos de paz e apreciados em tempos de conflito. Focaliza, igualmente, a relação da sociedade descrita por Erico com as mulheres Carés, tratadas como objetos sexuais dos estancieiros.

Palavras-chaves: Erico Verissimo. *O Tempo e o Vento*. Caré. O pobre na literatura brasileira; personagens.

ABSTRACT

Humiliated and insulted: the Carés in *The Time and the Wind*, by Erico Verissimo

This dissertation thematizes the configuration of the characters surnamed Caré in the trilogy “The Time and the Wind”, written by the Rio Grande do Sul State writer, Erico Verissimo (1905-1975). Lulu Caré, José Caré (Juca Feio), Quincas Caré, Chiru Caré, João Caré, Mingote Caré, Pedro Caré, Mané Caré, Ismália Caré, Lauro Caré, Romualdinho Caré, Antônia, Ondina Caré and Joaninha Caré are representatives of a class of stolen individuals present in the three parts of the novel: The Continent, The Portrait and The Archipelago. Besides the main plot, almost unnoticed by the reader, the Carés counterpoint the protagonists, the representatives of the aristocracy. They are free subjects, but without anything to call their own, helpless, who live, initially, wandering, and who, later, live in the fringes of the Terra Cambará property, dependent on the solidarity of the powerful. The purpose of this dissertation is to explore the configuration of the Carés throughout the trilogy, seeking to observe the relations between fiction and reality experience. To do so, the dissertation addresses: 1. the relationship between the Carés and the sense of “race” or miscegenation, analyzing the lineage of the Carés in an ethnic bias; 2. The relation between the Carés and the idea of “gaúcho”, trying to inquire whether or not they fit into a culturally preconceived model - fearless, audacious, upright, with his typical horse and typical clothing; 3. The connection between Carés and the land (the Continent of Saint Peter, the Rio Grande do Sul State, the farm of the great owner) that houses them, but which they are not entitled; 4, the relationship between the Carés and the war, highlighting the incongruity between subjects rejected by society in times of peace and appreciated in times of conflict. It also focuses on the relationship of the society described by Erico with the Carés women, treated as sexual objects of the ranchers.

Keywords: Erico Verissimo. The Time and the Wind. Caré. The poor in Brazilian literature; characters.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Pobres na literatura brasileira: algumas representações.....	16
1.1 Pobres entre pobres: leituras, vínculos literários.....	18
1.2 Carés e outros pobres de <i>O Tempo e o Vento</i>	49
2. Os Carés, uma linhagem de espoliados.....	72
2.1 De João a Laurito – Os homens Carés.....	74
2.1.1 “ <i>Por essa e por outras foi que a raça dos Carés continuou</i> ”.....	74
2.1.2 “ <i>Os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada</i> ”.....	87
2.1.3 “ <i>Sem títulos, nem terras, nem galões</i> ”.....	95
2.1.4 “ <i>Na paz vivia como um bicho. Na guerra era um homem</i> ”.....	108
2.2 Ismália, Joaquina, Ondina e Antonia – As mulheres Carés.....	121
2.2.1 “ <i>Ou bem marias ou bem evas, ou bem santas ou bem putas...</i> ” – As mulheres em <i>O Tempo e o Vento</i>	121
2.2.2 Ismália, Joaquina, Ondina e Antônia: trajetórias Carés.....	132
3.Considerações Finais.....	172
4. Referências.....	177

Introdução

A história de uma geração de Carés cabe em duas páginas, e a do Capitão Rodrigo Cambará, ou do Coronel Licurgo, precisam de cem delas. Mas existiriam Cambarás sem os inúmeros Carés, peões do Angico, etc? A força dos Amarais ou dos Cambarás está na posse da terra que lhes permite explorar a maioria, aqueles que nada possuem. Quantos Caré para um Cambará haverá em Santa Fé, São Paulo, Pernambuco...?¹

Ana Terra, Capitão Rodrigo, Bibiana, Licurgo e Maria Valéria são personagens conhecidas do grande público, uma vez que a série literária *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo é uma obra bastante popular e que já sofreu, inclusive, adaptações para cinema e televisão. No âmbito acadêmico, também existem numerosos trabalhos (dissertações, teses e livros) a respeito da trilogia que é considerada a obra mais importante do autor gaúcho.

A obra *O Tempo e o Vento*, que se divide em três partes, *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961), é inspirada na formação do estado do Rio Grande do Sul, apresentando uma saga de 200 anos, que se inicia com a conquista da terra, no século XVIII, chegando até o final do Estado Novo, em 1945, com a queda do governo de Getúlio Vargas. Apesar da narrativa estar centrada na família Terra Cambará (nos descendentes do enlace entre Ana Terra e Pedro Missioneiro), aparece, ao longo das páginas, grande número de personagens paralelos que compõem o quadro de empregados, amigos, amantes, conhecidos ou desafetos dos integrantes da família de estancieiros, alguns pertencentes à região e outros vindos de longe, como Padre Lara, o Dr. Winter, Toríbio Rezende, Aderbal Quadros, D. Vanja, Chico Pão, Neco Rosa, José Lírio, Roque Bandeira e Ismália Caré, a “amásia” de Licurgo Terra Cambará.

Esta dissertação empresta (ressignifica)² o título do romance de Dostoiévski, publicado em 1861, traduzido para vernáculo, tanto por Rachel de Queiróz, quanto por Clara Gourianova, como *Humilhados e Ofendidos*. Pretende-se, aqui, analisar não as personagens centrais e mais conhecidas da narrativa, mas a linhagem dos Carés, a

¹ FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 26-27.

² A expressão “humilhados e ofendidos”, no livro de Fiódor Dostoiévski, exprime o sentido o sentido de enganados, de ludibriados. No caso dos Carés, leva-se aqui também em conta o sentido de desprezados.

linhagem à qual pertence Ismália Caré, uma “casta” de indivíduos miseráveis presentes nas três partes do romance. Margeando a história, passando quase despercebidos pelo leitor, os Carés apresentam um contraponto aos protagonistas, representantes da elite aristocrática. São sujeitos livres, mas “sem eira nem beira”, desvalidos, que vivem, inicialmente, errantes, e que, depois, passam a estar arranchados nas fazendas dos grandes proprietários de terras.

Há muitos Carés espalhados pelo Continente³: Lulu Caré, José Caré (Juca Feio), Quincas Caré, Chiru Caré, João Caré, Mingote Caré, Pedro Caré, Mané Caré, Laco Caré, Mauro Caré, Romualdinho Caré, Lauro Caré, Ismália Caré, Antônia Caré, Ondina Caré, Joaquina Caré. São, ao todo, dezesseis personagens de sobrenome Caré na trilogia e há indicação de que existam bem mais, esparramadas pelo território do Rio Grande e também na cidade fictícia de Santa Fé.

Nos interlúdios da narrativa de *O continente*, Erico destaca as histórias e singularidades de alguns representantes da “raça dos Carés”, indivíduos muito pobres que vivem errantes pelos campos afora e sobrevivem graças à facilidade com que encontram água, árvores frutíferas e gado solto. Em um dado momento da narrativa, um representante dos Carés, Chiru Caré, com a sua numerosa família, consegue permissão para construir um rancho na estância da família Terra Cambará. Neste momento, um clã dos Carés deixa a vida nômade e passa a depender da solidariedade da gente da casa senhorial – o Sobrado. E a partir daí esses sujeitos começaram a margear a narrativa principal de *O Tempo e o Vento*. O mais importante personagem Caré é Ismália. Erico Verissimo, também em *O continente*, denomina um capítulo de “Ismália Caré”. No entanto, mesmo emprestando seu nome a um dos capítulos principais⁴, a moça tem função coadjuvante, não sendo alçada ao lugar dos que ocupam o centro do enredo.

Caré, na realidade, é a denominação que Erico Verissimo confere a um número bem variado de indivíduos que têm em comum a mestiçagem, a origem incerta e a condição de existência à margem da sociedade. A origem dos Carés é nebulosa, quase nenhuma personagem Caré sabe precisamente quem são seus descendentes e ascendentes. Assim como colocam filhos no mundo também os perdem em função da situação de pobreza e marginalização em que se encontram. Os Carés são indivíduos miseráveis,

3 Referência ao Continente de São Pedro, mais tarde, Província de São Pedro, atual estado do Rio Grande do Sul.

4 Capítulos com maior número de páginas, em que são narradas as histórias dos protagonistas, os Terra e os Cambará.

desprovidos de bens e instrução, que vivem sem rumo pelos campos ou que se agregam em alguma propriedade, passando a depender da “solidariedade” de estancieiros.

Os Carés são seres humanos “descartáveis”, “usados” e tratados como “coisas” pelos membros da elite, pelos membros da aristocracia, representada pelos Terra Cambará na obra de Erico Verissimo. Caré é gente que vive humilhada: são os homens forçados a participar de guerras das quais não entendem o propósito e que saem delas mortos ou mutilados e, ainda assim, contentes, porque somente no combate puderam ter a ilusão de um tratamento igual; são as mulheres coagidas a deitarem-se com sujeitos poderosos e brutos, que as discriminam enquanto seres humanos, estando interessados apenas em desfrutar sexualmente da beleza de seus corpos.

O objetivo deste estudo é analisar o desenvolvimento dos Carés ao longo da trilogia *O Tempo e o Vento*, buscando observar as relações entre ficção e a experiência da realidade. Com esse intento, abordamos alguns pontos que acreditamos ter grande importância na tentativa de entender as personagens de sobrenome Caré: primeiro, a relação entre os Carés e “raça” ou mestiçagem, analisando-se as personagens pertencentes à linhagem dos Carés dentro de uma perspectiva étnica. Segundo, a relação entre os Carés e a ideia construída de gaúcho, procurando indagar se eles se enquadrariam ou não no estereótipo do gaúcho – valente, audacioso, honrado, com seu cavalo e indumentária típica. Terceiro, a relação entre os Carés e a terra (o Continente de São Pedro, o Rio Grande, a estância do grande proprietário), o vínculo com o território que os abriga, mas sobre o qual não têm direito. Quarto, a relação entre os Carés e a guerra, sublinhando o paradoxo entre indivíduos desprezados pela sociedade em tempos de paz e valorizados em tempos de conflitos. E, por último, abordaremos a relação da sociedade descrita por Erico com as mulheres Carés, tratadas unicamente como objeto de satisfação das necessidades sexuais dos estancieiros.

Ao estudar o desenvolvimento dos Carés na trilogia *O Tempo e o Vento*, não queremos simplesmente repetir o que Erico Verissimo figurou no espaço ficcional, mas interpretar aspectos do seu pensamento enquanto criador. Acreditamos que, embora haja vários estudos sobre a trilogia, a presença dos Carés na narrativa ainda carece de análises mais densas, uma vez que o seu aprofundamento pode levar a novas conclusões. Nesse sentido, salienta-se que tanto os Terras Cambará quanto os Carés são fundamentais para a construção do panorama da sociedade rural e patriarcal que Erico Verissimo busca retratar. As trajetórias dos Terras Cambará e dos Carés estão frequentemente entrelaçadas no fluxo narrativo, embora transcorram (socialmente) em paralelo uma à outra. No

contraste entre os conceituados Terras Cambará e os desafortunados Carés, estes últimos representam, no texto de Erico, o lado pobre da cidade de Santa Fé, da Província de São de Pedro, da sociedade em geral, enfim, em termos de arquétipo, a experiência da pobreza no mundo.

Erico Verissimo quase nunca soluciona questões levantadas em sua ficção, pelo menos explicitamente, deixando, desta forma, o leitor à vontade para se posicionar face às situações configuradas. Em seu trabalho, mobilizado pelo caráter literário, procura mais sensibilizar do que tematizar, mais fazer refletir do que dar soluções prontas, revelando-se sempre, assim, um pensador sutil, atento e penetrante. Nessa perspectiva, ao analisar uma obra de Erico Verissimo, ou aspectos de sua produção ficcional, como é o nosso caso com as personagens Carés, faz-se importante descobrir qual a ideia que o autor quis realçar, procurando explicitar o que o autor fala nas entrelinhas ou quer significar com outras palavras.

O nosso estudo focaliza uma obra literária, uma ficção inspirada na história nacional. Pretendemos enriquecer o leque de interpretações na fortuna crítica da trilogia *O Tempo e o Vento*, observando-a por meio de um recorte, a nosso ver ainda não suficientemente explorado: os Carés.

A dissertação segue um plano: inicialmente entendemos que seria importante contextualizar os Carés dentro da perspectiva do pobre na literatura brasileira, apresentando esses sujeitos em comparação com outras personagens pobres da produção literária nacional e de outros textos da América portuguesa. Depois, considerando que os Carés são uns entre tantos outros pobres destacados em *O Tempo e Vento*, apresentaremos um painel, mencionando os outros pobres introduzidos na narrativa, salientando a suas especificidades e distinções em relação à “raça dos Carés”. Assim, no primeiro capítulo desta dissertação, “Pobres na literatura brasileira: representações”, trataremos dos “Pobres entre pobres: leituras, vínculos literários”, ou seja, de como a temática do sujeito desfavorecido vem sendo abordada em textos literários e de outras natureza, enumerando, em termos paradigmáticos, alguns autores (entre muitos) que apresentam personagens pobres em seus escritos: André João Antonil, José João Teixeira Coelho, Martins Pena, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha, Simões Lopes Neto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, João Cabral de Mello Neto, Clarice Lispector. Procuramos inserir os Carés, enquanto existências fictícias miseráveis, dentro do contexto de literatura brasileira a respeito de indivíduos em situação de marginalidade.

A miséria que caracterizou a realidade brasileira ao longo da história, como não poderia deixar de ser, ganhou registros e contornos próprios na literatura nacional, ao retratar a vida dos menos favorecidos, em várias regiões do Brasil, em diferentes períodos históricos. *O Tempo e o Vento* é uma obra que, embora não esteja focada na questão da pobreza, apresenta um vasto painel a respeito da formação do Rio Grande do Sul. Acaba por mostrar, com os Carés, uma espécie de saga da pobreza: assim como são narrados 200 anos da ascensão e “declínio” da elite, da família Terra Cambará, o texto ficcional também deixa entrever que, nesse mesmo período, marcado por muitos acontecimentos históricos e políticos, pouco se altera na vida dos indivíduos espoliados socialmente, que estarão sempre à mercê de interesses das classes superiores.

Na segunda parte do referido capítulo, “Carés e outros pobres de *O Tempo e o Vento*”, situaremos os Carés enquanto um grupo de sujeitos pobres, entre tantas outras personagens pobres introduzidos na narrativa de Erico. Os Carés não são as únicas personagens desfavorecidas da trilogia; a própria família Terra, antes de Bibiana “tomar” o Sobrado, e os Terras Cambará, graças ao casamento de Bolívar com a herdeira Luzia, ascenderem economicamente, é uma família que vive com poucos recursos, podendo ser considerada pobre, embora não totalmente miserável, já que possuíam, ao menos, uma casa simples para habitar, o que lhes confere alguma dignidade. Vivenciando um estado de desvalia até maior que o dos Carés, sujeitos pobres, mas libertos, estarão, por exemplo, os escravos, que em *O continente* não serão donos nem da sua própria liberdade. Na trilogia, aparecerão também muitas prostitutas, agregados e até amigos dos estancieiros, indivíduos que, em maior ou menor grau, estarão em uma condição de privação. Entretanto, os Carés destacam-se por serem muitos, dezesseis personagens nomeadas, e pela indicação de que fazem parte de uma “raça” especial, embora tenham feições diversas, e por constituírem um contraponto, miserável e subalterno, à saga da estirpe Terra Cambará.

No segundo capítulo, “Os Carés, uma linhagem de espoliados”, analisaremos, especificamente, a presença das personagens Caré na trilogia *O Tempo e o Vento*. Verificamos que homens e mulheres têm diferentes funções na narrativa: eles vinculados à guerra, à terra e à cultura gaúcha; elas, quase exclusivamente ao sexo e à condição de amásias. Optamos, por isso, por realizar a análise das personagens masculinas e femininas em segmentos separados. Contudo, essa separação não é excludente; haverá inferências que se aplicam às mulheres na parte referente à abordagem dos homens e vice-versa.

Na primeira parte do capítulo, “De João a Laurito – os homens Carés”, analisaremos as personagens masculinas da linhagem dos Carés que têm mais destaque nos interlúdios da trilogia, embora também subsistam no enredo principal. Inicialmente, os invocaremos dentro de uma compreensão de raça e mestiçagem, tentando aprofundar questões relacionadas à origem de tais sujeitos. Depois, trataremos de inserir os Carés na discussão a respeito do gaúcho, explicitando a figuração do gaúcho do passado, mal visto, assim como a eles se referem alguns historiadores, e a do gaúcho idealizado da literatura regionalista, a fim de verificar se os Carés enquadrar-se-iam em algum desses modelos. Mais adiante, o capítulo tratará da questão da posse da terra (e da política agrária) e de como ela marcou lugares sociais ao longo da história do Rio Grande do Sul. A minoria que detinha o prestígio e o poder era composta de proprietários de terra. Em suma, quanto menores as posses (e menos terra tivesse o indivíduo), menor também a importância da pessoa na sociedade. Os Carés, como não tinham nada de seu, além da liberdade de ir e vir, eram desvalorizados e precisavam arranjar estratégias para sobreviver em um universo no qual eram poucas as oportunidades para os sujeitos não-proprietários. Finalizando o segmento voltado aos homens Carés, nos deteremos na relação de tais personagens com a guerra. Do início ao fim da narrativa de Erico, os Carés foram coagidos a lutar nas inúmeras guerras em que estiveram envolvidos os homens do Rio Grande e do Brasil. Apesar de obrigados a avolumar os exércitos, os Carés gostavam da guerra: lá eram tratados como homens e respeitados como iguais pelos membros da aristocracia, enquanto, em tempos de paz, viviam e eram tratados como animais.

A segunda parte do segundo capítulo, “Ismália, Joanelha, Ondina e Antônia – as mulheres Carés”, é dedicada às chinocas da linhagem de desprovidos. Cumprindo-se o exercício hipotético de retirar os Carés de *O Tempo e o Vento*, buscando entender em que medida a ausência dessas personagens implicaria na economia narrativa, constatou-se que as mulheres Carés são mais imprescindíveis ao enredo do que os homens. Aos homens cabe a função de mão de obra da estância e de soldados nas guerras, ações também realizadas por outras personagens que não pertencem à linhagem dos Carés; em contrapartida, a dimensão sexual representada pelas mulheres Carés é única, mesmo havendo prostitutas e outras personagens que também se prestavam a amantes. A cultura machista e belicista destacada por Erico em *O Tempo e o Vento*, que já é cruel com as mulheres de posses (como com Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria), é ainda mais com as miseráveis moças Carés. Em vários episódios, elas são forçadas ao sexo, quase sempre no mato (a cama, para as esposas), com os estancieiros tomando-as como quem domina

vacas em rodeio. Elas até tentam se desvencilhar, mas é inútil diante de homens fortes e poderosos como os componentes da família do Sobrado. Assim, só resta às jovens Carés submeterem-se ao ato violento em silêncio (ocasionalmente interrompido por soluços). Terminada a selvageria, somada ao preconceito por serem mulheres muito pobres, elas terão de conviver ainda com os olhares enviesados que a sociedade – especialmente as mulheres de família – dirige às moças desonradas.

1 Pobres na literatura brasileira: algumas representações

Pobres, de acordo com Alfredo Costa, em *Um olhar sobre a pobreza, vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*, são indivíduos em condição de privação de recursos, de capacidades, de escolhas, de segurança e de poder necessários à obtenção de um adequado padrão de vida e de outros direitos civis, culturais, econômicos, políticos e sociais ⁵. Para Olinda Barcellos e Flávio Comim, em “Compressões de pobreza: os distintos sentidos encontrados na literatura brasileira”, a condição de pobreza pode ser explicada em termos relativos e absolutos: em caráter absoluto, ela traduz-se na incapacidade de satisfação das necessidades básicas e requer uma espécie de separação entre os pobres e os não pobres, ou seja, entre aqueles que não têm e aqueles que têm acesso a um nível mínimo de recursos necessários à subsistência; em caráter relativo, a pobreza traduz-se na dificuldade em viver de acordo com o padrão de vida dominante e está relacionada ao fato de uma pessoa, comparada a outra, possuir menos acessos aos bens e serviços desejados (emprego e saúde, por exemplo).⁶

Para o ensaísta literário José Paulo Paes, em “O pobre diabo no romance brasileiro”, o pobre é um sujeito que foi mal dotado ou pouco favorecido na vida; por extensão, um infeliz, desprotegido, digno, por isso, de lástima e, eventualmente, de compaixão⁷. Como afirma o crítico Roberto Schwarz, na introdução de *Os pobres na literatura brasileira*, os escritores brasileiros têm conhecimento de muita coisa, inclusive sobre pobreza. Sabem tanto que a temática da pobreza, nas suas mais variadas facetas, desde a mais cruel até a mais branda, em sentido relativo, não deixou de frequentar a literatura nacional, assim como não deixou de estar presente na realidade brasileira em 500 anos de história. Assim, é possível encontrar na literatura do país diversos modos de retratar os desafortunados, e várias ideias implícitas nos modos de representar personagens pobres, várias traduções da nossa pobreza real para o universo fictício, mas atento e sensível, das nossas letras.⁸

Os Carés de *O Tempo e o Vento*, do escritor gaúcho Erico Verissimo, compõem uma “linhagem” de personagens pobres da literatura brasileira, fazendo parte de uma

⁵ COSTA, Alfredo B. (Coord.). BAPTISTA, Isabel, CARRILHO, Paula. *Um olhar sobre a pobreza. Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 29.

⁶ BARCELLOS, Olinda; COMIM, Flávio. *Compressões de pobreza: os distintos sentidos encontrados na literatura brasileira*. Encontro Nacional de Economia (ANPEC). Porto Alegre: PUCRS, 2013, p. 2-3.

⁷ PAES, José Paulo. “O pobre diabo no romance brasileiro”. *Novos Estudos do CEBRAP*, n.20, 1988, p. 38.

⁸ SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.1983, p. 6.

imensa galeria de despossuídos que povoa nossas letras desde os tempos do Brasil Colônia. Podem ser enumerados autores paradigmáticos que, em seus escritos, presentificam a figura do desfavorecido socialmente: André João Antonil, em *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*⁹ (1711); José João Teixeira Coelho, em *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*¹⁰ (1780); Martins Pena, na peça *Juiz de Paz da roça* (1838); Machado de Assis, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); Aluísio de Azevedo, em *O cortiço* (1890); Euclides da Cunha, em *Os sertões* (1902); Simões Lopes Neto, em *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913); Monteiro Lobato, em contos de *Urupês* (1914) e no livreto *Jeca Tatuzinho* (1924); Graciliano Ramos, em *Vidas secas* (1938); João Cabral de Mello Neto no auto *Morte e vida severina* (1966) e Clarice Lispector, em *A hora da estrela* (1977).

Todas essas obras são bastante conhecidas no campo letrado nacional: *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*; *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, *Juiz de Paz da roça* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* destacam, cada uma a seu modo, a figura do homem pobre e livre no Brasil colonial, esmagado entre a classe escrava e a aristocracia. Em *O cortiço*, o foco está na desigualdade social e econômica do Brasil pós-abolição, colocando em cena a figura do pobre explorado, cujo trabalho é usado para promover o enriquecimento de terceiros. Em *Os sertões*, a pobreza decorre do meio ambiente físico e da ideia de degeneração mestiça; os sertanejos miseráveis de Canudos têm uma relação forte com a terra e, com a guerra, lutam com ardor e sobrevivem a privações de moradia, vestimenta e alimentação. *Contos gauchescos* e *Lenda do Sul* têm o Rio Grande do Sul como palco e seus habitantes como protagonistas, apresentando o mundo idealizado (que sublima as diferenças de classes) dos gaudérios pobres que se mostram submissos aos superiores na guerra e, aos patrões, em tempo de paz. Em contos de *Urupês* e no livreto *Jeca Tatuzinho*, ganha relevo a figura anti-heroica do pobre Jeca Tatu, um sujeito da terra, sem pouso certo, cuja condição precária em que vive torna difícil a sua adaptação à civilização. *Vidas secas* narra a situação de uma família assolada pela miséria, cujos membros ocupam provisoriamente terras que não lhes pertencem, havendo sempre a possibilidade de, inesperadamente, serem levados pelas

9 André João Antonil descreve, minuciosamente, a produção de açúcar, tabaco, mineração e criação de gado, mostrando a consolidação da economia colonial a sua enorme potencialidade.

10 Teixeira Coelho faz um estudo histórico, econômico, político, social e administrativo de Minas Gerais, para instruir os nomeados para o governo de Minas sobre a realidade da capitania, a fim de que eles pudessem melhor governar.

circunstâncias a seguir em frente, rumando a outro local, que vai ser também uma moradia temporária. *Morte e vida severina* descreve a marcha dos pobres Severinos, fugindo do atraso e da miséria, rumo à desgraça e à morte. “Severinos” definem uma condição de classe, englobando seres humanos desqualificados, marginalizados e indigentes. *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, apresenta a experiência interna de um ser humano miserável, captando a pobreza em seu aspecto subjetivo. O não ter nada, o ser desprovido de tudo, revela-se na alma da protagonista Macabéa.

1.1 Pobres entre pobres: leituras, vínculos literários

O Tempo e o Vento é uma obra que abarca 200 anos da história do estado do Rio Grande do Sul, a partir da conquista da terra, no século XVIII, até a queda de Getúlio Vargas, no final do Estado Novo, em 1945, apresentando uma expressiva galeria de personagens de diferentes classes sociais. Os Carés são um grupo de personagens dentro um vasto painel de figuras humanas apresentadas por Erico no decorrer do romance, que se divide em três partes: *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961).

Em *O continente*, conforme Regina Zilberman, no prefácio da 3ª edição da primeira parte da obra, as ações mais antigas passam-se em 1745, quando os Sete Povos das Missões estão sendo ameaçados pela execução do Tratado de Madri¹¹. As ações mais recentes desenrolam-se em 1895, quando, por ocasião da Revolução Federalista, o Rio Grande divide-se entre partidários de Júlio de Castilhos e de Gaspar Silveira Martins.

Esta primeira parte da obra narra a infância de Pedro Missioneiro, o menino que vive numa das missões jesuíticas e assiste à derrota de seu povo. Já adulto, Pedro liga-se a Ana Terra (que veio com a família de Sorocaba para viver no isolado Continente de São Pedro). Desta união trágica (porque leva ao assassinato de Pedro pela família da moça) nasce Pedro Terra. Com a morte do pai e de um irmão em conflito com os castelhanos que invadem a propriedade da família, Ana, o filho ainda pequeno e a cunhada Eulália radicam-se no povoado de Santa Fé. A união do soldado aventureiro Capitão Rodrigo Cambará com Bibiana (filha de Pedro, neta de Ana Terra) dá início ao clã Terra Cambará. Bolívar, filho de Bibiana com o Capitão Rodrigo, casa-se com Luzia, moça de posses, dando início à ascensão econômica e política da família, ascensão que será consolidada

¹¹ Acordo assinado entre Portugal e Espanha que entrega à Coroa castelhana a região colonizada pelos jesuítas.

por Licurgo (neto de Bibiana), que se consagrará como chefe de família e político emergente, tomando parte nos movimentos abolicionista e republicano.¹²

Conforme Regina Zilberman (2004), acompanha-se em *O continente* a ascensão de uma camada social que se formou durante o período colonial, definiu suas atividades econômicas principais na época monárquica, mas chegou ao poder somente com a substituição do regime político, que se definiu republicano. Nas partes iniciais do livro, as personagens que constituirão a camada social retratada pertencem aos grupos dominados (Ana Terra e sua família), mas triunfam no final, ao derrotarem seus opositores e firmarem-se no comando da cidade de Santa Fé e do estado do Rio Grande do Sul.¹³

Entremeando os capítulos de *O continente*, Erico Verissimo introduziu, segundo Regina Zilberman (2004), trechos em que o narrador afasta-se das personagens principais e lança luz sobre outras situações que auxiliam na complementação da narrativa central. Esses trechos distinguem-se dos demais não apenas em sua feição narrativa, como também pela configuração gráfica, pois estão impressos em itálico. Introduzem, entre outras situações, a trajetória dos Carés, que respondem pelo ângulo popular da formação social do Rio Grande do Sul e que, assim como detêm papel periférico na luta pelo poder, ocupam um lugar marginal na estrutura do romance.¹⁴

O retrato tem como pano de fundo, de acordo com Marco Antônio Villa, os anos finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX – do governo do paulista Campos Sales à presidência do mineiro Venceslau Brás – e traz como personagem principal o Dr. Rodrigo Terra Cambará (filho de Licurgo), um reformador, que deseja veementemente modernizar Santa Fé, mas sempre da perspectiva da classe dominante, com propostas unicamente suas e não oriundas de um diálogo com os demais segmentos sociais.¹⁵

Para Villa, as personagens de *O retrato* têm dúvidas, são concomitantemente heróis e bandidos, são filhos e produtos do seu tempo e de suas contradições, como é possível perceber na figuração do Dr. Rodrigo Terra Cambará e no seu voluntarismo, no realismo trágico de Maria Valéria, no positivismo ingênuo do coronel Jairo, no

¹² ZILBERMAN, Regina. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 11-12. (O tempo e o vento; 1).

¹³ Ibidem, p.12-14.

¹⁴ Ibidem, p.12.

¹⁵ VILA, Marco Antônio. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 11-12. (O tempo e o vento; 2).

anarquismo inconsequente do pintor espanhol Pepe García, em Toríbio (irmão de Rodrigo) e em sua relação de amor com a vida e o trabalho no Angico, a estância da família Terra Cambará.¹⁶ Segundo o crítico, no desenho das classes sociais, os pequeno-burgueses de Santa Fé necessitam, para sobreviver, da proteção de algum potentado local e os pobres e miseráveis não fazem parte da sociedade, não são considerados cidadãos: vivem em bairros imundos, úteis somente para serem explorados e terem suas filhas defloradas pelos filhos dos latifundiários.¹⁷

O arquipélago abarca, de acordo com Luiz Ruffato, o período que vai do começo de 1920 até o fim do governo Vargas, marcando o declínio da família Terra Cambará. Reencontramos o Dr. Rodrigo Terra Cambará agonizante, na eminência de morrer de infarto. Também reencontramos Flora, sua esposa, que agora lhe devota o amor-ódio da mulher traída. E seus filhos, já crescidos: Floriano, o escritor; Eduardo, o comunista; Jango, afeito à lida campeira e aos cuidados com estância da família; e a filha Bibi e seu marido, Marcos Sandoval, que parecem mais interessados na herança de Rodrigo do que nas relações familiares. O trecho apresenta ainda a esposa de Jango, Sílvia, mulher de origem humilde, que mantém uma relação afetiva oculta com Floriano. E Maria Valéria, a tia, já velha e cega, oráculo da família.¹⁸

Para Ruffato, *O arquipélago* descreve a transformação do Brasil, de uma República fundada em velhas oligarquias rurais a um país que busca sua identidade industrial, alicerçada numa burguesia urbana ascendente. A trama espelha-se em fatos da história do Brasil: desenha-se o declínio da família Terra Cambará, reunida em torno da figura agônica do Dr. Rodrigo, retornando à cidade natal, vindo do Rio de Janeiro após a queda de seu amigo íntimo, o presidente Getúlio Vargas.¹⁹ Embora o enredo do romance de Erico esteja centrado na família Terra Cambará, aparece, ao longo da narrativa, um expressivo número de personagens em percursos paralelos. Figuram como amigos, amantes, conhecidos ou desafetos dos integrantes da família de estancieiros (alguns pertencentes à cidade de Santa Fé e outros vindos de longe), como Padre Lara, Dr. Winter, Toríbio Rezende, Aderbal Quadros, D. Vanja, Chico Pão, Neco Rosa, José Lírio, Roque Bandeira, Ismália Caré.

¹⁶ Ibidem, p. 14.

¹⁷ Ibidem, p. 12.

¹⁸ RUFFATO, Luiz. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 12-13. (O tempo e o vento; 3).

¹⁹ Ibidem, p. 15.

Entre os muitas personagens apresentados por Erico ao longo da trilogia, os Carés são alguns entre outros tantos pobres. Diferentemente de Fabiano (de *Vidas secas*), de Macabéa (de *A hora da estrela*) ou de Severino (de *Morte e vida severina*), os Carés não são os protagonistas da narrativa, a pobreza não é o tema central de *O Tempo e o Vento* e sim a formação da elite sul-rio-grandense. Contudo, a pobreza está em *O Tempo e o Vento* e os Carés são uma (entre outras) das suas manifestações: eles são os miseráveis, sem era e nem beira, que sobrevivem pelo Rio Grande, agregados nas terras dos estancieiros.

O que esses personagens pobres de Erico Verissimo teriam em comum, por exemplo, com os vadios retratados por Antonil ou com os Severinos de João Cabral? Que tipo de relação pode-se traçar entre essas criações tão diferentes (mas de alguma forma significativas no trato do pobre na literatura nacional) com os Carés, personagens pobres que passam quase despercebidos em *O Tempo e o Vento*?

Segundo Michel Foucault, em *Arqueologia do saber*, as diversas obras, toda a massa de textos que pertence a uma mesma formação discursiva – o que inclui autores que se conhecem, que se criticam e que entrecruzam seus discursos singulares –, comunicam-se pela forma de positividade de seus discursos.²⁰ Nesse sentido, para Davi Siqueira Santos, em *Verissimo passando Erico a limpo: espelhos e biblioteca em Solo de clarineta* (2015), Erico Verissimo não poderia construir-se como escritor de ficção sem tomar contato com as principais obras da tradição intelectual e artística de sua própria cultura. Todo autor literário tem consciência da pré-existência de seu ofício no jogo da arte.²¹ De acordo com Tiphaine Samoyault, “a literatura só existe porque já existe a literatura [...] o desejo da literatura é ser literatura”²². Assim, é compreensível que o campo de referência da literatura seja a literatura e que os escritos interajam no interior deste campo assim como no campo extenso do conjunto das artes.

Partindo disso, podemos dizer que Erico Verissimo tomou contato com um conjunto de autores, livros e leituras com os quais dialogou e construiu a si próprio literariamente. No entanto, as relações entre escritos e escritos, as relações entre escritores e escritores são díspares. As “influências”, os contatos, não ocorrem da mesma forma sempre, cada obra reverbera no escritor de forma distinta e singular.

²⁰ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 144.

²¹ SANTOS, Davi Siqueira. *Verissimo passando Erico a limpo: espelhos e biblioteca em Solo de clarineta*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015, p. 73.

²² SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 74.

Não encontramos nenhuma referência que nos permitisse verificar se Erico entrou em contato com os livros de André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (1711), e de Teixeira Coelho, *Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais* (1780). Essas duas obras, conforme Laura Mello e Souza, em “Notas sobre os vadios na literatura colonial”, retratam os pobres – homens livres, com poucos recursos financeiros e sem ocupação fixa – como “vadios”.²³

Segundo Bruna Rodrigues dos Santos, em *A Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas: qual sua natureza?*, a obra de Antonil está dividida em quatro partes, detendo-se, respectivamente, no açúcar, no tabaco, no ouro e no gado²⁴. Formam um painel da vida econômica nacional da época, contribuindo, assim, para a nossa representação histórica colonial.

Na obra de Antonil, lê-se: “Convidou a fama das minas tão abundantes do Brasil homens de toda a casta e de todas as partes, uns de cabedal, e outros, vadios.”²⁵ Os mencionados “vadios”, destaca Laura de Mello e Souza, são sujeitos não inseridos na estrutura da produção colonial, mas que podem, eventualmente, ser aproveitados por ela. Assim, o trabalho representaria a possibilidade de redenção dos “vadios”.²⁶ Se começarem a trabalhar, deixam de ser “vadios”: “Para vadios, tenha enxada e foices, e se se quiserem deter no engenho, mande-lhes dizer pelo feitor que, trabalhando, lhes pagarão seu jornal. E, desta sorte, ou seguirão seu caminho, ou de vadio se farão jornaleiros”.²⁷

Antonil retrata, de acordo com a historiadora, o pobre, o homem sem ocupação, “o vadio” como a parte nula e corrompida da sociedade, seres humanos que não geram ou não produzem riqueza, que, em vez de se dedicarem ao labor, muitas vezes enveredam para o mundo da transgressão, praticando roubos e assassinatos.²⁸

Os vadios que vão às minas para tirar ouro não dos ribeiros, mas dos canudos em que o ajuntam e guardam os que trabalham nas catas, usaram de traições lamentáveis e de mortes mais que cruéis, ficando estes crimes sem castigo, porque nas minas a justiça humana não teve ainda tribunal e o respeito de que

²³ SOUZA, Laura de Mello e. “Notas sobre os vadios na literatura colonial do século XVIII.” In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.09.

²⁴ SANTOS, Bruna Rodrigues dos. *A Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas: qual sua natureza?*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RJ, 16, 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2014, p. 13.

²⁵ ANTONIL, André. *Cultura e opulência do Brasil*. 3.ed. Belo Horizonte. Itaiaia/Edusp, 1982, p. 93.

²⁶ SOUZA, Laura de Mello e. Op. cit., p. 10.

²⁷ ANTONIL, André. Op. cit., p. 39.

²⁸ SOUZA, Laura de Mello e. Op. cit.,p. 10.

em outras partes goza, aonde há ministros de suposição, assistidos de numeroso e seguro presídio, e só agora poderá esperar-se algum remédio, indo lá governador e ministros.²⁹

Do final do século XVIII, *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, de Teixeira Coelho, faz um estudo histórico, econômico, político, social e administrativo da capitania de Minas Gerais, definindo a figura do “vadio” de forma menos aversiva. O autor demonstra que os “vadios” são os sujeitos oriundos dos segmentos sociais menos afortunados da colônia³⁰:

eles, à exceção de um pequeno número de brancos, são todos mulatos, caboclos, mestiços, e negros forros: [...] deles é que se compõem as esquadras que defendem o presídio do mesmo Cueté da irrupção do gentio bárbaro e que penetram, como feras, os matos virgens, no seguimento do mesmo gentio: e deles é, finalmente, que se compõem também as esquadras, que muitas vezes se espalham pelo matos, para destruir os quilombos dos negros fugidos, e que ajudam as justiças nas prisões de réus.³¹

Os escritos de Teixeira Coelho, segundo Laura de Mello e Souza, são ímpares na literatura justamente por pregar que no Brasil colônia havia a utilização de um contingente humano considerado inútil, mas que servia de “pau para toda obra”: eram sujeitos destinados a preencher os interstícios que a mão de obra escrava não ocupava, tampouco os homens “bem nascidos”, mais situados e definidos no seio da sociedade.³²

Os Carés, na primeira parte da Trilogia, *O continente*, têm em comum com os vadios (embora Erico Verissimo nunca tenha os caracterizado como “vadios”), o fato de serem homens livres, esmagados entre a classe dos que têm posses e os escravos. Vadios e Carés são os sujeitos (considerados gente) menos afortunados do Brasil colônia. Como alguns vadios, alguns Carés também enveredam para o crime, cometendo pequenos delitos e sendo punidos com o rigor dos estancieiros, que têm o poder de Estado e de polícia no esquecido Continente de São Pedro:

²⁹ ANTONIL, André. Op. cit., p. 93.

³⁰ SOUZA, Laura de Mello e. Op. cit., p. 12.

³¹ COELHO apud SOUZA, 1983, p. 11. COELHO, Teixeira. *Instrução para o governo da capitania de Minas Gerais*. Revista do Arquivo Público Mineiro. Vol. VIII, p. 479.

³² SOUZA, Laura de Mello e. Op. cit., p. 11.

*O sonho de Mingote Caré era ter um cavalo.
 Um dia a tentação foi maior que o medo e ele roubou um tordilho numa
 estância da fronteira.
 Mas não teve sorte: a peonada saiu-lhe nas pegadas e agarrou-o.
 Está aqui o ladrão, coronel, que é que fazemos com ele?
 O estancieiro estava furioso, vermelho que nem gringo.
 Botem a minha marca no lombo desse bandido. Depois lhe apliquem trezentos
 e sessenta e cinco açoites, um pra cada dia do ano. Sou homem de bem
 e justiça: se não procedo com energia, esses abusos não acabam.
 Deixaram Mingote nu, amarrado a um palanque.
 E, quando lhe encostaram o ferro em brasa na paleta, o coronel gritou:
 Isso é pra tu aprenderes a respeitar a propriedade alheia!*

*Mingote foi atirado na estrada, marcado como uma rês.
 Saiu a andar estonteado, com o lombo ardendo e sangrando, e, como a dor o
 cegasse, invadiu sem saber outra propriedade alheia.
 Tinha febre e em seu delírio era o Crioulo do Pastoreio, repontando campo em
 fora trinta cavalos de fogo.
 Por fim caiu sem forças no chão duma estância portentosa que começava em
 Bagé e entrava Uruguai adentro: diziam que o dono dela podia ir de sua casa
 até Montevideú sem sair de suas terras.³³*

Ao contrário de Mingote Caré, a maioria das personagens de mesmo sobrenome não comete delitos, mas tem o seu trabalho aproveitado pela estrutura da estância, em tarefas que não são realizadas pelos escravos; na qualidade de soldados, eles avolumam os exércitos nas numerosas guerras em que se envolvem os homens do continente. Diferentemente dos vadios, os Carés não são retratados como desordeiros. A sua ausência de valor (em tempo de paz) reside no fato de não terem a posse de nada além da liberdade de ir e vir. Assim como os vadios, descritos por Teixeira Coelho, os Carés são sujeitos mestiços. Descendem de índios, de negros alforriados, filhos ilegítimos de chinas com estancieiros, enfim, sujeitos que trazem no fenótipo a mestiçagem e as marcas de uma vida miserável; destinam-se a suprir a mão de obra escrava dos estancieiros, homens considerados superiores na hierarquia da sociedade agrária que formava o Rio Grande do Sul do século XVIII.

³³ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 163. (O tempo e o vento; 1).

Já em meados do século XIX, as peças teatrais de Martins Pena também retratam homens livres e pobres. Temos, conforme Vilma Arêas, em “No espelho do palco”, o cidadão livre e pobre, retratado como “parasita social”, agora do regime imperial.³⁴

Esmagada entre as classes dirigente e os escravos, essa gente acaba votada ao irremediável parasitismo, sobrevivendo através de expediente ilegais, fraudes ou pequenos furtos [...]. Teoricamente livre, desfila pela cena, numa extensa série: são os ciganos e seus pequenos furtos, alvo de preconceitos de seus próprios cúmplices, são os donos de vendinhas, invejando os proprietários de armazéns sortidos, são os irmão das almas, na “profissão” lobrigando oportunidade de furtos, meirinhos embriagados, cocheiros de ônibus, soldados, amas-de-leite alvo das investidas sexuais dos patrões, cambistas de teatro, floristas e costureiras e costureiras semiprostituídas, etc., etc., etc. Pobres diabos mergulhados na marginália econômica do Império.³⁵

A peça *O Juiz de Paz da roça*, considerada a primeira comédia de costumes do teatro brasileiro, alia crítica social e diálogo coloquial, mostrando uma comunidade de lavradores pobres: as personagens comem com as mãos (as crianças na mesma cuia com os cães) e trabalham dentro de uma grande pobreza de técnicas de exploração da natureza.³⁶

ANINHA - Minha mãe, a carne seca acabou-se.

MANUEL JOÃO - Já?!

MARIA ROSA - A última vez veio só meia arroba.

MANUEL JOÃO - Carne boa não faz conta, voa. Assentem-se e jantem.
(ASSENTAM-SE TODOS E COMEM COM AS MÃOS. O JANTAR CONSTA DE CARNE SECA, FEIJÃO E LARANJAS)

ANINHA - Não senhor.

MANUEL JOÃO - Pois coma laranjas com farinha, que não é melhor do que eu. Esta carne está dura como um couro... Irra! Um dia destes eu... Diabo de carne!... hei-de fazer uma plantação... Lá se vão os dentes!... Deviam ter botado esta carne de molho no corgo... Que diabo! De laranjas tão azedas! (BATEM À PORTA)

³⁴ ARÊAS, Vilma. No espelho do palco. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 28.

³⁵ Ibidem, p. 28-29.

³⁶ Ibidem, p. 29.

Quem é? (LOGO QUE MANUEL JOÃO OUVESSE BATER NA PORTA, ESCONDE OS PRATOS NA GAVETA E LAMBE OS DEDOS).³⁷

A peça *Juiz de Paz da roça* pode ser resumida, de acordo com Vilma Arêas, nas relações do homem pobre e livre com as demais instâncias sociais e políticas do Brasil do século XIX. O que a peça mostra é a inteira impossibilidade de o homem vencer a brutalidade de sua alienação, na medida em que está mergulhado no arbítrio da autoridade e da dominação pessoal. A penúria geral do país levava à mistura da coisa pública com negócios privados, além da impossibilidade evidente, por parte do Estado, de limitar ação da polícia e da justiça a indivíduos tecnicamente preparados.³⁸

ESCRIVÃO - Venho da parte do senhor juiz de paz intimá-lo para levar um recruta à cidade.

MANUEL JOÃO - Ó homem, não há mais ninguém que sirva para isto?

ESCRIVÃO - Todos se recusam do mesmo modo, e o serviço no entanto há-de se fazer.

MANUEL JOÃO - Sim, os pobres é que o pagam.

ESCRIVÃO - Meu amigo, isto é falta de patriotismo. Vós bem sabeis que é preciso mandar gente pra o Rio Grande; quando não, perdemos esta província.³⁹

Todos as personagens Carés, como aqueles da peça *Juiz de Paz da roça*, vivem em condições precárias. João Caré, o primeiro Caré citado por Erico ainda nos interlúdios, como uma figura sintetizadora dos Carés, mantém hábitos animais: come capim, roça o corpo na terra, veste trapos. Por serem pobres, com pouca voz diante do incipiente Estado, dos estancieiros ou de qualquer indivíduo com uma situação de vida melhor, são coagidos, como na cena de *Juiz de Paz da roça* acima citada, a lutarem nas guerras que mantêm a província do Rio Grande do Sul na mão do governo brasileiro.

*Um dia apareceram pelo rancho dos Carés um sargento e duas praças,
montados em bons cavalos:
andavam recrutando gente,
pois tinha rebentado outra guerra, Chiru não ouviu direito contra quem,
mas desconfiava que era outra vez contra os castelhanos.*

³⁷ PENA, Luiz Carlos Martins. *Juiz de paz da roça*: comédia em um ato. Rio de Janeiro: Livraria de Cruz Coutinho, 1871, p. 8.

³⁸ ARÊAS, Vilma. Op. cit., p. 29.

³⁹ PENA, Luiz Carlos Martins. Op. cit., p. 8.

Mas os Carés não se dão conta de que a guerra é um negócio dos poderosos cuja conta é paga (muitas vezes com a vida ou com membros decepados) pelos pobres. Mesmo não sabendo direito contra quem é a guerra, Chiru e os demais homens Carés não se negam a tomar parte nela. Os Carés gostam da guerra porque se sentem mais valorizados quando assumem a função de soldados nas batalhas do que em tempo de paz, quando vivem como “bichos” e são discriminados e maltratados em razão da miséria em que vivem.

Em *O Tempo e o Vento*, por meio dos Carés e de outras personagens pobres que aparecem no decorrer da narrativa, também são expostas as relações do homem pobre e livre com as ineficientes instâncias sociais e políticas do Brasil Colônia e Império, em especial no esquecido Rio Grande do Sul. Como na passagem do castigo recebido por Mingote Caré ao tentar roubar um cavalo, estamos em um território completamente dominado pela autoridade pessoal dos estancieiros que, sem estarem preparados ou designados para exercer a função de polícia ou de justiça, agem (e castigam) assumindo funções de aparelho repressor, uma vez que esse papel não é executado pelo Estado, quase completamente ausente nos confins do Rio Grande.

Ainda na sua cidade natal, Cruz Alta, Erico Verissimo era leitor do autor de *Dom Casmurro*: “[...] e havia sempre Machado de Assis, a quem eu admirava, além de lhe querer bem como a um tio distante no tempo e no espaço”⁴¹. E também de Aluísio Azevedo: “Travei conhecimento com Aluísio de Azevedo através de *O cortiço* e *Casa de pensão*. Meti-me empaticamente no corpo da pobre Coruja”⁴².

Em Machado de Assis, de acordo com Roberto Schwarz, em “A velha pobre e o retratista”, merece destaque a má-fé deliberada com que as personagens pobres são tratados e como ela exaspera o sentimento de injustiça no leitor. É o recurso à desfaçatez inserido na trama literária, com finalidade de revelação crítica. Em *Memória póstumas de Brás Cubas* também têm destaque os homens pobres e livres que tentam sobreviver em uma sociedade mantida pelo trabalho escravo. Como destaca o crítico, estando à parte da

⁴⁰ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 165. (O tempo e o vento; 1).

⁴¹ VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*: pequeno retrato em que o pintor também aparece. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 20.

⁴² Ibidem, p. 20.

produção sob a égide do trabalho escravo, os pobres vivem em uma situação complicada: “se não trabalham são vadios e, se trabalham, só por muito favor serão pagos ou reconhecidos. O trabalho sem mérito ou valor é um ápice de frustração histórica”.⁴³

A vida da personagem D. Plácida, por exemplo, é uma sucessão de trabalhos difíceis, de tragédias, de enfermidades. A pobre mulher costura, faz doces para vender, ensina crianças, nunca descansa. Tudo isso para ter o que comer e não precisar esmolar ou trair os bons costumes, degradações às quais não escapa, conforme destaca Brás Cubas com contentamento. No decorrer da narrativa, levada pela miséria, D. Plácida acaba “trabalhando” de alcoviteira, mesmo sendo uma devota sincera do matrimônio e da honestidade na família. Forçada a buscar proteção de pessoas de posses, tornando-se agregada, D. Plácida morrerá, entretanto, na indigência. Em suma, no universo dos desprovidos de dinheiro e *status*, retratados por Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, como salienta Schwarz (1983), “a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre”.⁴⁴

O romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, retrata o cotidiano de pessoas que vivem na cidade do Rio de Janeiro; são vizinhas, mas pertencem a camadas sociais distintas no que se refere à posse de recursos. A obra não destaca a pobreza absoluta, mas os diferentes níveis de acumulação de riqueza (pobreza em termos relativos) e como esta é conseguida de forma escusa, uns pagando a “conta” do sucesso e esperteza de outros. As personagens são apresentados, segundo Haroldo Sereza, em “O cortiço, romance econômico”, de acordo com o papel que cumprem na vida econômica. O que permite que a vida econômica do cortiço, espelhada na vivência das personagens João Romão e Bertoleza, expresse a complexidade da vida urbana do Rio de Janeiro, no período da passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, ou seja, no período de ascensão do capitalismo brasileiro.⁴⁵

Como destaca Sereza, não há nada de louvável no processo de produção de riqueza no romance *O cortiço*: “ele vem do sobretrabalho, da privação, da apropriação ilegal de terrenos, do roubo de materiais de construção ou de economias alheias”.⁴⁶ Com o dinheiro de Bertoleza, João Romão compra um terreno do lado esquerdo da venda e levanta uma

⁴³SCHWARZ, Roberto. A velha pobre e o retratista. In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 47-48.

⁴⁴ Ibidem, p. 48.

⁴⁵ SEREZA, Haroldo Ceravolo. “O cortiço, romance econômico”. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 98, p. 194, mar. 2014.

⁴⁶ Ibidem, p. 188

casinha de duas portas, com a quitanda à frente e o dormitório ao fundo. Pouco depois, o vendeiro dá a Bertoleza uma falsa carta de alforria, amanceba-se com ela e passa a explorar o trabalho dela, buscando enriquecer. Quando sua situação financeira melhora, ele rompe com Bertoleza, que exige desfrutar da fortuna que ajudou João Romão a construir⁴⁷:

— Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira à toa! exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhazinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, seu João!⁴⁸.

A pobre Bertoleza é uma personagem especial no enredo de Aluísio Azevedo, como pondera Sereza, porque ela representava os negros e mestiços daquele tempo (ela é cafuza, ou seja, mestiça de negro e índio) e há ausência de perspectivas para esses grupos de indivíduos no período pós-abolição da escravatura⁴⁹. Depois de rico, para se livrar de Bertoleza, agora “estorvo”, João Romão denuncia que ela ainda é escrava, que nunca foi, de fato, alforriada. Bertoleza, ao final da trama, compreende a sua precária situação:

Adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo. Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escápula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.⁵⁰

Em *O Tempo e o Vento*, aos pobres Carés, em tempos de paz, é oferecido o desprezo. Do início ao fim da trilogia, dada a condição de vulnerabilidade social em que se encontram, eles são sujeitos a quem os membros da família Terra Cambará se referem com desdém e aversão. As personagens de sobrenome Carés, em sua maioria trabalhadores, nunca são louvados pelo trabalho que exercem nos tempos de paz. É como se a atitude de servir aos estancieiros (como peões, no caso dos homens, e como amantes,

⁴⁷ Ibidem, p. 195.

⁴⁸ AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. 153.

⁴⁹ SEREZA, Haroldo Ceravolo. p. 29.

⁵⁰ AZEVEDO, Aluísio. Op. cit., p. 161.

no caso das mulheres) fosse uma espécie de obrigação a ser cumprida sem cobrar ou esperar algum tipo de reconhecimento. As mulheres Carés são tão caladas e resignadas à condição de objeto de desejo dos estancieiros que não dá para saber se abrem mão ou não de alguns valores morais no momento que são forçadas ao sexo com estancieiros. Os valores, desejos e vontades das moças Carés (se existiram) ficaram ocultos nos gritos iniciais de resistência e no posterior consentimento do abuso. Se houve pudores morais ou físicos, eles perderam-se diante da necessidade de sobreviver minimamente, de manter ao menos o teto e a comida.

Assim como Bertoleza de *O cortiço*, as mulheres Carés serviam para amantes e como força de trabalho, mas o matrimônio oficial não era algo disponível para elas, não era algo de que elas podiam desfrutar. Em Santa Fé, nesse microcosmo do Rio Grande pintado por Erico, a abolição da escravidão praticamente não modifica a estrutura da sociedade descrita no romance *O Tempo e o Vento*; é um acontecimento meramente simbólico. Os estancieiros continuam a deter o poder, os Carés e os, agora, ex-escravos continuaram a engrossar a mão de obra da estância e a avolumar os exércitos. As relações de submissão entre os miseráveis e poderosos não se alteram. A obra de Aluísio mostra uma perspectiva diversa, pois, no Rio de Janeiro, começam a se estabelecer os pilares de uma sociedade capitalista, com os pobres tentando modificar a sua condição social. No romance de Erico, o estancieiro Licurgo Terra Cambará faz uma cerimônia para libertar seus escravos, mesmo tendo aversão aos negros e estando, durante o “evento”, mais interessado em possuir Ismália Caré, como se a moça também fosse sua escrava, mais uma das suas posses. Na pequena Santa Fé, não existe ainda (ou não é apresentada ao leitor), por parte das minorias, uma consciência que os levasse a tentar sair da situação de completa subjugação em relação aos membros da elite. Os gestos e pensamentos de Licurgo retratam o seu lugar social:

Abriu caminho com gestos impacientes pelo meio da negrada que se aglomerava na cozinha, e chegou finalmente à porta dos fundos. Parou no portal e contemplou o quintal, que a grande fogueira iluminava. Os negros que dançavam ao redor do fogo — as caras reluzentes, transfiguradas por um êxtase de batuque, as dentuças à mostra, olhos revirados, as narinas arregaçadas, as bocas retorcidas a babujar palavras duma língua bárbara — pareceram-lhe mais demônios que seres humanos. Teve ímpetos de gritar:

“Chega! Vamos parar com esse barulho!”.

posMas num segundo esqueceu os pretos, a fogueira, o batuque. Porque o que ele queria era Ismália. Onde estaria a china? Começou a procurá-la, aflito...⁵¹

Santa Fé, a pequena cidade onde se passa a quase totalidade de *O Tempo e o Vento*, modifica-se com o passar dos anos. Em *O retrato* já aparecem mencionados os bairros periféricos onde moram descendentes de escravos e também de Carés: “pobres-diabos do Purgatório, do Barro Preto e da Sibéria. Entravam humildes e acanhados, contavam seus males...”⁵². Mesmo com as transformações que ocorrem no decorrer da história, a Santa Fé de Erico é uma cidade bem diferente do Rio de Janeiro de Romão e de Bertoleza. Representa-se na ficção de Verissimo uma sociedade que tem pavor da ideia de progresso, acreditando-se que, de modo geral, as mudanças são para pior:

A voz quente de Luzia tirou Winter de seu devaneio. [...]

— Estou dizendo que na Corte já foi inaugurada a iluminação a gás.

— Minha avó morava num rancho perdido no meio do campo — disse Bibiana — Alumiado de noite por uma lamparina de óleo de peixe feita duma guampa. Não acho que mais luz ou menos luz possa fazer uma pessoa mais feliz ou infeliz.

— Essas invenções trazem mais conforto à vida — replicou Luzia.

— Vosmecê já pensou, dona Bibiana — disse Winter, descansando os talheres sobre a mesa —, que um dia Santa Fé vai ser uma cidade, com muitas casas, lampiões nas ruas, teatros, fábricas, e gente, muito mais gente que agora?

Bibiana, que olhava fixamente para o prato do médico, perguntou:

— Quer mais alguma coisa, doutor?

— Não, minha senhora, muito obrigado.

— Pode tirar os pratos, Natália! — gritou a viúva do cap. Rodrigo. E depois, entrelaçando as mãos e pousando-as sobre a mesa, olhou para Winter com seus olhos chineses e disse:

— Já pensei, sim, doutor. Já pensei em todas essas coisas. Mas também pensei que quando Santa Fé ficar mais grande vai haver muito mais maldade, muito mais bandalheiras que agora. — Soltou um suspiro quase imperceptível. — Às vezes acho que até é melhor uma pessoa não ser instruída, não saber ler. Os livros estão cheios de porcarias e perversidades.⁵³

⁵¹ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 367. (*O tempo e o vento*; 1).

⁵² VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 28. (*O tempo e o vento*; 2).

⁵³ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 113. (*O tempo e o vento*; 1).

Outra personagem singular no enredo de *O cortiço* é Rita Baiana, mestiça, que sobrevive como lavadeira, ligando-se a vários parceiros. Mulher erotizada, seu corpo “quente” atrai homens de diversas classes sociais. Rita é uma mulher definida por sua “carne”, sua lascívia e voluptuosidade. Como as mulheres Carés da narrativa de Erico Verissimo, Rita Baiana tem valorizada a sua condição de “fêmea mestiça”, capaz de fonecer um intenso prazer sexual. Para Rita, pouco importa o recato ou matrimônio; a personagem não deseja para si o casamento oficial. Por sua forma de encarar a vida, Rita sofre certa condenação moral por parte de outras mulheres, como a própria Bertoleza, cuja condição social não difere muito da de Rita. Em seu envolvimento livre com Jêronimo, Rita se aproxima das Carés, ligando-se um homem branco, de classe superior à dela, que fica fascinado com os atributos físicos e sexuais da mulata. Rita, mesmo como mulher pobre, demonstra certo empoderamento. Ela se sustenta com seu ofício de lavadeira, decide sua vida sexual, ela briga, ela sorri, ela se diverte. As Carés são levadas ao sexo, não o fazem de livre e espontânea vontade. Rita Baiana é uma segregada ativa e orgulhosa. As Carés são vexadas, envergonhadas e singelas.

Foi no armazém do tio, em Cruz Alta, que o jovem Erico leu *Os sertões*, de Euclides da Cunha, assim como *Urupês* e *Cidades mortas*, de Monteiro Lobato. Euclides da Cunha sempre foi muito admirado pelo romancista de *O Tempo e o Vento*, cujo estilo o fascinava, pois o considerava em sua força máscula, sua irregularidade, os seus imprevistos, os seus períodos de aço:

Cunha possui um estilo viril. Suas frases são brilhantes e flexíveis como aço. Cintilam e às vezes têm a disposição cortante de um açoite. Sua prosa com frequência é nervosa, impaciente, quase feroz, mas por vezes adquire uma tranquilidade disciplinada e até fria.⁵⁴

A ressonância de Euclides em Erico Verissimo não é, segundo Davi Siqueira Santos, algo que deva passar despercebido. *Os sertões* e *O Tempo e o Vento* são tentativas de interpretação do Brasil. O primeiro recria, literariamente, a figura do sertanejo: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”⁵⁵; o segundo procura investigar o perfil genérico do gaúcho: “a gente desta terra é de boa paz, mas não gosta que ninguém venha lhe pisar no

⁵⁴ VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995, p. 93.

⁵⁵ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 91.

poncho...”⁵⁶. De certa forma, o projeto euclidiano de literatura, apresentado em *Os sertões*, é reafirmado por Erico em *O Tempo e o Vento*.⁵⁷

Conforme Walnice Nogueira Galvão, em “Uma ausência”, *Os sertões* é um misto de literatura com relato histórico e jornalístico. O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais completa, abrangendo a economia geral da vida, nasce do martírio secular da Terra.⁵⁸

Para Antônio Marcos Vieira Sanseverino, em “Numa volta do sertão, aqueles desconhecidos singulares”, Canudos seria o espaço em que homens miseráveis, esquecidos pela ordem pública, encontram acolhimento na forma arcaica da superstição e na religiosidade primitiva. Atravessados pelo messianismo, constroem um lugar socialmente ordenado para a convivência de milhares de indivíduos, cuja marca é o isolamento em relação ao Estado e à ordem vigente. Na acusação de defender a volta do império, o povoado escapava ao domínio da recém-constituída República. Precariamente, em casas muito pobres, os habitantes conseguiram criar, no interior da Bahia, um universo que prescindia da relação com os senhores de terra da região. E assim, por meio de Canudos, a República visualiza a sua face primitiva, na imagem do Sertão pobre, miserável, violento e repleto de resquícios do escravismo⁵⁹.

Os sertanejos pobres retratados em *Os sertões*, destaca Walnice Nogueira Galvão (1983), possuem costumes curiosos: fazem festas, criam músicas e poesias, são supersticiosos e praticam uma religiosidade própria. Ao mesmo tempo, são austeros e heroicos, indivíduos que sobrevivem à escassez – pouca comida, trapos, habitação precária. São pessoas cuja vida está dedicada a combater o meio impiedoso, terra seca, vegetação agressiva. Tudo isso dá têmpera ao caráter. Pobreza, então, é virtude.⁶⁰

O sertanejo, relatado por Euclides da Cunha, de acordo com Sanseverino, soa como um ser primitivo cujo “retrato” não permite que o leitor identifique um ser humano, um igual. “Vê um monstro”. Mas é preciso ver além da aparência, é preciso ver a força do pobre sertanejo em defender sua casa, em manter sua vida, apesar de tudo.⁶¹

⁵⁶ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.214. (O tempo e o vento; 1).

⁵⁷ SANTOS, Davi Siqueira. Op. cit., p. 90.

⁵⁸ GALVÃO, Walnice. Uma ausência. In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 51.

⁵⁹ SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. Numa volta do sertão, aqueles desconhecidos singulares. In: BETTIOL, Maria Regina Barcelos; HOHLFELDT, Antônio (Orgs). *Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido*. – Dados eletrônicos – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 39.

⁶⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., p. 52.

⁶¹ SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. Op. cit., p. 38.

Assim, agachado, parece uma criatura de preguiça invencível, derrotado pela terra inóspita. Essa aparência enganosa se desfaz logo que aparece um conflito, ou a necessidade de perseguir uma rês fugida. Sua agilidade e sua força aparecem e se traduzem em ação impetuosa.⁶²

Pode-se afirmar, com Sanseverino, que o território do sertão foi incorporado à literatura brasileira com tal força que o espectro inventivo de Euclides pode ser percebido, por exemplo, na poesia de João Cabral de Melo Neto. O auto de natal *Morte e vida severina* leva ao extremo a presença da morte, a redução do indivíduo a um enfrentamento da seca e a exploração violenta do sujeito na condição de miséria.⁶³

Como os sertanejos de Canudos, os gaúchos de *O Tempo e Vento* têm forte relação com a terra e com a guerra. No caso específico dos Carés, é uma relação com a terra sem que essa lhes pertença, é uma relação com a guerra sem que essa lhes pertença: eles vivem rodando o Rio Grande, sem pouso certo, ou vivem agregados nas terras dos proprietários rurais que lhes dão abrigo e são, ocasionalmente, recrutados para lutarem nas várias guerras que mobilizam a região. Muitas vezes desconhecem os motivos das guerras, contudo brigam com bravura em nome da cultura belicista (traço constituinte da formação do homem do Rio Grande retratado por Erico), da devoção e do respeito aos membros da elite. Assim como os sertanejos de Euclides, os Carés de Erico são heroicos, lutam com vontade e sobrevivem à escassez – pouca comida, vestimenta em trapos, habitação precária.

O território do Rio Grande não tem a seca e a aridez, mas invernos longos, o frio, a geada e o minuano. Os Carés sobrevivem neste ambiente, tal como nos sertões, impiedoso com aqueles que nada têm de seu. Os Carés não têm casa, ao contrário dos sertanejos de Canudos; vivem na terra dos outros, em ranchos que os poderosos permitem erguer em algum canto da estância e, nesse sentido, aproximam-se dos sertanejos de *Vidas secas*, onde a família de Fabiano vive sazonalmente, sendo expulsa das moradias provisórias.

Em seu livro de memórias, *Solo de clarineta* (1973), Erico Verissimo recorda-se do avô materno, Anibal Lopes da Silva, um gaúcho afeito à lida do campo, universo com o qual o escritor gaúcho não se identificava. O velho Aníbal, assim como muitos das

⁶² Ibidem, p. 38.

⁶³ Ibidem, p. 44.

personagens de *O Tempo e o Vento*, manifestava uma profunda aversão por todos os hábitos e símbolos da vida na cidade. Achava o conforto e o uso de máquina indignos de um homem que se prezasse. E não era afeito aos livros, embora bom leitor de jornais:

Entusiasta leitor de jornais, não era, entretanto, amigo de livros. Sua “biblioteca” constava de três volumes: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Martín Fierro*⁶⁴, de José Hernandez e *Antônio Chimango*⁶⁵, de Amaro Juvenal. Dessas três obras só lera a última, mas tantas vezes que lhe sabia os versos de memória.⁶⁶

Erico relata que sempre teve reservas em relação à literatura regionalista⁶⁷, embora confesse admirar trabalhos isolados, como os de Simões Lopes Neto:

Apesar de ser descendente de campeiros, sempre detestei a vida rural, nunca passei mais de cinco dias numa estância, não sabia e não sei andar a cavalo – para escândalo e vergonha do meu avô Aníbal – desconhecia e ainda desconheço o jargão gauchesco. Embora admire os trabalhos isolados de escritores como Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja, Ciro Martins e Vargas Neto, nunca morri

⁶⁴ Segundo Sara Jaquelina Iriarte, em *Imagens de Martín Fierro na reescrita brasileira: um jogo de identidades*, *Martín Fierro*, do escritor argentino José Hernández, é um poema narrativo de fim do século XIX, enquadrado na literatura gauchesca (da região da prata, conectando Brasil, Uruguai e Argentina). Publicado em duas partes, a primeira surgiu em 1872, sob o título *El gaucho Martín Fierro*, e a segunda, *La vuelta de Martín Fierro*, em 1879. O poema tem como tema o gaúcho, o habitante dos pampas, suas aventuras e desventuras, usando um linguajar típico da região que rompe com a norma culta do espanhol oficial. IRIARTE, Sara Jaquelina. *Imagens de Martín Fierro nas reescritas brasileiras: um jogo de identidades*. (Dissertação de mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015, p. 34-54.

⁶⁵ *Antônio Chimango*, versos de caráter político e satírica, publicados em 1915, por Ramiro Barcellos, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal. Qualificado de “poemeta campestre”, o livro nasce como expressão de enfrentamento do autor, em face de Borges de Medeiros, aliado naquele momento de Pinheiro Machado. Texto político, consagrou-se como literatura, considerado obra representativa da literatura gauchesca. O autor adota um estilo semelhante ao de *Martín Fierro*, de José Hernández. Depois da sua publicação, os partidários de Borges de Medeiros ficaram conhecidos como chimangos. “O povo é como o boi manso./ Quando novilho atropela, / Bufa, pula, se arrepela, / Escrapeteia e se zanga./ Depois vem lambar a canga/ E torna-se amigo dela.” <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2016/07/antonio-chimango-de-ramiro-barcellos-ganha-nova-edicao-6524925.html>

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_grade_sul/ramiro_barcellos.html

⁶⁶ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Vol. 1. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994, p. 25.

⁶⁷ Literatura gauchesca nem sempre significa o mesmo que literatura regionalista do Rio Grande do Sul. A primeira representa um conceito mais amplo, que envolve a literatura produzida na região pampeana, e tem a figura do gaúcho (brasileiro, uruguaio, argentino) como protagonista. *Martín Fierro*, de José Hernández, a título de exemplo, é literatura gauchesca sem ser literatura do Rio Grande do Sul. A literatura gaúcha praticada na Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul tem semelhanças, mas não é exatamente igual. Na Argentina, por exemplo, a poesia é o gênero predominante, tendo o romance menos eloquência do que no Rio Grande. A literatura gauchesca realizada na Argentina e no Uruguai denomina-se literatura gaúcha platina; no Brasil, literatura gaúcha sul-rio-grandense. VENTURINI, ALINE. *Augusto Meyer (Brasil/RS) e Jorge Luís Borges (Argentina): aproximações e diferenças ensaísticas em torno da poesia gauchesca*. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2011, p.27-34.

de amores pelo regionalismo e, para ser sincero, tinha e ainda tenho para com esse gênero literário as minhas reservas, pois acho-o limitado e, em certos casos, com um certo odor e um imobilismo anacrônico de museu.⁶⁸

Nesse sentido, Erico assegura que, antes de começar o “ambicioso” projeto de escrita de *O Tempo e o Vento*, obra classificada, por muitos, como regionalista, ele próprio precisou vencer muitas resistências pessoais:

Para o menino e para o adolescente – ambos de certo modo sempre presentes no inconsciente adulto –, o poético, o pitoresco e o novelesco eram atributos que raramente ou nunca se encontravam em pessoas, paisagens e coisas do âmbito nacional e muito menos do regional e ainda menos do municipal.⁶⁹

Foi só depois de adulto que Erico passou a olhar o Rio Grande de forma diferente: “Concluí então que a verdade sobre o passado do Rio Grande devia ser mais viva e bela que a sua mitologia.”⁷⁰ E quando mais examinava a história, mais convencido ficava de que era preciso desmistificá-la.

É possível afirmar que *O Tempo e o Vento* tem alguns pontos de encontro com *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto⁷¹, uma vez que essas obras têm como palco o mesmo território, o interior do Rio Grande do Sul, e como protagonistas os gaúchos, sempre às voltas com disputas e batalhas. Contudo, as semelhanças param por aí. Erico Verissimo dá voz às elites, Simões à classe popular idealizadamente feliz e saudosista.

Em *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul* de Simões Lopes Neto, segundo Ligia Chiappini Moraes Leite, em “João Simões Lopes, Blau ou a arte de ser Zaoris”, desfilam personagens pobres: tropeiros, posteiros, domadores, andantes, agregados e peões das estâncias, enfim, representantes da “gauchada”. Além desses, embora em menor número, ganham espaço negros e negras (adultos e crianças), empregados domésticos ou trabalhadores da charqueadas.⁷²

⁶⁸ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Vol. 1. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994, p. 288.

⁶⁹ Ibidem, p. 288-289.

⁷⁰ Ibidem, p. 288.

⁷¹ De acordo com Lara (1985), Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja detiveram-se em enfocar nas suas obras as características intrínsecas e extrínsecas do gaúcho, que compõem o conceito e a forma do mito, colaborando dessa forma em fixar na literatura regional sul-rio-grandense o gaúcho mítico.

⁷² LEITE, Ligia Chiappini Moraes. João Simões Lopes, Blau ou a arte de ser Zaoris. In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 88.

Com esses personagens, de acordo com Ligia C. M. Leite, o mundo do trabalho toma corpo: parar rodeio, domar, correr, lenhar, courear etc. E são eles que, em tempo de guerra (caso de boa parte dos contos de Simões Lopes Neto), mais exibem valentia e coragem. Duque de Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, Onofre Pires, D. Pedro II, representados na ficção, perdem o brilho quando surge um Negro Bonifácio, um Índio Reduzo, um Juca Picumã, um Blau Nunes, seres ficcionais.⁷³ Simões Lopes Neto, destaca a autora, também mostra o outro lado, o dos abastados, simbolizados na figura do fazendeiro, o proprietário das terras e dos animais, em torno dos quais orbitam pobres em seu cotidiano. O capataz é o destino de alguns peões fieis, como o Índio Reduzo, que ascende no ofício depois de comprovar lealdade ao patrão.⁷⁴

Para Ligia C. M. Leite, as relações entre os pobres na obra de Simões Lopes Neto não têm meios-termos e nem meios-tons; podem variar da extrema cordialidade à extrema violência. A violência explode geralmente nas horas de diversão: de jogo, de dança, de carreiras, quando os gaúchos se juntam, proseiam, bebem e no geral brigam por alguma mulher.

Violentos e impetuosos são os homens nessa sociedade patriarcal e machista. Violento o seu cotidiano, seu trabalho e seu lazer, e violento sua vida em tempo de guerra (que no caso do Rio Grande do Sul, sempre às voltas com as lutas de fronteira, faz parte do cotidiano).⁷⁵

Desse universo de aventuras e extremismos é porta-voz o peão Blau Nunes, que “só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais”⁷⁶. No presente da narração, Blau é um vaqueano de 82 anos (guiando pelos confins do Rio Grande um sujeito vindo da cidade, figuração do próprio Simões Lopes Neto e mediador entre Blau e o leitor). Na percepção de Ligia C. M. Leite, Blau não se faz conhecer apenas pelos atributos padrões do gaúcho – valentia, virilidade e lealdade –, como também se apresenta em profundidade, revelando pouco a pouco ao leitor retalhos do seu passado, dos seus temores, das suas crenças, dúvidas e cismas.⁷⁷

⁷³ Ibidem, p. 88-89.

⁷⁴ Ibidem, p. 89.

⁷⁵ Ibidem, p. 89.

⁷⁶ LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1965, p. 05.

⁷⁷ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Op. cit., p. 90.

Os valores do gauchismo são expressos por Blau. “Genuíno tipo – crioulo-rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável...”⁷⁸ Assim ele participa por inteiro do mundo violento onde vive sua gente, sendo grande admirador de uma briga grossa. “Que peleia mais linda!”, exclama em meio à narrativa das matanças do Negro Bonifácio. E, ao narrar episódios das tantas guerras que marcam o livro e a história do Rio Grande do Sul, não deixa de pontuá-las com exclamações de entusiasmo, nos lances mais difíceis e arriscados.⁷⁹

Tampouco falta a Blau a submissão diante dos superiores, na guerra, e dos patrões, em tempo de paz. O peão fiel e honesto do conto “Trezentas Onças”, que preferia morrer a ver-se suspeito de roubo pelo charqueador para quem trabalha, é também soldado destemido e serviçal perfeito de Caxias e D. Pedro II: “eu era que encilhava-lhe o cavalo, que dormia atravessado na porta do quarto dele, que carregava os papeis dele e as armas dele”.⁸⁰

Na sua voz, salienta Ligia C. M. Leite, os conflitos de classe atenuam-se ou disfarçam-se sob os conflitos mais visíveis de culturas, quando peões e fazendeiros formam um bloco homogêneo contra os gringos, os castelhanos e os “pisa-flores” da cidade. Na camaradagem da vida da estância, em que os patrões frequentemente participam do trabalho, também quase se apaga a luta de classes.⁸¹ Da mesma forma, as brincadeiras irmanam os filhos da peonada aos filhos do patrão: “O Chiru criou-se junto com os meninos, e desde ninhar e armar urupucas, até irem botar as vacas, irem aos araçás e pegar mulitas, tudo faziam juntos.”⁸²

Em *O Tempo e o Vento*, é possível também encontrar o gaúcho pobre e “aguerrido”, um pouco parecido com Blau Nunes, mas ele não pertence à “linhagem dos Carés”; aproxima-se mais de Fandango, o Capataz do Angico. O modernista Erico é menos idealista que Simões Lopes Neto e o seu Partenon Literário⁸³. Mesmo com um

⁷⁸ LOPES NETO apud LEITE, 1983, p. 90. NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto, Ed. Globo, 1949, p. 124.

⁷⁹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Op. cit., p. 90-91.

⁸⁰ LOPES NETO apud LEITE, 1983, p. 90. NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto, Ed. Globo, 1949, p. 129.

⁸¹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Op. cit., p. 91.

⁸² LOPES NETO apud LEITE, 1983, p. 91. NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto, Ed. Globo, 1949, p. 189.

⁸³ Fundada em 18 de junho de 1868, em Porto Alegre, a Sociedade Parthenon Literário reuniu diversos intelectuais rio-grandenses que exploraram os mais variados gêneros da literatura ao escreverem sobre cultura e história, sempre mesclando o discurso literário ao político.

enredo centrado na ascensão e decadência de uma família de homens poderosos, revela mais sobre as desigualdades nas relações entre os homens do Rio Grande.

Assim como Fandango e Blau Nunes, as personagens de sobrenome Carés, mostram-se submissas aos superiores. Em *O Tempo e o Vento* também aparece a camaradagem entre pobres e ricos, com as crianças crescendo juntas. Mas logo que se tornam adultos, a diferença entre aqueles que têm algum poder e aqueles não têm fica evidente. Bolívar, filho de Bibiana, bisneto de Ana Terra, cresceu brincando com o negro Severino. Quando adulto, não tendo certeza do que assegurava, denunciou o negro por assassinato, sem que fosse questionado. Severino terminou sendo enforcado pela denúncia do seu amigo de infância. Mentalmente, enquanto Severino era penalizado, Bolívar contemporizou: “Severino não é gente. Vão enforcar um bicho”.⁸⁴

Simões Lopes Neto observa a história sob a perspectiva dos desvalidos, narrada sem heroísmo e recompensas, ou seja, por meio das palavras daqueles que a vivem, mas não a comandam, simplesmente sofrendo as suas consequências – figuração da massa de gaudérios e gaúchos. Erico conta a história a partir daqueles que se fazem poderosos, mostrando suas artimanhas. No relato ficcional de Erico, a figuras como Blau Nunes (que é citado na trilogia⁸⁵), Fandango, Bento, Maneco Vieira, entre outros, é dado apenas o papel de simpáticos coadjuvantes.

Os Carés são tão miseráveis que não possuem bombacha, poncho e tampouco cavalo; não têm o suficiente para se enquadrar na figura do gaúcho idealizada no universo literário de Simões Lopes Neto. Preservam consigo, porém, o fascínio pela guerra, pela batalha, “por uma boa peleia”, atitude comum a Blau Nunes e a outras personagens presentes nos contos do autor de *Lendas do Sul* e em *O Tempo e o Vento*. Simões e Erico

⁸⁴ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 73. (O tempo e o vento; 1).

⁸⁵ Culpando-se pelo suicídio de Toni Weber, em um momento de delírio, Rodrigo Terra Cambará pensa ser Blau Nunes: “Sou Blau Nunes estou na fumaça do Jarau ninguém me engana porque eu sei que eu vou ficar louco, mas sei que não estou louco é só esta dor achei a Salamanca tenho que ir adiante adiante adiante até o tesouro as onças de ouro e sol não volto não volto nem por ouro nem por prata nem por sangue de lagarta nem me assusto com cobras, almas do outro mundo, aranha morcegos avantesmas abantesmas feras fetos eu sei eu sei meus inimigos querem que eu me assuste e fuja fique louco não ache o tesouro o sol não me entrego, não enlouqueço é só esta dor mas sei quem sou um tal Blau Nunes esta cabeça é a fumaça do Jairo esta dor batendo batendo nas paredes são morcegos monstros, mas não me entrego vou achar o tesouro e o sol moi le coq moi le coq moi le coq não me entrego vou achar o tesouro, o sol quando romper o dia tudo passa é um pesadelo eu sei que sou Blau Nunes minha cabeça é o cerro do Jairo do Jarau do Jarau do Jairo só peço que não batam não batam não pisem no meu peito não batam não batam na minha cabeça não batam...” VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 325. (O tempo e o vento; 2). Há outras alusões à obra de Simões Lopes Neto em *O Tempo e o Vento*. O capítulo “A Teninguá”, de *O continente*, centrado na complexa personagem Luzia, também faz referência a Salamanca do Jarau, uma lenda gaúcha, registrada por Simões no livro *Lendas do Sul* (1913).

retratam uma sociedade – independentemente da classe social do sujeito – tomada por uma cultura da violência, que considera acovardar-se diante de uma briga sinal de fraqueza, algo indigno de um sujeito “gaúcho macho”.

Em *Solo de clarineta*, Erico expõe um pouco de seus valores literários, os quais não se pautam apenas em demandas de técnicas narrativas ou de aprimoramento estético. Para o escritor, a literatura valiosa é aquela que termina por servir de auxílio e incentivo a outros ficcionistas. Escritores, mesmo não sendo os mais inventivos e inauguradores de novidades estéticas, são os responsáveis por estimular a criatividade dos novatos. E é nesse lugar que Erico situa autores como Monteiro Lobato, por exemplo:

Quem muito me ajudou, sem o saber, naqueles tempos psicologicamente difíceis para mim, foi Monteiro Lobato. Li com deleite o seu *Urupês*, em que o autor paulista, a despeito de suas inegáveis influências camilianas, me pareceu uma saborosa cruz de Maupassant com Mark Twain. (Tenho observado que existem no mundo autores fecundantes – não necessariamente os maiores – que estimulam no escritor principalmente a vontade de criar, reforçando-lhe a fé na arte da ficção). Poderia eu um dia seguir o caminho de Lobato, contando histórias como as que formavam o seu *Cidades mortas*?⁸⁶

Acrescenta Erico: “Gosto de Lobato como escritor e como homem. Alguns de seus contos são simples anedotas; mas mesmo quando lhes falta um sentido mais profundo, sempre são altamente legíveis e inteligentes”⁸⁷. Para o escritor gaúcho, “*Cidades mortas* [lhe teria dado] a espantada certeza de que até uma pequena cidade adormecida do interior pode constituir assunto literário”.⁸⁸ Segundo Davi Siqueira Santos, Erico concretiza a ideia de representar literariamente um pequeno município primeiramente ao inventar a cidade de Jacarecanga, no ciclo de *Clarissa*, e, depois, Santa Fé, onde se passa a maior parte do enredo de *O tempo e o vento*.⁸⁹

De acordo com Marisa Lajolo, em “Jeca Tatu em três tempos”, Monteiro Lobato, de 1914 a 1947, percorreu quase todas as posições ideológicas disponíveis para um intelectual de seu tempo. *Velha praga* (1914) inaugura a figura anti-heroica de Jeca Tatu,

⁸⁶ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Vol. 1. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994. p. 161.

⁸⁷ VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995, p. 104.

⁸⁸ VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 19.

⁸⁹ SANTOS, Davi Siqueira. Op. cit., p. 91.

alvo da indignação do fazendeiro Lobato⁹⁰. O personagem Jeca Tatu, de 1914, é um caboclo, retratado como

um parasita, um piolho da terra [...], espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.⁹¹

Dez anos depois dessa proposição, destaca Marisa Lajolo, Lobato retoma o personagem Jeca Tatu, em uma nova roupagem: Jeca Tatuzinho. Com Jeca Tatuzinho, Lobato trocou a sua indignação em face das práticas ociosas do camponês pela denúncia da precariedade do sistema de saúde público brasileiro. O velho Jeca (no diminutivo, o que demonstra que Lobato passou a ter uma relação mais afetiva com o personagem) é agora apresentado como vítima (com a qual Lobato se solidariza). Tomado pelos vermes, “fraquinho”, anêmico, os problemas do Jeca dos anos 1930 não começam na preguiça e na falta de disposição para o trabalho e sim na desnutrição e na precariedade de seu estado de saúde, razão da sua pouca produtividade.⁹²

De certa forma, os Carés, especialmente os que aparecem nos interlúdios de *O continente*, têm um pouco de Jeca-Tatus; são como “parasitas”, “piolhos da terra”, não da terra de Jeca, mas do Continente de São Pedro: são homens e mulheres semi-nômades, inadaptáveis à certo conceito de civilização, mas que vivem à beira dela, na penumbra das zonas fronteiriças. Jeca-Tatus e Carés são, acima de tudo, vítimas do preconceito de quem tem posses, do estado inoperante, do meio ambiente cruel, da sociedade e de seus valores de solidariedade distorcidos.

Erico Verissimo foi contemporâneo dos escritores Graciliano Ramos, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto. Erico e Graciliano são da mesma geração da

⁹⁰ LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: Robeto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 101.

⁹¹ LOBATO apud LAJOLO, 1983, p. 101. LOBATO, Monteiro. *Velha Praga, Urupês*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 13.ed., 1966.

⁹² LAJOLO, Marisa. Op. cit., p. 101.

literatura brasileira (a chamada segunda geração modernista⁹³). De acordo com Davi Siqueira Santos, ambos espelharam a vida em suas narrativas. Escreveram a partir da memória, consultando arquivos e vísceras, usando a razão e a emoção, deixando ora a mente pensar, ora o instinto agir.⁹⁴

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos representa o nordestino sob o viés da necessidade. Em “Sobre Vidas secas”, Alfredo Bosi afirma que o autor alagoano faz a narração das formas de vida registrada na modéstia da vida simbólica: a linguagem do personagem Fabiano e de sua família é apresentada como incipiente, confusa, rudimentar. Também o imaginário dá-se em pequenos pedaços de sonhos que almejam um tempo melhor, sem secas, com trabalho e moradia fixa, um tempo onde a família não seja mandada embora pelo dono do gado ao fim da estação das chuvas.⁹⁵

Alfredo Bosi considera que, para Fabiano, a cultura formal e escrita está cheia de códigos e artimanhas que o vaqueiro não entende e tudo aquilo que não é compreendido é temido⁹⁶. “Admirava as palavras compridas e difíceis de gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que eram inúteis, e talvez perigosas.”⁹⁷

Ao final de *Vidas secas*, Fabiano e sua família abandonam o sertão em busca de um destino incerto onde pudessem realizar o sonho de viver com um pouco mais de dignidade. A família de Fabiano segue, de acordo com Bosi, um ciclo maior, um ciclo do capital, que tira o pobre do sertão e o leva para a cidade, “as imagens finais de Fabiano aparecem como signos da impotência de quem não percebeu a marcha da sua própria história e a fatalidade que a constitui.”⁹⁸. Lê-se em *Vidas secas*:

Repetia docilmente as palavras que Sinhá Vitória murmurou porque tinha confiança nela. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Que iriam fazer? Retardavam-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria mandar gente para lá. O sertão

⁹³ Nesse trabalho utilizaremos a expressão “segunda geração modernista” para nomear o grupo dos escritores que estrearam na vida literária brasileira ao longo dos anos de 1930.

⁹⁴ SANTOS, Davi Siqueira. Op. cit., p. 10-11.

⁹⁵ BOSI, Alfredo. Sobre *Vidas secas*. In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 149.

⁹⁶ Ibidem, p. 150-153.

⁹⁷ RAMOS apud BOSI, 1983, p. 153. RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Editora Record, 1980, p. 8.

⁹⁸ BOSI, Alfredo. Op. cit., p. 151.

mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.⁹⁹

Em *O Tempo e o Vento* e em *Vidas secas* (e também em *Os sertões*) existe uma forte vinculação do sujeito com a terra e com a região em que ele vive: o sertão nordestino e o extremo sul do Brasil. Assim como os retirantes nordestinos em *Vidas secas*, os Carés dos interlúdios da narrativa ocupam sempre provisoriamente a terra que não é sua, erguendo ranchos nos terrenos alheios. Assim como os filhos de Fabiano, várias personagens Carés não são nomeadas, sendo identificadas como o filho, a filha mais nova, a mulher ou a china de alguém, sublinhando a condição de existências desprovidas de individualidade, seres cuja identidade só se estabelece quando atrelada à de um outro indivíduo. Assim como a família de Fabiano, os Carés pouco falam e, ao contrário de Fabiano, os Carés não expressam reflexões no decorrer da narrativa.

Quanto à tentativa da literatura de retratar a estrutura interna do ser humano, como acontece em *Vidas secas* e também no romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, Erico comenta:

Não ignoro, porém, que para tentar descrever o indescritível, exprimir o inexprimível, transmitir ao leitor certos estados de espíritos particulares – angústias, alucinações, sonhos, delírios e mesmos certos pensamentos e sentimentos sutis do cotidiano – o escritor é compelido a esquecer a sintaxe gramatical oficial e recorrer à sintaxe psicológica.¹⁰⁰

Conforme Suzi Sperber, em seu estudo “Jovem com ferrugem”, existem personagens de Clarice que, inevitavelmente, se confrontam com a abjeção, a degradação e a miséria. E, nesse sentido, *A hora da estrela* coloca em pauta a pobreza, a fome, a doença e a morte violenta.¹⁰¹

É como um ser humano desnudado que Macabéa vai ser apresentada, resumida em si mesma, carente de origens (pai e mãe, de quem desconhece até os nomes), impossibilitada de se reproduzir (dotada de “ovários murchos”), desligada da

⁹⁹ RAMOS⁹⁹ apud BOSI, 1983, p. 151. RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Editora Record, 1980, p. 59.

¹⁰⁰ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Vol. 2. 18.ed. Porto Alegre, 1992, p. 308.

¹⁰¹ SPERBER, Suzi. Jovem com ferrugem. In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 154.

cidade de onde veio e daquela onde vive, sem amigos, seu contato com o mundo se faz pelo programa “cultural” rádio relógio que ela não chega a compreender.¹⁰²

Segundo Suzi Sperber, a carência de Macabéa é total. No entanto, a moça não chama a atenção e não merece piedade, é uma alienada (sua privação máxima está justamente no fato de Macabéa ser também maximamente alienada e totalmente inconsciente dessa alienação). A moça tem total inconsciência de sua condição miserável e acha que é feliz; é delicada e elegante por educação (conquistada pelo castigo corporal e que nada tem a ver com sua condição).¹⁰³

Macabéa é jovem, muito jovem, mas já está com “ferrugem”. De acordo com Suzi Sperber, a moça não tem competência para viver. E, não tendo competência para viver, também não teria competência para a luta de classes: “Nem se dava conta que vivia em uma sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável”¹⁰⁴. A personagem central de *A hora da estrela* é feita de contradições, reunindo em si a pobreza econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, isto, obviamente, segundo os padrões dominantes. E para completar: Macabéa é mulher mestiça. Macabéa representa os grupos minoritários e por isso não tem espaço na sociedade.¹⁰⁵

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector apresenta a estrutura interna do ser humano pobre e massacrado. Neste romance, aparentemente introspectivo e filosófico, a autora “questiona o mundo organizado e a cultura dominante, resgatando do preconceito os ofendidos e humilhados. Esta é uma forma de resistência – dos considerados idiotas, imprestáveis, feios, inúteis, e que não o são”.¹⁰⁶

Diferentemente de *Vidas secas* ou de *A hora da estrela*, em *O Tempo e o Vento* não há nenhum olhar introspectivo a respeito das personagens Carés. Pouco é revelado a respeito do que eles sentem ou pensam. As personagens centrais, os membros da família Terra Cambará, refletem a respeito dos Carés, como no trecho a seguir, no qual os irmãos Rodrigo Terra Cambara e Toríbio Terra Cambará discutem a situação de uma menina Caré, desonrada pelo primeiro:

¹⁰² Ibidem, p. 155.

¹⁰³ Ibidem, p. 155.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 155.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 155.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 160.

- Mas eu desonrei a menina! - exclamou. Mal, porém, pronunciara a palavra desonrei, sentiu o que ela tinha de literário, de falso.

- Acho que os Carés nem sabem o que é honra - disse Toríbio, estendendo-se no chão e apoiando a cabeça sobre as mãos trançadas.¹⁰⁷

As mulheres Carés, Ismália Caré, Ondina Caré, Joaninha Caré e Antonia Caré, como Macabéa, são mulheres mestiças, discriminadas pela sociedade. Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector apresenta a estrutura interna de uma jovem miserável, carente de tudo. Em *O Tempo e o Vento*, as moças Carés só calam sofrimentos, sem revelar nada do seu interior. Quando são agarradas à força, primeiro debatem-se, lutam com o corpo, gritam como bichos e depois ficam em silêncio, submissas em face do abuso.

As Carés (e os Carés) não parecem ter desilusões, justamente por não terem tido, em algum momento, ilusões. Os Carés sabem o seu lugar na pirâmide social e não ousam questioná-lo ou querer nada que não pertença à sua “raça”. Diferentemente de Macabéa, que alimenta desejos e sonhos em seu interior, as moças Carés não fantasiam ter aquilo que a sociedade entende que elas não podem ter: elas sabem que não são para casar e resignam-se a se deitar com os estancieiros sem nada falar, nada exigir, parecendo ter consciência do pouco valor da sua honra, da ausência de pessoas e de condições que lhes ofereçam algum tipo de proteção.

João Cabral Neto, de acordo com Modesto Carone, em “Severinos e comendadores”, coloca no interior de um poema a realidade nordestina. Na batida forte dos versos, surgem homens de condição miserável – os Severinos. Severino, o protagonista, na sua marcha em busca de uma vida melhor, encontra outros Severinos, que nada mais são do que reproduções do migrante. Assim, o adjetivo Severino torna-se uma marca, um estigma de sofrimento. A esperança é o que faz Severino viajar, suportar a fome e a privação. Severino enche-se de esperança a cada nova paisagem, mas as personagens e situações surgem para alertar o migrante: o que ele está vendo é carregado de negatividade e morte¹⁰⁸.

Para Ana Laura Corrêa, em *As fraturas da modernização em Morte e Vida Severina*, Severinos são indivíduos que, na desigualdade de classes e do sistema de produção capitalista periférico, já nasceram defasados, não vão alcançar a modernização,

¹⁰⁷ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 232. (O tempo e o vento; 2).

¹⁰⁸CARONE, Modesto. Severinos e comendadores. In: Roberto Schwarz (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 165-169.

mesmo viajando na sua direção. É isso que Severino percebe no decorrer da narrativa: ele “vê o que não era para ser visto e ouve o que não era para ser ouvido”:¹⁰⁹

Mas o que se vê não é isso:
[...] Não é viagem o que fazem,
vindo por essa Caatinga, vargens,
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.¹¹⁰

Segundo Ana Laura Corrêa, Severino busca encontrar o conforto que a modernização pode dar. No entanto, encontra apenas a morte. Severino é quase um fantasma que surge do atraso. Na dualidade vida/morte que rege a narrativa de sua vida, encontram-se as lacunas do avanço do capitalismo sobre o ambiente periférico, que ainda não conseguiu superar o atraso. Severino é símbolo do atraso, e só porque o atraso não foi superado é que Severino ainda vive, apesar de estar sempre próximo da morte. A existência dos Severinos assombra e fere a aparência vitoriosa da modernidade. Em *Morte e vida severina*, conforme a autora, João Cabral de Melo Neto coloca em cena uma condição de classe, a que chamou de severina.

De certa forma, Erico Verissimo faz o mesmo com os Carés. Caré é um adjetivo, uma qualificação que põe à mostra a desqualificação e a indignação. Assim como os Severinos, os Carés também são sujeitos marcados pela privação. Já na apresentação do auto, em vez de individualizar-se em única figura, João Cabral apresenta Severino como nome símbolo de um grupo esmagado.¹¹¹

E se somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina.¹¹²

¹⁰⁹ CORRÊA, Ana Laura dos Reis *et al.* As fraturas da modernização em *Morte e Vida Severina*. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB*, Brasília, v. 13, n. 17, p. 35-53, jan./jun. 2004, p. 45.

¹¹⁰ MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007, p. 119.

¹¹¹ CORRÊA, Ana Laura dos Reis. Op. cit., p. 37.

¹¹² MELO NETO, João Cabral de. Op. cit., p. 92.

Erico, nesse mesmo sentido, faz com que o narrador afirme: “São muitos Carés espalhados pelo continente”. A morte, que é destino dos Severinos, é a única forma de ascensão dos Carés.

Os Carés de *O Tempo e o Vento*, mesmo quando personagens andantes como os Severinos, não estão em busca de melhorar a sua condição social, não estão fugindo de um lugar atrasado em busca de uma modernidade que não vão conseguir alcançar. Carés são um grupo sem voz dentro de uma estrutura social que não fornece para eles a possibilidade de sequer sonhar com uma vida diferente. Carés não almejam coisas indisponíveis à sua “raça”, como terra, moradia digna, matrimônio e respeito como seres humanos. Eles adaptam-se à realidade do Rio Grande moldada por Erico, estaque e belicista, onde qualquer promessa de modernidade assusta mais do que traz esperança. Entretanto, a morte de um Caré não representa o fim dos Carés. Ao contrário dos Severinos de João Cabral, a sociedade descrita por Erico só se sustenta porque existe um número grande de resignados Carés ocupando a base da pirâmide que mantém os estancieiros no topo.

Apesar de pontos em comum, Carés não são Severinos, Carés não são Sertanejos, Carés não são vadios, Carés não são Jeca Tatus, Ismália Caré não é Macabéa. Na percepção de Alfredo Bosi, em “A escrita e os excluídos”, os resultados de comparativos entre pobres revela-se díspar, uma vez que cada personagem pertence a um universo único, somente seu.¹¹³

O pobre tipificado pelo romance naturalista (por exemplo, o *Cortiço* de Aluísio de Azevedo) não é o pobre que sai de um conto regionalista tocado pela profunda simpatia pela cultura popular, como acontece no conto gaúcho de Simões Lopes Neto [...]. Euclides da Cunha, por sua vez, nos introduz no universo da escassez sertaneja lançando-lhe um olhar ambivalente, ao mesmo tempo distanciado (de repórter e cientista) e compassivo de homem humano, determinista e indignado: o massacre de Canudos lhe aparece como fatalidade histórica, mas é, ao final, denunciado como um crime contra a humanidade marginal; o que faz o grande paradoxo de *Os sertões*. [...] O pobre construído pelo Graciliano de *Vida Seca* tão-só com as pedras da necessidade não se repetirá [...].¹¹⁴

¹¹³ BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 257.

¹¹⁴ Ibidem, p. 257-258.

Cada personagem é única; as personagens de Erico Verissimo em *O Tempo e o Vento* guardam suas especificidades, independentemente da classe social a que pertencem, apesar das diversas reverberações literárias e memorialísticas que possam ter sofrido. Como assegura o autor gaúcho, elas passam a ter existência, inclusive, para além dos desejos do seu criador:

uma vez que o novelista põe de pé uma personagem, esta começa a distanciar-se cada vez mais da criatura da vida real que a sugeriu. Os escritores puramente memorialistas devem achar difícil afastar-se do plano inicial do livro. Traçam para suas figuras um destino irrevogável, ao passo que o romancista verdadeiro – bom ou mau, grande ou pequeno, não importa – esse pode dar-se o luxo de conceder liberdade às suas criaturas. Não se surpreende nem se irrita quando elas recusam dizer as palavras que ele lhes sopra, ou fazer os gestos que ele lhes determina. Muito cedo compreendi que quando uma personagem, por assim dizer, toma o freio nos dentes e dispara, deixando-me para trás, é porque está mesmo viva. Dou-lhe carta de alforria e começo a divertir-me com as surpresas que seu comportamento me proporciona.¹¹⁵

Para Alfredo Bosi, a partir do momento que o romancista molda a sua personagem, dando-lhe aquele tanto de caráter que lhe confere alguma identidade no interior da trama, todo o esforço da escrita será objetivado no sentido de fornecer a essa personagem uma verdadeira expressão. A exigência estética assume aí uma face ética. Nesse processo de conferir vida a uma existência fictícia, o escritor, dentro do seu universo de possíveis, dentro do que sabe do campo da literatura, dispõe de um espaço amplo de liberdade inventiva. A escrita, conforme salienta o crítico, trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável.¹¹⁶

Nesse sentido, Bosi adverte que a crítica que associa literatura à exclusão e à marginalidade deve ter cautela. É preciso evitar abstrair e reduzir as diferenças por meio de esquemas e tipos. As vozes narrativas, quando vivas e densas, reclamam atenção para o que têm de complexo e singular.¹¹⁷ E é por sua singularidade que pretendemos analisar as personagens de sobrenome Caré da trilogia *O Tempo e o Vento*. Partiremos do

¹¹⁵ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Vol. 1. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994, p. 294.

¹¹⁶ BOSI, Alfredo. Op. cit., p. 121.

¹¹⁷ Ibidem, p. 259.

entendimento de que os Carés, apesar de terem pontos em comum com os pobres de Antonil e de Teixeira Coelho, de Martins Pena, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e de muitos outros pobres da literatura brasileira e de muitos pobres da história nacional, são existências fictícias únicas e especiais, presentes numa obra específica, *O Tempo e o Vento*, fruto de um complexo processo de criação e de construção de personagens.

Os Carés são uns entre muitas outras personagens pobres da trilogia *O Tempo e o Vento*. Por isso, será importante delimitar algumas diferenças entre eles e outras personagens desvalidas que perpassam a narrativa de raiz histórica construída por Erico Verissimo.

1.2 Carés e outros pobres de *O Tempo e o Vento*

Os Carés são uma linhagem de pobres entre tantas outras personagens de classes subalternas apresentadas em *O Tempo e o Vento*. A pobreza não é uma condição necessariamente permanente, muito embora no caso das personagens de sobrenome Caré o seja. No início da trilogia, a família de Ana Terra é pobre; seus descendentes, contudo, chegarão a ser ricos estancieiros. Ana Terra, o pai, os irmãos e a mãe vivem isolados num lugar de poucos recursos, distante de tudo: “havia épocas em que não aparecia ninguém. E Ana só via a seu redor quatro pessoas. [...]. Quanto ao resto, eram sempre aqueles coxilhões a perder de vista, a solidão e o vento.”¹¹⁸

De acordo com Erico Verissimo:

O Velho Terra, como os filhos, era analfabeto, homem taciturno e de poucas palavras. O mobiliário do rancho, escasso e rústico. Naquele ermo aquela gente nada mais fazia do que trabalhar de sol a sol, comer, dormir, esperar... Um dia era quase sempre a repetição do anterior. A família estava ilhada naquele mar verde de horizontes sem fim. Não tinham calendário, nem relógio, nem vizinhos próximos. Não tardei, porém, a descobrir que dessa pobreza, dessa quase indigência que eu devia tirar os efeitos novelísticos e dramáticos.¹¹⁹

¹¹⁸ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 70. (O tempo e o vento; 1).

¹¹⁹ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Vol. 1. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994, p. 296.

A família Terra possui, contudo, naquele descampado do Continente de São Pedro do século XVIII, alguns poucos recursos, especialmente terras, uma posse significativa naquele período. Nesse sentido, a pobreza dos Terra não é absoluta, é relativa. O índio Pedro Missioneiro, que se envolve afetivamente com Ana Terra, não tem a posse da terra, aliás, não tem nada de seu, exceto o punhal que havia roubado do padre que o criou. Como se lê em *O continente*: “Ana esforçava-se para não atentar nele, para ignorar sua presença [...]. Chegava a ter pena dele, da sua solidão, da sua pobreza, do seu abandono, da sua humildade serviçal.”¹²⁰

Pedro Missioneiro era filho de uma índia e, provavelmente, de um castelhano. Foi criado pelos padres, juntos com os índios nas missões comandadas pelos jesuítas. A narrativa informa:

— Tem jeito de índio.

— Mas não é índio puro — observou Antônio em voz baixa. — É muito alto para ser índio, e a pele é mais clara que a dos bugres. Houve um curto silêncio.¹²¹

No período inicial da narrativa de *O continente*, os índios e seus descendentes já tinham perdido suas terras, conservando para si apenas a liberdade de percorrer os pampas; liberdade que os escravos não possuíam. Quando Maneco Terra, pai de Ana Terra, junta um pouco de dinheiro, compra dois escravos e os leva para trabalhar em suas terras no meio do nada. Os escravos perderão a vida ao lado de Maneco, ao tentar defender o rancho da invasão dos castelhanos.

Com o assassinato de Maneco Terra e do irmão Antônio Terra, Ana Terra e Pedrinho, seu filho com Pedro Missioneiro, e a cunhada Eulália, deixam as terras do descampado e vão buscar abrigo na povoação recém-fundada pelo Coronel Amaral, o embrião da cidade de Santa Fé. A família, que abandonou suas terras, passa a viver em um rancho praticamente vazio, cujo único móvel era o tear de D. Henriqueta, a já falecida mãe de Ana Terra.

Naqueles dias, ajudados por vizinhos, Ana Terra, Eulália e Pedro construíram o rancho onde iam morar. Tinha paredes de taipa e era coberto de capim. Quando o rancho ficou pronto, Ana, o filho e a cunhada, que até então tinham vivido com a família de Marciano, entraram na casa nova. O único móvel que possuíam era

¹²⁰ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004., p. 129. (O tempo e o vento; 1).

¹²¹ Ibidem, p. 110.

a velha roca de d. Henriqueta. Dormiam todos no chão em esteiras feitas de palha.¹²²

Pedro Terra, filho de Ana, adulto, leva uma vida modesta, marcada por fracassos nos trabalhos: “Pedro Terra pensava nas suas lavouras perdidas. [...] Perdera seus trigais, fazia alguns anos, e com dor de alma vira desaparecer com o trigo uma das maiores riquezas do continente”¹²³. Por fim, os fracassos no negócio levam Pedro a perder a casa e o terreno em que morava para o agiota Aguinaldo Silva, que não perdoa a dívida do lavrador e apodera-se da propriedade, construindo ali um imponente Sobrado. Bibiana (filha de Pedro), depois da morte do seu marido, o Capitão Rodrigo, articula o casamento de seu filho Bolívar com Luzia (neta e única herdeira de Aguinaldo Silva) para trazer de volta a propriedade à família. Como Aguinaldo deixa outras posses, como a estância denominada de Angico, com a sua morte e também com a morte precoce do casal Bolívar e Luzia, o neto de Bibiana, Licurgo, consolida-se como um membro de elite local e a família deixa a condição de simplicidade de outrora para se tornar uma família abastada e influente.¹²⁴

Mesmo depois que Bibiana “toma” o Sobrado, seu irmão Florêncio Terra e as filhas Maria Valéria e Alice vivem uma vida de dificuldades e privações, morando mal e pagando aluguel alto: “Vassuncês moram naquele cochicholo velho, úmido, sem vidraças nas janelas, todo cheio de goteiras. E pagam um despropósito de aluguel. Isso é que não é direito,”¹²⁵ comenta a matriarca dos Terra Cambará.

Além dos Carés, Erico também apresenta, nos interlúdios de *O continente*, Dona Picucha Terra Fagundes, filha de Horácio Terra, irmão de Ana Terra, que vai viver em Rio Pardo, antes das terras da família de Ana serem invadidas e os homens que ali se encontravam serem todos mortos. Dona Picucha vive sozinha em um rancho. Desculpa-se a personagem ao receber um “patrício” em seu rancho: “não repare, pois isto é casa de

¹²² Ibidem, p. 174.

¹²³ Ibidem, p. 236.

¹²⁴ De acordo com o sociólogo Jessé Souza, durante o período colonial, a ausência de instituições intermediárias levará à consolidação de uma sociedade que orbitará em torno do elemento familístico. A família patriarcal reunirá em si toda a sociedade; não só o elemento dominante formado pelo senhor (Licurgo seria a síntese de tal sujeito) e sua familiar nuclear, como também os elementos “intermediários”, constituído pelos agregados, dependentes e escravos. SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: (IUPERJ), 2003, p. 104-115.

¹²⁵ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 326. (O tempo e o vento; 1).

pobre”¹²⁶. Picucha deu tudo o que tinha para os farrapos, só lhe restando um cavalo, que faz o serviço da estância.

No momento em que a Família Terra Cambará, na figura de Bibiana Terra Cambará e do filho Bolívar, se apossa do Sobrado, ingressando, assim, na elite local, passa a estar cercada pelos Carés (descendentes de Chiru Caré, que recebe permissão para erguer um rancho no Angico) e por muitas outras personagens pobres: parentes, peões, agregados, prostitutas e outros.

Entre os pobres que estariam em uma condição social superior à dos Carés, enquanto pobres de “valor”, que, mesmo não possuindo terras e bens, têm o respeito dos estancieiros, conta-se Fandango, capataz do Angico, que lembra o personagem Blau Nunes, de Simões Lopes Neto: gaúcho saudosista, valente, destemido e devoto dos patrões, a síntese humana do clima de camaradagem que subsistia na estância. Fandango, mesmo na condição de serviçal, pela dedicação ao trabalho, por ter se mostrado confiável ao longo dos anos, por ter o espírito aventureiro e combativo dos velhos monarcas¹²⁷, é valorizado pelos estancieiros e tratado como amigo pelos membros da família Terra Cambará. Fandango é o pobre alegre, cheio de experiências, que conhece o Rio Grande como a palma da mão, conhece a guerra (e gosta dela) e a lida do campo.

Fandango estava chegando à casa dos sessenta, mas era um homem vigoroso e desempenado, e tinha mais resistência para o trabalho do que muitos dos peões mais moços do Angico. Para Licurgo, Fandango era uma espécie de oráculo — o homem que tudo sabe e tudo pode. [...] Seu nome verdadeiro era José Menezes, mas quando mocinho era tão grande sua fama de trovador e bailarim, que os amigos acabaram por dar-lhe o apelido de Fandango. A alcunha pegou de tal modo que ele resolveu adotá-la como nome. Viúvo, sua família se resumia no filho, conhecido por Fandango Segundo, e num neto, o Fandanguinho, rapazola de treze anos e “amigaço” de Licurgo.¹²⁸

Em uma situação social inferior à dos Carés, não senhores da sua própria liberdade, sendo tratados como animais, estão os escravos. No Sobrado, as mulheres

¹²⁶ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 365. (O tempo e o vento; 1).

¹²⁷ Gaúcho que monta a cavalo com elegância e garbo. Cf. OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário gaúcho*. 3. ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

¹²⁸ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 203. (O tempo e o vento; 1).

“escravos de dentro” (Natália, Lindoia, Doca e Noêmia) estão constantemente sendo chamadas para algum tipo de serviço braçal, suprimindo as necessidades da família Terra Cambará ou de seus convidados. Estão lá, quase invisíveis, a atender uma ordem, entre uma cena e outra, enquanto se desenvolve o enredo principal.

A maioria dos escravos e escravas é a imagem da submissão: cabeça e olhos para baixo, perdidos, desprovidos de tudo, a ponto de praticamente só responderem a ordens e estímulos vindos dos patrões. Tal imagem torna-se bastante evidente no momento em que Licurgo, por razões políticas, resolve libertar os escravos do Angico e organiza no Sobrado uma cerimônia para entrega da carta de alforria.

A entrega dos títulos de manumissão foi feita no meio dum silêncio grave e comovido. Os escravos estavam no quintal, junto da porta da cozinha, e entravam à medida que seus nomes iam sendo chamados. Sob o espelho da sala de visitas, os títulos empilhavam-se em cima do consolo de mármore. Toríbio Rezende lia a lista de nomes: “Antônio Tavares! Marcolino Almeida! Terêncio Rodrigues!”, e muitas vezes Licurgo tinha de soprar-lhe ao ouvido o apelido do negro chamado, pois muitos daqueles homens já haviam esquecido os nomes de batismo. “Maneco Torto!”, gritava Toríbio, “Dente de Porco! Inácio Moçambique!” Por entre alas de convidados os pretos entravam na sala, piscando os olhos à luz forte, e acanhados, de cabeça baixa, sem ousarem olhar para os lados, aproximavam-se de Licurgo, recebiam o título e beijavam-lhe a mão; alguns ajoelhavam-se depois diante da cadeira em que Bibiana estava sentada e levavam aos lábios a fímbria de sua saia. Retiravam-se, estonteados, buscando aflitadamente a porta da cozinha.¹²⁹

Mas nem todos os escravos são retratados como resignadamente subalternos. O personagem cativo João Batista é apresentado como alguém que anda de cabeça erguida, uma qualidade do gaúcho astuto, a ponto de o “senhor” já ter cogitado lhe aplicar castigos corporais. No entanto, João Batista tem outra qualidade de um gaúcho respeitado, como Fandango: é bom na lida do campo, trabalha com vontade, doma os animais. Embora na condição de escravo, a sua valentia gera um misto de repúdio e admiração.

Muitos dos escravos choraram ao receber a carta de alforria. Houve, porém, um deles que entrou de cabeça erguida, olhou arrogante para os lados, como num

¹²⁹ Ibidem, p. 354.

desafio, recebeu o título e, sem o menor gesto ou palavra de agradecimento, fez meia-volta e tornou a voltar para o quintal, impassível como um rei que acaba de receber a homenagem a que tem direito. Licurgo acompanhou-o com um olhar furibundo. Era o João Batista! Merecia uns bons chicotões na cara. Sempre fora assim altivo e provocador. Era um bom peão, um bom domador, um trabalhador incansável, mas tinha um jeito tão atrevido, que por mais duma vez Licurgo estivera prestes a “ir-lhe ao lombo”.¹³⁰

Como mostra o excerto acima, *O Tempo e o Vento* alude, em determinada passagem, à abolição da escravidão. Licurgo, neto de Bibiana, é quem vai, de fato, herdar o Sobrado e consolidar os Terra Cambará como membros da elite local; será um abolicionista e dará a carta de alforria a todos os escravos do Angico. No entanto, essa posição é muito mais motivada por questões ideológicas e pelo interesse em praticar um ato “grandioso” do que por uma consciência que o fizesse perceber que os escravos eram seres humanos e a liberdade deles era um direito.

A chamada continuava. Negros entravam e saíam. Havia entre eles homens e mulheres, moços e velhos. Licurgo começava a irritar-se. A cerimônia não só se estava prolongando demais, como também não oferecia metade da emoção que ele esperava: era uma coisa tão lenta e aborrecida como uma eleição. “Bento Assis!”, gritou Toríbio. E, como o preto chamado não aparecesse, ele repetiu em voz mais alta: “Bento Assis!”. O peão que estava à porta da cozinha gritou para fora: “Bento Assis!”. Nenhuma resposta veio. Licurgo, que sacudia a perna nervosamente, bradou de repente: “Bento Burro! Onde está esse animal?”. “Bento Burro!”, repetiu o peão. Então uma voz soturna saiu do meio dos escravos que esperavam, no sereno: “Pronto, patrão!”. E entrou na casa. E o desfile continuou. Licurgo mal podia conter sua impaciência. Não conseguia convencer-se a si mesmo de que aquela era uma grande hora — uma hora histórica. Não achava nada agradável ver aqueles negros molambentos e sujos, de olhos remelentos e carapinha encardida a exhibir toda a sua fealdade e sua miséria naquela casa iluminada. E como eram estúpidos em sua maioria! Levavam a vida inteira para atravessar a sala e depois ficavam com o papel na mão, atarantados, sem saber que fazer nem para onde ir. Era preciso que ele gritasse: “Agora vá embora. Não! Por ali. Volte pro quintal!”. O pior era que o

¹³⁰ Ibidem, p. 354.

Sobrado já começava a cheirar a senzala. Foi com um suspiro de alívio que entregou o último título.¹³¹

Em *O continente*, que abarca o período da escravidão e da abolição, os Carés aparecem como agregados à família de estancieiros, satisfazendo as vontades e os desejos desses para conseguir sobreviver. Entretanto, os Carés, no conjunto da narrativa, são indivíduos com alguma autonomia. Os escravos, não. Os escravos são mais uma das posses dos Terra Cambará e, como posse, não podem procurar abrigos em outras paragens, pois ostentariam rótulo de escravo fugido. Quando recebem a carta de alforria, são seres tão acostumados a ser unicamente força de trabalho que, mesmo livres, não conseguem desfrutar da liberdade.

Também a Santa Fé da narrativa, na segunda metade do século XIX, era um lugar pobre e “rude”, segundo descreve o personagem estrangeiro, médico vindo da Alemanha, Dr. Winter. Esse personagem está na história justamente para fazer um contraponto entre a sociedade descrita por Erico, em *O continente*, e as regiões consideradas mais civilizadas naquela época.

As casas eram pobres, primitivas, sem gosto nem conforto, quase vazias de móveis; em suas paredes caiadas não se via um quadro, uma nota de cor que lhes desse um pouco de graça. No inverno o minuano entrava pelas frinchas, cortante como uma navalha. Nos dias de chuva os homens traziam barro para dentro de casa nas suas botas ou nos pés descalços. Havia em tudo uma rusticidade e uma aspereza que estavam longe de ter o encanto antigo e a madureza das coisas e gentes camponesas da Baviera, da Pomerânia ou do Tirol.¹³²

Para o Dr. Winter, que viveu em outras partes do mundo, Santa Fé, a cidade habitada pelos Terra Cambará, pelos Carés e pelos demais personagens, é um lugar primitivo. Os Terra Cambará, e outras famílias de posse da cidade, são vistos como sujeitos ignorantes e grosseiros. Assim, mesmo tendo posses, os membros da elite local seriam pobres em termos culturais, sob o ponto de vista de seus hábitos e modos de vida.

Em *O retrato*, segunda parte de *O Tempo e o Vento*, Santa Fé parece expandir-se, mas não necessariamente se desenvolver. Surgem na narrativa de Erico muitas novas personagens entre as quais, muitos pobres. O Dr. Rodrigo Terra Cambará, homem de

¹³¹ Ibidem, p. 354-355.

¹³² Ibidem, p. 56.

natureza excêntrica, boêmia e generosa, cerca-se de pessoas de todos os lugares sociais, incluindo também alguns familiares menos favorecidos:

Apareceram também duas parentas pobres, velhas tristes, mascadeiras de fumo, com um ar de permanente infelicidade nas caras amareladas e murchas. Rodrigo tratou-as com um carinho especial, pois não queria que pensassem que, por ser doutor e filho de gente rica, ele desprezasse aquelas primas distantes e obscuras. Quando se despediram, com suas vozes lamurientas, o rapaz meteu discretamente na mão de cada uma delas uma cédula de dez mil-réis, pelo que as velhotas, quase a chorar, agradeceram, dizendo: “Que Deus Nosso Senhor lê ajude e guarde, meu filho”. E se foram, arrastando pelo soalho as saias dum preto ruço e melancólico.¹³³

Muitas prostitutas e donas de pensão estão entre os pobres que orbitam a trajetória de vida de Rodrigo Terra Cambará e de seu irmão Toríbio, como a personagem Velha Tucha. Rodrigo viverá um matrimônio pontuado de adultérios. Na galeria de prostitutas apresentadas, aparece Anaurelina, a proprietária do Ponto Chic: “Era uma mulata clara, quarentona, muito gorda, de cabelos crespos dum negro lustroso, rosto redondo de boneca, de duplo queixo e lábios carnudos”¹³⁴. Tornou-se prostituta depois de ceder aos encantos (e pressões) do Dr. Rodrigo Terra Cambará:

– Se eu conheço bem ele? - repetiu a mulher. Aproximando-se mais de Cuca, confidenciou: - Não sabes então que foi o dr. Rodrigo que me botou na vida?
– Não diga!
– Pois foi. Eu devia ter uns dezesseis ou dezessete anos...¹³⁵

Anaurelina, como a maioria das prostitutas citadas em *O Tempo e o Vento*, é descrita como uma mulher feliz, livre e que não lamenta o fato de ser “uma mulher da vida”, muito pelo contrário:

Mas eu sou tão feliz, Cuca. Se o dr. Rodrigo não tivesse me botado na vida eu decerto hoje era cozinheira duma dessas grã-finas, como minha mãe foi, ou então

¹³³ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 107. (O tempo e o vento; 2).

¹³⁴ Ibidem, p. 44.

¹³⁵ Ibidem, p. 45.

tinha casado com um diabo qualquer e no fim ainda por cima tinha de trabalhar pra sustentar ele.¹³⁶

Entre as “moças de vida fácil” do romance contam-se, ainda, Noca (“– Te lembrás da Noca? [...] Um caco de gente. Mas dizem que ainda funciona.”¹³⁷), Dulce (que se apaixonou por um cliente e ateou fogo no próprio corpo), Deá, a china Amândia, a Ruiva, a Morena, a Natalina e a famosa Rosa Branca – Rosinha Peito-de-Pomba na intimidade, conhecida não apenas por ter dormido com várias gerações de Santafeenses, mas também por se comportar como uma “dama”:

Caíra na vida aos quinze anos e desde essa idade até o presente exercera a profissão com competência e honestidade. [...] Era uma mulher limpa, que adorava os perfumes ativos e as cores berrantes. Em sua casa, dum asseio impecável, viam-se por todos os cantos vasos de flores artificiais; na sala de visitas, em que havia uma abundância de almofadões de cetim de tons vivos, estava entronizada uma imagem do mártir São Sebastião. Rosinha sabia receber os fregueses, obsequiando-os com um cálice de licor de butiá e com bolinhos de polvilho. Nunca os levava para o quarto sem antes entretê-los na sala de visitas com uma conversação bem educada, e jamais se deitava com eles sem primeiro apagar a luz. E quando algum rapazote de quatorze ou quinze anos vinha procurá-la, ela o repelia, escandalizada, e mandava-o embora depois de pregá-lhe um sermão.¹³⁸

Na sociedade conservadora descrita por Erico, as prostitutas são mais felizes e têm mais autonomia em relação à própria vida do que as chamadas mulheres de família e do que as mulheres Carés. As mulheres de família e as mulheres Carés, muitas vezes, dormem com os estancieiros por obrigação matrimonial, no caso das primeiras, e por imposição, no caso das segundas. As prostitutas, na trama ficcional, fazem-no porque querem e para obter recursos pecuniários.

As mulheres Carés, por serem pobres, não servem para esposas. Desonradas, carregam a marca de “amásias” pela vida toda, caso não consigam um marido entre os sujeitos mais humildes. As Carés calam-se diante do “estupro”, do sexo forçado, e depois calam-se diante da vida. As prostitutas que, em alguns casos, são, em princípio, também

¹³⁶ Ibidem, p. 46.

¹³⁷ Ibidem, p. 121.

¹³⁸ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 42-43. (O tempo e o vento; 2).

forçadas ao sexo, assumem a desonra e passam a “sobreviver” dela, cobrando para atender as demandas sexuais dos estancieiros. Tanto mulheres Carés como a prostitutas são vítimas da pobreza, do preconceito e do abuso em uma sociedade extremamente machista, mas reagem à situação de formas distintas. As Carés com silêncio e submissão, as prostitutas com risos e ousadias.

Se as mulheres pobres de Santa Fé (e até as ricas) estão habituadas com o comportamento depravado e infiel dos homens locais, as moças vindas de fora nem tanto. Toni Weber, uma jovem europeia, depois que a sua família de artistas é ajudada pelo Dr. Rodrigo, acaba cedendo às investidas do médico, mantendo um vínculo ilegítimo com ele, mesmo tendo um noivo. No entanto, quando descobre que está grávida, a moça não resiste à vergonha e acaba dando cabo à própria vida, para remorsos e culpas – passageiros – do Dr. Rodrigo.

No painel social construído por Erico Verissimo em *O Tempo e o Vento* encontram-se igualmente os pobres remediados, que não são tão pobres porque têm alguma forma de subsistência, mas que mantêm com os homens ricos do Sobrado relações de amizade, de vassalagem e às vezes de disfarçada inveja. Em *O retrato* aparece Chico Pão, padeiro pobre, que havia sido colega de escola de Rodrigo Terra Cambará. Resignado na sua condição subalterna, admira o Dr. Rodrigo Terra Cambará e a família dele, que sempre consumiram o pão de seu pequeno comércio. Estima especialmente Rodrigo por ter continuado a tratá-lo bem, mesmo formado doutor, e por atendê-lo gratuitamente no consultório médico. Pitombo, que também foi colega de escola de Rodrigo, ao contrário de Chico Pão e de muitas outras personagens da trama, demonstra inveja. Aponta, assim, para a existência da desigualdade que faz com que uns consigam estudar e se formar, como é o caso de Rodrigo Terra Cambará, e outros, mesmo tendo vontade, por falta de condições, sejam obrigados a exercer profissões consideradas inferiores.

Pitombo também fora seu colega de curso primário, e todos sabiam que o armador invejava o homem do Sobrado. Na presença de Rodrigo tratava-o com uma cortesia adúlona: pelas costas dizia horrores dele, mas da maneira mais inocente, assim com um ar vago e apalpador de quem não se quer comprometer antes de saber a opinião do interlocutor. Dizia-se que nunca esquecera ter sido Rodrigo quem no colégio lhe pusera a desagradável alcunha de “Filho do

Defunteiro”. Era por isso que até hoje - sabia-o José Pitombo - ele era conhecido na cidade como Zé Defunteiro.¹³⁹

Pitombo, todavia, é uma exceção; os amigos pobres de Rodrigo Terra Cambará são amigos sinceros, como Saturnino, viúvo, que vivia sozinho em uma casa de tábuas para as bandas do bairro miserável do Barro Preto. E também Chiru Mena que

perdera em vadiagens e maus negócios o dinheiro, as terras e o gado que o pai, antigo estancieiro de Santa Fé, lhe legara. Vivia agora na cidade na companhia duma tia viúva que o sustentava. Não tinha profissão, andava sempre às voltas com bailarecos, ceias e serenatas, perseguido pelos credores e a contar mentiras em torno de grandes negócios que se achavam “engatilhados”, e de estâncias imaginárias que estavam por vender.¹⁴⁰

No romance, Chiru Mena é uma referência ao vadio. Difere-se, contudo, dos vadios mencionados na obra de Antonil, por exemplo, vistos como a escória da sociedade. O fato de ser amigo de farra de Rodrigo Terra Cambará, de frequentar o Sobrado, confere-lhe algum *status* independentemente de ele ter ou não dinheiro. Além disso, e aí lembrando Leonardinho de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Chiru é aceito pela sociedade santafezense porque, mesmo não tendo nada de seu, tinha a quem recorrer, tinha quem o sustentasse. Assim como no romance do Manuel Antônio de Almeida, Chiru Mena faz um “bom casamento”, casa-se com “uma órfã herdeira de três léguas de campo bem povoadas”¹⁴¹.

Uma outra personagem no mesmo naipe de Chiru Mena, um “*bon vivant*”, também amigo do Dr. Rodrigo Terra Cambará, é Don Pepe Garcia, pintor espanhol que chegou à cidade gaúcha, tomou gosto pelo lugar e acabou ficando. O narrador desenha a sua situação social: “De quando em quando lhe davam a incumbência de pintar o retrato de algum dos estancieiros ricos do município ou de membros de suas famílias.”¹⁴² Entre as suas telas, o entrecho vai sublinhar o famoso “retrato” de Rodrigo, que dá o mote para a segunda parte da trilogia. As pinturas não asseguram a sobrevivência de Don Pepe em

¹³⁹ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 58. (O tempo e o vento; 2).

¹⁴⁰ Ibidem, p. 137.

¹⁴¹ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 195. (O tempo e o vento; 2).

¹⁴² VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 215. (O tempo e o vento; 2)..

Santa Fé, segundo apontam “as más línguas”; o pintor irá sobreviver graças ao dinheiro da amante, a quituteira conhecida como Celanira:

afirmavam que quem sustentava dom Pepe era a amásia, a viúva Celanira, mulata quituteira proprietária duma casa de tábuas situada no Purgatório. Mandava ela seus moleques - filhos do falecido - vender nas ruas e na estação da estrada de ferro seus quindins, bons-bocados e pastéis. Graças a isso o espanhol se permitia trabalhar muito pouco ou nada, o que lhe dava vagares para levar uma vida boêmia, andar pelos arredores da cidade a pintar paisagens e tipos humanos - quadros que nunca chegava a vender. Gostava de frequentar os salões de bilhar e a Confeitaria Schnitzler, onde fazia eloquentes dissertações contra a burguesia e o clero. Don Pepe Garcia dizia-se anarquista, e anarquista puro.¹⁴³

Outro pobre bem visto na cidade de Santa Fé, especialmente pelos homens, é Zé do Meio. Sua boa fama vinha do fato de que ele, mesmo franzino e desdentado, conseguia viver maritalmente com duas mulheres. Pergunta-se o Dr. Rodrigo Terra Cambará: “Eu só queria saber qual é o segredo do Zé do Meio. É franzino, desdentado e feio, e no entanto consegue um milagre que nenhum dom João, que eu saiba, até hoje conseguiu”.¹⁴⁴

Em *O retrato*, outro personagem situado socialmente à margem, aceito favoravelmente pela sociedade, exceto pelo Dr. Rodrigo Terra Cambará, é o curandeiro Taboca, índio de poucas palavras, chamado quando a medicina não consegue resolver o caso, ou quando o paciente não tem como pagar um médico. Com suas falas misteriosas, uma água estranha e alguns galhos de arruda, Taboca consegue salvar a vida do negro Antero, na presença do incrédulo Dr. Rodrigo.

Personagem de profissão definida, mas tratada com a mesma prepotência com que são tratados os Carés, é o tipógrafo mulato Camilo, a quem o Dr. Rodrigo obriga a trabalhar em seu jornal de oposição mediante ameaças.

— Ah! — exclamou Rodrigo, dando uma palmada na testa. — Espere, que já volto.

Atirou os originais em cima da mesa, saiu apressado e voltou meia hora depois, trazendo pelo braço um mulato lívido, com grandes olhos brilhantes de tuberculoso.

— Don Pepe, este moço é um tipógrafo competente. Trabalhava pro Mendanha e agora vai nos ajudar. O espanhol mal se dignou a lançar para o recém-chegado um olhar perfunctório.

¹⁴³ Ibidem, p. 215.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 134.

— Mas doutor... — balbuciou o tipógrafo.
— Já sei. O Trindade ameaçou você. Mas não tenha medo, que não vai lhe acontecer nada. Dou-lhe a minha palavra de honra.
— Não é por mim, doutor, mas acontece que tenho mulher e filhos...
— Já lhe disse que o Titi Trindade não vai ficar sabendo de nada. Vamos, tire o casaco e comece logo a trabalhar. Estamos atrasados. O homem continuou imóvel onde estava, os braços caídos. De repente frechou na direção da porta. Rodrigo, porém, barrou-lhe o caminho.
— Alto lá! Daqui você não sai vivo.
Tirou da cintura o revólver de cabo de madrepérola e apontou-o para o mulato, que estacou, os olhos esbugalhados fitos no cano da arma, os beijos trêmulos, o suor a pingar-lhe da testa.¹⁴⁵

Por ter “aceitado” colaborar com o médico, Camilo foi brutalmente agredido por policiais ligados ao grupo político da situação:

Rodrigo teve um sobressalto:
— O tipógrafo? Não.
Foi esbordado hoje de manhã por dois policiais. Ficou atirado no barro, numa rua do Purgatório.¹⁴⁶

Num nível inferior aos Carés (discriminados por serem pobres, mas em nenhum momento temidos por oferecerem algum perigo), aparece o personagem Dente Seco, contraventor profissional contratado pelos estancieiros que estão no poder local para assustar àqueles que ousassem contrariá-los:

— Que Dente Seco?
— Ora, homem, já te falei nele. É um bandido famoso da Soledade. Tem dez ou onze mortes na cacunda. O Trindade mandou buscar o bicho pra assustar o eleitorado da oposição. Parece que vão correr o interior do município e a todas essas, nós não fazemos nada!¹⁴⁷

O retrato é protagonizado pela personagem Dr. Rodrigo Terra Cambará, figura contraditória, boêmia, generosa, extravagante e excêntrica, em torno da qual circulam várias outras personagens de natureza diversa, incluindo pobres. No período histórico em que surge este personagem, a cidade de Santa Fé não é mais a mesma vila dos tempos de Ana Terra e de Bibiana. É uma cidade estruturada, divida em bairros, com mais comércio,

¹⁴⁵ Ibidem, p. 264-265.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 276.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 254.

meios de transporte e uma variedade maior de segmentos sociais que não se misturam. Ganha destaque sugestiva descrição da formação da elite santafezense.

Segundo o narrador, se um forasteiro pedisse para um nativo de Santa Fé apontar os elementos formadores dessa elite local, este responderia sem pestanejar que a sua nata era formada pelas famílias dos fazendeiros mais ricos da cidade: Macedo, Cambará, Prates, Quadros, Fagundes, Amarais e Teixeira: “Eram esses estancieiros chefes de famílias numerosas (o cel. Macedo tinha doze filhos, seis mulheres e seis varões), moravam em vastas e sólidas casas situadas numa das duas praças principais da cidade ou na rua do Comércio”.¹⁴⁸ Próximos do mesmo nível social dos estancieiros estariam os maiores comerciantes, como Marcelino Veiga, dono da Casa Sol, estabelecimento fundado em 1860, um dos mais antigos de Santa Fé, “uma casa de secos, molhados, ferragens e armarinho: cheirava a couro curtido, queijo, fazenda, charque e rapadura”.¹⁴⁹

A opinião dos estancieiros era a última palavra no que se referia à vida política, econômica e social da cidade. Cada chefe de família local era uma grande força política porque contava com grupo de eleitores garantidos, entre amigos, parentes, protegidos, peões, agregados e posteiros. Sublinha o narrador: “Quando se perguntava a um caboclo se era maragato ou pica-pau, com frequência se ouvia esta resposta: ‘Sou *gente* do coronel Fulano’ ”.¹⁵⁰

Logo abaixo dos estancieiros, segundo descrição do narrador de Erico, havia uma camada de indivíduos que, embora não possuísse tanto dinheiro, tantas terras, tinha importância em função do cargo que ocupava ou de algum título a que fazia jus. Deste modo, quase no mesmo nível dos estancieiros mais ricos, encontravam-se os juízes e altos funcionários da justiça, médicos e advogados.

O Tempo e o Vento presentifica também uma terceira camada social, uma nata magra, formada pelos estancieiros e comerciantes de menor importância econômica e por pessoas que, embora possuíssem algumas tradições familiares, já haviam perdido a sua fortuna ou nunca a tinham conquistado. Complementa o narrador: “O resto – o leite propriamente dito – eram os funcionários públicos, sempre muito mal pagos, uma série de pessoas de profissão incerta, e principalmente uma legião de empregados do comércio.”¹⁵¹

¹⁴⁸ Ibidem, p. 161.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 44

¹⁵⁰ Ibidem, p. 161.

¹⁵¹ Ibidem, p. 163.

Os Carés, e também os negros, nem entram nessa classificação, já que não existia a mínima possibilidade de integração na elite local, seja por não ter aporte financeiro, seja por não ter tradição. Eles jamais seriam admitidos, por exemplo, no clube Comercial de Santa Fé; viviam na cidade, mas tinham acesso limitado a alguns locais, considerados específicos para certas camadas sociais. O que é demonstrado no diálogo entre o Dr. Rodrigo Terra Cambará e o Juiz da Comarca, o Dr. Eurípides Gonzaga: “Mas um negro, doutor, jamais seria admitido como sócio deste clube! – Isso é verdade. Mas o Comercial nunca deixou de aceitar um homem decente só porque tivesse a pele um pouco escura”.¹⁵²

O Dr. Rodrigo Terra Cambará, ao entrar no Clube Comercial, em 31 de dezembro de 1909, dá-se conta de que naquele espaço reuniam-se várias camadas sociais, que não chegavam a se misturar. As pessoas não viviam mais no continente de Ana Terra, onde o horror da guerra que trazia tantos sofrimentos também tornava menos visíveis os preconceitos mais quotidianos. No Clube Comercial, naquela noite, só estavam lá aqueles que podiam estar, que eram aceitos dentro da agremiação porque tinham dinheiro ou prestígio, ou os dois, mas havia muitas distinções e hierarquias mesmo entre aqueles que tinham dinheiro e poder. Como o próprio Rodrigo avalia, aquele lugar, pequeno recorte de Santa Fé, já era um arquipélago e não mais um continente.

Aquelas pessoas não se encontravam num continente; eram, antes, moradores dum arquipélago. Lá estava a importante ilha dos estancieiros, comerciantes e pessoas gradas da localidade. Havia as pequenas ilhas, de escassa população, dos descendentes de imigrantes e finalmente a grande, populosa, pululante ilha dos funcionários públicos e empregadinhos do comércio. Certo, os habitantes duma ilha às vezes se aventuravam em excursões pelas outras ilhas vizinhas, mas mesmo essas viagens ocasionais obedeciam a certas regras. [...] As filhas dos estancieiros e dos comerciantes dançavam geralmente com os filhos dos estancieiros e dos comerciantes. [...] Um dia, entretanto, o Lelé Pontes, caixeiro da Casa Sol, teve a ousadia de convidar para dançar a filha mais moça de Cacique Fagundes; ora a rapariga, que era bem-educada, não recusou, mas fechou a cara, não trocou uma palavra com o rapaz e mal parou a música, foi sentar-se na sua cadeira e passou emburrada o resto da noite. Os que gozavam de maiores regalias eram os rapazes das famílias ricas. Esses iam e vinham entre todas as ilhas, dançavam com as “alemoas”, com as “gringas” ou com as moças pobres, para delícia e inquietação das mamãs destas últimas.¹⁵³

¹⁵² Ibidem, p. 165.

¹⁵³ Ibidem, p. 166-167.

Os frequentadores do Clube Comercial possuíam alguma importância dentro da estrutura social da cidade, mesmo que entre eles existissem muitas distinções e preconceitos, como explicita o trecho acima. Os pobres, gente como os Carés, evidentemente, não frequentam o Clube, pois “não poderiam pagar a joia e a mensalidade e nem teriam roupas adequadas para frequentar seus salões.”¹⁵⁴ O lugar dos pobres, quando não servindo nas casas e nas terras da elite, é ocupando os bolsões de pobreza que, em *O retrato*, já estão presentes em Santa Fé. Estes bolsões estão nos bairros miseráveis do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria, localizados nos subúrbios da cidade, espaço marginal que, para o Dr. Rodrigo Terra Cambará, lembravam uma fotografia de Canudos:

Rodrigo olhava para os casebres miseráveis do Purgatório e para suas tortuosas ruas esbarrocadas de terra vermelha. E aqueles ranchos de madeira apodrecida, cobertos de palha ou capim; aquela mistura desordenada e sórdida de molambos, panelas, gaiolas, gamelas, latas, lixo; aquela confusão de cercas de taquara, becos, barrancos e quintais bravios – lembraram-lhe uma fotografia do reduto de Canudos que ele vira estampada numa revista. À frente de algumas das choupanas viam-se mulheres – chinocas, brancas, pretas, mulatas, cafuzas – a acenar para o trem; muitas delas tinham um filho pequeno nos braços e outro no ventre. Crianças seminuas e sujas, com enormes barrigas de opilados, brincavam na terra no meio de galinhas, cachorros e ossos de rês. Lá embaixo, no fundo dum barranco, corria o riacho, a cuja beira uma cabocla batia roupa numa tábua, com o vestido escarlate arregaçado acima dos joelhos. Em todas as caras que Rodrigo vislumbrava, havia algo de terroso e cadavérico, uma lividez encardida que a luz meridiana tornava ainda mais acentuada.¹⁵⁵

Erico Verissimo, ao trazer Canudos para a trama de *O Tempo e o Vento*, enxergou em alguns gaúchos os degradados e humilhados de *Os sertões*. No Sul do Brasil, também sobreviviam seres humanos em completo estado de abandono, habitando lugares isolados, sujos, paupérrimos, passando frio e fome, expressando na face e no corpo a crueldade de uma vida miserável.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 165.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 93.

Em *O retrato*, o narrador descreve os tipos humanos que sobrevivem nos bairros miseráveis de Santa Fé:

erguiam-se para ele [Rodrigo] mãos ossudas e encardidas, caras terrosas e descarnadas, como de cadáveres recém-desenterrados. Santo Deus! Ali estavam mulheres feias e entanguidas, muitas delas aleijadas e quase todas com grandes olhos de tísicas; e homens guedelhudos, cujas barbas escuras e intonsas faziam ressaltar a palidez doentia dos rostos. Havia ali, numa promiscuidade repugnante, criaturas anquilosadas, roídas de tuberculose ou sífilis, escalavradas pela sarna, debilitadas pela disenteria. Crianças sem infância, algumas com caras de fetos ou de bugios, outras de ventre intumescido pela opilação. Aquela gente tresandava a suor mil vezes dormido, a picumã e a urina seca. Rodrigo chegava a ver em alguns deles os pulmões carcomidos: quando falavam, parecia que iam vomitar pedaços dos bofes. Surgiam também homens e mulheres com feridas purulentas à mostra.¹⁵⁶

Os pobres que habitavam os bairros miseráveis eram os mesmos, ou familiares dos mesmos, que serviam aos estancieiros em suas casas e fazendas. Muitos ex-escravos, peões e serviçais pobres mantinham relações vitalícias de servidão com os patrões. A mulata Laurinda, que aparece em vários momentos do romance, limpando, carregando pratos, correndo de um lado para outro, executando os serviços domésticos do Sobrado, chora ao ver o “patrãozinho” chegar em casa formado em medicina, emoção que também é compartilhada pela velha negra Paula. No Angico labuta o negro Antero, que supostamente divide uma “carezinha” com Rodrigo Terra Cambará e com outro peão, de nome Quincas. Em *O arquipélago*, a jovem negra Leocádia, de avental branco e sapatos de tênis, circula em passo de bailado carregando uma bandeja com pastéis e croquetes. Jacira, “uma caboclinha de quinze anos, de pernas finas, seios pontudos e olhos xucros”¹⁵⁷, serve bandejas com alimentos para o convalescente Dr. Rodrigo. Maria Joana, descrita pelo narrador como uma mestiça “imbecilizada”, exercia, entretanto, suas funções de serviçal na cozinha “com requinte”:

¹⁵⁶VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 101. (O tempo e o vento; 2).

¹⁵⁷ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 53. (O tempo e o vento; 3).

Maria Joana contemplava-os em silêncio, a um canto da sala, na penumbra, com a cabeça inclinada para um lado, os braços cruzados. Era uma mestiça de feições repelentes, e sua cabeça pequena, de lisos cabelos muito negros, a pele enrugada colada aos ossos dava a impressão desses crânios humanos encolhidos feitos pelos índios do Amazonas. O que, porém, mais impressionava nela eram os olhos de esclerótica amarelada, com uma fixidez visguenta de olho de jacaré. Falava pouco, resmungava muito. Nos dias de vento andava pela casa com as mãos na cabeça, a uivar, e acabava sempre saindo porta fora e correndo, a esconder-se no bambual, onde esperava que a tempestade passasse. Como era possível – refletia Rodrigo – que aquela criatura imbecilizada, que mais parecia um animal do que um ser humano, fosse capaz de cozinhar com aquela maestria, com aquele requinte. O molho pardo estava divino.¹⁵⁸

Na guerra, os Carés, os homens simples e os descendentes de escravos eram “valorizados”, avolumando os exércitos. Agenciavam-se, nessas condições excepcionais, a camaradagem e a integração entre os ricos e a “ralé”¹⁵⁹, o que não se repetia em tempo de paz. Na Coluna de Licurgo Cambará, o negro Tiago tocava acordeona e o velho Zósimo entoava cantigas que aprendera na Banda Oriental, nos tempos em que era peão. Nesse episódio, o autor parece indicar que, mesmo com as transformações históricas, as relações de servidão do século XIX persistiam no século XX. O negro Ermelindo, por exemplo, morre na Coluna para proteger um jovem, filho de um estancieiro com quem ele havia trabalhado por quarenta anos:

O caso do negro Ermelindo era dos mais comoventes. Juntara-se à Coluna para acompanhar um jovem que ele ajudara a criar, filho dum estancieiro do Rio Grande do Sul do qual o crioulo fora peão durante quase quarenta anos. Ermelindo servia seu amo como um fiel escudeiro, cuidando-lhe da roupa, da comida e das armas. Sua dedicação era tamanha que os companheiros de destacamento lhe chamavam “Anjo da Guarda”. Duma feita, numa escaramuça de patrulhas, seu protegido, que era tenente, ficou para trás e um piquete de cavalaria inimigo precipitou-se na direção dele. Ermelindo sentou o joelho em terra e começou a atirar com sua Mauser, ao mesmo tempo que gritava: “Vai-te

¹⁵⁸ Ibidem, p. 207.

¹⁵⁹ A “ralé” (especialmente com a entrada do Brasil na era do capitalismo), conforme aponta Jessé Souza, vai ser formada pelos escravos e pela figura do dependente, sujeito livre (assim como os Carés), mas sem lugar definido no seio social, vivendo nas suas frestas. Para o autor, a situação do dependente é mais fixa e estagnada do que a do escravo. Este último ainda mantém o vago desejo de liberdade, o dependente é completamente grato e, por isso mesmo, ainda mais submisso e conformado. SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Ed. cit., p. 127-179.

embora, guri! Vai-te embora! Tenho pouca munição e quando as bala se acabar tenho de entreverar com a chimangada”. Como era maragato, para ele o inimigo só podia ser “chimango”. O tenente safou-se. Depois de disparar o último tiro, Ermelindo puxou da espada e esperou a carga. Morreu varado de balas.¹⁶⁰

Mesmo na barbárie da guerra, e nas mortes que ela provocava, permaneciam as distinções de classe. Os mortos pobres não “mereciam” o mesmo enterro, cheio de honrarias, dos membros da elite. O narrador emula o historiador; reflete sobre as diferenças de classe, colocando-se, solidário, ao lado dos coadjuvantes do “edifício social”:

Pensa naqueles homens mortos lá no porão – murmurou o judeu. Ninguém sabe quem são. O tenente não conseguiu identificar mais que três ou quatro. Amanhã vão ser enterrados na vala comum, enrolados em trapos. Esse é o destino de todos os lutadores anônimos que morrem estupidamente para servirem os interesses políticos e econômicos da minoria dominante. [...] – E as diferenças de classes continuam mesmo na morte. O dr. Ruas está aqui em cima, tem velório especial, caixão de primeira. A escória jaz atirada lá embaixo, no porão. Não é um símbolo do que acontece no edifício social?¹⁶¹

Arão Stein, judeu e comunista, que no final da trama suicida-se, avaliava que quem mais morria nas guerras e nas revoluções eram homens como Pedro Vacariano, Cantídio dos Anjos, homens pobres, homens do “povo”, os Carés, os escravos, os mesmos homens que habitavam o bairro periféricos de Santa Fé e que passavam a vida toda a servir os patrões sem ousar questionar o mundo e a situação de penúria em que viviam. “Morrem porque são fiéis aos seus patrões, aos seus chefes políticos, ao seu partido, à cor de seu lenço.”¹⁶²

A sociedade descrita por Erico em *O Tempo e o Vento* naturalizava a subserviência dos pobres em relação aos poderosos de tal forma que muitas vezes o sujeito das camadas inferiores sentia orgulho simplesmente por poder satisfazer algum desejo dos estancieiros. A personagem Dr. Rodrigo Terra Cambará possui arroubos de excentricidade, capaz de acordar uma prostituta como Palmira no meio da noite, só por

¹⁶⁰ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 273. (O tempo e o vento; 3).

¹⁶¹ Ibidem, p. 54-55.

¹⁶² Ibidem, p. 17.

um capricho; ela “mesmo estremunhada de sono, compreendeu que era uma honra receber o dr. Rodrigo.”¹⁶³

Por outro lado, o Dr. Rodrigo, como membro da elite, estava acostumado com reverências e com pessoas, especialmente as mais humildes, sempre dispostas a atender as suas vontades. Jovem rico e mimado, causava-lhe estranheza e indignação se algum “pobre coitado” se recusasse a cumprir uma ordem sua. Como em um episódio ocorrido quando ele era intendente de Santa Fé e cismou que deveria tirar um homem pobre, Juca Cristo, e sua família do rancho miserável em que viviam no bairro do Barro Preto. Como Juca e a família negavam-se a sair, mesmo depois de Rodrigo ter exigido que deixassem o local, o médico, inconformado, determinou que se ateasse fogo no habitação deles.

Morava com a mulher e cinco filhos num pardieiro construído em cima dum pântano e feito de taquaras, esterco e latas de querosene. As crianças, magras, macilentas, seminuas e cobertas de muquiranas, viviam em promiscuidade com cachorros e porcos. Daquele chão, daquele rancho e daquela gente despedia-se uma fedentina medonha. Mas por uma razão qualquer, sentimental ou supersticiosa, Juca Cristo negava-se a abandonar sua moradia. Rodrigo decidiu tratar do assunto pessoalmente. Numa fria manhã de agosto, encaminhou-se para o Barro Preto, parou a cinco metros da morada do caboclo e gritou por ele; Juca Cristo apareceu com toda a família. “Quero que se mudem hoje mesmo”, disse o senhor do Sobrado. O caboclo, molambento, encardido, descalço, pregou o olhar no chão e balbuciou: “Não carece, doutor. A gente está bem aqui”. Rodrigo tentou todos os meios persuasórios, e quando viu que não conseguia nada, tornou-se ameaçador, falou em autoridade e em polícia. Mas Juca Cristo manteve-se irredutível. Sua arma agora era o silêncio. E o intendente de Santa Fé ali estava, furioso e ao mesmo tempo embaraçado, recendente a Chantecler, metido no seu sobretudo com gola de astracã — parado e impotente diante daquele pobre-diabo esquelético e esqualido, atrás do qual se enfileiravam a mulher de cor terrosa, com horríveis varizes nas pernas, e aquelas crianças opiladas e subnutridas, cujos molambos esfiapados se agitavam ao vento gélido da manhã. [...] Mas não podia ficar desmoralizado. Quando vi que não havia outro remédio, mandei um funcionário da Intendência atirar querosene no rancho e tocar fogo nele.¹⁶⁴

¹⁶³ Ibidem, p. 165.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 309-310.

Nesse momento de *O arquipélago*, no qual o Dr. Rodrigo é confrontado pelo filho Floriano a respeito de suas atitudes extravagantes e autoritárias do passado, como a descrita acima, o médico encontra-se acamado, já tendo perdido parte do fascínio que despertava na juventude. Decadência que também atinge seus amigos dos tempos de farra (sempre desfrutando mulheres), como o pintor Don Pepe García, que se encontra em ruína por falta de trabalho e de alguém que o sustente. “Bateu à nossa porta [do Sobrado] e, com ar dramático, pediu uma côdea de pão e um púcaro d’água”¹⁶⁵, comenta Sílvia, a nora de Rodrigo.

Em *O arquipélago*, Floriano Terra Cambará, filho de Rodrigo, vai contestar a postura do pai em questões políticas, no seu modo de tratar os subalternos (questão social) e também em relação aos inúmeros casos de adultério (questão moral) que protagonizou, tornando a esposa uma mulher ressentida e magoada. Entretanto, mesmo criticando as ações do pai, Floriano demonstra em suas ações que, apesar de terem se passado muitas gerações, prevalecia ainda a promiscuidade e o apetite sexual dos estancieiros em relação às mulheres pobres, às empregadas da família, como as mulheres Carés. Essa postura pode ser observada na fala de Floriano, ao relatar o seu envolvimento com a cabocla Olmira.

Os problemas de Floriano agravaram-se quando chegou do Angico para trabalhar no Sobrado a Olmira, cabocla de dezesseis anos. Tinha nas feições e na cor da pele algo de malaia. Seus olhos de obsidiana, enviesados e ariscos, luziam, como aliás o resto da cara, com um lustro de pintura envernizada. Ao vê-la pela primeira vez, Floriano teve inesperados ímpetos antropofágicos. Desejou morder e comer aqueles lábios polpudos como pêssegos, e aqueles seios que mal apontavam. [...] Floriano interceptava os olhares cúpidos que seu pai dirigia para a rapariga, e isso o perturbava não só pelo temor que ele tinha de que sua mãe os notasse como também porque dum modo obscuro ele começava a aceitar a ideia de que Olmira lhe pertencia, e afinal de contas o dr. Rodrigo Cambará não podia ser dono de todas as mulheres do mundo. Observava também que Jango, com seus quatorze anos e seu desenvolvimento precoce, o buço forte, os olhos sombreados de olheiras arroxeadas, uma voz grotesca, ora grossa, ora fina — Jango parecia também fascinado por Olmira. E o próprio Eduardo, que tinha apenas doze anos, não perdia a oportunidade de tocar na chinoca sob qualquer pretexto. Onde quer que a encontrasse — uma vez que não houvesse

¹⁶⁵ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 3. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 349. (O tempo e o vento; 3).

nenhum dos “grandes” à vista — dava-lhe uma palmada nas nádegas, soltava uma risada safada e saía a correr... De um modo geral, todos os machos do Sobrado pareciam enfeitiçados pela cabocla.¹⁶⁶

Floriano também nutre uma paixão secreta pela cunhada Sílvia, uma personagem pobre que vai aparecer na trama de *O arquipélago*. Menina simples (filha de uma viúva que passava por privações), cresceu humilhada por Alicinha, filha de Rodrigo Terra Cambará. Adulta, Sílvia passa a integrar a família Terra Cambará, ao se casar com Jango (irmão de Floriano).

A coisa começara com a visita habitual de Sílvia, afilhada de Rodrigo e, no dizer de Maria Valéria, *compinche* de Alicinha. A menina, que morava nas vizinhanças e era filha duma viúva pobre que ganhava a vida como modista, chegou ao Sobrado como de costume por volta das quatro da tarde, para brincar com a amiga. Era uma menininha de cinco anos, morena e franzina, de olhos amendoados. Apesar de vir todos os dias ao casarão, nunca entrava sem primeiro bater. Como a batida de seus dedos frágeis fosse quase inaudível, às vezes a criaturinha ficava um tempão à porta, à espera de que alguém a visse ou ouvisse e gritasse: “Entra, Silvinha!”¹⁶⁷

A personagem, ao final da trilogia, no capítulo “Diário de Sílvia”, analisa algumas questões sociais. Se Floriano é o escritor por trás de todo enredo da trilogia, Sílvia é a mulher que escreve páginas íntimas em seu “Diário”, iluminando o ponto de vista feminino e de alguém cuja origem está no segmento popular. Observa criticamente a sociedade, emitindo opiniões; refere-se, por exemplo, a Bento, o motorista da família, empregado desde sempre dos Terra Cambará. Para ela, o serviçal seria um herói anônimo:

Bento esqueceu modestamente de mencionar as outras coisas que tem sido, na paz e na guerra, e que são incontáveis. É o homem dos sete instrumentos. Sabe fazer tudo, e faz bem. Pessoas existem que cometem um único e grande ato de heroísmo e passam para a história da sua comunidade, de seu país ou da humanidade. O Bento é um tipo de herói cuja presença e valor ninguém nota, porque ele atomizou, fragmentou seu heroísmo em dezenas de milhares de

¹⁶⁶ Ibidem, p. 56-57.

¹⁶⁷ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 188. (O tempo e o vento; 3).

pequenos gestos e atos cotidianos através de toda a sua vida, de tal maneira que eles não deram e não dão na vista.¹⁶⁸

Sílvia, com sua apurada sensibilidade, também detém seu olhar sobre a mendiga da cidade (aliás, única referência a um mendigo na trilogia): Palmira Pepé, que anda pelas ruas coxeando, chorando e pedindo esmolas. A personagem que vive da caridade alheia recusa-se, contudo, a ser tratada pelos médicos que pretendem curar-lhe o defeito da perna, alegando que, sem a deformidade, não teria mais razão para pedir esmolas.

Como aponta Sílvia em seus registros testemunhais, os bairros do Purgatório, do Barro Preto e a da Sibéria nada tinham mudado desde seu tempo de menina. Quase todos os habitantes daquelas zonas da cidade viviam em regime de fome crônica: “É a miséria do pé no chão. [...] A mortalidade infantil entre essa pobre gente é aterradora. Praticamente não há inverno em que alguém não morra de frio nesses sinistros arrabaldes de Santa Fé.”¹⁶⁹

As personagens pobres de *O Tempo e o Vento* existem em relação àqueles da elite (a família do Sobrado), e não ao contrário. Mesmo Sílvia, quando criança, era a menina pobre que brincava com a filha do senhor do Sobrado. No entanto, a diferença entre os Carés e as demais personagens desvalidas da trilogia é que os primeiros, assim como os Terra Cambará, fazem parte de uma linhagem. Os Carés são a família de pobres em contraponto à família de estancieiros. Os demais pobres aparecem, no máximo, acompanhados de um outro parente (mãe, pai, irmão ou tia), os Carés são várias personagens, algumas sem vínculos com as demais, mas todas fazendo parte de uma espécie de genealogia da pobreza.

¹⁶⁸ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 3. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 352. (*O tempo e o vento*; 3).

¹⁶⁹ Ibidem, p. 353.

2 Os Carés, uma linhagem de espoliados

Os Carés constituem uma linhagem na trilogia *O Tempo e o Vento*. Na obra de Erico Verissimo aparecem, ao todo, dezesseis personagens de sobrenome Caré, mas há a sugestão e a indicação de que existiriam muitos outros, ninguém sabe ao certo quantos. Nos textos que compõem os interlúdios da obra, são sete personagens, todos homens: João Caré, Mingote Caré, Lulu Caré, José Caré (Juca feio), Pedro Caré, Quincas Caré e Chiru Caré. Ao longo do fio narrativo principal são mais oito personagens de mesmo sobrenome: Mané Caré, Mauro Caré, Laco Caré, Romualdinho Caré, Lauro Caré, Ismália Caré, Joaquina Caré, Ondina Caré e Antônia Caré. Por entendermos que homens e mulheres têm função diferentes na narrativa de Erico (os homens atrelados à cultura gaúcha, à terra e à guerra e as mulheres inteiramente associadas à questão sexual), dividimos a análise que segue em dois momentos interpretativos, um mais focado nos homens da linhagem Caré e outro nas mulheres.

A seguir, apresentamos tabela com todos as personagens Carés que aparecem em *O Tempo e o Vento* (nos interlúdios e nos capítulos principais), acompanhada de uma breve “descrição social” desses personagens.

Tabela “CARÉS”¹⁷⁰

Nome	Parte da trilogia <i>O Tempo e o Vento</i> em que aparece	Descrição Social
João Caré	(Interlúdio) <i>O continente</i>	É o primeiro personagem Caré a aparecer na trilogia, não sabe nada do seu passado. É muito miserável, vive quase como um “bicho”.
Mingote Caré	(Interlúdio) <i>O continente</i>	Ladrão – Sonhava em ter cavalo, roubou um “tordilho”.

¹⁷⁰ As personagens estão dispostos na mesma ordem cronológica em que figuram na narrativa.

Pedro Caré	<i>(Interlúdio)</i> <i>O continente</i>	Foi para a guerra e perdeu parte do corpo. Não via muito problema nisso porque gostou bastante da guerra. Tinha vários filhos.
Lulu Caré	<i>(Interlúdio)</i> <i>O continente</i>	Barqueiro – Viu os índios atacarem os colonos alemães, mas não fez nada; afirmava não tinha nada com aquilo e a terra era mesmo dos “bugres”.
Caré (Juca Feio)	<i>(Interlúdio)</i> <i>O continente</i>	Traços indígenas. Nunca dobrou a “espinha” diante de ninguém, estava sempre contra o governo. Tinha cavalo, botas, pistola e muitas cicatrizes.
Chiru Caré	<i>(Interlúdio)</i> <i>O continente</i>	Tinha dez filhos, conseguiu licença para erguer um rancho no Angico. Foi para a guerra e gostou, na paz vivia como “bicho”, na guerra como homem.
Quincas Caré	<i>(Interlúdio)</i> <i>O continente</i>	Dono de Rancho – Tem mulher e filhos. Olha o trem passar e diz: “Esse bicho traz seca”.
Ismália Caré	<i>(Narrativa central)</i> <i>O continente, O arquipélago e O retrato</i>	Mais importante personagem Caré, morena de olhos verdes, ligada a Licurgo Terra Cambará.
Laco Caré	<i>(Narrativa central)</i> <i>O continente</i>	Irmão de Ismália
Mané Caré	<i>(Narrativa central)</i> <i>O continente</i>	Pai de Ismália Caré
Mauro Caré	<i>(Narrativa central)</i>	Parente de Ismália

	<i>O continente</i>	
Ondina Caré	(Narrativa central) <i>O retrato</i>	Jovem Caré, de pai desconhecido, mantém envolvimento com Rodrigo Terra Cambará.
Joaninha Caré	(Narrativa central) <i>O retrato</i>	Mãe de Ondina Caré
Romualdinho Caré	(Narrativa central) <i>O arquipélago</i>	Sobrinho de Ismália Caré
Antônia Caré	(Narrativa central) <i>O arquipélago</i>	Sobrinha de Ismália Caré, perde a virgindade com Toríbio Terra Cambará e dorme com Rodrigo Terra Cambará.
Lauro Caré	(Narrativa central) <i>O arquipélago</i>	Cabo, neto de Ismália e Licurgo Cambará, morre na Itália, lutando contra o regime fascista; faz jus a um busto em Santa Fé.

2.1 De João a Laurito - Os homens Carés

2.1.1 “Por essa e por outras foi que a raça dos Carés continuou”

Paralelamente à história principal de *O Tempo e o Vento*, centrada na família Terra Cambará, estão os Coros ou Interlúdios, capítulos intermediários, estampados em itálico. Intercalados à narrativa principal de *O continente*, para criar uma história periférica, dão, conforme Márcia de Borba Alves, em *Tratado das gentes d'O continente, por uma definição da identidade gaúcha*, voz a personagens excluídas socialmente.¹⁷¹ Essas

¹⁷¹ ALVES, Márcia de Borba. *Tratado das gentes d'O Continente: por uma definição da identidade gaúcha*. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 91.

personagens secundárias não têm acesso ao fechado círculo social daqueles que detêm o poder e possuem patrimônio; fornecem outra versão dos fatos à narrativa como um todo.

De acordo com Luzi Lene Flores Prompt, em “O continente dos Carés”, os interlúdios, ao contrário da narrativa principal de *O Tempo e o Vento*, abrangendo um período de muitos anos, são narrativas curtas. Apresentam histórias fechadas (com início, meio e fim), em paralelo à história dos Terra Cambará, esclarecendo pontos que não são explicados nela. Deste modo, conforme a autora, o espaço em que se dá a ação principal fica mais abrangente, podendo o narrador acompanhar personagens em outros países, estados e cidades, mas mantendo como centro do enredo *O continente*, a província de São Pedro do Rio Grande do Sul.¹⁷²

Cabe destacar que o artigo de Luzi Lene Flores Prompt é um dos poucos trabalhos acadêmicos sobre *O Tempo e o Vento* que trata, de forma mais exclusiva, dos Carés, frisando que a narrativa sobre tais personagens expressa uma visão periférica e marginal da sociedade e da guerra. A autora apresenta uma abordagem genérica a respeito dos Carés que aparecem nos interlúdios de *O continente* (não se referindo à presença desses sujeitos na narrativa principal, nem mesmo à Ismália), destacando que estes são introduzidos nos coros a partir da visão de um estrangeiro, um viajante francês. Aponta ainda, na construção espacial que Erico propõe, João Caré como um símbolo da errância dos miseráveis e Chiru Caré como um símbolo da sedentarização precária dos pobres nos entornos de Santa Fé. Entre as contribuições do artigo para esta dissertação, destaca-se o fato de que a análise, eficientemente, esclarece a função do coro no enredo de *O Tempo e o Vento*, que é introduzir uma história paralela ao enredo principal, complementando e elucidando pontos que nela aparecem obscuros, e também ampliar o espaço ficcional, apresentando personagens em outras cidades, estados, países, mas mantendo o Continente de São Pedro como o centro a partir do qual enredam-se as histórias individuais. Diferentemente de Luzi Lene Flores Prompt, nossa proposta inclui a análise das personagens Carés que aparecem nos interlúdios e também na narrativa principal da trilogia, observando o conjunto, isto é, os Carés enquanto um grupo de sujeitos que figura na narrativa e também a individualidade de cada personagem e as relações que estabelecem entre eles.

¹⁷² PROMPT, Luzi Lene Flores. O continente dos Carés. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 83-84, jun. 2005.

Todos os capítulos intermediários, como destaca Márcia de B. Alves, fazem coro para denunciar ou criticar uma situação estabelecida, cumprindo a função de preencher as lacunas da narrativa central, ofertando ao leitor novas possibilidades de leitura dos fatos narrados. O desenho destes capítulos revela a circularidade da obra de Erico, uma vez que todas as personagens apresentadas demonstram, por meio do seu próprio discurso ou por meio do discurso do narrador acerca da personagem, sua opinião a respeito de dois temas fundamentais: a variedade de tipos humanos que habita *O continente* (seus costumes e suas agruras) e a guerra.¹⁷³

Nos interlúdios aparecem personagens como José Borges, Chico Rodrigues (pai do Capitão Rodrigo Cambará), Dona Picucha Terra, José Fandango, Maneco Lírio, um botânico francês, os imigrantes alemães e os Carés, sendo estes últimos as vozes que mais se destacam, aparecendo nos Coro II¹⁷⁴, Coro IV¹⁷⁵ e Coro VI¹⁷⁶. Os Carés, especialmente os homens Carés, são uma espécie de “protagonistas de interlúdios”. No decorrer de *O Tempo e o Vento*, as personagens Carés vão participar também da narrativa principal, mas nesse espaço ficcional terão mais destaque as mulheres Carés e suas relações extraconjugais com os membros da família Terra Cambará. A “raça” dos Carés, conforme Márcia B. Alves, modernamente chamados de sem-terra, homens livres e pobres, representa aqueles não tem “origem, nem paragem, nem razão”.¹⁷⁷

A primeira referência aos Carés em *O Tempo e o Vento* vai ser feita por um estrangeiro¹⁷⁸, um botânico francês (não nomeado), que viaja pelo Continente de São Pedro, observando e anotando os modos de vida dos que viviam naqueles vastos e despovoados campos. O botânico apresenta os Carés como “os pobres-diabos que andavam molambentos e de mãos vazias”. Eram estes sujeitos andarengos dos quais ninguém sabia ou procurava saber a procedência. Entram em cena os Carés:

*Alguns haviam nascido de chinas ou bugras que dormiram com tropeiros,
ladrões de gado, carreteiros, buscadores de ouro e prata, preadores de índios.
Outros eram sobras de antigas bandeiras,*

¹⁷³ ALVES, Márcia de Borba. Op. cit., p. 92.

¹⁷⁴ Trecho inserido entre os capítulos principais Ana Terra e O Sobrado III.

¹⁷⁵ Trecho inserido entre os capítulos principais A Fonte e O Sobrado V.

¹⁷⁶ Trecho inserido entre os capítulos principais Ismália Caré e O Sobrado VII.

¹⁷⁷ ALVES, Márcia de Borba. Op. cit., p.96.

¹⁷⁸ Segundo Márcia de Borba Alves, por meio deste viajante que registra suas impressões acerca dos costumes dos habitantes do Continente de São Pedro, é possível afirmar que Erico reconhece como fidedignas as fontes só recentemente aceitas pela historiografia oficial, como, por exemplo, as anotações de Saint-Hilaire.

*retirantes da Colônia do Sacramento,
escravos foragidos,
desertores do Regimento de Dragões,
castelhanos vindos do outro lado do Uruguai, das planuras platinas: gente
andarenga sem pouso certo,
mamelucos, curibocas, cafuzos, portugueses, espanhóis.
Alguns carregavam suas fêmeas e crias, mas em geral andavam sozinhos.
E eram mais miseráveis que os bugres.*¹⁷⁹

A descrição acima, introduzindo na narrativa esse grupo de indivíduos que Erico denomina de Carés, salienta o seu caráter diverso e mestiço; não destoa muito das anotações da expedição de Hernandarias¹⁸⁰, a respeito dos primeiros habitantes da Província de São Pedro:

*eram alguns criollos soltos, pobres e folgazões porque seus pais não lhes deixaram o que comer, não os ensinaram a trabalhar, nem a procurar trabalho, e junto com eles muitos mestiços que são da própria qualidade.*¹⁸¹

Embora a primeira descrição no trecho narrativo admita entre os Carés escravos fugidos, castelhanos, portugueses, no fenótipo das personagens Carés prevalecem os traços indígenas misturados com alguma coisa europeia incerta, resultando em tipos de olhos claros e tez escura. João Caré, o primeiro Caré a aparecer na narrativa, assim como Ismália (a mais conhecida personagem Caré) tem olhos verdes:

*Ali vai um desses.
Como é teu nome?
João Caré.
Onde nasceste?
Não sei. Acho que cresci do chão como erva ruim que ninguém plantou.*

¹⁷⁹ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 190. (O tempo e o vento; 1).

¹⁸⁰ Hernando Arias de Saavedra (1561, Assunção, Paraguai — 1634 em Santa Fé, Argentina), também chamado de Hernandarias (abreviação do seu nome), foi um militar e político crioulo, o primeiro nascido na América que ocupou o posto de governador de uma região colonial. Durante seu período como governador de Buenos Aires, Hernandarias empreendeu várias viagens de exploração, incluindo expedições ao Uruguai e Brasil para conter o avanço dos bandeirantes portugueses e explorar a navegabilidade do Rio da Prata. Fonte: <http://www.conhecimentogeral.inf.br/hernandarias/>

¹⁸¹ FONSECA Apud DUTRA, 2001, p. 17. FONSECA, Pedro Ari Verissimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Diário da Manhã, 1982.

Tua mãe?
Morreu.
Teu pai?
Nem ela sabia.
Tens pele de mouro, mas donde tiraste esses olhos esverdeados?
*Nunca vi meus olhos.*¹⁸²

Os olhos claros apontam para uma mistura de sangue indígena com sangue português ou espanhol, ou com outra nacionalidade europeia, uma vez que, como a própria narrativa de *O Tempo e o Vento* sugere, a província foi visitada e explorada por muitos viajantes. Explicita-se na fala de João Caré que seus olhos claros são fruto de relações sexuais passageiras e do posterior abandono da “china” e de sua “cria”, que vai crescer vagando por terras alheias. Como avalia Carlos Alberto Dutra, em “A outra face do Rio Grande, ideologia e mitificação do gaúcho histórico”, ao adentrarem o solo rio-grandense, homens de várias procedências “serviram-se como podiam das nativas submissas. Fiéis ao mandamento bíblico, nos vãos de trégua foram misturando seu sangue com o sangue indígena para dar lugar à vasta população mestiça”.¹⁸³ Para Sílvio Romero, foi a herança aborígine a base da estrutura que teria originado o gaúcho andarengo que caracterizou o Rio Grande dos primeiros tempos¹⁸⁴. A predominância do elemento indígena em relação ao negro na caracterização dos Carés (embora não excluindo os últimos) tem sentido histórico, uma vez que havia poucos negros alforriados ou fugidos; e ser um sujeito andante pressupõe ser um sujeito livre, mesmo que miserável.

Para Daniele Marcon, em “*Afinal de contas, que é um gaúcho?*” *Erico Verissimo e as identidades regionais do Rio Grande do Sul*, a representação da sociedade sul-rio-grandense, formada pela união do branco com o indígena e com o negro, é uma marca de identidade regional que integrava o imaginário do romancista Erico Verissimo, assim como o de boa parte da intelectualidade gaúcha.¹⁸⁵ Em *O Tempo e o Vento*, as personagens nativos do sul são apresentados como sujeitos mestiços. A família Terra Cambará é uma família de mestiços, cujo embrião foi o enlace de Pedro Missioneiro (filho

¹⁸² VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 190-191.

¹⁸³ VELLHINHO Apud DUTRA, 2001, p. 18. VELLINHO, Moysés. “O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino”. Belo Horizonte, *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Jan. 1958, v. 3.

¹⁸⁴ CANDIDO, Antonio. Mestiçagem e Literatura. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978, p. 54-55.

¹⁸⁵ MARCON, Daniele. “*Afinal de contas, que é um gaúcho?*”: Erico Verissimo e as identidades regionais do Rio Grande do Sul. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade)–Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015, p. 121.

de uma índia com um branco de origem desconhecida, provavelmente um castelhano) com Ana Terra, que era filha de portugueses proveniente de Sorocaba. A mestiçagem na narrativa de Erico não é atributo dos Carés, mas atributo étnico dos nativos do Rio Grande, incluindo aí os Carés e os Terra Cambará.

Erico Verissimo, entretanto, em seu texto ficcional, apresenta os Carés como membros de um grupo de marginalizados, de gente muito pobre. João Caré vivia quase na condição de um animal:

*João Caré anda sozinho, de pés no chão, quase nu, mal tapando as vergonhas com um chiripá esfarrapado. No inverno, quando o minuano sopra, ele cava na terra uma cova e se deita dentro dela. Quando a fome aperta e não há nada que comer, João Caré mastiga raízes, para enganar o estômago. E, quando o desejo de mulher é muito, ele se estende de bruços no chão e refocila na terra.*¹⁸⁶

A gente dos Carés perdurou pelo fato de que esses “pobres diabos” andarilhos eram muitos e tiveram muitos filhos e, os que não morriam e ficavam enterrados na terra dos outros, sobreviviam porque no descampado que era o Rio Grande de *O continente* havia muita fruta nos matos, água nos rios e gado¹⁸⁷ espalhado por toda a província.

Pobre não se casa, se junta. João Caré um dia se junta com uma china. Fazem rancho de barro com coberta de capim. E começam a ter filhos. A única coisa que plantam na terra que não lhes pertence são os filhos que morrem. Os que sobrevivem se criam com a graça de Deus.

*Um dia vem um homem a cavalo e grita:
Quem te deu licença pra fazer casa nestes campos?
Ninguém.
Esta terra é muito minha, tenho sesmaria d’El-Rei. Toca daqui pra fora!*

¹⁸⁶ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p.191.

¹⁸⁷ Conforme Jussemar Weiss Gonçalves, em *A ocupação do pampa* (2013), o gado vai ser introduzido na região do Rio da Prata (próxima à atual Assunção) de duas formas: uma, via contrabando (por volta de 1552, rebanhos oriundos da capitania portuguesa de São Vicente); outra, por volta de 1568, rebanhos vindos de Santa Cruz de la Sierra. Em 1610, já havia gado, graças à qualidade do pasto, do solo, como gado chucro estendendo-se por todo o Pampa (Argentina, Uruguai e Brasil), ocupando as regiões, fornecendo uma forma de alimentação fácil e rápida.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0kgyRbj21KA>

*De pobre até o rastro é triste. Mas há muita fruta no mato, água nas sangas e mais os bichos de Nosso Senhor. Às vezes até encontram a fressura de alguma rês recém-carneada: é só limpar a terra.*¹⁸⁸

As razões pelas quais Erico Verissimo atribui aos Carés a caracterização de uma “raça” distinta – independentemente de cor, pois a mestiçagem era uma característica geral –, dá-se, ao que parece, pelo fato de serem eles homens livres, desprovidos de tudo que não fosse a sua própria liberdade, desprovidos especialmente de terra, em um Rio Grande e em um Brasil colonial. Nesse território, segundo Sílvio Romero, desde o início, toda a população dividiu-se em duas grandes classes, senhores e escravos. Aqueles eram brancos e os outros – os negros e os índios. Os mestiços e pobres, mesmo livres, eram marginalizados, com poucas chances de ascensão social; tinham ainda dificuldade de exigir melhores condições de vida dado um sistema político e cultural que privilegiava e valorizava quem tinha posses, especialmente terras.¹⁸⁹

Para Jean-François Verán, em *Raça Existe? Clarificando equívocos, devolvendo a pergunta...*, no âmbito social, a palavra “raça” assume vários significados, sentidos plurais. Raça de pobres pode ser um deles, uma vez que este é um termo que existe como construção social. Racismo, nesse caso, torna-se, também, uma manifestação de preconceito de classe, dirigido aos sujeitos menos favorecidos economicamente.¹⁹⁰

Segundo Martha Hameister, em *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c.1727-c.1763)*, a noção de “cor”, herdada do período colonial, não designava apenas matizes de pigmentação ou níveis diferentes de mestiçagem, mas buscava definir lugares sociais, nos quais cor e condição estavam indissociavelmente ligadas. Segundo a autora, a sociedade gaúcha em formação reinterpretava as origens étnicas de seus membros de acordo com a posição ocupada pelos seus habitantes na hierarquia social. Ela pondera que é importante ter cuidado na designação de um habitante do Continente de São Pedro como “branco”, “negro”, “pardo” ou “índio”. Isso porque, mais que uma alusão à sua pigmentação de pele, o denominativo baseado em origem étnica era uma referência ao *status* social e ao

¹⁸⁸ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 191.

¹⁸⁹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade no Brasil. Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978, p. 12-14.

¹⁹⁰ VÉRAN, Jean-François. Prefácio – Raça existe?: clarificando equívocos, devolvendo a pergunta... In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, FAPERJ, 2010. p. 11.

grau de proximidade do sujeito com as instâncias de poder político/econômico que caracterizavam as relações entre homens livres.¹⁹¹

É essa sutileza nas relações entre classes e enquadramento étnico que talvez Erico Verissimo queira transmitir ao apresentar os Carés como membros de uma raça, como um grupo específico que se distinguia dos demais, em *O Tempo e o Vento*. A origem e a mestiçagem entre Terra Cambará e Caré não difere muito. Mas os Terra vão ter a terra e, depois, juntando-se ao clã dos Cambarás, e apossando-se de uma estância, vão fazer parte da elite; os Carés, não. Os ricos não eram “vistos” como mestiços, apesar de sua ascendência racialmente misturada, enquanto os pobres tinham seu caráter mestiço acentuado nas relações sociais de “cima para baixo”.

De acordo com Mariana Lima Marques, em *A Dominação, O Tempo e o Vento: dominação pessoal e patriarcalismo no romance de Erico Verissimo*, a história da ascensão da família Cambará é, desde o começo da narrativa, uma saga de opressão. O índio Pedro Missioneiro foi morto pelos irmãos de Ana Terra, restando de sua lembrança apenas um objeto, o punhal. Quanto aos Carés, nas trajetórias de João (o primeiro Caré) a Laurito (o último Caré) evidenciam-se os aspectos de dominação e marginalidade social. Os oprimidos desaparecem em certos momentos do romance, mas mantêm-se presentes mesmo ocultos: estão sempre ali, margeando a trajetória dos protagonistas da ficção.¹⁹²

Para Mariana L. Marques, se há em *O Tempo e o Vento* a configuração de uma base narrativa que apresenta um jogo de forças, isso se dá porque o Continente de São Pedro já nasce desterritorializado e povoado por pessoas sem lugares próprios, como os Carés, situação que configura um cenário de exclusão, rebeldia e dominação.¹⁹³ O início da trajetória da família Terra Cambará é obscuro, com a eliminação do elemento indígena; na sequência narrativa, acompanha-se a formação de um poderoso clã, sendo possível delimitar a linha familiar do início ao fim (quem é filho, quem é o pai, quem é a mãe). Os Carés são apresentados como pertencentes a uma raça que congrega mais de um núcleo familiar, além de sujeitos que viviam sozinhos no mundo. Na ascendência de quase todos as personagens Carés vigoram lacunas. Quem é o pai? Quem é a mãe? Quem é o avô? De

¹⁹¹ HAMEISTER, Martha Daisson. *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c.1727-c.1763)*. 2002. 265 f. Dissertação (Mestrado em História Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, p. 48.

¹⁹² MARQUES, Mariana Lima. *A dominação, o tempo e o vento: dominação pessoal e patriarcalismo no romance histórico de Erico Verissimo*. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p. 43.

¹⁹³ Ibidem, p. 43.

onde eles vêm? Ninguém sabe! A exceção está no final da narrativa de *O Tempo e o Vento*: o personagem Laurito Caré, neto de Ismália e Licurgo, cujos pais (que não têm os nomes revelados) são casados, aparece como membro de uma família Caré aparentemente estruturada.

Quando Bibiana Terra Cambará permite que Chiru Caré construa um rancho nas terras do Angico, e a família dele passa a viver das sobras da gente Terra Cambará, um clã dos Carés deixa de ser errante. Fixa-se, mas completamente dependente¹⁹⁴ da “solidariedade” da aristocracia. Diferentemente da família Terra Cambará, que tem uma árvore genealógica (Imagem 1) clara, a árvore genealógica dos Carés (Imagem 2 e 3), recomposta nesta pesquisa, rastreando-se os interlúdios e os capítulos principais, esbarra na ausência de informações claras a respeito da paternidade e também da maternidade dos Carés. *O Tempo e o Vento* deixa vazios significativos na configuração dessa linhagem: são filhos de quem não se sabe o nome do pai, filhos de quem não se sabe o nome da mãe, um número significativo de existências sem procedência certa, o que, de alguma forma, caracterizou a trajetória de grupos marginalizados do Brasil ao longo da história.

O primeiro Caré que aparece na narrativa de Erico, João Caré, vive sozinho até se juntar a uma china (anônima), com quem tem filhos. O texto não informa quantos; sabe-se, contudo, que João, precisando de dinheiro, vende a filha mais nova para um coronel. Assim nasce Mingote Caré e a filha de João passa a ter filhos de vários homens, surgem as “crias” de pais não nomeados. Mingote Caré, depois de crescido, sonha em ter cavalo e acaba roubando um; é morto por um estancieiro: “Esse foi o fim de Mingote, mas não o de sua raça. Porque havia outros Carés espalhados pelo continente”.¹⁹⁵ Lulu Caré e José Caré (Juca Feio) vivem sozinhos, Pedro Caré vai ter uma china (anônima) e muitos filhos. Quincas Caré também vai ter mulher e filhos, mas, de todos os Carés, quem mais deixa prole é Chiru Caré, dez, sem contar os mortos. Chiru, ao abandonar a vida de andarilho, passa a morar, de favor, nas terras de Bibiana Terra Cambará. Dessa forma, os Carés deixam a condição de “protagonistas de interlúdios” e passam a margear a narrativa

¹⁹⁴ A situação do dependente, destaca Jessé Souza, vai estar marcada pela posição intermediária entre o proprietário rural e os escravos, obrigados a exercer trabalhos forçados. Era o dependente um despossuído formalmente livre, cujo único modo de sobrevivência era ocupar as franjas do sistema como um todo. SOUZA, Jessé. *A Construção Social da Subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Ed. cit., p. 122.

¹⁹⁵ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 163. (*O tempo e o vento*; 1).

principal de *O Tempo e o Vento*. Ao que tudo indica, Ismália Caré seria neta de Chiru Caré, porque o texto apenas esclarece que ela é filha de Mané Caré e tem um irmão chamado Laco Caré e dois sobrinhos (não diz de quem são filhos): Romualdinho Caré e Antônia Caré (que vai casar e ter uma neta).

Ismália, a mais conhecida dentre os Carés, torna-se amásia de Licurgo Cambará e com ele terá um filho (personagem sem nome), que virá a ser o pai do personagem Cabo Laurito Caré, indivíduo de quem só se fala depois de morto. Laurito será um Cambaré, uma mistura de Cambará com Caré, sendo o último personagem de *O Tempo e o Vento* a morrer em combate. O rapaz, como aconteceu com muitos outros homens Carés ao longo da narrativa de Erico, é recrutado para lutar como soldado – na Segunda Guerra Mundial – e acaba morrendo na Itália. Ao perder a vida peleando em um conflito do qual desconhecia as causas, torna-se herói em Santa Fé e tem o busto erigido em sua homenagem. A respeito desse monumento, Eduardo, o filho comunista do Dr. Rodrigo Terra Cambará comenta:

— O destino dos Carés — glosa Eduardo — foi sempre lutar na “guerra dos outros”, sem nenhum proveito para o seu clã. Esse bem podia ser também um monumento ao Alienado Social.¹⁹⁶

Cabe assinalar que Laurito morre, mas Antônia, sobrinha de Ismália, já tem até netos (como é possível perceber no capítulo intitulado “Diário de Sílvia”). É o fim de Laurito, mas não o fim dos Carés; eles seguem sendo muitos e invisíveis.

¹⁹⁶ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 334. (O tempo e o vento; 3).

Figura 01 – Árvore¹⁹⁷ genealógica da Família Terra Cambará

¹⁹⁷ Árvore genealógica divulgada na 3ª edição da trilogia. Projeto Gráfico: Raul Loureiro. Fonte: VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 7 v.

Figura 02 - Árvore Genealógica dos Carés (Interlúdios)

Figura 03 - Árvore Genealógica de Família Caré (ligada à Família Terra Cambará)

2.1.2 “Os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada”

As personagens Carés de *O Tempo e o Vento* são gaúchos. São gaúchos porque habitavam o Continente de São Pedro, atual estado do Rio Grande do Sul, e são gaúchos, sobretudo, porque assim Erico Verissimo os define, no momento em que os introduz nos interlúdios da narrativa:

*Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada; os pobres-diabos que andavam molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os de sua igualha.*¹⁹⁸

Assim, não cabe negar o que o autor, por meio do narrador, afirma, mas problematizar a questão. Carés são gaúchos! Mas que gaúchos?

No período colonial, segundo Daniele Marcon, “guasca” e “gaudério” eram termos utilizados para denominar certos habitantes do Rio Grande do Sul, sendo o segundo dotado de um sentido pejorativo, referindo-se aos vagabundos¹⁹⁹ errantes e contrabandistas de gado numa região onde os limites territoriais eram bastante móveis devido aos conflitos entre Portugal e Espanha. No final do século XVIII, esses indivíduos passaram a ser chamados de “gaúchos”, mas o sentido pejorativo do termo manteve-se. Em 1820, o botânico francês Saint-Hilare, em seu relato de viagem, reproduz as visões preconceituosas que proprietários de terra da região tinham em relação à figura do gaúcho²⁰⁰: “homens sem religião e sem moral, a maior parte índios ou mestiços, que os portugueses designavam sob o nome de Garruchos ou Gaúchos”.²⁰¹

¹⁹⁸ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 190. (O tempo e o vento; 1).

¹⁹⁹ Para Robert Castel, em *A metamorfose da questão social: uma crônica do salário*, em uma estrutura social em que o estatuto de um indivíduo depende de uma rede fechada de interdependência, o vagabundo representa uma mancha bastante visível, uma vez que estamos nos referindo a um sujeito totalmente desterritorializado, sobre o qual irá recair uma série de medidas controversas. Seguramente houve vagabundos perigosos: saqueadores em bandos que viviam de pilhagem de populações, os debochados, os devassos, etc. Mas a categoria vagabundo, enquanto sujeito a-social e maléfico, é uma construção estabelecida a partir de uma franja de a-sociabilidade que cobre uma multidão de “pobres-coitados”, incluindo-se muito “inocentes”. A tendência à não-inocência é grande, uma vez que aludimos a pessoas carentes de tudo, sem recursos, trabalho ou proteção. CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. [11. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 119-136.

²⁰⁰ MARCON, Daniele, Op. cit., p. 107.

²⁰¹ SAINT-HILAIRE Apud MAESTRI, 2008, p.72. SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Trad. de A. M. da Costa. 2ed., 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro p. 129-130, 136.

Para Augusto Meyer, em *Gaúcho: história de uma palavra*, o gaúcho na sua condição primitiva, assim como os Carés dos interlúdios de *O Tempo e o Vento*, é o habitante quase nômade da vasta planície platina de um lado e de outro do Rio da Prata.²⁰²

É argentino, é uruguaio e é brasileiro. Em toda a extensão o gaúcho é quase internacional, tipo étnico, branco ou mestiço (mas frequente mestiço de sangue indiano); não é todavia pelos seus caracteres étnicos que êle se define, mas diversamente pelo seu viver errante, de aventura sem pouso certo.²⁰³

Antônio Hohlfeldt, em *O gaúcho: ficção e realidade*, afirma que o gaúcho é um marginal psicológico e social pela forma como vive e também pelas origens mais imediatas, familiares, quase sempre um mestiço ou um sujeito sem família.²⁰⁴ A descrição dos Carés em *O Tempo e o Vento*, especialmente nos interlúdios, ganha contornos definidos: gente itinerante, sem-terra, mestiços, indivíduos de várias procedências, que comem o gado alheio, que vendem as filhas para matar a fome do resto da família, que roubam cavalos, não fugindo muito do gaúcho real, referido pela história como um sujeito miserável e recriminado. O ser andarilho, neste caso, não parece uma opção por liberdade, mas um modo de sobrevivência em um meio hostil.

Entretanto, os Carés não têm cavalo, com exceção de José Caré (Juca Feio). Na história principal, Romualdinho Caré (sobrinho de Ismália) faz serviços de levar e trazer informações montado em um cavalo pertencente à estância da família Terra Cambará. Romualdinho, além de Caré, tem a denominação no diminutivo, o que parece uma forma de inferiorizar ainda mais o rapaz. Dificilmente um gaúcho astuto e viril permitiria que o chamassem assim. Colocar apelidos, acrescentando atributos ao nome, costuma ser também uma forma de discriminação que, no geral, os homens mais “fortes” exercem em relação aos mais “fracos”, sendo que, para estes últimos, é melhor aceitar de bom grado do que reagir à “ofensa” e sofrer represálias.

Ao que tudo indica, e dadas as condições de miserabilidade da linhagem dos Carés, eles executavam os serviços que apareciam pelos caminhos da sua vida de nomadismo. Lulu Caré, o único Caré do interlúdio apresentado como alguém de profissão

²⁰² MEYER, Augusto. *Gaúcho: história de uma palavra*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957, p. 68.

²⁰³ Ibidem, p. 68.

²⁰⁴ HOHLFELDT, Antonio. *O gaúcho: ficção e realidade*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982, p. 107.

certa, trabalhava como barqueiro, um nômade não nas terras, mas nos rios do Continente de São Pedro:

O Lulu, por exemplo.

Vivia sozinho, era barqueiro, e andava por muitos daqueles rios

o Caí

o Jacuí

*o Taquari*²⁰⁵

Os gaúchos permaneceram, de acordo com Daniele Marcon, identificados como andarilhos, vagabundos, até meados do século XIX, quando, com a organização das estâncias e a afirmação dos fazendeiros, o termo obteve o sentido elogioso de peão e guerreiro. Com a ressignificação do termo, o tipo social, antes desviante e marginal, passou a ser o símbolo de uma identidade regional.²⁰⁶

Maria Eunice Moreira, em *Regionalismo Gaúcho: um estudo tipológico*, lembra que a passagem do *gaúcho-pária* para o *gaúcho-herói* aconteceu no momento que o estancieiro necessitava do homem socialmente inferior para defender a sua propriedade e executar o trabalho pastoril, que era o que mantinha o regime econômico da província. Enfatizando a bravura do soldado, de um lado, e do peão, do outro, coloca e consagra o gaúcho em posição superior, dando à palavra um sentido de heroísmo e cavalheirismo. Assim, quando o marginal torna-se útil para a classe dominante, é consagrado como herói. Ao longo do tempo, a figura do homem gaúcho precisou passar por um processo de ressignificação cultural, por meio do que se chegou ao atual significado de habitante do estado do Rio Grande do Sul.²⁰⁷

Mesmo os Carés, na figura de Chiru Caré e de seus descendentes, tendo deixado a vida seminômade para se instalarem nas terras da família Terra Cambará, não deixaram de ser considerados párias, insignificantes, dependentes da ajuda alheia, sem a qual não teriam teto e comida. Os Carés só serão tratados como iguais, valorizados pelos habitantes de Santa Fé, na guerra, quando lutarão com bravura em nome dos seus senhores. Há um personagem nos interlúdios de *O Tempo e o Vento* que parece referendar perfeitamente

²⁰⁵ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 163. (O tempo e o vento; 1).

²⁰⁶ MARCON, Daniele, Op. cit., p. 107.

²⁰⁷ MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo gaúcho: um estudo tipológico*. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979, p. 76.

no modelo do gaúcho primitivo, sempre no lombo do cavalo, andarilho e ladrão. E ele não é um Caré. É Chico Rodrigues, pai do personagem Rodrigo Cambará:

*E nos anos que se seguiram não houve quem não conhecesse no continente de São Pedro a fama dum tal Chico Rodrigues, chefe dum bando de arneiros, e que não respeitava a propriedade de El-Rei. Apossava-se de terras sem requerer carta de sesmaria, assaltava tropas, roubava gado, andava sempre com uma índia na garupa [...].*²⁰⁸

Chico Rodrigues requer sesmaria, faz casa, passa a ser proprietário rural e muda de nome: Chico Cambará. Os Carés, incapazes de roubar um cavalo, continuaram pobres e sem terra. Na percepção crítica de Augusto Meyer, houve muita idealização da vida semibárbara dos antigos gaudérios.²⁰⁹ Talvez muitos deles fossem mais Carés do que Rodrigues ou que, junto ao gaúcho primitivo, dividindo o pago e sobrevivendo ao inóspito e abandonado Continente de São Pedro, estivessem miseráveis como os Carés, cuja existência foi esquecida, ignorada. Privilegiou-se um certo tipo de gaúcho (o aventureiro a cavalo), que foi um em entre tantos outros indivíduos que circularam no território do Rio Grande do passado. Essa figuração, contudo, deu origem ao mito do gaúcho, tão propagado, especialmente pela literatura regionalista.

O mito do gaúcho, segundo Daniele Marcon, passou por transformações ao longo do tempo: primeiramente, o homem do campo era idealizado, em contraposição ao homem da cidade; depois, passou-se para a oposição entre o gaúcho e o não gaúcho; finalmente, na expansão definitiva do mito, ele passa a representar todo o habitante sul-rio-grandense. São mudanças que estiveram diretamente relacionadas aos processos políticos vigentes e à tomada de poder por diferentes classes dominantes.²¹⁰ O advento do mito acabou escondendo a verdadeira situação do homem sul-rio-grandense e nesse homem incluem-se muitos Carés.

De acordo com Elizabeth Rizzato Lara, em *O gaúcho a pé: um processo de desmistificação*, as manifestações das características intrínsecas do gaúcho que contribuíram para a formação do mito, embasando o protótipo do gaúcho na literatura nacional, são força telúrica, energia, coragem, apego aos animais, principalmente ao

²⁰⁸ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 90-91. (O tempo e o vento; 1).

²⁰⁹ MEYER, Augusto. Op. cit. p.16-17.

²¹⁰ MARCON, Daniele, Op. cit., p. 106.

cavalo, espírito guerreiro, desejo de aventuras, nobreza de sentimentos – honradez, lealdade –, desejo de liberdade e nomadismo, assim como o gosto da lida campeira.²¹¹ José Caré, conhecido como Juca Feio, parece ter quase todas as características de um gaúcho mitificado:

*Havia também o José Caré, por alcunha Juca Feio.
Nunca dobrou a espinha diante de ninguém, sempre estava contra o governo.
Contam que tinha cavalo, boas botas e pistolas na cinta.
Usava chapéu de barbicacho e cabeleira tão comprida que dava até para fazer trança.
Era indiático, carrancudo, mal-encarado e de fala fina.*²¹²

José, todavia, o único dessa lacunosa linhagem a ter um apelido (Juca Feio) disfarçando a sua condição de Caré, também é o único a ser um gaúcho “típico”. Todos os outros Carés (delineados nos interlúdios e no entrecho principal) não terão a posse de cavalos ou de outros utensílios que os identifiquem como gaúchos. Mingote Caré, como assinalado anteriormente, sonhava em ter um cavalo, buscando algum reconhecimento através da posse da montaria, um dos símbolos de honra dos gaúchos.

O gaúcho, segundo Nicolau Dreys, em *Notícias descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro* (1839), é identificado com o cavalo, pois nasce, vive e morre com ele, o bicho nunca se importa com seus vícios e qualidades.²¹³ Para Elizabeth R. Lara, o mito do gaúcho não pode ser mantido sem a existência do cavalo. O gaúcho a cavalo tem a estância, a distância, o trabalho e o lar – todos sustentáculos do mito.²¹⁴ Mingote Caré não tem o cavalo e não tem terra, só tem o sonho de possuir o animal, o que sugere que ambiciona o *status* e o respeito social atribuídos a homens que possuem montaria. Em *O Tempo e o Vento*, Erico não exclui homens similares ao gaúcho idealizado, estão lá personagens como o Capitão Rodrigo Cambará e Fandango que simbolizam essa figura, mas o autor engloba em sua narrativa aqueles outros gaúchos: os que não se enquadram inteiramente no mito, como os Carés.

²¹¹ LARA, Elizabeth Rizzato. *O gaúcho a pé: um processo de desmistificação: ensaio*. Porto Alegre: Movimento/Fisc, 1985, p. 10.

²¹² VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 164. (O tempo e o vento; 1).

²¹³ DREYS Apud Mayer, 1957, p. 59. DREYS, Nicolau. *Notícias descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro*. Rio de Janeiro, J. Villeneuve e comp, 1839, p. 161.

²¹⁴ LARA, Elizabeth Rizzato. Op. cit., p.15.

Os Carés, exceto Juca Feio, podem até ter alguns traços do gaúcho primitivo (um mestiço marginalizado), mais real, mais humano, apresentado nas obras de escritores como Augusto Mayer e Manoelito de Ornellas. Contudo, certamente não se adequam ao mito do gaúcho fomentado pela literatura regionalista. Não faltam aos Carés apenas os apetrechos do gaúcho idealizado – o cavalo, a bombacha e a espora –, como também, em tempos de paz, os atributos de caráter vinculados ao mito. Lulu Caré assistiu, passivamente, a vários imigrantes serem mortos pelos índios. João Caré vendeu a filha. Mingote roubou um cavalo. Mauro Caré (irmão de Ismália) lutou contra os homens do Sobrado que lhe davam abrigo e comida²¹⁵. A solidariedade, a compaixão, a honra, a honestidade, a fidelidade ao patrão, a cabeça erguida, a astúcia, os qualificativos do gaúcho nem sempre podem ser atribuídos às personagens de sobrenome Caré. São homens que, em tempos de paz, vivem de cabeça baixa, que não têm o suficiente para se permitir a extravagância do orgulho e de outras atitudes nobres. Na guerra, os mestiços Carés (mestiços como o gaúcho herói) assumem a bravura do gaúcho mítico e lá são respeitados e tratados como gente. A guerra parece ser fácil para sujeitos como os Carés, porque exige instinto de sobrevivência, em face do horror e das dificuldades vivenciados nos embates. Quem já vive uma vida dura em tempo de paz, adapta-se mais facilmente à realidade dura da guerra.

Na avaliação de Lígia Chiappini Moraes Leite, em *Regionalismo e modernismo*, a literatura regionalista costuma retratar o gaúcho herói (generoso, viril, forte, aguerrido e bom campeiro) como um sujeito de pele, cabelo e olhos escuros e o gaúcho anti-herói (egoísta, fraco, feminino, medroso e pouco afeito à lida no campo), quase sempre forasteiro, como alguém de pele clara, cabelos claros e olhos claros.²¹⁶ Os Carés são retratados por Erico como morenos de olhos claros, tendo, assim, na própria constituição física um traço do gaúcho herói e um traço do anti-herói. Tal ambiguidade vai se irradiar para o comportamento das personagens que, na guerra, são valentes, leais, solidários e, na paz, humildes, covardes e dissimulados.

Para Daniele Marcon, a imagem do gaúcho heroico, continuamente presente em representações literárias, do regionalismo ou não, corresponde a determinadas características e hábitos esquematizados, movimentando-se em uma paisagem invariável,

²¹⁵ Mauro Caré, parente de Ismália Caré, luta (e morre) contra Licurgo Terra Cambará e o Sobrado na Revolução Federalista.

²¹⁶ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978, p. 55-90.

com uma linguagem típica, passando por situações de vivência previamente determinadas. Devido a isso, o estereótipo do gaúcho assumiu, conforme a estudiosa, feições bastante limitadoras.²¹⁷ Para ela, o gaúcho de bombacha e a cavalo não foi o único a representar o Estado no tempo pretérito; havia uma heterogeneidade de indivíduos, havia também os gaúchos muito pobres, que não tinham cavalo e nem bombacha, que não possuíam nada.²¹⁸ Carés, da forma como a maior parte deles apresenta-se em *O Tempo e o Vento*, jamais seriam mitificados, como um Capitão Rodrigo Cambará, enquanto símbolo do Estado. Falta-lhes o orgulho, a altivez, a bravura, características incompatíveis com a situação de penúria em que se encontravam, mas comuns no espelho dos nativos do Rio Grande. Ninguém se vê como um pária, mas todos se reconhecem no herói.

Na percepção de Márcia de Borba Alves, o importante é considerar que Caré também é gaúcho, filho e produto do solo rio-grandense, onde lutou em muitas batalhas, dando continuidade à sua prole, numerosa, de forma a abastecer os exércitos e as lavouras.²¹⁹ Tais personagens marcam, na narrativa de Erico, as diferenças sociais identitárias presentes no Estado do Rio Grande do Sul desde a sua fundação, distinguindo-se enquanto em um grupo numeroso de indivíduos que, pela ausência de oportunidades, permanece em situação de inércia e miséria ao longo de muitos anos, sustentando como vassalos um sistema mantido pelo poder e prestígio concentrados nas mãos de latifundiários.

Erico Verissimo, ao fazer uma espécie de painel do Rio Grande em *O Tempo e o Vento*, buscou mostrar a diversidade de sujeitos humanos que formaram o Estado sulino e indivíduos como os Carés são (um pouco acima dos negros escravos) a extremidade inferior desta diversidade. Para Erico, não há um único tipo de gaúcho:

Alguns de seus leitores futuros dirão que no Cap. Rodrigo você procurou simbolizar o gaúcho.

- Não concordo. Há gaúchos e gaúchos.²²⁰

²¹⁷MARCON, Daniele, Op. cit., p. 108.

²¹⁸ Ibidem, p. 114.

²¹⁹ ALVES, Márcia de Borba. Op. cit., p. 103.

²²⁰ VERISSIMO Apud HOHLFELDT, 1982, p. 68. VERISSIMO, ERICO. *Um Certo Capitão Rodrigo*. Porto Alegre, Globo, 1970.

O romancista, como destaca Daniele Marcon, não desejou fortalecer em *O Tempo e o Vento*, o mito consagrado no passado, mas expor um Rio Grande “sem máscaras”, mais amplo e mais belo que do que contavam muitas “fantasias” atribuídas a um tipo gaúcho idealizado. Entretanto, Erico não deixou de registrar o mito em sua obra, e nem poderia, já que nela encontra-se uma dimensão significativa da cultura gaúcha²²¹: mesmo entre Carés, os mais miseráveis, lá estava, Juca Feio, um “sem eira e nem beira”, mas com todos os apetrechos do “típico” gaúcho. Segundo a autora, o gaúcho do Rio Grande do Sul seria dotado de uma qualidade híbrida desde sua origem, devido à matriz mestiça, algo que se manteve ao longo dos anos graças à diversidade cultural que o compunha. O gaúcho, assim, seria tanto o homem dos pampas, de bombachas, quanto o imigrante alemão e italiano, o negro, o índio, a mistura de todos estes e tantos outros que passaram a integrar o Estado.

Quando se trata da identidade sul-rio-grandense, afirma Daniele Marcon, o gaúcho heroico não pode ser excluído e não foi excluído de *O Tempo e o Vento*. De uma forma ou de outra, ele constituiu um traço distintivo dos habitantes – mas não o único – e um contraponto com identidades de outras regiões, consolidado no imaginário coletivo do Estado sulino, graças, especialmente, à literatura. Nesse sentido, conforme destaca Hohlfeldt, até a literatura de Simões Lopes Neto ainda existia a possibilidade de idealizar o tipo do gaúcho. A partir de Alcides Maya, porém, já fica evidente a divisão de classes, divisão que Erico vai mostrar em *O Tempo e o Vento* de forma ainda mais ampla e abrangente, centrando o seu enredo na elite, mas representando outras camadas que formam a sociedade.²²²

Para Márcia de Borba Alves, Erico Verissimo, em *O Tempo e o Vento*, contribui para a busca de uma identidade gaúcha como processo, uma vez que o sentimento de pertencer a algum lugar, ou seja, a estreita relação entre identidade e contexto, é registrada sob várias formas, sem o privilégio de uma dada identidade, única e original.²²³

Nesse sentido, lê-se em *O arquipélago*:

– Mas é assustador! – exclama. – Os senhores destroem tudo, não acreditam em nada e em ninguém! Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?

²²¹ MARCON, Daniele, Op. cit., p. 120.

²²² HOHLFELDT, Antonio. Op. cit., p. 107.

²²³ ALVES, Márcia de Borba. Op. cit., p. 104.

Florianos olha para o estancieiro e diz tranquilamente:

– Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade.

– Mas o que é que o senhor chama de realidade?

– O que somos, o que temos. E não vejo por que tudo isso deva ser necessariamente menos nobre, menos belo ou menos bom que essas fantasias saudosistas do gauchismo com que procuramos nos iludir e impressionar os outros.²²⁴

Os Carés, à luz das reflexões até aqui realizadas, não se encaixam totalmente no tipo do gaúcho idealizado, mas também não o negam inteiramente. Também não se encaixam na descrição do gaúcho primitivo (embora estejam mais próximos deste), mas também não os negam inteiramente. Carés não se encaixam totalmente porque a representação literária que Erico faz desses sujeitos, mesmo eles margeando as páginas da história narrada em *O Tempo e o Vento*, é uma representação humana. E humanos reais não são como tipos; são complexos, são variados e, mesmo em sua absoluta pobreza, é possível encontrar diversidade.

2.1.3 “Sem títulos, nem terras, nem galões”

A história da nação brasileira, segundo Mariana Lima Marques, está atrelada ao latifúndio, fenômeno introduzido no país pelo colonizador português. Terra tornou-se sinônimo de poder, prestígio e dinheiro e, quanto mais terras, mais importante era o sujeito e sua família, e mais pessoas dominadas e submissas circulavam em sua órbita²²⁵.

Para Clarissa Sanfelice Rahmeier, no Rio Grande do Sul, a propriedade da terra direcionou as relações sociais no contexto do estancieiro e conferiu significados variados ao seu proprietário, de acordo com o período histórico estudado. Durante muito tempo, foi possível atribuir à terra um caráter biográfico, pois a ela atrelavam-se atributos

²²⁴ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 3. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 293. (O tempo e o vento; 3).

²²⁵ MARQUES, Maria Lima. Op. cit., p. 56-57.

personais. A partir do significado dado à terra, eram constituídos os papéis e as relações sociais.²²⁶

Nos interlúdios de *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo descreve como o descampado do Rio Grande de outrora atraía indivíduos como Horácio Terra, pai de Ana Terra, interessados em se tornarem proprietários, gozando o poder e o prestígio conferidos a um estancieiro. Ao mesmo tempo, adverte que aquele era um território inóspito, afastado do centro do país, com forte presença indígena e envolvido diretamente nas disputas territoriais entre Portugal e Espanha.

*Pra lá muito povo tem ido, desta vila e doutros lugares. Vi gentes que saíram apenas com a roupa do corpo e a bolsa vazia. Sei que hoje são senhores de estâncias de gado, com léguas de sesmaria; têm patações, onças, cruzados, boas botas e senhoria. Mas ouvi dizer que no Continente a vida é dura, os índios são brabos, e é preciso ter cuidado com os vizinhos castelhanos, com as feras e as cobras e o Regimento de Dragões.*²²⁷

De acordo com Clarissa S. Rahmeier, na conjuntura do Continente de São Pedro, a terra, em um primeiro momento, era dada como sesmaria a um homem branco (europeu ou seu descendente) em caráter hereditário, como forma de legitimar um *status* adquirido por meio de participação em batalhas ou herdado por laços familiares. Esse homem passava a ter um compromisso com o governo e a deter poderes políticos na região em que a sua posse de terra estava estabelecida²²⁸.

Ser proprietário de uma sesmaria significava possuir um bem inalienável que objetificava um poder não somente econômico, mas também político, garantidor da estrutura social e dos laços de dependência que se constituíam a partir da propriedade da terra. Tal poder advindo da condição de proprietário de terra estava relacionado ao status que essa mesma condição proporcionava. Ou seja, a terra como coisa inalienável conferia status ao seu possuidor e, por intermédio desse status, conferia poder. O status e o poder atribuídos ao estancieiro pela posse da terra eram utilizados por ele para usufruir do trabalho de indígenas e

²²⁶ RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. A terra como cultura material: poder e *status* na sociedade gaúcha oitocentista. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, n. 10, p.11, jul./dez. 2009, p. 11.

²²⁷ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89. (O tempo e o vento; 1).

²²⁸ RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. Op. cit., p. 12.

negros. A estrutura social configurava-se, então, de acordo com a propriedade da terra como bem inalienável²²⁹.

Na formação do Continente de São Pedro descrito por Erico, nos interlúdios de *O Tempo e o Vento*, muitas vezes o acesso à terra vai se dar por meio de roubos e de ações ilegais, já que a região estava bastante afastada do controle do poder central português.

Muitos requeriam sesmarias. Outros roubavam terras.

*Ladrões de gado aos poucos iam virando estancieiros.*²³⁰

Um personagem que requer sesmaria é Chico Rodrigues, pai do Capitão Rodrigo Cambará, que, assim como as personagens de sobrenome Caré, é apresentado na narrativa de Erico por meio dos interlúdios. Chico Rodrigues, como já foi mencionado, tem um comportamento que lembra o gaúcho primitivo,²³¹ estudado por autores como Augusto Meyer²³², designação associada a roubos e ao nomadismo. A personagem ganha fama como ladrão e bom de “peleia”.

Perdi a conta do tempo, mas se não me falha a memória devo andar beirando os cinquenta.

Resolvi mudar de vida, requerer sesmaria, fazer casa, parar quieto, ser um senhor estancieiro,

ter mulher, gado, cavalos e filhos, todos com a minha marca.

Chico Rodrigues olha para uma árvore forte, à beira da estrada e pensa.

*De hoje em diante vou me chamar Chico Cambará*²³³.

Nesse mesmo território em que vagava Chico Rodrigues, liderando um grupo de bandidos, também vagavam sujeitos como os Carés. No entanto, uma personagem de

²²⁹ Ibidem, p.13

²³⁰ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 91.

²³¹ Augusto Meyer aborda a conotação negativa do vocábulo “gaúcho”: “Os Campos, não obstante, continuavam cheio de “vagabundos”, “changadores” e outros desocupados, que viviam dos gados alheios, do contrabando e da venda de couros e graxas aos portugueses. ‘Eram los sujeitos, comentam, à quienes más tarde, a final del siglo XVIII, se llamó de *gaúchos*.’ [...] O sentido pejorativo da palavra *gaúcho*, numa e noutra banda, mantém-se quase inalterado, até meados do século XIX. [...] todos são concordes em apresentá-los como homens sem lei e nem rei”. MEYER, Augusto. *Gaúcho: história de uma palavra*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.p. 19-21.

²³² Erico Verissimo teve contato com escritores que produziram obras de críticas a respeito do gaúcho, como Augusto Meyer, Manoelito de Ornellas e Moisés Vellinho. Cf. VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994.

²³³ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 93.

sobrenome Caré dificilmente poderia requerer sesmaria porque os Carés não eram brancos. A terra era conferida a homens brancos e nas veias dos Carés circulava o sangue indígena, o sangue daqueles que estavam sendo expulsos das suas terras pelos futuros estancieiros, e o sangue negro, o sangue daqueles que estavam sendo escravizados em todo o território brasileiro. Os Carés também não tinham astúcia para roubar terras, nem mesmo roubar um cavalo sem serem punidos.

Como destaca Luzi Lene Flores Prompt, João Caré, personagem síntese da errância do Caré dos interlúdios, considera-se um componente da terra do Continente de São Pedro, embora não saiba, ao certo, onde nasceu ou de quem nasceu. A personagem acredita ter brotado do chão, como “erva ruim” que não foi plantada, não se percebendo, portanto, como um “bom” habitante daquela região.²³⁴ A indigência em que viviam os Carés produzia sujeitos que tinham um despreço perene pela sua própria existência. Contudo, os Carés descritos por Erico estavam intrinsecamente ligados ao Continente de São Pedro, a esta terra que não era deles, mas que, ainda assim, era o chão que lhes permitia sobreviver ou enterrar os filhos que não vingavam ou que morriam em meio às andanças.

Conforme Mário Maestri, em “O cativo, o gaúcho e o peão: considerações sobre a fazenda pastoril rio-grandense”, o vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, em relatório a respeito do Rio Grande, enviado para Lisboa, em 1784, chamava a atenção para a existência de sujeitos que vivem de forma semelhante a João Caré e às demais personagens da linhagem descritos por Erico nos interlúdios de *O Tempo e o Vento*: “índios” e “vagos” do Continente, “vivendo à lei da natureza, sem disciplina, e sem religião”.²³⁵ O Vice-rei apontava como solução para aquela “desordem”, que tais sujeitos passassem a viver sob a “guarda” dos estancieiros, “sendo estes encarregados de os administrar e reger, como bons pais de família” – que fossem reduzidos ao trabalho obrigatório e, portanto, submetidos à servidão”.²³⁶

Em 1808, de acordo com Carlos Alberto Dutra, o visitante Manuel Antônio de Magalhães observa que viviam na região “famílias que não possuem um palmo de terra para sobreviver”.²³⁷ Gente como os Carés, itinerantes pelo Rio Grande, sem rancho certo.

²³⁴ PROMPT, Luzi Lene Flores. Op. cit., p. 85.

²³⁵ MAESTRI, Mário. “O cativo, o gaúcho e o peão: considerações sobre a fazenda pastoril rio-grandense (1680-1964)”. In: MAESTRI, Mário (Org.). *O negro e o gaúcho: estâncias e fazendas no Rio Grande do Sul, Uruguai e Brasil*. Passo Fundo: UPF Editora, 2008. p. 282.

²³⁶ Ibidem, p. 282.

²³⁷ DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *A outra face do Rio Grande: ideologia e mitificação do gaúcho*

Entretanto, desde 1824, por incentivo governamental, o território gaúcho recebeu a primeira leva de imigrantes de alemães que se instalaram na região do Vale do Sinos²³⁸, fenômeno que é registrado por Erico Verissimo em *O Tempo e o Vento*:

*Um dia um gaúcho andarengo e pobre passou a pé por São Leopoldo.
Olhou a colônia que já tomava jeito de vila, viu homens trabalhando nas roças,
ferreiros batendo bigorna, seleiros fazendo lombilhos, moleiros moendo trigo,
padeiros fazendo pão, e como passasse por sua frente um filho de Willy,
grandalhão, corado, feliz, bem montado num lindo alazão, o caboclo teve um
súbito ímpeto de revolta e gritou:
Alemão batata! E se foi, desagravado, erguendo poeira do chão com seus pés
descalços.*²³⁹

Na passagem acima, proveniente do interlúdio do romance, Erico demonstra o incômodo do gaúcho pobre e andarilho com os imigrantes que começavam a se instalar no Rio Grande, homens brancos a quem foi conferida a terra que não era ofertada a sujeitos como os Carés. Lulu Caré, por exemplo, tinha consciência de que eram os “bugres” (seus antepassados, já que praticamente todos as personagens Carés descritas por Erico têm traços indígenas) os verdadeiros donos da terra.

*Um dia Lulu Caré viu quando os índios saíram do mato, atacaram um desses
povoados e mataram muitos colonos. Ficou de longe, dentro do barco, olhando
de olho parado.
Não fez um gesto, não deu um passo, só disse:
Xô égua!
Não tinha nada com aquilo e afinal de contas, pra falar a verdade, a terra era
mesmo dos bugres.*²⁴⁰

histórico. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História do Brasil)–Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2001, p. 29

²³⁸ A colonização dos Vale dos Sinos ganha representação nos interlúdios de *Tempo e o Vento*. Na narrativa principal, Erico introduz o médico Carl Winter, alemão que se corresponde com um amigo que vive em São Leopoldo. Santa Fé recebe imigrantes de origem alemã e italiana, formando duas colônias na cidade, Nova Pomerânia e Garibaldina.

²³⁹ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 194. (O tempo e o vento; 1).

²⁴⁰ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 163. (O tempo e o vento; 1).

Para o antropólogo E. Roquette-Pinto, em “Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil”, a política imigratória brasileira historicamente privilegiou “buscar, a peso de ouro, gente branca, sem escolha, nem fiscalização”²⁴¹, ignorando e minando a capacidade dos mestiços do país de povoar e explorar as riquezas da nação. Não foram dadas condições para que sujeitos como os Carés deixassem o lugar social de espoliados para assumirem o papel de protagonistas no desenvolvimento do país.

No que se refere especificamente à questão de terras, Teófilo O. V. Torronteguy, em *As origens da pobreza no Rio Grande do Sul*, salienta que o governo do Rio Grande do Sul preocupou-se em organizar a ocupação de colonos alemães e italianos, mas deixou de lado a massa de mestiços e também de escravos que serviam de mão de obra disponível. Os que não estavam a serviço da grande propriedade, viviam na mais absoluta miséria.²⁴²

Na percepção de Mário Maestri, durante muito tempo, o gaúcho, desempregado e andarilho, foi uma ameaça à propriedade fundiária e à mercadoria produzida por ela: o gado²⁴³. Para o autor, a documentação do século XIX é rica no registro da existência dessa população pobre e flutuante (que Erico destaca nos coros de seu romance ao descrever os Carés), apresentada comumente como *bandidos*, *vadios* e *vagos*, enfim, sujeitos pouco afeitos ao trabalho, que percorriam descontroladamente campos privados. Maestri acrescenta: “a ojeriza do latifundiário ao sem-terra dos dias de hoje apenas repete o horror do estancieiro ao peão em busca de um rancho no passado”²⁴⁴.

Conforme Carlos Alberto Dutra, os apontamentos de José Souza Soares de Andréa²⁴⁵, datados de 1849, dão conta de que este, quando governador da província, constrangia-se ao ver famílias pobres vagando pelos campos, andando de um lado para outro da província, sem que ninguém desse abrigo a elas²⁴⁶. Nesse contexto, quem generosamente dava guarita a uma família de despossuídos passava a ser merecedor de imensa gratidão. Em *O Tempo e o Vento*, Chiru Caré vai receber a permissão de Bibiana Terra Cambará para erguer um rancho nas terras do Angico. É nesse momento que um

²⁴¹ ROQUETTE-PINTO Apud SANTOS, 2010, p. 97. ROQUETTE-PINTO, E. “Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil”. In: *Actas e trabalhos do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, Rio de Janeiro, 1929.

²⁴² TORRONTÉGUY, Teófilo O. V. *As origens da pobreza no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 1994, p. 132.

²⁴³ MAESTRI, Mário. Op. cit., p. 280.

²⁴⁴ Ibidem, p. 281.

²⁴⁵ Presidente da província do Rio Grande do Sul, de 27 de julho a 30 de novembro de 1840, tendo derrotado, nos combates de Laguna, os farroupilhas liderados por Giuseppe Garibaldi.

²⁴⁶ DUTRA, Carlos Alberto. Op. cit., p. 29.

clã dos Carés deixa o nomadismo e passa a viver nas terras da gente do Sobrado, sobrevivendo de favores e devendo gratidão e submissão aos donos da estância.

*De todos os Carés o que tinha família maior era o Chiru.
Dez filhos, sem contar os mortos.
Depois de muito andar com a mulher e as crias batendo estradas e
cruzando
invernadas, conseguiu licença para erguer um rancho nos campos do
Angico, no município de Santa Fé.
Quando a casa ficou pronta, olhou para a mulher e suspirou:
Queira Deus que agora a gente fique sossegado no seu canto.²⁴⁷*

Para Maria Sylvia de Carvalho Franco, em *Homens livres na ordem escravocrata*, a existência prescindível do homem pobre e livre dentro da sociedade escravocrata levou-o a uma situação de completa dependência da benevolência das classes superiores, na qual a dominação era percebida como uma bênção, e ele próprio, o indivíduo dominado, reafirmava a noção de lealdade que o prendia aos mais poderosos. A submissão foi suportada como benefício, recebido com gratidão, fechando-se, desta forma, a possibilidade de o sujeito dar-se conta da sua condição de ser humano subjugado²⁴⁸. Pouco tempo depois de ser acolhido nas terras do Angico, Chiru Caré é levado para lutar como soldado na guerra e lá fica espantado ao ser tratado com respeito por Florêncio Terra, sobrinho de Bibiana.

*Vassuncê não acreditam?
Por Deus Nosso Senhor: sobrinho da velha Bibiana!
Dormia perto de mim e nunca gritou comigo,
me tratava de igual pra igual.²⁴⁹*

Chiru entende que aquelas pessoas que o abrigam, fornecendo-lhe migalhas, estão acima dele e, nesse contexto, o tratamento minimamente cordial também é visto como um ato generoso dos ricos em relação aos muito pobres. A cultura que o circunda faz com que ele se perceba como um “João ninguém”; receber xingamentos e humilhações são

²⁴⁷ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 164.

²⁴⁸ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 13ª ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969 p. 108.

²⁴⁹ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 168.

vistos por ele como situações normais, configurando o que Jessé Souza aponta, em *A construção social da subcidadania*, como “naturalização da desigualdade”, pois a falta de reconhecimento social leva o indivíduo a desenvolver um autodesprezo mutilador e a encarar a sua vida de precariedades como legítima e até merecida²⁵⁰. É por essas e outras que, por séculos, os Carés vão estar na dependência dos Terra Cambará.

Nesse sentido, segundo Maria da Penha Smarzaro Siqueira, em “Pobreza no Brasil Colonial: representação social e expressões da desigualdade na sociedade brasileira”. a pobreza e a caridade andaram juntas na organização do Brasil colônia, conforme uma composição que ia ao encontro da lógica conservadora do projeto colonizador. Sob essa perspectiva, a miséria cumpria o papel político de manter os pobres fiéis aos seus benfeitores, o papel social de diferenciar ricos e pobres e o papel religioso de ressaltar a noção do perdão e salvação dos pecados, por meio da doação aos pobres. Dentro dessa realidade, nunca houve vontade e iniciativas por parte do governo (e da igreja) em criar alternativas sociais para diminuir a pobreza e combater a situação de miserabilidade que se espalhava pelos estados brasileiros. Não havia, portanto, perspectivas de mudanças para grupos como os Carés, uma vez que a lógica da caridade tutelada contribuía para a ausência total de noções de cidadania, com direitos e deveres sociais, na constituição da sociedade brasileira²⁵¹. Os pobres ocupavam um lugar à margem da sociedade e não ousavam questionar esse lugar, apenas agradeciam àqueles que os ajudavam a não estar em uma situação ainda pior. A cultural geral estimulava o conformismo nas classes subalternas, sustentando a riqueza e o poder daqueles que estavam no topo da pirâmide.

Conforme Carlos Alberto Dutra, à medida que os campos vão sendo privatizados, e os estancieiros cercando suas terras e protegendo o seu gado, os gaúchos andarilhos, tais como os Carés, convertem-se em peões ocasionais ou permanentes, de acordo com a necessidade das estâncias e fazendas²⁵². Estas, em meados dos XIX, representavam, segundo Torronteguy, uma unidade social e econômica centrada na criação de gado. Nelas, “quase sempre eram encontradas as presenças de escravos de origens africanas e de adventícios indígenas ou mestiços”.²⁵³

²⁵⁰ SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania*: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: (IUPERJ), 2003, p. 179.

²⁵¹ SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaro. “Pobreza no Brasil colonial: representação social e expressões da desigualdade na sociedade brasileira”. *Histórica*: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n.34, 2009, p. 9.

²⁵² DUTRA, Carlos Alberto. Op. cit., p. 26

²⁵³ TORRONTGUY, Teófilo O. Op. cit., p. 139.

Para Carlos Alberto Dutra, o perfil social e econômico do Rio Grande, por volta de 1935, revela, num extremo, em uma minoria numérica, os patrões (donos de estâncias) e, no outro extremo, numa profunda relação de servidão, os que dependem das sobras dos patrões: peões, *taipeiros*²⁵⁴, *alambradores*²⁵⁵, *changueadores*²⁵⁶ etc. No capítulo “Ismália Caré”, de *O continente*, que se passa em 1884, os descendentes de Chiru Caré já estavam em torno de 20 anos na dependência da família Terra Cambará e Licurgo refere-se aos parentes de Ismália como “posteiros miseráveis”.²⁵⁷

Posteiro é um termo bem característico do Rio Grande do Sul e designa, conforme Dutra, o agregado que morava com a família, nas extremidades do latifúndio, eventualmente plantando uma horta e criando alguma rês. Ele tinha a obrigação de impedir a entrada de invasores, a fuga de gado e de apoiar atividades mais complexas como rodeios e preparação de tropas²⁵⁸.

Em *O retrato*, os Carés, por volta de 1895, continuam a viver no Angico, agregados nas franjas da estância. A exceção é Ismália Caré que, para estar sempre próxima do amante Licurgo, reside em duas casas: em um rancho na propriedade do estancieiro e em uma casa na cidade, próxima ao Sobrado, conforme ironiza o artigo de d’A Voz, jornal de oposição ao grupo de Licurgo e de Rodrigo Terra Cambará: “[Foi Ismália Caré] quem instalou numa casa à rua dos Farrapos, como é de todos sabido e notório. É lá que ele passa muitas de suas noites em orgias inconfessáveis”.²⁵⁹

Entretanto, os Carés que vivem atrelados à família Terra Cambará não são os únicos representantes da linhagem que estabelecem, de acordo com Luzi Lene Flores Prompt, uma “sedentarização precária” nos arredores de Santa Fé.²⁶⁰ Ainda em *O continente*, no interlúdio cronologicamente mais recente da narrativa, que se passa em 1893, narrando as impressões do velho Maneco Lírio sobre a República, há uma breve referência a um sujeito chamado Quincas Caré, que mora com a família em um rancho nas cercanias da cidade, em uma localidade por onde passa o trem.

²⁵⁴ Taipeiro: aquele que faz taipas.

²⁵⁵ Alambrador: aquele que constrói cercas.

²⁵⁶ Changueador: vive de carretos e pequenos trabalhos de favor.

²⁵⁷ De acordo com a percepção crítica de Jessé Souza, o universo do grande latifúndio está estritamente associado a uma forma peculiar de sociedade em que se vinculava umbilicalmente despotismo e proximidade, enorme distância social e comunicação íntima. SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania*: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: (IUPERJ), 2003, p. 105.

²⁵⁸ DUTRA, Carlos Alberto. Op. cit., p. 9.

²⁵⁹ Ibidem, p. 197.

²⁶⁰ PROMPT, Luzi Lene Flores. Op. cit., p. 89.

*O trem agora vai passando
pela frente do rancho de Quincas Caré,
que sai para fora com a mulher e os filhos
e ficam todos olhando de boca aberta para a locomotiva.
E, depois que o trem desaparece na curva do cemitério,
Quincas cospe no chão, volta-se para a mulher e
diz com ar de entendido:
Esse bicho traz seca.²⁶¹*

Esta região, nas arestas de Santa Fé, onde vive Quincas Carés, é referida como o Bairro do Purgatório, o mesmo que, em 1909, em *O retrato*, o recém-formado Dr. Rodrigo Terra Cambará, avista ao chegar na cidade: um bolsão de miséria com homens, mulheres e crianças desnutridos e cadavéricos, a olharem amedrontados a chegada o trem, o que lhe lembra um fotografia de Canudos. Por esta simples referência a Quincas Caré que, à primeira vista, soa apenas como um registro que o leitor encara com comicidade, Erico pontua que os desafortunados Carés, findado o período em que podiam viver errantes pelo campos, ou estão sob a guarida do latifúndio ou estão na mais completa indigência, habitando um bairro da periferia.

Em *O arquipélago*, quando Licurgo, em 1923, lidera uma coluna revolucionária que luta contra o governo, Romualdinho Caré, que vem a ser sobrinho de Ismália Caré, é o peão que, a cavalo, “leva e traz”, mantendo o patrão informado de tudo que acontece na estância do Angico, que foi invadida por soldados governistas.

Estava a Coluna de Licurgo Cambará acampada à beira dum lajeado, a umas seis ou sete léguas de Santa Fé, quando o Romualdinho Caré, sobrinho de Ismália, apareceu um dia montado num tordilho magro e cansado. Reconhecido por Pedro Vacariano, foi levado à presença do comandante. Apeou do cavalo com um ar humilde e encolhido e aproximou-se... Era um caboclo ainda jovem, baixote e trigueiro, de olhos vivos.

- Que foi que houve? - perguntou Licurgo. Romualdinho contou que o Angico fora ocupado por soldados do coronel Madruga. O patrão franziu o cenho.

- Quando foi isso?

- Faz uns quantos dias.

-Mas quantos?

²⁶¹ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 389.

- Uns quatro ou cinco.

Contou que tinha ficado prisioneiro durante algumas horas, mas conseguira escapar e saíra “à procura” da Coluna Revolucionária. Licurgo, pensativo, mordida o cigarro apagado.

- Quantos provisórios têm no Angico? Romualdinho hesitou por um momento.

- Uns trinta.

O comandante - informou ainda - era um tenente, moço direito que tinha tratado bem toda a gente, não permitindo malvadezas nem estragos.

- Só que levaram muito gado, muita cavallhada... - acrescentou, com os olhos no chão, como se tivesse sido ele o responsável pela requisição.²⁶²

No tempo da Coluna revolucionária de Licurgo, os Carés já viviam há um século na estância dos Terra Cambará; e a relação de submissão e de dependência pouco se alterara. Na sua devoção aos senhores, Romualdinho, membro da família de posteiros, sente-se culpado ao saber que o gado da estância tinha sido saqueado, sem que ele pudesse ter feito algo. Provavelmente, além da obrigação de zelar pela propriedade daqueles que o abrigavam, por estar há tantos anos vivendo naquelas terras, Romualdinho desenvolveu também uma relação afetiva com aquele lugar. A terra não era sua, era de outros, mas era o lugar onde crescera, construíra vivências e onde tinha desenvolvido laços de amizade. O domínio dos Terra Cambarás em relação aos Carés não se mantivera apenas em termos de vínculos de subordinação social, mas no que se refere a ligações afetivas. A afeição ao lugar e aos homens prendia-se à dependência e à necessidade.

Em *O arquipélago*, o Dr. Rodrigo Cambará, em 1924, relaciona-se sexualmente com Antônia Caré, irmã de Romualdinho, sobrinha de Ismália. É um envolvimento de curta duração, pois a moça é esposada por um agredado da fazenda vizinha. Os vínculos não se modificam ao longo do narrativa: “a Antoninha Caré, que se casara, havia pouco, com um posteiro da estância dos Fagundes, tinha abandonado definitivamente o Angico”²⁶³. O casamento não tornou Antônia independente; ela apenas passou a viver sob a guarda de outro estancieiro da região, do qual o seu marido também já dependia. O casal dava, assim, continuidade à saga dos posteiros miseráveis.

O Cabo Lauro Caré, que morre lutando, em 1945, como soldado na Itália, viveu na cidade de Santa Fé (provavelmente na casa que a avó Ismália ganhou de Licurgo) e

²⁶² VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 20-21. (O tempo e o vento; 3).

²⁶³ Ibidem, p. 237.

não na propriedade rural dos Terra Cambarás, assim um pouco afastado da dependência deles. Laurito prestou, quando criança, serviços a outras pessoas, que não eram membros da família de estancieiros, como se depreende do depoimento do padeiro da cidade:

Chico Pais, que hoje abandonou sua padaria muitas vezes para vir “espionar a estauta”, proclama que a esta só falta falar. E acrescenta: “O Laurito, quando era pequeno, foi meu empregado, me ajudava a tirar pão do forno.”²⁶⁴

O Cabo Lauro Caré, que também é um Terra Cambará, já que descende dos membros da família do Sobrado, vai ser a única personagem Caré, inserido na narrativa principal, a ter uma profissão fora da grande propriedade. Antes de ir para a guerra, sobrevive em Santa Fé como artesão, de acordo com Floriano Terra Cambará, ao aludir à morte do expedicionário: “Não seria preferível que ele estivesse vivo, em Santa Fé, a manejar o seu torno, a exercer o seu artesanato?”²⁶⁵

Pode-se concluir que, com a morte de Licurgo Terra Cambará, em 1923, Ismália Caré e o não nomeado filho dela com o estancieiro afastam-se da família do Sobrado, muito em função do constrangimento que a relação ilegítima de Ismália e Licurgo causou ao longo dos anos. Para os familiares de Licurgo, Ismália é *persona non grata*. Deste modo, o núcleo familiar de Ismália sai das terras do Angico, passando a desenvolver outras relações de trabalho e de sobrevivência na cidade de Santa Fé. No entanto, continuam pobres, com Laurito, único membro dos Caré a ter uma família estruturada (pai, mãe e avó), trabalhando desde criança.

Eduardo, o filho comunista do Dr. Rodrigo, prenuncia em 1945, em *O retrato*, que um dia os Carés seriam proprietários de terras:

Mais tarde ou mais cedo o latifúndio tinha de ser liquidado, os Carés haviam de ganhar seu pedaço de terra, ao passo que os Amarais, os Teixeiras, os Fagundes e os Cambarás – sim, a sua rica gente! – iam acabar perdendo os feudos.²⁶⁶

Contudo, até as páginas finais da trilogia *O Tempo e o Vento*, esse dia ainda não havia chegado, e os membros da raça dos Carés permaneciam espoliados. Como aponta

²⁶⁴ Ibidem, p. 319.

²⁶⁵ Ibidem, p. 306.

²⁶⁶ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 24. (O tempo e o vento; 2).

o capítulo “O Diário de Sílvia”, em *O Arquipélago*, uma parte dos Carés ainda continuava a sobreviver nas terras dos estancieiros do Sobrado. A dependência continuaria não se sabe até quando.

Ao contrário do que, pretensamente, sonhava Eduardo, a decadência da aristocracia não levou ao enriquecimento de sujeitos como os Carés, como sinaliza Erico Verissimo, ao mostrar os bairros miseráveis em *O Tempo e o Vento*. Cyro Martins, em sua *Trilogia do gaúcho a pé*²⁶⁷, reafirma essa mesma ideia. Os gaúchos pobres, quando deixam o latifúndio do estancieiro, no qual por séculos habitaram, trabalharam e moldaram-se culturalmente, dependentes do grande proprietário rural, veem-se perdidos e desprovidos do seu nicho, passando a viver na cidade expostos ao subemprego e à exploração capitalista. Fora da estância, sujeitos como os Carés ainda precisam lutar para sobreviver e ainda é uma vida de pobreza. Alguns poderão vir a progredir, como profetiza irmão Toríbio²⁶⁸ em *O Arquipélago*, um pouco antes da inauguração do busto de Lauro Caré, em 1945: “– Mas os tempos mudaram – [...]. – É possível e até provável que amanhã um Caré venha a ser prefeito municipal ou deputado...”²⁶⁹.

De fato, os tempos estavam mudando e mudaram ainda mais; o latifúndio perdeu poder e prestígio. A terra, como avalia Clarissa S. Rahmeier, perderia o caráter simbólico que durante séculos lhe foi atribuído pela sociedade e ganharia valor como mercadoria ou fonte de lucro, o que passou a ser a referência para o posicionamento social.²⁷⁰

A verdade é que a maioria dos sujeitos como os Carés continuará a ser espoliada, mesmo saindo da estância e da dependência dos patrões. Eles serão engolidos por uma existência desprovida de identidade em uma periferia urbana, tragédia não aprofundada por Erico em *O Tempo e o Vento*.

²⁶⁷ É composta de três obras, *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), retratando o gaúcho pobre, marginalizado pelo capitalismo, sendo levado a abandonar o “pago” e partir em direção a uma vida miserável em bairros periféricos da cidade grande.

²⁶⁸ Também conhecido como Zeca, é o filho que Toríbio Terra Cambará teve com a lavadeira do Sobrado. Embora o reconheça como filho, não se casará com a empregada. Zeca assumiu a vocação religiosa, passando a ser referido na trama também como irmão Toríbio.

²⁶⁹ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 278. (O tempo e o vento; 3).

²⁷⁰ RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. “A terra como cultura material: poder e *status* na sociedade gaúcha oitocentista”. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, n. 10, p. 5-15, jul./dez. 2009, p. 14.

2.1.4 “Na paz vivia como um bicho. Na guerra era um homem”

Segundo Augusto Meyer, houve um tempo em que quase todo o habitante da província era um também miliciano improvisado. As tropas ocasionais formavam-se e dissipavam-se com uma mobilidade indispensável às guerras do pampa. Toda a gauchada acudia ao apelo dos comandantes, quase sempre estancieiros.²⁷¹

O aspecto histórico do Rio Grande do Sul vai estar, conforme Elizabeth R. Lara, intrinsecamente ligado à ação guerreira, que teve como motivação defender o território ou integrá-lo ao país, influenciando na formação de gerações de gaúchos. “As lutas são frequentes; é necessário defender a terra contra tudo e contra todos”²⁷². Tal mentalidade, moldada pela guerra, e mantida na existência pastoril, explica como se configurou a organização social da população gaúcha.

A guerra e a cultura da violência, inseridas nos modos de agir e pensar dos gaúchos de várias gerações e classes sociais, terão destaque em *O Tempo e o Vento*. Antonio Hohlfeldt afirma que há na obra de Erico Verissimo, assim como na de Cyro Martins, uma propensão à “desmitificação e desmistificação” da bravura gauchesca e da idealização em torno de conflitos do passado.²⁷³

Na obra de Erico, segundo Márcia de Borba Alves, a ação e o posicionamento das personagens diante da guerra é um modo de reflexão a respeito da diversidade do povo do Rio Grande. A construção da trilogia vai revelar diferentes posturas diante da guerra e as opiniões das personagens sobre o assunto é uma forma de desvelar a sua identidade.²⁷⁴ As grandes vítimas dos conflitos e batalhas serão as mulheres, que sofrem caladas e resignadas à perda de membros da família, e os pobres, que, inocentemente e iludidamente, lutam e morrem por motivos alheios às suas próprias causas.

Em *O Tempo e o Vento*, o morrer na guerra ou numa “peleia” é, em muitos momentos, retratado como algo honroso, digno de um gaúcho viril que não se acovarda em face da morte. A demonstração de valentia em meio à barbárie da guerra (e também em situações de luta contra adversários em tempo de paz) é um traço cultural da sociedade retratada por Erico. No entanto, os pobres, os sujeitos como os Carés, vão brigar por

²⁷¹ MEYER, Augusto. Op. cit., p. 31-32.

²⁷² LARA, Elizabeth Rizzato. Op. cit., p. 19.

²⁷³ HOHLFELDT, Antônio. Op. cit., p. 77.

²⁷⁴ ALVES, Márcia de Borba. Op. cit., p. 27.

honra, por devoção aos patrões e porque são forçados. Para eles, o não lutar não é uma opção, porque serão castigados talvez até mais do que em uma batalha e porque serão rechaçados como covardes, como indignos de vestirem calças, tanto por quem está em cima como pelos seus iguais. Na guerra, os Carés mantêm a conduta de grandes guerreiros, mas, em tempo de paz, acovardam-se e baixam a cabeça para os superiores. Por anos a fio, estarão sempre miseráveis e vítimas de discriminação, enquanto os membros da elite mantêm seu prestígio e posses, conquistados também com o suor e o sangue de sujeitos como os Carés.

Na sociedade descrita por Erico em *O Tempo e o Vento*, o fascínio pela guerra e uma espécie de adoração pela violência caracterizam homens de todas as classes sociais, mas os ricos, ao sobreviverem à guerra, voltam para as suas terras mais ricos e prestigiados; os pobres, mais pobres e, eventualmente, deformados. Para Luzi Lene Flores Prompt, a narrativa dos Carés expressa uma visão periférica da sociedade e da guerra; Erico destaca o papel de sujeitos humildes no desenrolar das inúmeras guerras que assolaram o território do Rio Grande, pontuando que elas não se deram apenas pela ação de nomes que aparecem na historiografia oficial, mas também pelo esforço de inúmeros miseráveis anônimos.²⁷⁵

Conforme Donizeth Santos, em “Reflexões sobre a guerra na ficção de Erico Verissimo”, na trilogia estão presentes os conflitos contra os vizinhos castelhanos e as revoluções de natureza regional e nacional pelas quais passou o território sulino²⁷⁶: a Guerra das Missões²⁷⁷, Guerra da Cisplatina²⁷⁸, Revolução Farroupilha²⁷⁹, Guerra do

²⁷⁵ PROMPT, Luzi Lene Flores. Op. cit., p. 88

²⁷⁶ SANTOS, Donizeth. “Reflexões sobre a guerra na ficção de Erico Verissimo”. *Revista de Letras da Unesp*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 209-221, jul./dez. 2011, p. 214.

²⁷⁷ Também conhecida como Guerra Guaranítica (1752–1756), denomina conflitos que envolveram os índios guaranis e as tropas espanholas e portuguesas no sul do Brasil, após a assinatura do Tratado de Madri, em 13 de janeiro de 1750. Os índios guaranis da região dos Sete Povos das Missões recusam-se a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e a se transferir para o outro lado do rio Uruguai, conforme ficara acertado no acordo Portugal e Espanha.

Fonte: http://www.historia.uff.br/impressoesrebelde/?revoltas_categoria=1752

²⁷⁸ A Guerra da Cisplatina (1825-1828), conflito ocorrido entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, pela posse da Província Cisplatina, território do atual Uruguai.

Fonte: <http://atlas.fgv.br/marcos/abdicacao-de-d-pedro-i/mapas/guerra-cisplatina>

²⁷⁹ A Revolução Farroupilha (1835-1854), a mais longa guerra civil da história brasileira. No Rio Grande, imperialistas e republicanos guerrearão por dez anos, os primeiros defendiam a manutenção do império e os segundos lutavam pela proclamação da república.

Fonte: <https://www.infoescola.com/historia/guerra-dos-farrapos/>

Prata²⁸⁰, Guerra do Paraguai²⁸¹, Revolução Federalista²⁸², Revolução de 23²⁸³ e a Revolução de 30²⁸⁴.

A trajetória das personagens de sobrenome Caré em conflitos de natureza coletiva começa na Guerra do Paraguai, quando Chiru Caré salva a vida de Florêncio Terra, passando pela Revolução Farroupilha, Revolução Federalista, Revolução de 1923, Revolução de 1930, chegando até a Segunda Guerra Mundial. Nos interlúdios de *O continente*, ao introduzir os Carés, Erico já destaca a relação entre essas personagens e a guerra, registrando como elas foram inseridas no conflito do Brasil contra o Paraguai.

E de vários pontos da Província cinco Carés foram levados a maneador para as tropas nacionais como voluntários.

Nunca ficaram sabendo direito contra quem brigavam nem por quê.

*Mas lutaram como homens, e nenhum deles desertou. Eram magros mas rijos.*²⁸⁵

Nessa passagem introdutória, evidencia-se que os Carés eram indivíduos espoliados, que não podiam se abster de participar da guerra e iam para ela sem saber direito nem quem era o inimigo. Desconhecendo o inimigo, não havia neles a razão ideológica que motivava um membro das classes mais abastadas a estar no conflito. Eles não lutavam contra alguém propriamente, mas para se manterem vivos.

²⁸⁰ A Guerra do Prata (1851-1852), ou Guerra contra Oribe e Rosas, disputa ocorrida no século XIX entre o Império Brasileiro, Confederação da Argentina e a República Oriental do Uruguai pela hegemonia na região do Rio do Prata. O episódio consolidou a influência do Império Brasileiro na América do Sul e contribuiu para a permanência da monarquia no país.

Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-imperio/guerra-do-prata/>

²⁸¹ A Guerra do Paraguai (1864-1870), o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. De um lado o Paraguai, de outro uma aliança composta por Brasil, Argentina e Uruguai.

Fonte: <http://atlas.fgv.br/marcos/guerra-do-paraguai/mapas/conflitos-na-bacia-do-prata-1850-1867>

²⁸² A Revolução Federalista (1893-1895) dividiu o Rio Grande: de um lado, os federalistas ou gasparistas (maragatos), que defendiam o federalismo, o regime parlamentarista e a revisão da Constituição Estadual de 1891, escrita por Júlio de Castilhos; de outro, os republicanos castilhistas (chimangos ou pica-paus), que defendiam um presidencialismo forte e centralizador, no estilo do presidente Floriano Peixoto.

Fonte: <http://atlas.fgv.br/verbetes/revolucao-federalista>

²⁸³ A Revolução de 1923 foi o último conflito armado entre elites, no espaço estadual gaúcho. Opuseram-se novamente maragatos e chimangos. A reeleição de Borges de Medeiros, indicado pela quinta vez consecutiva ao governo do estado, motivou a revolta dos maragatos. O conflito durou onze meses.

Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/revolucao-de-1923/>

²⁸⁴ Revolução de 1930, movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Culminou com o golpe de Estado que depôs o presidente da república Washington Luís, em 24 de outubro de 1930, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes. O movimento pôs fim à República Velha, levando ao poder o gaúcho Getúlio Vargas.

Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/revolucao1930>

²⁸⁵ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 194. (O tempo e o vento; 1).

Pedro Caré, como descreve o narrador de Erico, foi um dos que tomaram parte compulsória na Guerra do Paraguai:

*Pedro Caré nessa guerra teve um braço amputado. E nunca recebeu soldo.
Quando veio a paz voltou à vida antiga.
Onde foi que perdeu o braço?
Na guerra.
Não lhe faz muita falta?
Nem tanto. Graças a Deus me cortaram só o braço.*²⁸⁶

Pedro, além de forçado a ir para a guerra, ao retornar vivo, mas sem um braço, não recebeu recompensa alguma: nenhum dinheiro, nenhuma terra. Continuou a ser o mesmo miserável que entrou no campo de batalha, agora com um membro a menos no corpo, o que certamente acarretou-lhe ainda mais dificuldade para sobreviver. Contudo, a personagem comemora; afinal, na guerra, venceu a batalha para permanecer vivo. Foi um braço e não a sua vida. A sua única recompensa foi voltar para a mulher trazendo na lembrança as experiências do que viveu na guerra, vivências essas que serão transmitidas aos filhos e netos, fomentando a espiral da idealização da bravura desinteressada, que levará para a morte ou para a mutilação outros gaúchos pobres.

Chiru Caré também esteve na Guerra do Paraguai. Pouco tempo depois de deixar o nomadismo para se instalar com a família nas terras do Angico, é “recrutado” para lutar em um combate, sem entender, assim como Pedro Caré, as razões que motivavam o embate. Ele fica encantado com a guerra e conclui que, em tempo de guerra, é tratado como gente e, em tempo de paz, é tratado como bicho.

*(...) seguiu a pé os homens do governo.
Aprendeu a dar tiro de espingarda
a marchar
a entender a língua dos superiores, das cornetas e dos tambores.
E quando se viu de uniforme ficou faceiro como potrilho novo.
Pela primeira vez na vida andava completamente vestido.*²⁸⁷

²⁸⁶ Ibidem, p. 194.

²⁸⁷ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 165. (O tempo e o vento; 1).

Nos períodos de paz, muito pobres, os Carés vestem trapos, comem mal, são repudiados pela sociedade; na guerra, ganham uniforme, recebem alimentos, veem pessoas importantes, conhecem sujeitos de outros estados e procedências, assistem a apresentações musicais e matam outros homens sem serem punidos. Para um desvalido, como Chiru, o matar também é um modo de empoderamento. Erico, ao apresentar os Carés como pobres, que vivem e são tratados quase como animais, também demonstra que estes são indivíduos muito à mercê dos seus próprios instintos, com um crivo racional muito limitado, a ponto de sentirem prazer em matar. Esse prazer não é maldoso ou perverso, justificando-se pela alienação²⁸⁸ do sujeito que não percebe que em todo aquele processo ele é tão somente vítima.

*Foi também na guerra que Chiru pela primeira vez na vida ouviu uma
banda de música.
Ficou meio louco, com vontade de chorar.
Mas ficou mais louco ainda quando espetou o primeiro paraguaio na ponta da
baioneta.
Teve tamanha alegria que chegou a soltar um urro.
Estava acostumado a matar passarinho para comer,
mas nunca matara bicho maior que um veado dos pequenos
Via agora que matar homem era bom, porque enchia mais o peito.
Daí por diante só pensou na hora do entrevero.²⁸⁹*

Chiru não ignora os horrores da guerra, admitindo terem morrido muitos homens, tendo ele dado apoio a vários companheiros que tombaram, feridos, castigados por doenças e pelo frio dos pampas. Companheiros como Florêncio Terra, que ele carregou nas costas, sentindo-se orgulhoso de poder salvar a vida de um parente de Bibiana Terra Cambará, dona do Angico, a estância que o abrigava em tempo de paz. No âmbito da relação de dependência, como destaca Jessé Souza, a retribuição de favores ao protetores configura-se como uma espécie de pagamento honroso que restabelece na consciência do

²⁸⁸ Afirma Jessé Souza: “não é apenas a pobreza material e a escassez que se constituem como fatores explicativos básicos do horizonte moral do dependente, mas especificamente a sua pobreza espiritual, moral e simbólica, em sentido amplo, que transforma a violência no único código legítimo”. SOUZA, Jessé. *A Construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Ed. cit., p. 124.

²⁸⁹ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 166.

dependente algum sentido de reciprocidade que, de alguma forma, eleva a sua autoestima e seu reconhecimento social.²⁹⁰

No entanto, apesar de reconhecer o sofrimento e as dificuldades do conflito, Chiru parece preferir a vida em meio à guerra:

Foi uma campanha comprida e custosa.

Mas Chiru Caré andava contente, porque em tempo de paz sua vida nunca fora melhor.

*Agora ao menos comia carne, tinha amigos, uma carabina com baioneta, e matar homem era bom, enchia o peito.*²⁹¹

As guerras da Cisplatina, dos Farrapos, do Prata e, mais tarde, do Paraguai (em que estiveram presentes Pedro e Chiru Caré), fortaleceram, como afirma Teófilo O. Torronteguy, o poder dos proprietários. Estes se beneficiavam de não-proprietários. Os trabalhadores livres e escravos não foram indenizados pelos serviços civis e militares. Alguns poucos receberam salários e outros, os escravos, a alforria, mas ninguém recebeu terras²⁹². E era a posse da terra que delimitava mundos sociais diferentes.

Assim, para esses guerreiros miseráveis como Pedro e Chiru, se alguma indenização existiu, como destaca Torronteguy, ela veio como fomento da ideologia do gaúcho herói: “todos os que lutaram foram destemidos e valentes soldados, superiores aos demais, os melhores existentes”.²⁹³ A retórica unia o heroísmo do peão-soldado à força dos conquistadores da terra no passado. Estava assim justificada a supremacia dos estancieiros; eles conquistaram e mantiveram a terra no passado, vencendo inúmeras adversidades, mas a verdade é que só se mantiveram como proprietários porque tiveram uma massa de despossuídos a seu dispor.²⁹⁴

A única recompensa dos peões-soldados foi o discurso ideológico que os alçava a heróis. No imaginário, ressaltava-se a figura do gaúcho semideus, o guerreiro repleto de atributos de valentia. Do ponto de vista material, como se pode observar em *O Tempo e o Vento*, foi somente ilusão: um Caré, miserável, tem valor apenas na eventualidade da guerra.

²⁹⁰ SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Ed. cit., p. 126.

²⁹¹ Ibidem, p. 168.

²⁹² TORRONTÉGUY, Teófilo O. Op. cit., p. 72.

²⁹³ Ibidem, p. 73.

²⁹⁴ Ibidem, p. 73.

Torronteguy também salienta que a ideologia do gaúcho herói de guerra ultrapassou o século XIX e chegou até os nossos dias travestida de tradicionalismo,²⁹⁵ que aparentemente serviu para conservar os costumes dos antepassados, mas que também disfarçou uma troca perversa: “em vez de dar terra aos trabalhadores, os poderosos proprietários deram a ilusão de que eles foram orgulhosos guerreiros e que jamais a posteridade os esqueceria”²⁹⁶.

Nesse universo do gaúcho heroicizado, pondera Torronteguy, a pobreza também faz parte da ideologia ufanista que contribuiu para a construção de um sujeito típico do Rio Grande. Mesmo espoliado e disciplinado pela guerra, mostrava-se convicto de que os seus principais valores eram a liberdade e a valentia.²⁹⁷

Nesse sentido, Carlos Alberto Dutra destaca que foram o indígena, o negro e o mestiço, a peonada marginal, tombando no campo de batalha sob a lâmina da espada, que espetacularmente souberam transformar revoltas em símbolo de heroísmo e audácia. A massa de miseráveis iria acostumar-se a estar em guerras e rebeliões para proveito de estancieiros e políticos.²⁹⁸

Outro Caré presente nos interlúdios de *O continente* é José Caré (Juca Feio). Essa personagem vai trazer no corpo as marcas de combates de um dos conflitos mais longos e importantes da história do Rio Grande do Sul: a Revolução Farroupilha. Nessa revolução, segundo Torronteguy, a violência organizou-se pela disciplina dos gaúchos pobres aos chefes locais e pela pregação política das lideranças revolucionárias, focada na exploração de temas regionais, acompanhada de queixas contra o império.²⁹⁹ Juca Feio – o apelido disfarçando a linhagem marginal à qual de fato pertence – é a personagem de sobrenome Caré que mais se encaixa no modelo do gaúcho da literatura: veste indumentária típica completa (não aos trapos como os outros), é astuto, não baixa a cabeça para ninguém e vem de muitas batalhas.

Me diga uma coisa, Juca, onde foi que te deram esse talho que te vai de orelha a orelha, cheio de voltas que nem o rio Camaquã?

*No combate do Poncho Verde*³⁰⁰.

²⁹⁵ Referência ao Tradicionalismo Gaúcho, movimento cultural que enfatiza o gauchismo como uma expressão da cultura popular do Rio Grande do Sul.

²⁹⁶ Ibidem, p. 73.

²⁹⁷ Ibidem, p. 83.

²⁹⁸ DUTRA, Carlos Alberto. Op. cit., p. 38.

²⁹⁹ TORRONTÉGUY, Teófilo O. Op. cit., p. 61.

³⁰⁰ 28 de fevereiro de 1845, uma das principais batalhas da Revolução Farroupilha.

E esse nos beijos?
*Na tomada de Caçapava*³⁰¹.
E esse no meio da testa?
*A baioneta dum correntino, na guerra contra Rosas*³⁰².
E esse no pescoço?
Juca Feio fechava a carranca e rosnavia:
Esse é um talho particular.
*E não dizia mais nada.*³⁰³

Na sociedade belicista retratada por Erico, especialmente na primeira parte de *O Tempo e o Vento*, e da qual Juca Feio, assim como outras personagens como o Capitão Rodrigo, são símbolos, o trazer no corpo marcas de conflitos, marcas de batalhas, marcas da violência rotineira na região, não deixa de agregar valor ao sujeito, sendo um demonstrativo de experiência de vida e valentia. Era como se a guerra fosse uma escola da vida e, quanto mais a tivesse “saboreado”, mais referenciado era o vivente.

Se o lutar em uma guerra, se o salvar a vida de um membro da elite é algo valorizado pela sociedade descrita por Erico em *O Tempo e o Vento*, o fato de um miserável, como um Caré, colocar-se em uma contenda contra os patrões, contra aqueles que lhe deram guarita e alimento, é um ato condenável. Na narrativa principal, em *O continente*, Erico traz à cena Mauro Caré, parente de Ismália, que durante a Revolução Federalista, em 1895, luta ao lado dos maragatos, atirando contra a gente do Sobrado, que peleavam ao lado dos chimangos. Ao se deparar com o corpo de Mauro, o negro João Batista (antigo escravo de Licurgo) murmura com repulsa:

— Quem havia de dizer! O Mauro Caré atirando contra o Sobrado! A gente dele sempre viveu nas costas do coronel Licurgo. É o mesmo que comer e depois cuspir no prato. Há muita ingratidão neste mundo!
Cuspinha, enojado.³⁰⁴

A sociedade instituída no Brasil pelo estado português e moldada na fé católica impregnava-se do ideal de caridade. Os mais humildes (negros, índios, mestiços e brancos

³⁰¹ Em 7 de abril de 1937, durante a Revolução Farroupilha, a cidade de Caçapava é tomada pelos republicanos.

³⁰² Guerra do Prata, ver nota 280.

³⁰³ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 164.

³⁰⁴ Ibidem, p. 398.

pobres) deveriam sentir-se gratos aos benfeitores. A devoção deveria permanecer inclusive na guerra: era digno um peão que procurasse preservar a vida do patrão, a despeito da sua própria, como vão fazer muitos Carés e outras personagens subalternas que aparecem na trilogia; e indigno colocar-se em oposição aos superiores, como fez Mauro, o único, entre os dezesseis representantes nomeados da linhagem dos Carés, a manifestar um comportamento que se supõe rebelde. O caminho do dependente, como reflete Jessé Souza, é, quase sempre, o da submissão irrestrita. Nas poucas vezes em que houve algum tipo de contraposição, como no caso de Mauro Caré, esta se deu pela violência, o que apenas confirma a solidão, o isolamento e o desespero do indivíduo.³⁰⁵

Como destaca Maria Lima Marques, a servidão é uma tradição: quem domina não é apenas um superior, mas um senhor, e os agregados devem comportar-se como súditos, sendo a fidelidade pessoal ao patrão uma espécie de dever moral. Nesse processo, a natureza afetiva é de extrema importância, contando os estancieiros com o auxílio de pessoas tradicionalmente ligadas a eles por vínculos de piedade³⁰⁶. Ao lutar contra a gente do Sobrado, Mauro Caré rompe as relações pessoais de confiança e o pacto de lealdade entre os senhores do Sobrado e seus agregados, pacto esse tão impregnado nos modos de agir e pensar daqueles indivíduos que a atitude desleal do Caré é condenada até por um ex-escravo (que, mesmo livre, permanece vinculado à família Terra Cambará).

Ao se debruçar sobre os pobres participantes da revolução federalista, Torronteguy destaca que o processo histórico acerca do republicanismo pôde ser considerado desastroso para os segmentos menos privilegiados do Rio Grande. A concretização da República foi festejada e, talvez, sujeitos pobres esperassem algum benefício. Porém, os republicanos positivistas que dominaram o poder no Rio Grande do Sul consolidaram o poder da camada proprietária e comercial³⁰⁷.

Para Torronteguy, “a literatura, passo a passo, por intermédio das suas personagens, acompanhou da tragédia à farsa”³⁰⁸. O drama vivido pelas personagens em *O Tempo e Vento* ressaltou as contradições humanas, seus vícios e virtudes. Durante a campanha abolicionista, há um total desencontro entre os ideais defendidos e a ação prática dos líderes revolucionários. Licurgo Cambará liberta seus escravos em nome da

³⁰⁵ SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Ed. cit., p. 128.

³⁰⁶ MARQUES, Maria Lima. Op. cit., p. 52.

³⁰⁷ TORRONTÉGUY, Teófilo O. Op. cit., p. 145.

³⁰⁸ Ibidem, p. 145.

igualdade republicana, mas o que se percebe é a desigualdade e o preconceito. No destino dos pobres está a tragédia: estabelecida a Revolução Federalista, Mauro Caré lutou (e morreu) ao lado dos maragatos, defendendo, em tese, a volta da monarquia ao país. A trilogia não esclarece porque a personagem luta contra a gente do Sobrado, mas Mauro (assim como os demais combatentes Carés), provavelmente esteve alheio às razões políticas e ideológicas que justificaram o conflito.

Na segunda parte de *O Tempo e Vento*, *O retrato*, a narrativa sublinha a trajetória do Dr. Rodrigo Cambará: a volta do jovem médico à pequena cidade de Santa Fé, que aos poucos vai se modernizando. A narrativa épica perde um pouco de espaço para o aprofundamento psicológico e há menos registros de guerras e conflitos de natureza bélica, mas a obra não perde a sua marca histórica – estão lá, como pano de fundo, entre outros acontecimentos, a nascente república e suas disputas políticas, os líderes nacionais (Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado, Rui Barbosa, Nilo Peçanha) e regionais (Julio de Castilhos, Borges de Medeiros, Carlos Barbosa), a corrupção, as fraudes eleitorais, a Campanha Civilista.

Já em *O arquipélago*, terceira parte da trilogia, em 1923, quando é formada a Coluna de Licurgo Cambará, a única personagem Caré citada é Romualdinho Caré, que auxilia os revolucionários levando e trazendo informações.

Romualdinho Caré trouxe um recado de Juquinha Macedo. A munição escasseava, tinham tido muitas baixas, o pessoal estava cansado e o remédio era bater em retirada para evitar desastre maior.³⁰⁹

Nessa altura do enredo, em que Licurgo e os filhos, Rodrigo e Toríbio, montam uma coluna revolucionária a fim de disputar o poder em âmbito municipal em Santa Fé, aparecem personagens que se colocam mais criticamente em relação à guerra e às ações de natureza violenta, e em relação ao fato de que elas beneficiem os mais ricos em detrimentos de muitas vidas pobres e anônimas, como a dos Carés. Diferentemente de *O continente*, em que a narrativa focaliza mais os acontecimentos, em *O arquipélago*, os fatos aparecem cercados de reflexões diversas a respeito deles. Uma das personagens que faz esse papel questionador é o judeu Arão Stein, que constata que nem na morte pobres

³⁰⁹ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 45. (O tempo e o vento; 3).

e ricos eram tratados como iguais e que as hierarquias permaneciam no velório e no enterro, com homens ricos e importantes sendo velados e enterrados com toda “a pompa e circunstância”, enquanto soldados miseráveis eram atirados na vala comum, sem que seus corpos fossem identificados. A camaradagem entre diferentes em tempo de guerra é falsa e ilusória: um Caré jamais deixou de ser Caré por lutar bravamente ao lado dos Terra Cambarás ou de quem quer que seja. Nenhuma das guerras em que os Carés estiveram presentes teve como motivação política questões sociais que visassem dar conta do problema dos não-proprietários, daqueles que viviam em condições sub-humanas, dependentes da “generosidade” da classe dominante.

Ao retratar fatos da Revolução de 1930, *O Tempo e o Vento* não realça personagens Carés; somente há referência de que também houve participação desses sujeitos nesse conflito. A última personagem Caré homem a ter destaque na trilogia de Erico Verissimo, em *O arquipélago*, é o Cabo Laurito Caré, que morre lutando, em 1945, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Diferentemente de outros Carés que morreram anonimamente, Lauro recebe homenagens póstumas em Santa Fé, tendo um busto seu erguido na praça principal da cidade.

Agora, olhando para a base do monumento, Floriano diz aos dois amigos:

- Quem podia prever que um dia um obscuro membro do clã marginal dos Caré viesse a ter seu busto nesta praça, a menos de cem metros da estátua do coronel Ricardo Amaral, fundador de Santa Fé e flor muito fina do patriciado rural do Rio Grande?...

Irmão Zeca aponta para o outro busto que se ergue no lado oposto do redondel:

– E na frente da imagem de dona Revocata Assunção, sua professora...

– Flor da cultura serrana - acrescenta tio Bicho.

– Segundo a história (ou a lenda) de Santa Fé – conta Floriano, quando retomam a marcha – há muitos, muitos anos um Caré roubou um cavalo dum Amaral. Para castigar o ladrão o estancieiro mandou seus peões costurarem o pobre homem dentro dum couro de vaca molhado e deixarem-no depois sob o olho do sol. O couro secou, encolheu e o Caré morreu asfixiado e esmagado.³¹⁰

Lauro é também o último Cambará morto em combate, já que Rodrigo Terra Cambará morre de enfarte, acamado. Como destaca Maria Lima Marques, desde as

³¹⁰ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 277-278. (O tempo e o vento; 3).

primeiras linhas de *O continente*, os Carés são descritos como sujeitos que, apesar da condição de pária, nunca se deixaram abater pelo medo da guerra. Porém, a virtude do Caré guerreiro, na figura de Laurito, só é realmente valorizada porque repercute positivamente em Santa Fé pelo fato de ser um “evento” internacional (a Segunda Guerra Mundial)³¹¹. Para a autora, nesse processo de glorificação de Laurito, o relacionamento entre Licurgo Cambará e Ismália Caré, até então tabu dentro da família de estancieiros, acaba sendo tratado com relativa naturalidade, em nome do orgulho de haver um busto em homenagem a ele inaugurado na Praça de Santa Fé. Rodrigo Terra Cambará discursa sobre o feito do “sobrinho”, ao dizer que “se o velho Licurgo fosse vivo, apostado como estaria rebentando de orgulho do neto”.³¹²

Na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, a um oceano de distância do Rio Grande, Lauro, assim como outros Carés, e assim como outros gaúchos em outras tantas batalhas, vai colocar a vida dos companheiros acima da sua própria vida. Em um ato de intrepidez, ele desobedece a um oficial superior, permanecendo no campo de batalha para servir de isca ao inimigo e assim permitir que os outros soldados pudessem escapar de um ataque em um momento em que o batalhão encontrava-se em desvantagem. Lauro teve o corpo crivado de balas.

Rodrigo prossegue:

— Li a ordem do dia em que o Laurito foi citado. Foi numa das tentativas de nossa gente para tomar Monte Castelo. O rapaz saiu com uma patrulha de reconhecimento, a patrulha caiu numa emboscada, o tenente que a comandava ordenou a seus homens que se retirassem, pois eram em número menor que o do inimigo, e estavam numa posição desvantajosa. O cabo Caré recusou obedecer à ordem, ficou para trás, sentou joelho em terra, abriu fogo contra os nazistas e ali se plantou, protegendo a retirada dos companheiros, que conseguiram salvar-se. Só encontraram o cadáver do rapaz duas semanas mais tarde, coberto de neve e abraçado ao seu fuzil-metralhadora.

Tinha sete balaços no corpo.³¹³

Todos ressaltam que Lauro Caré era um moleque que cresceu fazendo “mandalletes” pela cidade e que, quando adulto, fixou-se como marceneiro, destacando o

³¹¹ MARQUES, Maria Lima. Op. cit., p. 119.

³¹² Ibidem, p. 119.

³¹³ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 305-306. (O tempo e o vento; 3).

seu grande feito: ter lutado e morrido como “herói” na Itália. Poucos são os que lamentam o seu falecimento, há muito mais festejos em torno da morte do rapaz do que lágrimas pela sua ausência. Essas caem somente do rosto dos seus pais. De resto, é admiração e reconhecimento pela bravura do herói, pois poucos são o que se atêm à perda de uma vida brasileira, miserável, em um conflito em terras tão distantes. A morte de Laurito rendeu homenagens e reconhecimento a uma personagem de sobrenome Caré, mas só isso. Não veio acompanhada de nenhuma grande recompensa para sua gente.

— Quem diria! — murmura ele [*José Lírio*] para Babalo. — Um piá que muita vez eu vi na rua de pé no chão, fazendo mandaletes. — Seu peito arfa ao ritmo duma respiração áspera e cansada. — Os Carés sempre pelearam em campo aberto, mas esse menino teve de brigar em montanha, como cabrito. Mas brigou lindo, como homem. Sangue não nega. Cambará misturado com Caré só podia dar isso.³¹⁴

Entre os poucos a lamentarem a perda de uma vítima inocente diante do horror e da inutilidade da Guerra, estão Floriano Terra Cambará, o filho mais velho de Rodrigo, que visualiza na figura desses gaúchos “heróis de guerras”, inocentes úteis que morrem em nome de causas que só beneficiam as elites, e Roque Bandeira que, com sua indiferença à opinião pública e o seu conhecido sarcasmo, ao se deparar com o busto de Lauro Caré, lança o ácido comentário:

Esse menino teve liberdade para dizer não quando o convocaram para a FEB, quando o tiraram de Santa Fé, de seu ofício de marceneiro, para ir morrer na Itália? Hein? Teve? E o piloto americano do avião que soltou a bomba atômica sobre Hiroxima teve liberdade para negar-se? Ou, melhor, teve liberdade de saber que ia transformar-se no co-assassino de duzentas mil criaturas humanas?³¹⁵

Lauro Caré, como as demais personagens Carés de *O Tempo e o Vento*, e como muitos gaúchos pobres que lutaram em batalhas ao longo da história do estado do Rio Grande, e como muito outros homens que lutaram em outras muitas guerras pelo mundo, como bem coloca Roque Bandeira, não tiveram escolha e praticamente não tiveram

³¹⁴ Ibidem, p. 320.

³¹⁵ Ibidem, p. 92-93.

consciência de que não tiveram escolha. Foram levados pelas circunstâncias de seu tempo e condições de vida.

Em *O arquipélago*, ao colocar uma personagem Caré para morrer na Segunda Guerra Mundial, e apresentar reflexões sobre o tema, incluindo a crítica à morte de um sujeito inocente que é levado, por razões avessas à sua vontade, a “pelear” em terras longínquas, em um conflito que não faz sentido para ele ou para a sua gente, Erico inclui, de certa forma, a sua visão sobre a guerra. O escritor repudia os conflitos, no entendimento de que acontecem, em muitos momentos, independentemente da vontade da maioria:

Detesto a violência. Quanto às guerras, o diabo é que quem decide são os “sistemas”, e não as criaturas humanas. Creio que ninguém pessoalmente deseja a guerra, a não ser um psicopata. A maioria a detesta. Mas os sistemas entram em choque e, estimulados por símbolos patrióticos, lá se vão os homens como rebanhos para o matadouro. Não é mesmo uma coisa terrível?³¹⁶

2.2 Ismália, Joaninha, Ondina e Antonia – As mulheres Carés

2.2.1 “ou bem marias ou bem evas, ou bem santas ou bem putas...” – As mulheres em *O Tempo e o Vento*

Segundo Lélia Almeida, em “Num território de figuras femininas”, várias interpretações de *O Tempo e o Vento* apontam para a existência de uma divisão entre um território masculino e um território feminino na trama ficcional: homens envolvidos em disputas políticas e em guerras, mulheres envolvidas com a casa e com o cuidado da família³¹⁷, características de uma sociedade machista e com papéis sociais e de gênero bastante delimitados.

O patriarcado no Brasil, conforme aponta Heleieth Saffioti, em *A mulher na*

³¹⁶ Entrevista de Erico Verissimo a Maria Dinorah, para o jornal *Correio do Povo*, em 1970, originalmente intitulada “Erico, retrato de um escritor”. VERISSIMO apud DINORAH, 1997, p. 43. DINORAH, Maria. “Dona sorte ou o aprendizado literário”. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

³¹⁷ ALMEIDA, Lélia. “Num território de figuras femininas”. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria: Editora da UFSM; Bauru: EDUSC, 2000. p. 75.

sociedade de classes: mito e realidade, encontrou na mulher branca da sociedade escravocrata uma condição para a sua sustentação. Para a autora, o casamento prematuro da menina, realizado por volta dos seus quinze anos de idade, era a expressão e o reforço da submissão da mulher em relação ao pai e ao marido, acentuada pela imaturidade e pela ignorância da jovem.³¹⁸

Joana Maria Pedro, em *Mulheres do Sul*, destaca, entretanto, que, no Rio Grande do Sul, vamos encontrar diferentes perfis femininos de acordo com os momentos históricos, estando estes ligados a etnias e classes sociais. Contudo, os antigos viajantes, ao falar da mulher brasileira, referiam-se, geralmente, a brancas de família abastada. Alguns ignoravam a existência de mulheres pobres, negras e índias, outros nem as classificavam como mulheres. Com base nas anotações de Saint-Hilaire sobre o estado sulino, feitas entre 1816 e 1822, a autora chama a atenção para a existência de inúmeras senhoras no comando das estâncias, provendo sozinhas a sobrevivência da família em razão da ausência do marido.³¹⁹

O povoamento do Rio Grande, segundo Joana Maria Pedro, baseado na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina de perfil bastante itinerante, ficando a vida familiar e a subsistência sob responsabilidade da mulher. Também os inúmeros conflitos e batalhas ocorridos na região deram aos homens destaque nas atividades políticas e nas guerras. Entretanto, a ausência masculina no lar exigiu que as mulheres assumissem o comando das terras e mantivessem a sobrevivência familiar, transpondo assim o limite das tarefas definidas usualmente para o sexo feminino.³²⁰ “Foi o que Saint-Hilaire percebeu nas várias regiões que visitou: às vezes era recebido pela proprietária viúva ou pela mulher cujo marido estava ausente”.³²¹

O Tempo e o Vento apresenta muitas mulheres: as imigrantes, as índias, as negras, as misturadas, como são as Carés, e os destaques, que são, em grande parte, as moças brancas e bem nascidas, já que a narrativa está focada na formação da elite gaúcha. São mulheres criadas para serem “do lar”, mas esse “do lar” é algo que transcende o universo exclusivamente doméstico, porque, em função de conflitos e de mortes, elas, em alguns momentos, assumem o comando das terras e da família, prescindindo da figura masculina.

³¹⁸ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 240.

³¹⁹ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 278.

³²⁰ Ibidem, p. 280.

³²¹ Ibidem, p. 280.

Mulheres em uma sociedade machista, tentam manter a casa em meio à guerra; não são dependentes, são vigorosas e por isso tão significativas dentro do universo ficcional.

Senhoras de seus lares, mas sofrendo as consequências da ação violenta definida pelos homens e suas peleias, “as mulheres de família”, como Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria, demonstram a força daquelas que foram criadas para manter e sustentar a unidade familiar a qualquer preço. A sociedade retratada por Erico Verissimo é cruel com as mulheres, sejam elas ricas ou pobres, esposa ou amantes³²²: Ana Terra tem o “marido” assassinado, o pai assassinado, o irmão assassinado e ainda sofre silenciosamente um estupro, tendo que recobrar forças para recomeçar, saindo do descampado onde vivia, para, junto do filho Pedrinho e da cunhada Eulália, ajudar na fundação do povoado de Santa Fé. Bibiana vive um casamento repleto das ausências do Capitão Rodrigo, que ora está na guerra, ora nos braços de outras e, quando ele, definitivamente, volta para casa, é para condená-la à viuvez; ela perde dois filhos e ainda assim consegue criar o neto e administrar o Sobrado. Maria Valéria, talvez por ser muito questionadora, é condenada à solteirice, a ver o primo Licurgo, por quem era apaixonada, casar-se com sua irmã Alice, que morre cedo, sobrando para ela o papel de mãe dos sobrinhos e a função que outrora foi de Bibiana, o comando do Sobrado, de onde ela enfrenta a guerra e confronta as decisões do cunhado. São essas mulheres, como coloca Flávio Loureiro Chaves, em *Verissimo e o mundo das personagens*, que detêm o poder da preservação, o poder de assegurar a continuidade das gerações:

O complexo tecido da vida rasgado pelas mais diferentes manifestações da violência, sempre se recompõe na capacidade amorosa das personagens femininas. Essa nota existencial obsessivamente repetida de livro para livro, de história para história, constitui a solução – romântica, repetimos, para a trajetória das personagens de Erico Verissimo. É nas mulheres, sempre moralmente mais fortes do que os seus homens, que se estabelece o sustentáculo do mundo que ameaça desabar. Os homens são personagens do presente, como Vasco e o Capitão Rodrigo de *O continente*, heróis e guerreiros; as mulheres são a força de preservação, cabe a elas assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro.³²³

³²² Cabe citar Jessé Souza, que pontua: sádica foi a relação do homem branco com as mulheres índias, negras, pobres, com as mulheres desprotegidas. Sádica foi a relação do senhor com a sua própria esposa, boneca para reprodução sexual e sexo unilateral. SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Ed. cit., p. 116.

³²³ CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _ (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. 77.

Entretanto, Lélia Almeida aponta ainda para outra divisão, dentro do território feminino apresentado por Erico em *O Tempo e o Vento*: a divisão entre as dignas esposas e as indignas amásias, que é acompanhada da divisão do corpo feminino entre maternal e sexual no imaginário social que se apresenta na narrativa. De um lado, figuras femininas exemplares, como Ana Terra, Bibiana e a própria Maria Valéria (que não gera, mas assume a criação dos sobrinhos), pautadas no arquétipo da grande mãe terra; de outro lado, mulheres como Luzia (a nora de Bibiana), ousada, sedutora (e má), contestadora, associada ao mito da teiniaguá³²⁴, como Helga Kunz, Toni Weber, Roberta Ladário, Sonia Fraga, Mary Lee, Mandy, a Velha Tucha, Anaurelina, Deá, China Amândia, Ruiva, Morena, Natalina, Rosa Branca; e ainda Ismália, Joaninha, Ondina, Antônia, a singularidade das mulheres Carés. Personagens com trajetórias distintas na trilogia, mas com o poder de sedução bastante destacado. Ismália Caré, na percepção de Lélia Almeida, lembrava para Bibiana um jeito, alguma coisa de Luzia, ambas detentoras de poder sexual que desnorteia os homens. Quase sempre no papel de amantes, “as outras”, como são sempre as mulheres Carés, estão excluídas da classe social dos Terra Cambarás, mantendo com estas relações que sempre acabam por acentuar sua condição de inferioridade em relação aos homens e mulheres do Sobrado. Elas simbolizam a sexualidade impulsiva e destruidora.³²⁵

Para Lélia Almeida, existe no romance de Erico uma imagem que é habitual na representação de personagens femininas na literatura: o corpo feminino dividido entre um corpo materno digno e um corpo sexualizado indigno: “ou bem mariais ou bem evas, ou bem santas ou bem putas, como se sabe”.³²⁶ A casa e o mundo doméstico são o território das esposas e das mães, reduto familiar em que se dá o cuidado com a manutenção e a sobrevivência das gerações. Ali as mulheres têm seus filhos, os alimentam, os educam, e os socializam, cumprindo, enfim, a tarefa das mães em um território rigidamente demarcado pelas leis sociais e práticas culturais: a governança do espaço da intimidade, do espaço da casa. É o domínio das mulheres fortes que amparam seus homens e filhos:

³²⁴ Referência a um lenda do Rio Grande do Sul, conhecida também como Salamanca do Jarau; conta a história de uma princesa moura que se transforma em uma bruxa e que vem em uma urna de Salamanca, na Espanha, para uma caverna no Cerro do Jarau, em Quaraí, no interior do estado. A lenda foi publicada pelo escritor João Simões Lopes Neto, no livro *Lendas do Sul* (1913), e inspirou Erico Verissimo a escrever o capítulo *A Teiniaguá*, de *O Continente*.

³²⁵ ALMEIDA, Lélia. Op. cit., p. 77-78.

³²⁶ Ibidem, p. 78.

Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, Flora, Silvia.³²⁷

Sua força vem do recato, decência, dever, da resignação, responsabilidade, sacrifício, da infinita paciência, dessas qualidades que tecem essas mulheres nas suas malhas, enquanto os filhos crescem e os homens partem. O corpo materno é o corpo da casa e não do sexo, não do desejo.³²⁸

Em *O Continente*, Licurgo repele pensamentos eróticos em relação à prima Alice, aquela que seria sua futura esposa:

Por um breve instante o olhar de Curgo fixou-se, morno, no doce relevo dos seios de Alice, e imaginou-a nua em seus braços. Mas repeliu logo esse pensamento. Era indecente, absurdo. Alice ia ser sua esposa, a mãe de seus filhos. Para “aquelas coisas” ele teria a Ismália. (Onde estará ela a estas horas?).³²⁹

Como se observa na passagem acima, a ideia de respeito é inversa à ideia de desejo. É quase como que inadequado sentir atração carnal pela esposa, pela futura mãe dos seus filhos, um desrespeito ao recato que esta mulher deve ter diante da sociedade e do marido. No entanto, traí-la com uma amante sexualmente atraente, sem recato e sem a dignidade social e financeira das esposas, é absolutamente normal. O sexo respeitoso com vistas à procriação é com a esposa, o sexo desejoso e com vistas a saciar os instintos masculinos é com as amásias.

Conforme destaca Lélia Almeida, o desejo vai ser saciado fora de casa, na rua, no espaço masculino, onde os homens fazem a política, a guerra, bebem, fumam, jogam e possuem livremente as mulheres. As chinas, as amásias, as amantes pertenceriam ao universo masculino. Elas habitam o espaço além da casa, são mulheres perdidas, sexuadas, que, conforme justificam os homens (e creem as mulheres de família), atijam com seus corpos e artimanhas até os levarem à perdição³³⁰. Quando, eventualmente, os membros da família Terra Cambará envolveram-se com as empregadas do Sobrado, o sexo com a amante aconteceu em casa, não no quarto ou na cama, mas em algum canto escondido da habitação, no qual a movimentação passasse despercebida da esposa.

³²⁷ Ibidem, p. 79.

³²⁸ Ibidem, p. 79.

³²⁹ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 311. (O tempo e o vento; 1).

³³⁰ ALMEIDA, Lélia. Op. cit., p. 80.

Objetos de posse, as mulheres sexualizadas (prostitutas ou não) são discriminadas pelas senhoras de família. Em *O Tempo e o Vento*, mulheres como Bibiana Terra Cambará e Ismália Caré, por exemplo, são de universos distintos, apesar de habitarem o mesmo espaço e tempo ficcional. A única relação que existe entre as mulheres em campos opostos, como estão estas duas, é a de preconceito da primeira em relação à segunda:

— E casas de mulheres à toa — ajuntou Bibiana acidamente.

Havia para as bandas da coxilha do cemitério uns dois ranchos onde viviam algumas chinas. Dizia-se que até homens casados frequentavam essas ordinárias.

Winter soltou uma risada curta e seca.

— Que é que a senhora quer? Essa é a mais antiga das profissões.

— Uma pouca-vergonha, isso sim é que é — replicou a velha. Lançando um olhar oblíquo para o neto e baixando a voz, ajuntou: — Há homens que nem precisam visitar essas sem-vergonhas, porque têm as amásias em casa mesmo. [referindo-se a Ismália Caré e Licurgo].³³¹

Para senhoras como Bibiana ou Maria Valéria, as mulheres desvirginadas fora do casamento (independente de ter sido por opção ou por abuso) agem desavergonhadamente, merecendo o desprezo. Na passagem acima, Bibiana condena o neto Licurgo por manter um envolvimento com Ismália Caré (que não é considerada moça para o casamento). No entanto, a condenação é no sentido de proteção, pois o objetivo é afastar o jovem do caminho errado (Ismália), colocando-o de volta nos trilhos, em direção ao casamento com a prima Alice, uma moça da família (e de boa família) que atende aos requisitos comportamentais e de condição social para ser a esposa de um Terra Cambará. “Casos” como Ismália Caré são deslizos, são desvios no percurso do casamento do homem. Na construção narrativa, a culpa é delas, pois elas os atacam e cedem ao “pecado” com facilidade. Mesmo que não tenham cedido facilmente, mas tenham sido dominadas pela truculência de um estupro, sempre restará o argumento masculino que inocenta o ato perverso do abuso: “Se não fosse eu, havia de ser qualquer outro”³³², como justifica para si mesmo Licurgo, ao pensar no fato de ter forçado a relação sexual com Ismália.

Em *O retrato*, Toríbio, filho de Licurgo, comenta o envolvimento do irmão Rodrigo com Ondina Caré. “Bio soltou uma risada. – Tu também vais te ‘acostumar’.

³³¹ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 321.

³³² Ibidem, p. 284.

Não penses que a Ondina será a última. Elas provocam, rapaz, e a gente tem que se defender”³³³. Ondina Caré representa o corpo sexuado. A Carezinha, assim como outras mulheres que não servem para esposas, é perigosa, mesmo não oferecendo perigo algum; é provocadora sem necessariamente provocar. Para os Terra Cambarás, essas moças não são confiáveis, não merecem respeito, mas são desafiadoras e fascinantes. De acordo com Lélia Almeida, as mulheres de corpo sexuado são apazíveis, possuem cores, cheiros e contornos que despertam os sentidos masculinos, assim como as frutas, as carnes e as flores. Seus corpos são um território a ser conquistado, possuído, violentado, são corpos que devem entregar-se.³³⁴

A função de mulheres como as Carés é cumprir o sexo, como supõe Licurgo: “— Pois é verdade. Fiz e sustento. Mulher é pra isso mesmo”³³⁵. Ao acreditar que “mulher é para isso”, não se refere a qualquer mulher, mas às mulheres pobres ou de alguma forma indefesas, como são as Carés. As bem nascidas moças de posses não são para “isso”, são para o matrimônio. Por outro lado, como aponta Lélia Almeida, o casamento, a maternidade, o universo doméstico e o cuidado da família são as únicas opções para a vida de moças como Bibiana, Alice, Maria Valéria e Flora.³³⁶

Na sociedade descrita por Erico em *O Tempo e o Vento*, certos valores passam de geração a geração, incluindo a forma como os homens da família Terra Cambará lidam com sua sexualidade, sempre mantendo envolvimento apenas carnavais com as moças mais humildes que habitam a cidade de Santa Fé e, especialmente, o Angico, as terras da família. No entanto, eles, os homens, também são reféns de uma construção social que separa sexualidade e respeito.

Tal construção evidencia-se em *O continente* e em *O retrato*. Em *O Arquipélago*, a narrativa da paixão secreta de Floriano pela cunhada Sílvia, coloca em relevo a atração física, o afeto e a admiração pela mulher, que poderia perfeitamente tornar-se sua esposa, se já não fosse casada com Jango. Licurgo e Rodrigo Terra Cambará, especialmente, não se permitem manter algum tipo de fantasia erótica em relação às esposas ou futuras esposas. Toda vez que cometem tal “deslize”, ele vem acompanhado de lástima e autocondenação.

³³³ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 233. (*O tempo e o vento*; 2).

³³⁴ ALMEIDA, Lélia. Op. cit., p. 80.

³³⁵ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 284. (*O tempo e o vento*; 1).

³³⁶ ALMEIDA, Lélia. Op. cit., p. 80.

Em *O retrato*, Rodrigo, depois de inúmeros relacionamentos “indecorosos” e de ter forçado Ondina Caré a manter relações sexuais com ele, alegra-se por perceber que não tem fantasias eróticas em relação a Flora, sua futura esposa.

Cerrou os olhos e imaginou Flora deitada a seu lado, a cabeça pousada em seu ombro, os cabelos recendendo a jasmim. Felicitou-se por não ter para com ela nenhum pensamento lúbrico. No fim de contas não sou nenhuma besta – refletiu, sonolento. Sou capaz de sentimentos puros. Atirou longe o cigarro e enrodilhou-se, procurando uma posição cômoda.³³⁷

Como propõe a análise de Lélia Almeida, as “outras” são vistas como prostitutas, mesmo que a maioria delas não o seja. São mulheres que sofrem com a violência de homens que anseiam dominá-las³³⁸. O poder de sedução das jovens Carés, “incidentes” fora do casamento, é relatado como algo quase sobrenatural e irresistível. “As Carés fêmeas possuíam todas um certo feitiço que atraía os homens – refletia Rodrigo ao estudar a anatomia de Antônia”³³⁹, em *O arquipélago*.

Não é a beleza ou o feitiço que leva algumas mulheres a tornarem-se amantes em *O Tempo e o Vento*, e sim a sua condição de fragilidade. “Fechou os olhos e ficou sentindo o surdo pulsar do coração. Mas como lhe seria fácil trazer Ondina para a cama!”³⁴⁰, devaneia o Dr. Rodrigo em *O retrato*.

Ondina é uma jovem pobre e indefesa, assim como Toni Weber, que se mata depois de ficar grávida do Dr. Rodrigo Terra Cambará. Hipocritamente, o personagem Rodrigo questiona: “- Por que é que a virgindade numa moça branca e rica pode ser mais preciosa que a duma coitadinha como a Ondina?”³⁴¹. Coloca-se em evidência um tempo e um modelo de sociedade em que a honra de uma mulher de origem humilde vale menos do que a honra de uma moça de família abastada.

Entretanto, para além da divisão das mulheres de *O Tempo e o Vento* entre recatadas mães de família e amantes, proposta por Lélia Almeida, entendemos que a questão possa ser observada a partir de um ângulo mais complexo. Ana Terra, antes de

³³⁷ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 235. (O tempo e o vento; 2).

³³⁸ ALMEIDA, Lélia. Op. cit., p. 80.

³³⁹ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 192. (O tempo e o vento; 3).

³⁴⁰ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 228. (O tempo e o vento; 2).

³⁴¹ Ibidem, p.159.

conhecer Pedro Missioneiro, passa várias noites sendo consumida pelo desejo de homem. Bibiana enfrenta o pai e se liga ao Capitão Rodrigo por paixão, e tem com ele um casamento recheado de noites e dias de prazer (um prazer que chega a deixá-la envergonhada, mas nem por isso ela deixa de vivenciá-lo). Luzia é extremamente sedutora e sexualizada; casa-se com Bolívar porque é rica. Torna-se mãe, mas sempre sofre preconceito por sua forma de se portar, dominando (e não sendo dominada pelo marido), emitindo suas opiniões controversas, chocantes, aparentando ver com regozijo a maldade, a crueldade, o sofrimento alheio (e até o seu próprio infortúnio), odiando Santa Fé. A personagem é o oposto da ideia de recato, submissão, acolhimento e de benevolência esperada de uma mãe de família naquela localidade. Ainda assim era mãe, era esposa e dona do Sobrado.

As Carés, notadamente, serão sempre amásias dos estancieiros e não serão donas de casas, porque a linhagem de espoliados, praticamente ao longo da trilogia, não tem casa, vive em ranchos, é agregada na propriedade alheia. Mas elas também serão mães, as mães solteiras, as mães de filhos cujo reconhecimento os pais negaram. Ainda que as personagens Carés de maior relevo na trama, sejam, de fato, mulheres fornecedoras de prazer sexual, expresso como atos de violência (que caracteriza o universo da estância), seus corpos erotizados não estão negando a possibilidade de se tornarem corpos maternos. Pelo contrário, por serem erotizados (e ingênuos) são transformados mais rapidamente em corpos maternos, levando as Carés a cuidarem (sozinhas) de seus rebentos.

A separação entre senhoras/moças de família e mulheres “perdidas” está implícita na narrativa de Erico. Contudo, o imaginário masculino que percebe alguns corpos como erotizados e outros vocacionados à maternidade, envolve mais do que propriamente desejo sexual, mas uma questão social. Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, Flora e Sílvia são mulheres que merecem a consideração masculina, assim como Luzia, que, independentemente de sua conduta e da sua sensualidade desconcertante. Ismália, Joanhina, Ondina e Antônia (e as prostitutas e outras mulheres em situação desfavorável) não merecem distinção. Em *O Tempo e o Vento*, a respeitabilidade de uma moça define-se com base no estrato social e/ou no pertencimento familiar.

Bibiana era pobre quando se casou com o Capitão Rodrigo Cambará, mas tinha pai e irmão, quem lhe defendesse a honra. “Aqui todas as mulheres têm dono — explicou

Juvenal Terra. — As que ainda não têm são moças de família e querem se casar”³⁴². E assim o forasteiro foi se dando conta de que para dormir com Bibiana precisaria casar-se com ela. As personagens de sobrenome Caré, como já mencionamos, serão membros de famílias fragilizadas pelas péssimas condições em que vivem. As mulheres Carés, além de não terem casa para serem “do lar”, serão como a filha do errante João Caré, alugada pelo próprio pai, que precisa alimentar a família numerosa.

*João Caré [...], como precisa de dinheiro para dar de comer à família,
aluga a filha mais moça a um negociante.*

É virgem?

É sim senhor.

Quantos anos tem?

Deve andar pelos quinze.

Está no ponto.

É sim senhor.

Os olhos do homem cocam as pernas da chinoca.

Quanto quer por ela?

Vossa mercê faça preço.

Dois patações e uma manta de charque.

Pode levar a menina.

Os olhos do homem cocam os peitinhos da chinoca.

*Está fechado o negócio. Mas, se ela não for virgem, quero de volta o
dinheiro. E te mando dar uma sumanta de rabo-de-tatu.*

*Minha filha, vá com o coronel, faça tudo que ele mandar.*³⁴³

O negociante que objetiva alugar a menina não tem a menor consideração por João Caré enquanto chefe de família, inclusive ameaça o pai com uma surra, caso a moça, não seja, verdadeiramente, virgem. Consideração essa que Licurgo também não tem pelo pai de Ismália Caré. “Dar aquelas explicações à filha do Mané Caré seria rebaixar-se muito.”³⁴⁴ Dada a sua condição de “párias”, ninguém respeita os homens Carés e, tampouco, suas filhas. As mulheres Carés serão as filhas de “João Ninguém”, homens miseráveis e menosprezados pelos demais, que estarão mais preocupados em saciar a

³⁴² VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 214. (O tempo e o vento; 1).

³⁴³ Ibidem, p. 191-192.

³⁴⁴ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 370. (O tempo e o vento; 1).

fome da família e manter o teto onde vivem do que com a defesa de valores como virgindade. Ou serão, como Ondina Caré, fruto de relacionamentos ocasionais; sua mãe foi abandonada logo após o coito e a jovem cresceu desconhecendo a figura paterna. Em todos os casos, nessas famílias, estará ausente a presença da figura masculina com força suficiente para defender valores prezados em outros estratos sociais.

– Quem é?

– A Ondina, filha da Joaquina Caré.

– Quem é o pai?

Bio sacudiu os ombros.

– Ninguém sabe. Nem a Joaquina. O velho Fandango costuma dizer que vaca de rodeio não tem touro certo.³⁴⁵

Deste modo, a divisão entre as mulheres que servem para amantes e as que servem para esposas em *O Tempo e o Vento* dá-se em função da estrutura familiar e da condição financeira. Ondina Caré não tem dinheiro, não tem casa e não tem família que possa defendê-la do abuso. Ela é uma moça atraente (as Carés são moças atraentes), mas é, acima de tudo, uma “presa” fácil – como agregada que é – para o dono da estância.

Entre as mulheres violadas que aparecem na narrativa de Erico Verissimo, também é possível perceber mais uma fragmentação: as prostitutas e as amantes. As primeiras, depois de sofrerem o abuso, passam a sobreviver por meio do sexo, cobrando para satisfazer homens da região. As segundas, categoria na qual se enquadram as personagens de sobrenome Caré, calam-se diante do defloramento e resignam-se ao papel de amantes, mantendo relações camufladas com homens casados. Nesse caso, a situação de concubina, como aparece na trilogia, pode até se reverter e a moça encontrar um marido. Um marido que aceite o fato de ela não ser mais virgem e que, principalmente, esteja no mesmo nível social dela. Antônio Caré casa-se com um peão da fazenda vizinha, depois de ter sido amante dos irmãos Rodrigo e Toríbio.

Praticamente inexistente na narrativa de Erico a noção de mulher com pleno domínio sobre o seu corpo e seus impulsos sexuais. Talvez Luzia ensaie essa postura e a professora Roberta Ladário seja o ponto alto, mas essa é uma condição que não se aplica à trilogia *O*

³⁴⁵ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 228. (*O tempo e o vento*; 2).

Tempo e Vento porque não se refere ao período histórico e ao modo de ser da sociedade que está sendo apresentada. Quando se trata de sexualidade, as mulheres da narrativa (ricas e pobres), estão quase sempre a satisfazer os impulsos eróticos masculinos; é o homem que decide o momento e conduz a mulher ao ato sexual, estando o desejo e o prazer feminino subjugado pelo machismo reinante. Mesmo a suposta modernidade e autonomia do comportamento de Roberta estarão atreladas à condição de adultério, sendo ela mais uma das amásias do Dr. Rodrigo. Ele ainda é um homem importante socialmente, traindo a esposa, em sua própria casa, com uma professora que vive na cidade sob os cuidados de freiras. Embora Roberta pareça ser a menos indefesa das amantes, ainda recai sobre ela o estigma negativo da mulher que permite dar-se ao desfrute com um homem casado.

Algumas das personagens que figuram como amantes em *O Tempo e o Vento* são estrangeiras, como Toni Weber; outras são oriundas da cidade grande, como Roberta Ladário. As da terra são chinocas: pelo comportamento “inapropriado” e pela condição social, não são consideradas exímias donas de casa e esposas, como as senhoras da aristocracia. Deste modo, as mulheres Caré não serão mulheres prendadas, mas chinas.

2.2.2 Ismália, Joaninha, Ondina e Antônia: trajetórias femininas

As mulheres Carés nomeadas em *O Tempo e o Vento* são quatro: Ismália, Joaninha, Ondina e Antônia, mas há a indicação de que existam muitas mais. Entre os inúmeros Carés espalhados pelo Continente, muitas são as mulheres. Elas vivem “juntadas” com homens Carés ou soltas, “passando de mão em mão”, tendo um filho “de cada pai”, como a filha de João Caré (cuja mãe também era china) e mãe de Mingote Caré, todos apresentados nos interlúdios do romance:

E foi assim que nasceu o Mingote Caré.

Cresceu ali mesmo no Rio Pardo, onde a mãe, china de soldado, dormia com os dragões a dez vinténs por cabeça.

*Agora lá vai ela levando o Mingote no colo e outro filho sem pai no bucho. E o vento frio deste julho faz tremular seus molambos.*³⁴⁶

³⁴⁶ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 192. (*O tempo e o vento*; 1).

As Carés que aparecem nos interlúdios de *O Tempo e o Vento* não recebem nome; são referidas como a china de alguém. Acompanhando os homens Carés, elas viverão, inicialmente, errantes, sem morada certa. Oriundas da mais completa pobreza, serão as filhas vendidas por alguns vinténs, as mulheres trocadas, emprestadas, aquelas que sempre ou ocasionalmente precisarão oferecer o corpo para saciar a própria fome e a da família.

Em “Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível”, Maria Cristina Cortez Wissenbach afirma que a mobilidade que caracterizou a vida de homens e mulheres pobres, especialmente durante a vigência do modelo escravocrata, foi provocada por um sistema que relegou sujeitos livres a viver um aproveitamento residual, sendo a condição de andarilhos intensificada pelo monopólio da propriedade da terra, pelo latifúndios e pela escravidão³⁴⁷. Assim, como Erico mostra nos coros de *O Tempo e o Vento*, mudar de lugar torna-se um hábito para gaúchos e chinas em condição de extrema miséria. Contudo, pondera a historiadora, foi o modo de viver nômade – no caso das mulheres Carés eventualmente também sem “gaúcho” certo –, que dava aos pobres a maleabilidade para escapar da penúria, da fome e da violência que se entrelaçava ao nomadismo. Existia uma legião de sujeitos, predominantemente homens, no caso do Rio Grande, mas incluindo também as chinas e seus “filhotes”, a fugir constantemente das vicissitudes que inviabilizavam o sobreviver.³⁴⁸

Para Marina Basso Lacerda, em *Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra a mulher na formação do Brasil*, entre os pobres da colônia, certas noções como virgindade, casamento e monogamia ainda não estavam introjetadas. As mulheres, embora conhecessem a importância do sacramento do matrimônio, preferiam viver em parcerias conjugais ditadas pela oportunidade e pela ocasião, parcerias moldadas pelas árduas condições materiais e da falta de segurança econômica da colônia, que ditavam regras e costumes próprios.³⁴⁹

Como o narrador afirma nos interlúdios de *O Tempo e o Vento*: Caré não se casa,

³⁴⁷ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 57. (História da vida privada no Brasil; 3).

³⁴⁸ Ibidem, p. 59.

³⁴⁹ LACERDA, Marina Basso. *Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado: patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Direito)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 38.

junta-se. Quando as personagens Carés homens da trilogia encontram uma china para acompanhá-los nas andanças ou morar em algum rancho de propriedade alheia, este é uma enlace informal, em condições flexíveis em relação à virgindade e à fidelidade. Em *O continente*, o território do Rio Grande é apresentado como um descampado, quase que em permanente estado de guerra. Mesmo entre as famílias mais estruturadas, era necessário esperar algum tempo para contratar casamento, aguardando o aparecimento de um padre ou de um juiz no vilarejo. Algum tempo depois que a ainda modesta família Terra muda-se para o povoado de Santa Fé em formação, Eulália, viúva de Antônio, irmão de Ana Terra, anuncia que irá juntar-se com um viúvo e casará quando aparecer um sacerdote na localidade.

Por aqueles dias Eulália foi viver com um viúvo cinquentão que não fora para a guerra por ter dois dedos da mão direita decepados.

— Quando aparecer um padre nós casamos — explicou ela a Ana, de olhos baixos, na hora em que foi comunicar à cunhada sua resolução de juntar-se com o viúvo.³⁵⁰

A informação é recebida com naturalidade por Ana Terra. A família, que ainda não era abastada e influente, encarava com alguma normalidade relacionamentos que não seguiam formalidades tradicionais. De acordo com Marina Basso Lacerda, o concubinato era prática comum no Brasil colônia, apesar de condenado pela igreja e estar em desacordo com os valores preconizados pelo estado. Mesmo com um certo moralismo reinante entre as classes altas, havia diversas formas de famílias, com uniões consensuais, sem as formalidades exigidas pelas normas. Essas uniões não eram expressões de luxúria, como entendia a igreja, mas sim uma alternativa conveniente de adaptação econômica e cultural para a possibilidade de vida conjugal daqueles que pertenciam às camadas subalternas.³⁵¹

Entre os humildes, errantes e mestiços Carés, o casamento era irrelevante em meio à necessidade de sobrevivência. O corpo era para as mulheres o único bem a ser negociado em momentos de adversidade, já que elas não tinham muito mais do que ele, enrolado em trapos para se proteger do frio. Somado a isso, talvez a própria ancestralidade indígena levasse essas mulheres a conceber a sexualidade e os envolvimento afetivos de forma

³⁵⁰ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 180.

³⁵¹ LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 37.

distinta dos portugueses, completamente imbuídos de valores e modos de agir pautados nos referenciais católicos.

De acordo com Marina Basso Lacerda, era uma tradição indígena incorporar estranhos à comunidade, dando uma mulher como esposa. Aceitando-a, o estranho passava a ter todos os parentes dela como seus também. Dessa forma, os primeiros passos da miscigenação brasileira deram-se em parte por aceitação das mulheres indígenas, em parte pelo simples estupro. Com o passar do tempo, diferentemente do início da colonização, especialmente a partir do século XVII, os casamentos interétnicos passaram a ser mal vistos, como uma forma de desclassificação social dos brancos.³⁵²

No trecho de *O Tempo e o Vento*, desde o início da narrativa (século XVII), os indígenas são vítimas de extermínio e discriminação: primeiro, a índia (mãe de Pedro Missioneiro) aparece grávida e, ao que tudo indica, a gravidez foi resultado de um abuso; depois, houve a destruição dos Sete Povos das Missões. Mais tarde, Pedro Missioneiro é hostilizado pela família Terra por ser índio e acaba assassinado, quando Maneco Terra descobre que ele havia engravidado Ana. As chinas Carés já serão um subproduto da mestiçagem generalizada que ocorreu nos anos iniciais da colonização e das relações sexuais passageiras (por meio da violação ou não) entre brancos e indígenas ou mestiças. Elas continuarão, assim como os homens da linhagem Caré, sujeitas a todo o tipo de espoliação, em função da origem e da maneira desamparada como vivem.

No Rio Grande de outrora, os termos china e bugra eram utilizados em referência à mulher de origem indígena, com pele escura e cabelos lisos. Especificamente, o termo china fazia uma associação entre o fenótipo das indígenas que viviam no sul, com o fenótipo de pessoas de origem chinesa e, eventualmente, era utilizado para designar prostitutas e mulheres da vida.³⁵³

Segundo Valéria Schwuchow, em “Efeitos de sentidos nas imagens da mulher e homem no discurso dicionarístico do Rio Grande do Sul”, a palavra china, assim como gaúcho, guasca e prenda, faz parte do repertório popular de sujeitos que residem afastados dos centros urbanos e estão ligadas a um discurso cuja reprodução reporta ao espaço campesino e rural do Rio Grande do Sul na época da colonização e da monarquia portuguesa no Brasil³⁵⁴. De acordo com a autora, as chinas são mulheres com feições

³⁵² LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 42.

³⁵³ Fonte: http://www.bombachalarga.org/ver_materia.php?id=549
<http://lapampagaucha.blogspot.com.br/2015/08/de-china-chinoca.htm>

³⁵⁴ SCHWUCHOW, Valéria. “Efeitos de sentidos nas imagens da mulher e homem no discurso

próximas das indígenas, mulatas e caboclas. Contudo, o termo ultrapassa a descrição das características físicas, quando assume o sentido pejorativo, assinalando uma mulher que corrompe os preceitos morais da sociedade, servindo a muitos homens. No contexto da literatura do Rio Grande do Sul, a denominação também estará bastante associada à mulher que se faz presente no campo de batalha, não guerreando, mas ao lado do soldado³⁵⁵, o que também tem sentido negativo, porque as senhoras de respeito aguardavam o marido em casa, cuidando da família. Quando Erico refere-se à mãe de Mingote Caré como “china de soldado” está afirmando que a moça acabou tornando-se prostituta e atende aos homens que estão em guerra. Entretanto, como a própria narrativa mostra, mulheres solteiras (como Ismália, Ondina e Joaninha) ou que viviam apenas com um homem (como Dona Paula, a mulher do vendeiro Nicolau), por seus traços indígenas e condição social à margem, também eram referidas como chinas e vistas de forma aversiva pela sociedade, mesmo não sendo meretrizes.

O termo china, no passado, dificilmente aparecia em sentido positivo. Isso diversamente do termo prenda, que, como ressalta Valéria Schwuchow, cria uma relação entre a mulher e os objetos de valor, conferindo, desse modo, uma ideia de ser virtuoso ou valoroso. Tal imagem de mulher é representada também como a companheira, que reina dentre as demais, na comparação com uma rainha. A prenda pertence a um só homem, diferente da china. Para a autora, existe uma imagem cristã e moral em torno da prenda, representando ela as virtudes da mantenedora do lar, uma mulher digna de circular na sociedade, diferente da china, que não frequenta os espaços em que certa ideia de moral é um preceito. O papel da mulher prendada é o de servir de exemplo para as mais jovens, por meio de sua “boa” conduta e da dedicação ao lar.³⁵⁶

Quando o termo prenda aparece em *O Tempo e o Vento* é sempre em sentido positivo. É, por exemplo, a maneira carinhosa como Bibiana é chamada pelo Capitão Rodrigo Cambará.

Uma noitinha, depois do jantar, Rodrigo sentou-se num banco, botou a mulher no colo e começou a beijá-la com avidez.
— Não! — balbuciou ela. — Agora não.

dicionarístico do Rio Grande do Sul”. *Memento*: Revista do Mestrado em Letras, Linguagem, Discurso e Cultura da UninCor, Betim, v. 5, n. 1, jan./jun. 2014, p. 3.

³⁵⁵ Ibidem, p. 6.

³⁵⁶ Ibidem, p. 08.

— Só um pouquinho, minha prenda — disse ele, e seus lábios úmidos e frescos passearam pelo pescoço da mulher.³⁵⁷

Prendada também é a denominação usada para se referir à jovem que tem as qualidades essenciais para se tornar uma boa esposa, aquela que o rapaz pode contratar casamento, seguro de que a moça atende aos predicativos domésticos, comportamentais e religiosos para exercer, de forma exemplar – sempre preservando “os bons costumes” – o papel de educar os filhos e de cuidar do lar. Bibiana usa o termo para elogiar Ondina Alvarenga, a futura esposa do sobrinho Florêncio Terra:

Quando já estavam longe de Ondina, Bibiana voltou a cabeça para o sobrinho e murmurou:

— Uma boa moça pra vassuncê casar, Florêncio. — Deu meia dúzia de passos em silêncio e depois prosseguiu: — É muito prendada, sabe fazer renda de bilro como ninguém, é sossegada, boa dona de casa e uma doceira de mão-cheia.³⁵⁸

Em *O Tempo e Vento*, o termo prenda é usado em oposição ao termo china. Entre as inúmeras chinas citadas por Erico, aparecem as chinas das linhagens dos Carés. Quando a referência à china pretende ser menos depreciativa, aparece o termo chinoca. Como na passagem a seguir, de *O continente*, em que Licurgo define as funções que Alice (prenda) e Ismália (china) terão na sua vida.

Seria inútil tentar explicar à avó que ele gostava da prima Alice o suficiente para fazê-la feliz; que a achava bonitinha, prendada, e que tinha a certeza de que ela ia ser ótima dona de casa, boa esposa e boa mãe — mas que todas essas coisas nada tinham a ver com o que ele sentia pela Ismália. A chinoca não pedia nada, não esperava coisa alguma. Gostava dele quase assim como uma cadelinha gosta do dono.³⁵⁹

Atualmente, as denominações china e chinoca, muito utilizadas na música gauchesca, são sinônimos de prenda e referem-se à mulher do gaúcho, perdendo assim a

³⁵⁷ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 302.

³⁵⁸ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 62. (O tempo e o vento; 1).

³⁵⁹ Ibidem, p. 283.

conotação negativa que outrora tiveram. Erico, na trilogia, utiliza-se dos termos china e chinoca sempre à moda antiga, para denominar as mulheres pobres, de origem indígena, como são as personagens de sobrenome Caré e as meretrizes (independente da origem étnica delas). No geral, quando a denominação china aparece no entrecho, referindo-se a prostitutas ou não, está carregada de preconceito e de visão hostil:

Repetindo um ditado que ouvira no galpão, Curgo procurou justificar-se:

— Com mulher só brinco na cama — resmungou.

Mas não era verdade: nem na cama brincava. Quando se deitava com as chinas — a Rosa, a Belinha, a Índia Nenê —, era sem alegria. Não as acariciava, nem pedia carícias. Tratava-as com rispidez, dando a entender que estava pagando e não pedindo favores. Fornicava com uma mistura de sofreguidão animal e a gravidade meio ressentida de quem está contrariado por “precisar dessas piguanchas”. Quando se despedia delas não ajuntava nem o esboço dum sorriso aos patações com que lhes “pagava o serviço”.³⁶⁰

Na narrativa, diferentemente do termo gaúcho, que na obra de Erico já vai ter conotação positiva, as chinas manter-se-ão como a escória feminina, quase sempre referidas de forma aversiva e maldosa: “as nossas chinas, as nossas mulatas analfabetas e sifilíticas.”³⁶¹

Supõe-se que Erico Verissimo, ao usar o termo china para se referir, pejorativamente, a moças mais humildes, de traços indígenas, prostitutas, acompanhantes de soldados e mulheres “amigadas” com algum homem, mulheres, enfim, que não mantinham relações definidas por meio do casamento, está buscando apresentar ao leitor os tipos humanos femininos que eram alvo do preconceito generalizado no Rio Grande predominantemente rural e interiorano dos tempos do Brasil Colônia, Império e primórdios da República. Em tal contexto, china (e com menor intensidade também as alcunhas de rapariga e bugra) representa uma denominação que expõe a condição desigual da mulher e a desqualifica perante a sociedade.

No que tange às chinas da linhagem dos Carés, elas só serão nomeadas na narrativa principal (Ismália, Joanhina, Ondina e Antônia) quando deixam a condição de errantes e passam a ter morada certa como agregadas do Angico, estando quase sempre no papel de

³⁶⁰ Ibidem, p. 212.

³⁶¹ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 150. (O tempo e o vento; 3).

amantes dos membros da família do Sobrado. Se aos homens Carés é reconhecida sua capacidade na guerra, as chinas Carés têm no máximo reconhecidos os atributos físicos e a beleza que as tornam desejáveis. Se o “clímax” da trajetória dos Carés “machos” está em lutar na linha de frente de um batalhão, o “clímax” da trajetória das Carés “fêmeas” está na prática de sexo animalesco com os membros da família Terra Cambará.

Em *O Tempo e o Vento*, destaca-se a relação de poder (e desejo) entre o homem rico/importante e as moças humildes/mestiças. Implicitamente existe a ideia de que possa haver por parte delas um despudoramento, ao seduzir os “machos”, e menos apego a valores como virgindade e recato. No entanto, as descrições pontuadas no enredo, contraditoriamente, também explicitam a noção de violação e de desqualificação de classe e de gênero. As Carés conformam-se com o tratamento cruel. A brutalidade daqueles homens para com os corpos delas é algo enraizado naqueles campos e estâncias. Na sociedade patriarcal e machista apresentada por Erico, a violência em relação às moças Carés (e a outras mulheres pobres) era a regra e não a exceção. É como se elas próprias se percebessem como mulheres destinadas a serem desrespeitadas. Dessa forma, a reação ao estupro faz-se branda, comedida, silenciosa, com a vítima, surpreendentemente, voltando a procurar o seu algoz. Em *O Continente*, Licurgo inicialmente violenta Ismália. Consciente da crueldade do seu ato, esperava que a moça passasse a repudiá-lo. No entanto, alguns dias depois, inesperadamente, quem volta a procurá-lo é ela:

A coisa no entanto acontecera da maneira menos esperada. Depois daquela manhã passara vários dias sem pôr os olhos na menina. E uma tarde, à hora da sesta, estando ele deitado no seu quarto já quase a cair no sono, vira um vulto de mulher esgueirar-se pela porta entreaberta e caminhar na direção de sua cama. Era Ismália. Fez-lhe um sinal e a china veio enroscar-se a seu lado como uma gata.³⁶²

Para Marina Basso Lacerda, no passado brasileiro, as relações entre homens considerados brancos e mulheres de ascendência indígena (ou negra), deram-se, na grande maioria das situações, por interesses carniais, não sendo oferecida às moças a dignidade além daquela atribuída aos animais. A conduta do homem de classe dominante foi, e talvez ainda seja, de uso sexual das mulheres de classe inferior, de indiferença

³⁶² VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 284. (O tempo e o vento; 1).

sentimental e social, bem como de irresponsabilidade para com os filhos de tais intercursos.³⁶³ Na trilogia, Licurgo Terra Cambará mantém envolvimento mais duradouro com Ismália Caré, desenvolvendo sentimentos pela moça, ainda que expressando desprezo pela sua origem e “raça”. Contudo, será um relacionamento mantido às escuras, que desagrada a família Terra Cambará e que o constrange.

Aquela gente antiga sofria porque procurava viver de acordo com um código de honra que quase sempre estava em violento desacordo com suas necessidades e desejos mais profundos.

– Que diabo! – exclamou uma tarde em que viu o pai sair a cavalo a hora da sesta, rumo do rancho de Ismália Caré. – Por que é que não se casam duma vez e acabam com esse mistério?

Mas ele sabia que tal casamento seria impossível e que a solução do problema não era tão simples assim.³⁶⁴

Mesmo já viúvo, Licurgo, em *O retrato*, é hostilizado por seus inimigos políticos no Jornal *A voz* e eles valem-se do envolvimento dele com Ismália para atacá-lo, como se fosse criminosa a relação entre o estancieiro e a mulher do clã dos Carés. Junto ao injurioso artigo, aparece o seguinte estribilho:

Ai Licurgo Cambará
Ai Licurgo Cambaré
Onde está, onde estará
*A tua Ismália Caré?*³⁶⁵

Com um tom sarcástico, o refrão equipara o sobrenome Cambará ao sobrenome Caré, fazendo um misto dos dois, depreciando a figura do estancieiro importante, colocando-o na condição de um Caré, de um miserável. Isso demonstra que a aversão a indivíduos da raça dos Carés, que a aversão aos pobres, não era uma peculiaridade da família do Sobrado, mas algo que permeava a sociedade santafezense como um todo.

No envolvimento de Rodrigo Terra Cambará e de Toríbio Terra Cambará, filhos

³⁶³ LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 40-41.

³⁶⁴ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 176. (O tempo e o vento; 2).

³⁶⁵ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 289. (O tempo e o vento; 2).

de Licurgo, com as moças de origem Caré, não existe a afeição que Licurgo acaba desenvolvendo por Ismália, levando-o a enfrentar recriminações sociais e políticas. Para Rodrigo e Toríbio, é somente desejo sexual que, depois de abrandado, resulta apenas em algum peso de consciência, fortificado pela ojeriza à possibilidade de o sangue Terra Cambará misturar-se com o sangue Caré. Em *O retrato*, o Dr. Rodrigo Terra Cambará, aterroriza-se ante a possibilidade de ter engravidado Ondina Caré.

– E a idéia de que um filho – um filho de sua carne e de seu sangue – pudesse nascer dela, enchia-o dum temor mesclado de repugnância. E nessa repugnância descobria, decepcionado, um sentimento de aristocracia, uma consciência de casta. Era-lhe friamente desagradável a idéia de que o sangue dos Cambarás, senhores do Sobrado e do Angico, pudesse misturar-se com o dos Carés.³⁶⁶

Para Marina Basso Lacerda, no início da colonização, associou-se muito a mulher indígena com a natureza, com elementos da terra e, na própria literatura indianista, autores como José de Alencar e Gonçalves Dias valeram-se bastante da associação entre as nativas e as paisagens que as circundam.³⁶⁷ No imaginário dos homens da família Terra Cambará, as moças de origem indígena (Ismália, Ondina, Joantina, Antônia), as mestiças Carés, também serão comparadas a elementos do ambiente, não à mata virgem, mas a uma estância, que já é da propriedade do colonizador.

Em *O arquipélago*, Rodrigo Terra Cambará compara o beijo de Antônia à fruta mais abundante em sua propriedade:

Uma tarde beijou a cabocla na boca pela primeira vez. Ocorreu-lhe uma comparação: o beijo de Antônia Caré tinha o sabor agridoce e meio áspero do sete capotes, a fruta que mais dava naqueles matos do Angico.³⁶⁸

Destaca Maria Basso Lacerda que a analogia inicial entre a mulher indígena e a natureza foi, posteriormente, estendendo-se às outras mulheres, o que implicou, em muitos casos, em noções de adestramento, de exploração, de devastação, de uso e de

³⁶⁶ Ibidem, p. 231.

³⁶⁷ LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 28.

³⁶⁸ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 403. (O tempo e o vento; 3).

abuso³⁶⁹. Em *O Tempo e o Vento*, as meninas Carés que habitam o Angico são comparadas a elementos da natureza próxima: bichos domésticos, frutas que existem na estância. O lugar do sexo com elas é quase sempre o mato, perto da sanga, ou da invernada. Misturam-se à natureza, que serve de testemunha para sussurros e gemidos. Ismália, Joaninha, Ondina e Antônia não são como uma terra virgem e desconhecida, mas como bichos que ajudam a compor o cenário da fazenda. São caçadas como animais e possuídas, muitas vezes, no campo; esse campo é parte da propriedade de quem as domina. Elas também compõem a propriedade, são parte das terras do patrão e independentemente de provocarem ou de resistirem, ao cabo, é preciso fazer a vontade do dono.

Exceto no momento da cópula ou da guerra, a “raça” dos Carés é profundamente desprezada pelos estancieiros e pela sociedade como um todo. São as chinocas e os gaúchos que nada têm de seu, além do corpo humano para ser aproveitado na linha de frente dos batalhões ou no coito. Se na relação dos homens com a guerra existe o paradoxo entre a obrigação de participar do combate e o gosto pela liça, na relação das mulheres com o ato sexual também vigora o paradoxo. Como já mencionamos, Ismália é forçada a entregar-se a Licurgo em um primeiro momento, procurando-o depois. Ondina aparentemente olha com interesse para Rodrigo; depois resiste a deitar-se com ele no mato, o que não a impede de voltar a dormir com o doutor por várias vezes depois deste primeiro momento. Em toda descrição de sexo entre os membros da família Terra Cambará e as mulheres Carés existe selvageria e brutalidade por parte dos homens e, inicialmente, uma resistência chorosa e calada por parte delas. Resistência que vai se dissipando com o passar das sessões de “comédia”. Licurgo Terra Cambará assim descreve o primeiro contato sexual com Ismália:

E certa manhã, após longo assédio, muitos negaceios e engodos, conseguira levá-la para o mato. Nos últimos momentos, porém, tivera de pegá-la à força, e desses minutos agitados e resfolgantes de luta corporal lhe haviam ficado lembranças meio confusas e perturbadoras: o desejo que, exacerbado pela longa espera e pela resistência de Ismália, se havia transformado numa fúria quase homicida; os gritos da chinoca, primeiro de protesto e finalmente de dor; os guinchos dos bugios que, empoleirados nas árvores e excitados pela cena, haviam rompido numa gritaria endoidecedora.³⁷⁰

³⁶⁹ LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 41.

³⁷⁰ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 283-284. (O tempo e o vento; 1).

Nos episódios de sexo entre as mulheres de sobrenome Caré, especialmente Ismália, e os membros da família Terra Cambará existe uma espécie de combate, uma pequena guerra sem armas, em que prevalece a lei do mais forte, do mais poderoso. Há nos gritos e choros de Ismália uma tentativa de fuga, mas é uma tentativa que culmina no silêncio e no consentimento. O protesto, a fúria, o corpo que se debate, tudo é em vão porque elas já nascem derrotadas. No Brasil, como aponta Caio Prado Júnior, em *A formação do Brasil contemporâneo*, ao longo da história, a facilidade com que homens ricos conseguiam obter (forçadamente ou não) índias, negras ou mestiças, enfim, mulheres das camadas subalternas, levou à proliferação de filhos ilegítimos e contribuiu para que o país se tornasse umas das nações mais miscigenadas do mundo.³⁷¹

Ao se render, as Carés colocam em marcha uma estratégia de sobrevivência. Afinal, o que podia uma mulher pobre e mestiça diante da cobiça de um homem poderoso e rico? Em tempo de paz, a “raça” dessas mulheres tem sua condição humana desclassificada. Elas são os corpos que os estancieiros levam para o mato e dominam, assim como quem domina gado em rodeio. Esta é a relação. Gritar, chorar, resistir são ações inúteis, pois a sociedade confere àqueles homens importância, enquanto as despreza e discrimina. Eles têm direito a tudo, inclusive a elas. E assim, elas, não podendo opor-se à vontade do patrão, não podendo vencer o “inimigo”, resignam-se e, depois do estupro, voltam a entregar-se quantas vezes eles desejarem: uma vida toda, no caso de Ismália Caré; alguns encontros, nos casos de Ondina Caré e Antônia Caré.

Uma das características das Carés destacadas na trilogia, além da beleza mestiça, é o fato de serem mulheres extremamente caladas, que não pedem ou cobram absolutamente nada. Testemunha Licurgo, em *O continente*, ao referir-se à Ismália: “Era boa a presença daquela criatura, bom o calor de seu corpo, o contato de sua carne. Ismália não pedia nada, não perguntava nada. Era fácil estar ao lado dela.”³⁷² As Carés não ousam questionar o lugar que ocupam na sociedade e na vida dos estancieiros, conformando-se com o papel de amásias, sem terem a pretensão de serem alçadas à categoria de esposas.

Diferentemente das esposas, que, mesmo austeras e inferiorizadas diante do comando masculino, têm sempre alguma pergunta a fazer, as amantes da linhagem dos

³⁷¹ PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011, p. 112-114.

³⁷² VERISSIMO, Erico. Op. cit., p. 370.

Carés estão sempre em silêncio. É muito comum os agregados seguirem sem questionamentos as ordens dos patrões; as moças Carés expandem tal comportamento para os envolvimento sexuais com os donos da estância. Em *O retrato*, Toríbio, que também dormiu com Ondina, elogia o comportamento calado da moça em diálogo com o irmão Rodrigo:

- Escuta, a Ondina te disse alguma coisa a meu respeito?

- Não. O bom é que ela nunca fala.³⁷³

Se elas não falam, ninguém irá saber. As Carés, com seus silêncios, acabam por facilitar a vida dos estancieiros, preocupados com a reputação diante da família e da sociedade. Se ninguém souber e elas não ficarem grávidas, não existirá nada aquém e além do coito selvagem e prazeroso com a agregada mestiça. Todavia, o que torna a literatura interessante são as nuances inesperadas, as surpresas, o drama, a farsa e a comédia: Ismália engravida e Licurgo apaixonado-se pela rapariga. Rodrigo e Ondina são descobertos por Laurinda, que revela que a Carezinha atende a vários homens no Angico. Rodrigo e Antônia são flagrados por Floriano, ainda menino, que fica chocado ao ver o pai copulando com a empregada. Os silêncios das Carés escondem muitas coisas, mas parte dos acontecimentos acabam sendo revelados por outros meios.

Apesar de as chinocas Carés serem moças caladas, que não pedem ou cobram absolutamente nada, Ismália, ao se relacionar com Licurgo, podia ser trazida à cidade em uma aranha (veículo puxado por cavalos). Não andava mais a pé, como as chinas Carés sem nome que aparecem nos interlúdios de *O Tempo e o Vento*. Posteriormente, ela também foi instalada, pelo estancieiro, em uma casa na cidade. O que talvez justifique o fato de elas, em alguns momentos, procurarem os abusadores, depois da brutalidade da primeira cópula, é, quem sabe, a possibilidade de se aproximarem de um homem rico, mesmo no papel de amantes, o que não deixa de ser uma ponte para a obtenção de alguns pequenos privilégios.

Na relação entre os fazendeiros e as mulheres humildes de *O Tempo e o Vento*, especialmente as agregadas da família, evidencia-se a lei do mais forte sobre o mais fraco. O mais forte domina, sem muitos remorsos, apenas temendo que o ato perverso seja

³⁷³ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 241. (O tempo e o vento; 2).

descoberto por todos ou resulte em gravidez da fêmea e, se esta se confirmar, a criança não será reconhecida de qualquer maneira. A questão do reconhecimento dos bastardos não está nem em discussão na narrativa. Nos mais de dois séculos retratados por Erico Verissimo, não há nada que obrigue um homem a reconhecer a paternidade de uma criança gerada fora do casamento, nem mesmo a consciência, pois, afinal, a regra geral era o abandono da criança e do rebento. Porém, em um caso isolado, em *O arquipélago*, já no final da trilogia, o boêmio Toríbio Terra Cambará, que nunca se casou, tendo dormido com várias mulheres, além das Carés, acabou por reconhecer, por vontade própria, Zeca, o filho que tivera com a lavadeira do Sobrado.

Em *O continente*, Licurgo Terra Cambará, atordoado ao saber da gravidez de Ismália, reflete sobre o futuro da criança, caso essa viesse a nascer:

Filho natural. Isso é que ele ia ser. Filho natural. Se fosse um homem a coisa seria má; mas se fosse mulher, tudo ficaria ainda pior. Cresceria como a mãe, ao abandono, no rancho dos Carés. Quando se fizesse mocinha algum graúdo a levaria para a cama e depois a deixaria ao abandono com um filho na barriga.³⁷⁴

Nesse momento de reflexão, que se dá quando Licurgo sente-se abalado com a notícia da gravidez de Ismália Caré, torna-se explícita a trajetória dos filhos ilegítimos, renegados e miseráveis, praticamente condenados a uma vida de adversidades mesmo antes de nascer, já que terão ínfimas chances de mobilidade social. A situação ficará pior se o bastardo nascer mulher, pois não terá de conviver apenas com a pobreza, mas também com relações abusivas, que gerarão novos filhos sem a paternidade reconhecida. Ao lado da mãe, perpetuarão por muito tempo a espiral de miséria e dependência, em uma sociedade com muita pouca mobilidade social, em que a miséria de muitos alimenta o prestígio e o poder econômico de poucos.

De acordo com Marina Basso Lacerda, ao longo da história brasileira, a gravidez fruto das relações sexuais de homens (brancos ou mestiços, proprietários ou não) com mulheres de classe baixa (não necessariamente escravas ou índias), na maioria das vezes, deu-se sem o reconhecimento da paternidade – o que resultava, em alguns casos, no abandono de crianças, posto que ser mãe solteira era uma situação social vergonhosa. A responsabilidade dos pais só era garantida aos filhos de pai e mãe de classes altas,

³⁷⁴ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 371. (O tempo e o vento; 1).

oficialmente casados. Deste modo, o núcleo familiar pobre estará sempre centrado na figura materna, que gera filhos cujos cuidados os progenitores do sexo masculino negam, em um fenômeno de ampla paternidade irresponsável³⁷⁵.

Assegura Rodrigo Terra Cambará, em certa passagem de *O retrato*: “era quase uma tradição no Angico não terem os filhos das Carés pais certos”³⁷⁶. Joanhina Caré, por exemplo, mãe de Ondina Caré, única personagem da linhagem dos Carés presente na narrativa principal que não é citada em envolvimento com os membros da família Terra Cambará, vai ter um filho de cada pai. Entre esses pais poderá haver homens abastados, mas também peões do Angico, já que, como aponta Toríbio, a mulher havia dormido com quase todos os homens da estância. A conduta de não reconhecimento dos filhos gerados com as mulheres das camadas inferiores não era privilégio de homens ricos e importantes, como Licurgo, mas praticada irresponsavelmente por homens de todos os estamentos sociais.

No caso específico, aponta Marina Basso Lacerda, de relações sexuais entre parceiros de *status* sociais distintos (como Licurgo e Ismália) e fora do casamento, os filhos ilegítimos eram excluídos das honrarias sociais do ascendente mais bem colocado, normalmente o pai, e então eram criados em casas comandadas pelas mães, de estrato mais baixo.³⁷⁷ É exatamente o que aconteceu com o não nominado filho de Ismália, em *O Tempo e o Vento*: ele cresceu aos cuidados da mãe, sendo socialmente ignorado pelo pai, pelos irmãos e pelos demais membros da família do Sobrado.

Cabe analisar mais detalhadamente a trajetória das quatro personagens femininas da linhagem dos Carés introduzidas na narrativa principal de *O Tempo e o Vento*. Essas personagens habitam o enredo de Erico, preponderantemente, nos pensamentos e nas palavras de outros personagens, em especial dos homens da família Terra Cambará. Diferentemente dos homens Carés, “protagonistas de interlúdios”, em destaque nos coros, que falam por si e que, de algum modo, expressam a sua forma de pensar e viver, as mulheres Carés margeiam silenciosamente a narrativa principal. Assim, muito do que se sabe a respeito delas é a partir do que é relatado por outros personagens, tomados por suas próprias problemáticas e visões de mundo.

Em termos de procedimentos hermenêuticos, é impossível debruçar-se sobre

³⁷⁵ LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 52.

³⁷⁶ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 237. (O tempo e o vento; 2).

³⁷⁷ LACERDA, Marina Basso. Op. cit., p. 52-53.

Ismália sem acompanhar o percurso de vida de Licurgo. Assim como é impossível referir-se a Ondina ou a Antônia sem mencionar o Dr. Rodrigo Terra Cambará. As personagens Carés formam contraponto com a gente do Sobrado. Nesta análise, o foco recai sobre elas e não sobre os protagonistas da trilogia. Contudo, a vida dessas mulheres na tessitura ficcional só se configura, inevitavelmente, por meio das relações que estabelecem com as personagens centrais.

Ismália Caré³⁷⁸

Entre as 16 personagens Carés na trilogia *O Tempo e o Vento*, Ismália é, sem dúvida, o mais importante, tanto que é título de um capítulo de *O continente*. Este capítulo narra o que se passa em 24 de junho de 1884, marcando a entrada das personagens Carés (que até então constavam apenas nos interlúdios) na narrativa principal, e gira em torno da campanha abolicionista e do relacionamento entre Licurgo e Ismália. O foco está nas atitudes e pensamentos de Licurgo, nas suas incoerências e paradoxos, mais do que propriamente em Ismália. A chinoca, filha de Mané Caré e irmã de Laco Caré, e, provavelmente, descendente de Chiru Caré, é apenas coadjuvante, está ali em algumas poucas falas e nas fantasias e reflexões do jovem latifundiário, que está noivo, prestes a se casar com a prima Alice.

O capítulo inicia-se com Licurgo tomado por duas grandes expectativas: a primeira em relação ao evento que aconteceria mais à noite no Sobrado, quando ele entregaria a carta de alforria aos escravos da família; a segunda, em relação à chegada de Ismália, a quem ele havia mandado buscar no Angico. À medida que vai se aproximando o momento da solenidade e a casa vai se enchendo de negros, Licurgo vai perdendo interesse pela cerimônia, voltando seus pensamentos para Ismália.

Inicialmente, o estancieiro recorda-se de que começou a desejar intensamente a agregada quando a viu pela primeira vez no rancho dos Carés e que não foi fácil levá-la para o mato, uma vez que a jovem resistiu o quanto pôde, tendo ele que, nos minutos que antecederam a cópula, forçá-la, o que o deixou, depois de aplacado o desejo, bastante

³⁷⁸ A Profa. Dra. Mirhiane Mendes de Abreu (Unifesp), ao arguir esta dissertação, apontou para a importância de um olhar mais aprofundado sobre o nome da personagem Ismália, recuperando-se as relações intertextuais que estabelece com o poema homônimo do simbolista Alphosus de Guimarães (1870-1921): “Quando Ismália enlouqueceu,/ Pô-se na torre a sonhar/ Viu uma lua no céu,/Viu outra lua no mar. [...]”.

constrangido e com remorsos. Licurgo pensou que, depois da brutalidade da primeiro coito, Ismália nunca mais ia querer vê-lo. No entanto, alguns dias depois, a moça foi procurá-lo em seu quarto e bastou apenas um sinal para que prontamente fosse deitar-se ao seu lado. Assim estabeleceu-se o romance entre Ismália e Licurgo, o qual, no entendimento do estancieiro, deveria persistir, mesmo após o casamento com Alice. “Sempre que pensava na noiva, sua imagem lhe vinha acompanhada pela da amante”³⁷⁹. Alice seria a pudica esposa, a mãe dos filhos; Ismália, a amásia sensual, erotizada.

A situação entre Licurgo Cambará e Ismália desagrade profundamente Bibiana, que começa a pressionar o neto para que termine o caso com a Carezinha. Poucos dias antes da festa de libertação dos escravos, o rapaz mantém com a avó um diálogo embaraçoso.

— Pensa que sou cega, Curgo? Eu vejo tudo.
— Pois é verdade. A Ismália é minha amásia.
Não tivera coragem de encarar a velha.
— Mas agora vassuncê vai casar, precisa deixar a china o quanto antes.
Ele permanecera silencioso.
— Promete?
— Não.³⁸⁰

Pelo comportamento de Licurgo, fica evidente que ele pretende casar-se com a prima Alice para satisfazer a avó e as convenções sociais e manter a relação ilegítima com Ismália. Bibiana questiona se o neto mandou buscar a menina, o que Licurgo confirma. No entanto, avó e neto querem a presença de Ismália por razões diferentes: ela quer que o neto finalize de vez o envolvimento com a moça, Curgo quer ardentemente aplacar a saudade e o desejo que sente pela Caré.

— Mandou buscar a Ismália?
Seu primeiro impulso foi o de dizer que não. Mas não sabia mentir.
— Mandei.
— Então a coisa não está acabada?

³⁷⁹ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 283. (O tempo e o vento; 1).

³⁸⁰ Ibidem, p. 283.

— Não.

— Mas é preciso acabar o quanto antes.

— Eu sei.

— Se sabe, por que é que não acaba? Falta só um mês pro seu casamento.

Curgo pensou: mais cedo ou mais tarde a Alice tem de saber. Mas nada disse.³⁸¹

Bibiana não aprova o vínculo de Licurgo com Ismália porque a moça é humilde, agregada da família, um membro do clã marginal dos Carés. Mas Bibiana também associa Ismália a Luzia, a nora com quem, por 14 anos, depois da morte de Bolívar, traçou uma disputa pela criação do neto. Disputa que Luzia perdeu, não só porque morreu, mas porque durante o crescimento do menino, ao que a narrativa indica, a avó cuidou para que esse ficasse o mais afastado possível da mãe. Ismália, com seu poder de sedução, acaba retomando uma espécie de disputa pelo coração do rapaz.

— Nunca me agradei da cara dessa china, a Ismália. No princípio eu não sabia por quê. Agora sei...

Ficou esperando que o dr. Winter perguntasse: “Por quê?”. Mas ele permaneceu calado, os olhos fitos na amiga. Das outras salas vinham, agora mais fortes, as vozes dos convivas. Os gaiteros romperam a tocar os primeiros compassos duma quadrilha. Bibiana inclinou-se para o médico e esclareceu:

— O diabo da menina tem na cara, nos olhos, no jeito, qualquer coisa que lembra a mãe do Curgo.³⁸²

Para Bibiana, a mulher perfeita para o neto é a submissa e apagada Alice, que segue todas as suas ordens, causando apenas, em função da sua aparência física, um certo temor em relação à sua fertilidade, à sua capacidade de gerar descendentes e dar continuidade à linhagem nobre. “A moça tinha os quadris estreitos: não podia ser boa parideira. Mas fosse tudo pelo amor de Deus! Ela conhecia muitas mulheres de bacia estreita que botaram muitos filhos no mundo e só morreram de velhice”³⁸³. Para a matriarca, Ismália Caré, ao contrário de Alice, é um elemento inusitado, livre, sedutor e, assim como Luzia, difícil de ser dominado. Mas Ismália não é Luzia, Ismália não é rica e

³⁸¹ Ibidem, p. 292-293.

³⁸² Ibidem, p. 381-382.

³⁸³ Ibidem, p. 358.

por isso precisa ser descartada da vida de Licurgo o mais rápido possível. E se, por vontade do rapaz, ela acabar ficando, como, de fato, fica, a sua presença não pode, jamais, perturbar a paz do casamento.

Licurgo encanta-se com Ismália porque a mestiça Caré, apesar de miserável, é bela, tendo as feições mais bonitas do que as de muitas moças pertencentes às famílias de elite.

Estava com saudade das feições da rapariga, daquela cara dum moreno terroso, bem como mingau respingado de canela, e principalmente daquelas pupilas dum verde desbotado de malva, com esquisitos pontinhos dourados. Nunca pudera compreender como duma família de posteiros miseráveis e molambentos havia nascido uma criatura bonita como a Ismália, com traços mais finos que os de muita filha de estancieiro rico.³⁸⁴

Apesar da forma inicial truculenta, Licurgo, a seu modo, apaixona-se por Ismália, o que o impede de pensar em romper os vínculos com a chinoca. O desejo pela Carezinha é mais forte que a pressão da família, que as convenções sociais, que as disputas políticas. Ismália Caré domina os pensamentos e as emoções do Terra Cambará. Nesse ponto, Bibiana tem a sua razão: Ismália é uma tentação que tira Licurgo dos trilhos, que o descontrola e o faz agir visceralmente, levando-o a um arrebatamento que se assemelha ao que a Teiniaguá, Luzia, provocava em Bolívar.

Se ele pudesse apagar Ismália com uma esponja... teria coragem para tanto? Não. Embora os outros pudessem considerar Ismália um borrão em sua vida, ele não deixava de sentir por ela o que sentia. Agora tudo desaparecia: a festa, o declamador, o poema, a abolição, a noiva, a avó, a república — tudo. O que ele sentia era um desejo urgente de ver a chinoca, de apalpá-la, abraçá-la, penetrá-la. Sua sensação de febre aumentava e ele sentia o pulsar surdo do próprio coração e começava a remexer-se na cadeira como se estivesse sobre um braseiro. Era sangue ou fogo o que lhe corria nas veias? Não era apenas a ferida da testa que latejava: seu corpo inteiro pulsava, quente, dum desejo que chegava a doer.³⁸⁵

No capítulo “Ismália Caré”, que abarca apenas um dia, Licurgo, guardando a

³⁸⁴ Ibidem, p. 369.

³⁸⁵ Ibidem, p. 366-367.

lembrança de Ismália, participa de um folguedo português conhecido como cavalhada, em que os membros da elite local exibem seus dotes de guerreiros na simulação de uma luta entre mouros e cristãos. Na oportunidade, ele acaba brigando, por razões políticas, com um membro do clã dos Amarais. À noite, no Sobrado, realiza-se a cerimônia de entrega das cartas de alforria dos escravos e depois acontece um jantar de comemoração em que a família Terra Cambará recebe alguns amigos e simpatizantes da causa abolicionista e republicana. Os escravos, depois de libertos, comemoram à parte, do lado de fora do casarão. A abolição e a república não são consenso entre os membros da família: Bibiana e Florêncio veem estes movimentos como disparates e se perguntam, por exemplo, de que maneira poderiam os escravos sobreviver em liberdade? Licurgo é apenas abolicionista e republicano por questões locais de disputa de poder e não por uma consciência de que essas mudanças poderiam melhorar a vida dos brasileiros e gaúchos. Licurgo é abolicionista contanto que os negros fiquem do lado de fora e não se misturem com sua gente. Licurgo defende a república contanto que esta não modifique a sua situação de grande estancieiro e de homem influente na cidade de Santa Fé. Em *O Tempo e O Vento*, Erico coloca as campanhas abolicionista e republicana como acontecimentos elitizados, nos quais tanto os escravos como os miseráveis Carés foram agentes passivos em processos que praticamente não alteraram as distinções sociais e de classe que se estabeleceram no período colonial.

Durante o jantar no Sobrado, enquanto Licurgo está sentado à mesa, com a noiva, a avó e os demais convidados, Ismália Caré finalmente chega ao casarão. Licurgo deixa a comemoração, desvia-se dos negros que estão do lado de fora da casa e vai ao encontro da jovem. “Levou-a sem dizer palavra para o fundo do quintal, para uma zona que a luz da fogueira não atingia”³⁸⁶.

Em seguida, é apresentada uma sequência de falas que demonstra que Ismália porta-se como uma empregada de Licurgo, com a mesma submissão dos escravos e peões, sem ousar contrariar nenhuma ordem do patrão.

— Vem — ordenou Curgo.

Fez meia-volta e caminhou para o barracão que se erguia contra o muro dos fundos do quintal. Abriu a porta e entrou. Ismália seguiu-o silenciosamente.

Dentro estava completamente escuro. Curgo tomou da mão da rapariga e

³⁸⁶ Ibidem, p. 368.

conduziu-a para cima duns fardos de alfafa.

— Senta aqui.

Ela obedeceu.

— Está com muito frio? — perguntou ele.

— Muito não.

— Então tira o poncho.

Ela tirou e Curgo estendeu-o sobre dois fardos.

— Deita aqui.

Ismália deitou-se.³⁸⁷

Licurgo trata a jovem Caré como mais uma de suas posses. Ela apenas atende a todos os desejos dele, silenciosamente, sem questionar. A moça é oriunda de uma família de posteiros que vive às custas da família Terra Cambará. A família de Ismália dependia da família Terra Cambará. Independente do envolvimento afetivo, Ismália devia-lhe deferência. Precisava obedecer, se não quisesse ser acusada de ingrata ou sofrer retaliações. Licurgo cismou em desejá-la e, dadas as condições dos Carés, não havia alternativa a não ser entregar-se. Nesse ponto, Ismália não é como Luzia, porque a mãe de Licurgo, além de moça de posses, é uma personagem dominadora, que costumava fazer Bolívar atender às vontades dela. Por outro lado, Ismália também não é como Maria Valéria, recatada, mas pronta para enfrentar Bibiana ou Licurgo, fazendo valer a sua opinião. No quesito submissão, Ismália talvez seja um pouco como a frágil Alice Terra. No entanto, Alice não tem a beleza de Ismália, Alice não seduz como Ismália, Alice não autoriza o depravamento físico que Ismália consente. Logo, para Licurgo é conveniente manter as duas mulheres.

Às escuras, no barracão dos fundos do Sobrado, na sequência de intensa relação sexual, Ismália profere a mais significativa, e umas das poucas falas da personagem ao longo da narrativa: “— Vou ter um filho”.³⁸⁸

Ismália, a primeira Caré da narrativa principal de *O Tempo e o Vento*, a primeira a ser nomeada, vai ter um filho que o pai não pretende reconhecer, assim como se dá com a filha de João Caré, nos interlúdios da obra. Diante da notícia, Licurgo fica completamente atônito, em dúvida se permitirá ou não o nascimento da criança.

Não. O melhor mesmo era a Ismália botar o filho fora. A negra Anastácia

³⁸⁷ Ibidem, p. 369.

³⁸⁸ Ibidem, p. 371.

conhecia umas ervas infalíveis: tudo ia ser fácil. A Anastácia resolveria o caso... Já bastavam as outras preocupações de sua vida. O filho ia dar o que falar. Pensou nas explorações que seus inimigos políticos podiam fazer. Ele e os outros membros do Clube Republicano estavam empenhados numa campanha de regeneração em que falavam em decência e bons costumes. O Manfredo Fraga era capaz de insinuar nos seus editoriais infetos que o presidente do Clube Republicano de Santa Fé havia desonrado a filha dum humilde posteiro, deixando-lhe no ventre o fruto do pecado, etc., etc. Estava decidido. A criança não ia nascer...³⁸⁹

Como pode ser notado no trecho, a preocupação de Licurgo não é com Ismália; o que ele decidir em relação à gravidez será feito independente da opinião da rapariga. Afinal, a moça costuma obedecer calada. O que faz Licurgo apavorar-se é a repercussão social do fato, o uso político que poderá ser feito disso, caso seus inimigos políticos descubram o filho bastardo.

Ainda em *O continente*, no capítulo o “Sobrado V”, que se passa em junho de 1895, dez anos após o casamento do estancieiro, tendo como pano de fundo os momentos finais da Revolução Federalista, o casarão dos Terra Cambarás encontra-se cercado pelos maragatos. Lá dentro, a recém-nascida filha morta de Licurgo aguarda um enterro decente em uma caixa de marmelada. Alice padece em função do parto difícil e da agonia pela morte do bebê e o estancieiro pensa no que poderá ter acontecido com a amante, que ficou no Angico.

Pensa no Angico e em Ismália com uma saudade impaciente. Onde estará ela agora? Que lhe terá acontecido? Talvez tenha conseguido fugir... Mas fugir para onde? O mais provável é que haja sido presa e obrigada a ir para a cama com aqueles maragatos do inferno. Por alguns segundos Licurgo fica a ruminar o prazer carnal que tantas vezes a rapariga lhe deu; lembra-se dos olhos dela, da voz dela, das formas e do contato do corpo dela — tudo isso, porém, dum modo remoto, apagado, frio. Talvez a esta hora Ismália esteja morta, enterrada e podre.³⁹⁰

A lembrança que Licurgo tem de Ismália gira em torno do prazer que o corpo dela lhe proporcionava. Ao mesmo tempo, teme que aquele corpo esteja sendo usado por

³⁸⁹ Ibidem, p. 372.

³⁹⁰ Ibidem, p. 171-172.

outros, por muitos outros, ou que esteja sem vida, “podre”, inutilizável para sempre. “Torna a pensar em Ismália e em Alice, mas entre as duas surge em seu espírito a figura de Maria Valéria. Cadela! Aquela solteirona seca e antipática a meter-se onde não é chamada!”³⁹¹ A cunhada está entre as duas e desperta tanta raiva porque é a única que pressiona Licurgo, que lhe cobra, exigindo dele uma atitude. Maria Valéria coloca-se contra a guerra por meio de palavras e atitudes e não apenas com lágrimas, lástimas e silêncios.

Ismália Caré estará presente, ladeando a história, como um elemento obscuro, que volta e meia é lembrado na fala dos protagonistas também em *O retrato* e em *O arquipélago*. No capítulo “Chantecler”, da segunda parte da trilogia, Rodrigo Terra Cambará, filho de Licurgo e Alice, recém-formado em medicina, volta a Santa Fé. Em meio a memórias do passado, lembra a morte da mãe, ocorrida quando ele tinha em torno de 13 anos. O texto sugere que o vínculo ilegítimo de Licurgo com Ismália, que nesse momento já perdura por mais de 30 anos, foi uma das causas do martírio de Alice.

“Lá vai a amásia do papai...” – ele compreendera com uma clareza contundente e dolorosa o verdadeiro sentido da palavra mártir. Sua mãe era uma mártir porque padecia por saber que o marido tinha outra mulher. Rodrigo odiara o pai durante dias, semanas, meses. Levava muito tempo para se refazer daquele choque e poder de novo olhar o velho de frente, falar-lhe com naturalidade e tornar a sentir por ele a antiga afeição.³⁹²

Mesmo com a morte de Alice, Ismália continuou no papel de amante, tendo a família do Sobrado ojeriza à Caré, pois, além do preconceito em relação à condição social de Ismália, ainda associa o romance proibido à morte da esposa de Licurgo. Assim, o caso que já incomodava no início continuou a incomodar com o passar dos anos, mas sem que a situação fosse muito pronunciada ou discutida. Ismália passou a ser um espectro incômodo.

Já adultos, os irmãos Rodrigo e Toríbio, em alguns momentos, entraram no assunto, mas não sem constrangimentos.

– Então a história continua?

³⁹¹ Ibidem, p. 174.

³⁹² VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 112. (O tempo e o vento; 2).

– Por que não havia de continuar? Esses rabichos duram a vida inteira. E, depois, o velho ainda está no cerne... [...]

Um invencível constrangimento, que começara no dia em que Bio Ihe revelara a existência daquela ligação, impedia-o de pronunciar o nome de Ismália Caré. Mesmo agora, ao cabo de tantos anos, leituras e experiências, verificava, um pouco decepcionado consigo mesmo, que não podia encarar o assunto com a tolerância mundana dum civilizado.³⁹³

Nessa parte da narrativa, quando Alice já não existe mais, o casal Licurgo e Ismália encontra-se quase todos os dias. Ismália continua a segui-lo. Se ele vai para o Angico, ela vai também. Se ele vai para a cidade, ela vai também. Na estância, ela mora em um rancho no fundo de uma invernoada; na cidade, o amante a instalou em uma casa na Rua dos Farrapos. Em razão de ter conquistado o estancieiro, mesmo no papel de amásia, Ismália agora vive em duas residências, uma na cidade de Santa Fé e outra nas terras da família Terra Cambará.

O que Ismália sentia por Licurgo a narrativa não revela. Sabe-se que ela é uma moça bastante sedutora e que faz todas as vontades de Licurgo. Se ela o ama? Se o deseja enlouquecidamente assim como ele a deseja? Isso ficou obscuro, assim como a própria existência da personagem. Ela é importante, mas sem voz, estando sempre envolta em uma teia de mistério e dúvidas que não chegarão a ser esclarecidas para o leitor.

De todo modo, mesmo passados mais de trinta anos do início do vínculo, em um período repleto de mudanças sociais no Rio Grande e no Brasil (a Abolição, a República, a Revolução Federalista), o preconceito em relação aos pobres e em relação às uniões ilegítimas segue com vigor. O concubinato com Ismália é usado para fazer perseguição política a Licurgo no já citado de artigo d'A Voz, ainda em *O retrato*, no capítulo "Chantecler". Vitupera o articulista:

De onde partem as pedradas traiçoeiras que pretendem atingir o honrado governo deste município? De alguma casa que não tem telhado de vidro? Não. Elas partem duma casa vulnerabilíssima, do Sobrado dos Cambarás, sepulcro caído, mansão do vício, da iniquidade, da desídia e da podridão; duma casa que, para usarmos a imagem do grande Guerra Junqueira, é sinistra e suja como o lençol das velhas prostitutas; duma casa cujo chefe, em vez de dar-se o respeito que se exige de todo o cidadão digno desse título, afronta nossa

³⁹³ Ibidem, p. 213.

sociedade vivendo amancebado com uma mulher por ele teúda e manteúda, [...]³⁹⁴

A *Voz* faz oposição ao jornal *A Farpa*, comandando por Rodrigo Terra Cambará, e o artigo ofensivo foi uma resposta a uma provocação anterior, publicada em *A Farpa*. Sempre foi um dos temores de Licurgo o uso político de sua ligação com Ismália. O artigo apresenta os homens da família Terra Cambará como devassos e amorais, sendo a falta mais grave de Licurgo o amancebamento com Ismália.

Para Luciana Rocha Pinto, em “A moral e religião no código criminal imperial ou uma apologia da soberania em tempos de ilustração”, o concubinato designava relações maritais com mulheres inferiores ou de comportamento duvidoso. A expressão “teúda e manteúda” era sinônimo de mulher que, além de amásia, é mantida com os recursos do amante – que mantém vínculo com outra família. A expressão também sugere uma relação duradoura³⁹⁵. Ao asseverar que Ismália é “teúda e manteúda” por Licurgo, o artigo informa que a mulher, como amante, é sustentada pelo fazendeiro, o que de fato é verdade, não obstante a conotação negativa da expressão utilizada. O jornal acrescenta que todos em Santa Fé sabem do caso, certamente verdade, já que a relação dura anos. Contudo, poucos se atrevem a fazer comentários, a maioria evitando o assunto, pois se trata de uma união velada. A infração vigora mais no código de valores morais daqueles sujeitos do que propriamente na situação legal em si, uma vez que Licurgo já se encontrava viúvo. Ainda em *O retrato*, Rodrigo sugere que o pai deveria casar-se com a amante. No entanto, o próprio filho dá-se conta que não é simples assim, pois Ismália era de uma família de posteiros; o relacionamento ilegítimo já havia causado muito sofrimento para Alice e dificilmente a conservadora Maria Valéria dividiria o comando do Sobrado com Ismália Caré.

Em *O arquipélago*, no capítulo “O Deputado”, cujo arco temporal cobre de 1917 a 1922, vem à tona novamente o caso entre Ismália e Licurgo, agora tratado com um pouco mais de naturalidade pelos irmãos Toríbio e Licurgo, fazendo eles inclusive referência ao irmão bastardo, que nesse momento da narrativa já é um homem adulto e casado.

³⁹⁴ Ibidem, p. 288-289.

³⁹⁵ PINTO, Luciana Rocha. “Moral e religião no código criminal imperial ou uma apologia da soberania em tempos de ilustração”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011, p. 4.

De uma das janelas do casarão, Rodrigo e Toríbio acompanharam o pai com o olhar e viram-no dobrar a esquina da rua dos Farrapos e entrar na dos Voluntários da Pátria. Entreolharam-se e sorriram. Aquilo acontecia todas as noites, desde que eles eram meninos. Licurgo Cambará ia visitar a amante, continuando fielmente uma ligação que começara antes de seu casamento com Alice Terra. A mulher chamava-se Ismália Caré e nos tempos de moça fora uma cabocla bonita, morena, de grandes olhos esverdeados. Mesmo agora, já na casa dos cinquenta, conservava um corpo esbelto, uma face quase sem rugas e aquela tez cor de canela com açúcar. Licurgo tivera com ela um único filho, que hoje estava casado e já também pai de família.³⁹⁶

Com o passar dos anos, Licurgo tornou-se um homem bastante reservado e frio com a família e com os filhos legítimos. Assim, apesar da maior espontaneidade com que os irmãos abordam o caso entre o pai e a mulher Caré, o incômodo em face da relação afetiva mal vista persiste. Rodrigo chega a demonstrar certa inveja da forma carinhosa com que, supostamente, o pai trata a amante.

– Todos os sorrisos e carinhos que ele nos nega, decerto vai dar agora para a Ismália Caré...

Maria Valéria, que naquele momento surgira à porta, disse.

– Não seja ciumento, menino!³⁹⁷

Apesar da aversão que a família e a sociedade expressa em relação a Ismália e ao seu envolvimento com Licurgo, o estancieiro vive mais com a amante do que com a esposa, que morre prematuramente. Em 1923, no capítulo “Lenço Encarnado”, de *O arquipélago*, Licurgo morre em combate, em mais um conflito político local. É provável que Ismália e o filho não tenham mais voltado ao Angico, passando a mulher Caré a viver apenas na casa da cidade de Santa Fé.

No capítulo “Reunião de Família”, também em *O arquipélago*, que se passa em 1945, Rodrigo comenta com o filho Floriano, a respeito do concubinato do pai, nesse momento já falecido, com Ismália:

³⁹⁶VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 106-107. (O tempo e o vento; 3).

³⁹⁷ Ibidem, p. 200.

— Quero que me representes na solenidade — pediu ele.
— É bom que saibas que o Laurito Caré era nosso parente. Acho que não ignoras que teu avô Licurgo tinha uma amante, um caso antigo, que vinha dos tempos de rapaz. Teve um filho com ela, e o cabo Caré vem a ser neto de teu avô e portanto meu sobrinho e teu primo...³⁹⁸

Finalmente, dissipa-se o descontentamento causado pela ligação de Licurgo com Ismália, diante do orgulho de ter um parente, cuja existência até então era ignorada (por vergonha), agora era homenageado como um herói de guerra. Como aponta Maria Lima Marques, camufla-se, desta forma, a distância social que sempre existiu entre os mais poderosos de Santa Fé e os Carés. A mistura do sangue causava repulsa e temor aos estancieiros que se deitavam com as Carés do Angico.³⁹⁹

Após a homenagem a Lauro Caré, Floriano e Tio Bicho dialogam, colocando em pauta Ismália Caré, que ainda vive, já agora uma senhora, e que estava presente na cerimônia.

— Como te foste de inauguração? — indaga. [...].
— Muita gente?
— Uma pequena multidão.
— A avó do busto compareceu?
— Sim, toda de preto, muito digna, como uma verdadeira dama.
— Dona Ismália é uma dama.⁴⁰⁰

Repare que, para Tio Bicho, Ismália não é exatamente uma dama, continua sendo vista como china. A idade, o relacionamento com Licurgo e nem mesmo o neto famoso renderam-lhe completa respeitabilidade. A imagem de amásia do estancieiro ainda continua atrelada à da agora idosa Ismália. Seus descendentes, o filho e a nora, o neto recém-falecido, continuam pobres, como é possível perceber na fala do velho José Lírio, ao referir-se à infância de Laurito, cumprindo pequenos trabalhos, descalço.

Eles já não são tão miseráveis como os Carés do início da trilogia, afinal, não são mais andarilhos ou vivem em ranchos na terra dos outros. Também é provável que não

³⁹⁸ Ibidem, p. 277.

³⁹⁹ MARQUES, Maria Lima. Op. cit., p. 119.

⁴⁰⁰ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 318-319. (O tempo e o vento; 3).

sejam mais tão pobres como os parentes Carés que ainda viviam no Angico, porque estes ainda se encontram na completa dependência dos Terra Cambarás, sem terem desenvolvido outros meios de subsistência fora da grande propriedade. Contudo, Lauro Caré vivia como artesão em Santa Fé, antes de ser enviado para a guerra, o que indica que o neto bastardo de Licurgo e sua família Caré levava uma vida modesta na cidade, bem diferente da vida dos netos legítimos do estancieiro, que dispunham de regalias. De todo modo, ao que tudo indica, no papel de amante, Ismália conseguiu uma pequena ascensão para o clã dos Carés que orbitava em torno dela, afastando-os da família de estancieiros, graças à residência que passou a ter na cidade, para atender as demandas de Licurgo. Ismália, o filho, a nora e o neto passaram a ter uma vida um pouco mais digna, possibilitando a consolidação de um núcleo familiar Caré mais estruturado, ainda que humilde.

Tio Bicho e Floriano comentam o comportamento de Ismália durante o evento da inauguração do busto de Lauro Caré:

- Os pais do Laurito choraram durante todo o tempo da cerimônia, mas a avó ficou impassível, de cabeça erguida, os olhos secos e serenos.
- Deve ter sido uma cabocla bonita, porque o velho Licurgo teve um rabicho danado por ela.⁴⁰¹

A forma austera como Ismália encara a morte do neto lembra um pouco o comportamento de Licurgo, contido em suas emoções. Também lembra a forma como as mulheres do Sobrado, Bibiana e Maria Valéria, passaram a encarar a morte e a vida, com o passar do tempo e das guerras, com visão prática da realidade, resignadamente, sem se perder em grandes desequilíbrios emocionais, cuidando sempre para que a vida familiar seguisse avante. Esta Ismália que surge no capítulo “Reunião de Família” também contrasta com a moça franzina que é estuprada por Licurgo e que depois, com voz chorosa, anuncia que terá um filho. *O Tempo e o Vento* conferiu a Ismália Caré a mesma força das mulheres da família Terra. A Ismália de *O arquipélago* é uma matriarca tal qual Maria Valéria, a matriarca de um clã dos Carés, a matriarca da família vista como de estrato subalterno.

Assim como Maria Valéria, Ismália representa, neste momento do enredo, uma

⁴⁰¹ Ibidem, p. 319.

espécie de oráculo vivo, um oráculo que pode transmitir a Floriano informações ocultas sobre Licurgo, que sempre lhe pareceu muito fechado e inatingível. Talvez com a amante e com a família que constituíra com ela, o avô se comportasse de forma diferente.

— Sabes duma coisa? Às vezes sinto uma certa vontade de conversar com a velhinha, perguntar-lhe coisas sobre o meu avô. Acho que ela o conheceu melhor que ninguém.⁴⁰²

Floriano já é de outro tempo, avançando no século vinte, em que alguns preconceitos começam a suavizar-se. O rapaz tem curiosidade em relação a Ismália e não repulsa como tiveram os seus parentes de gerações anteriores. Ao longo de *O Tempo e o Vento*, são muitas as aventuras sexuais extraconjugais dos homens do Sobrado com mulheres das camadas sociais mais pobres, incluindo aí as mestiças Carés, agregadas do Angico. Ismália é especial porque ela conquistou Licurgo Terra Cambará e o manteve, mesmo que ilegítimamente, sem ousar reivindicar o papel de esposa, por toda uma vida. Por meio do fruto dessa relação, ela misturou o sangue Cambará com o sangue Caré. E Laurito, com seu “ato heroico” de lutar e morrer na Segunda Guerra Mundial, transforma a fusão, outrora vergonhosa, em orgulho e honra.

Joaninha e Ondina Caré

Joaninha e Ondina Caré, mãe e filha, são personagens presentes apenas em *O retrato*, segunda parte de *O Tempo e o Vento*. Joaninha, conforme já mencionamos, é a única personagem Caré da narrativa principal que não manteve relações sexuais com homens Terra Cambará. No entanto, como relata o personagem Toríbio: “a Joaninha tem dormido com quase toda a peonada do Angico”⁴⁰³. E tinha um filho de cada pai. Era uma “vaca de rodeio”, sem “touro” certo. Entre os filhos, está Ondina Caré, menina de aproximadamente 16 anos. O texto de Erico não define o parentesco de Joaninha com

⁴⁰² Ibidem, p. 319.

⁴⁰³ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 228. (O tempo e o vento; 2).

Ismália, mas é provável que a primeira também fosse descendente de Chiru Caré, o primeiro Caré a se instalar, com seus dez filhos, nos domínios da família Terra Cambará.

Joaninha dorme com vários homens, com quase todos os empregados da fazenda, agregados assim como ela. O que corrobora a constatação de que as Carés, mulheres da “ralé”, dada a condição de vulnerabilidade em que se encontravam, tinham menor possibilidade de cumprir os ditames católicos e sociais da preservação da virgindade e da realização do casamento oficial e religioso. Em uma sociedade centrada na figura do varão, o passar de “mão em mão” não deixa de ser um esforço de sobrevivência em meio a uma vida de dificuldades. Em tal conjuntura, um homem representa, para a mulher pobre e sem instrução, uma possibilidade de segurança social e financeira. Assim, toda vez que um relacionamento é encerrado, a tendência é de que essa mulher, fragilizada socialmente, busque um outro parceiro que a ajude a continuar subsistindo. Os filhos, nessas situações, representam o estabelecimento de um vínculo com o companheiro do momento. Entretanto, até há poucas décadas, muitos homens não reconheciam, nem sustentavam, os filhos que não fossem fruto de relações maritais oficializadas. E assim, a mulher pobre, como Joaninha Caré, passava a sustentar sozinha os filhos de pais distintos.

O Dr. Rodrigo interessa-se por Ondina no capítulo “Chantecler”, sendo atraído pela jovem quando, ao retornar formado da capital, vai passar uma temporada no Angico, acompanhado da família. Cabe a Toríbio apresentar ao irmão o que designa como “material” da estância:

– E, fazendo avançar o lábio inferior, mostrou a rapariguinha que saía da cozinha para dar milho às galinhas. Era uma chinoca de dezesseis anos presumíveis, cabelos negros, pernas curtas e fortes, seios miúdos mas firmes, rosto largo de esquimó, de maçãs salientes e olhos oblíquos. Trazia um vestidinho de chita azul, muito curto, e estava descalça. Rodrigo contemplou-a com um olhar avaliador de macho.⁴⁰⁴

A moça tem características físicas semelhantes à Ismália, cabelos negros, olhos oblíquos e está descalça, assim como os Carés andarilhos dos interlúdios da narrativa, duzentos anos antes. Curioso, Rodrigo pergunta quem é o pai da menina e Licurgo informa que ninguém sabe, já que Joaninha, a mãe, vinha se deitando com vários homens.

⁴⁰⁴ Ibidem., p. 227-228.

O fato de a moça não ter a paternidade reconhecida facilita o sexo descompromissado, uma vez que o doutor não terá de se entender com o pai caso desonre a menina.

De acordo com a narrador da trilogia, “Ondina, de vez em quando lançava olhares enviesados na direção de Rodrigo e Toríbio, mas seu rosto continuava duro, inexpressivo”, sinalizando, assim, algum interesse pela pelos patrões. Mas o, agora, médico Rodrigo, buscando regenerar-se de farras passadas e transmitir a imagem de homem sério, hesita antes dormir com a Carezinha, temendo que ela fosse ainda virgem. No entanto, dá-se conta de que as agregadas tinham a primeira relação bastante jovens, tão logo entravam na adolescência. “Mas qual! Aquelas rapariguinhas do campo começavam cedo... Não! Positivamente não, Rodrigo. Já teu pai anda metido com uma Caré, não é direito que tu também...”⁴⁰⁵

Na realidade, as moças de estratos sociais privilegiados também começavam cedo a vida sexual, mas após o casamento, diferentemente das mulheres pobres, “dispensadas” do ritual do matrimônio. De modo diverso do pai, o *dandy* Rodrigo Terra Camará recuava em face do desejo incontrolado por uma moça de classe inferior. Contudo, a visceralidade do instinto vence os limites impostos por alguma consciência:

Rodrigo viu Ondina descer sozinha a coxilha, equilibrando na cabeça um cesto de roupa suja. [...] Esperou um instante, olhou cuidadosamente em torno e, como não avistasse ninguém, saiu a andar atrás da rapariga. [...]

– Escuta aqui, Ondina.

A chinoca continuava a andar em passo acelerado, aproximando-se cada vez mais do mato. Isso mesmo que eu quero – pensava ele. – Isso mesmo que eu quero.

– Ondina, olha aqui!

Ela parou, depôs o cesto no chão e, sem olhar para o homem, apanhou um talo de grama e começou a mordiscá-lo com seus dentes miúdos.

– Vamos ali pro mato.

Ela se encolheu toda. Rodrigo apanhou com uma das mãos o cesto de roupa e com a outra segurou com força o braço da chinoca, puxando-a na direção do mato. Ela se deixou levar docilmente.⁴⁰⁶

⁴⁰⁵ Ibidem, p. 228.

⁴⁰⁶ Ibidem, p. 230.

A resistência de Ondina é branda, é quase um não querer querendo. Rodrigo, diferente de Licurgo com Ismália, não precisou forçar Ondina ao sexo, embora tenha havido alguma indecisão por parte dela. A impressão que o texto de Erico passa é a de que a moça insinua-se, que ela também tem interesse em dormir com o médico.

Depois do encontro com Ondina, Rodrigo procura o irmão Toríbio para desabafar e lamentar-se do ocorrido.

Aconteceu uma coisa horrível. Levei a Ondina pro mato à hora da sesta.

Por alguns segundos Toríbio nada disse. Depois, dando um pontapé num seixo do caminho, perguntou:

– Que tem isso de tão horrível?

– Ela era virgem!

– E daí? Todas as mulheres nascem virgens.

– Bio, estou falando sério.

– Eu também.

– Mas que é que vai acontecer agora? E se ela fica grávida?

– Não há de ser a primeira nem a última.⁴⁰⁷

Toríbio que, contrariamente Rodrigo, é um sujeito do campo, que trabalha na fazenda do pai e que vive junto aos peões do Angico, encara o fato como um acontecimento corriqueiro, não emitindo nenhum julgamento, apenas divertindo-se com o falso peso na consciência do irmão. “Como se estivesse a ler-lhe os pensamentos, Toríbio troçou: – Essa história de gostar das Carés parece que está na massa do nosso sangue, hein?”⁴⁰⁸. Traz à tona, ironicamente, o envolvimento de Ismália com Licurgo, confirmando que os elitizados homens da família Terra Cambará gostavam mesmo de fornicar com as “bugrazinhas” da linhagem dos Carés que circulavam pela estância.

Rodrigo também teme que Ondina fique grávida, repudiando a possibilidade de o sangue Terra Cambará fundir-se com o dos miseráveis Carés, repudiando a possibilidade de que o coito com Ondina fosse descoberto pelos familiares, levando-o à desonra. Toríbio percebe, rapidamente, que todas as preocupações que o irmão mostra ter em relação à Ondina Caré, na realidade, não passam de preocupações consigo mesmo. Tinha receio de que a aventura erótica com a Carezinha trouxesse-lhe problemas.

⁴⁰⁷ Ibidem, p. 231.

⁴⁰⁸ Ibidem, p. 231-232.

- E se... pegar? – perguntou Rodrigo, usando o verbo com alguma relutância.
- A criança nasce, cresce e vive como qualquer outra.
- Mas eu me refiro ao lado moral da questão.
- Que lado moral, homem?
- Bem sabes o que eu quero dizer.
- Ora, tu não estás preocupado com o lado moral. O que tens é medo que o velho e a titia descubram a patifaria.⁴⁰⁹

Toríbio também tranquiliza o irmão em relação à honra de Ondina, argumentando que os Carés nem sabiam o que era honra. E acrescenta – “Olha, a mãe de Ondina tem oito filhos e nunca se casou. Até hoje, que eu saiba, ninguém se lembrou de perguntar quem são os pais das crianças”⁴¹⁰. É como se a filha estivesse fadada a seguir o caminho da mãe, deitando-se com vários homens e tendo vários filhos sem a paternidade reconhecida.

O fato de Ondina vir de uma família marcada pela ausência de uma figura paterna, com a mãe tendo vários relacionamentos passageiros, coloca sobre a moça o estigma da rapariga que deve servir sexualmente, sem que a sua virgindade seja protegida como a de uma jovem de família estruturada segundo modelo valorizado socialmente e de posses. Apesar de acometido por arroubos de culpa, o Dr. Rodrigo Cambará volta a procurar prazer no corpo de Ondina Caré:

Ondina passou pela frente da porta, devagarinho, lançou para dentro do quarto um olhar furtivo e desapareceu. Pouco depois tornou a passar. Rodrigo fez psiu! A rapariga parou, voltou a cabeça para todos os lados, hesitou por um instante e por fim entrou.

– Fecha a porta – sussurrou ele.

Nos dias que se seguiram, muitas vezes teve a chinoca à hora da sesta.⁴¹¹

Rodrigo descobre que Ondina, de fato, já segue os passos da mãe, Joaquina, e que tem dormido com vários homens do Angico, inclusive com o seu irmão Toríbio. Quem lhe dá a notícia é a mulata Laurinda, ao vê-lo sair de casa escondido para ir fazer “safadeza” com a chinoca:

⁴⁰⁹ Ibidem, p. 232.

⁴¹⁰ Ibidem, p. 232.

⁴¹¹ Ibidem, p. 239.

- Vá embora duma vez, não deixe a china esperar. Ela tem outros que atender.
- Hein?
- Ué... Tu não sabia que tinha sócio nesta história?
- Sócio?
- Sócio, sim senhor. O Bio é um deles.
- Mentira!
- Se encontravam no matinho da sanga. O outro é o Quincas. O Quincas era um dos peões mais jovens do Angico. Rodrigo estava de cara no chão, ferido no seu amor-próprio, desconcertado por uma aviltante sensação de logro.⁴¹²

Rodrigo fica aborrecido ao saber que dividia Ondina com outros homens. O doutor não oferecia, mas gostava de exclusividade. Contudo, encontrou na indignação um pretexto para esquecer a jovem, dissipando-se também de qualquer culpa por ter se deitado com ela.

Deu um pontapé num pêssego que jazia no chão, e voltou para dentro de casa, pisando duro. Agora sim, Ondina estava morta. A bruaquinha! Enganando-o com o Bio e com um peão! Tudo aquilo era sujo, indecente, ridículo, principalmente ridículo. Bem feito, para não seres bobo.⁴¹³

Ondina Caré, aos 16 anos, colecionava relacionamentos com homens ricos e pobres. Erico somente apresenta os fatos, não oferecendo muita explicação sobre eles. Não se sabe o que leva uma menina tão jovem a andar passando de mão em mão, com homens que não a respeitam, apenas querem desfrutar da juventude do seu corpo. Provavelmente, reflete o misto de desejo sexual aflorado, ingenuidade e ignorância, que faz com que a jovem esteja exposta, como sua mãe assim já estivera.

Quanto ao Dr. Rodrigo Terra Cambará, respirou aliviado, quando, um tempo depois, voltou ao Angico, por ocasião da morte de Fandango, e “viu Ondina a um canto e achou-a mais corpulenta, mais adulta. Olhou com certa apreensão para o ventre da chinoca, mas ficou tranquilo ao verificar que ela não apresentava nenhum sinal externo de gravidez”⁴¹⁴. Assim, o médico seguiu a sua vida repleta de aventuras amorosas, tendo Ondina sido apenas mais uma delas.

⁴¹² Ibidem, p. 240.

⁴¹³ Ibidem, p. 240.

⁴¹⁴ VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 87. (O tempo e o vento; 2).

O Dr. Rodrigo Terra Cambará é construído como personagem boêmia, do mundo urbano; dificilmente ficaria, por muito tempo, enfeitado por uma caboclinha do Angico. Na relação de Rodrigo com Ondina, diferente do vínculo entre Ismália e Licurgo, existe apenas o desfrute físico, o prazer sexual e nenhum tipo de envolvimento de natureza afetiva, até porque o perfil do personagem Rodrigo é o de um sujeito que coleciona amantes, não se detendo apenas em uma delas. Já Licurgo Terra Cambará é conservador, apegado à vida do campo, fazendo sentido a sua ligação com uma agregada da estância, uma moça simples como Ismália. Rodrigo é cosmopolita, egocêntrico; é um sujeito que quer acumular experiências e aventuras. Ele não permaneceria em apenas uma aventura, mantendo-a a vida toda, como fez seu pai.

Ondina também não é tão inocente como Ismália, que, como indica a narrativa, só dorme com Licurgo e resiste, raivosamente, na primeira vez. Ondina, segundo o narrador, dorme com vários e insinua-se. Contudo, assim como Ismália, ela é calada e, aparentemente, fornece momentos de prazer, quase sempre em silêncio, sem exigir nada em troca.

Antônia Caré

Antônia Caré é sobrinha de Ismália Caré e irmã de Romualdinho Caré; surge em *O arquipélago*, no capítulo “Um certo major Toríbio”. No verão de 1925, Rodrigo, que já está casado com Flora e tem filhos pequenos, vai passar férias com a família no Angico. “Da segunda semana em diante, naquelas longas tardes de bochornoso silêncio, Rodrigo começou a encontrar conforto e distração no corpo da Antônia Caré, [...], uma morena de pele cor de marmelo assado. Tinha vinte e pouquíssimos anos, era magra mas benfeita”.⁴¹⁵

Antônia não era mais virgem quando se envolve com Rodrigo e, em um diálogo com a jovem, o doutor descobre que o primeiro homem da Carezinha havia sido Toríbio:

– Quem foi que te fez mal, menina? – perguntou ele uma tarde, num momento de ternura.

Ela hesitou, voltou a cabeça para o lado, evitando encará-lo, e murmurou:

– O seu Toríbio.

⁴¹⁵ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 192. (O tempo e o vento; 3).

Bandido! – pensou Rodrigo, inconsequentemente. – Sempre na minha frente.
Mas apiedou-se da criatura.⁴¹⁶

Assim como Ondina Caré, Antônia Caré envolve-se com os dois irmãos. No diálogo acima está implícita uma espécie de disputa pela virgindade da mulher, pois Rodrigo lamenta o fato de o irmão ter mantido relações sexuais com a menina antes dele. Nessa disputa, não existe a intenção de conquistar a moça com vistas a um futuro; a maratona restringe-se a quem a deflora primeiro. Uma vez deflorada, a moça perde o valor enquanto mulher, não estando mais nas “condições ideais”, ratificadas pela fé católica, para o casamento. Por isso, todo o cuidado em torno da proteção da pureza das moças de famílias abastadas.

Apesar de não ser mais virgem, Antônia Caré comportava-se com recato, nas palavras do Dr. Rodrigo:

A rapariga tinha pudores, evitava desnudar-se, e quando ele a forçava a isso, ela se deixava ficar deitada, rígida, de olhos fechados, os lábios apertados. Como um menino que pela primeira vez estivesse vendo nudez de mulher, ele se comprazia em passar-lhe a mão por todo o corpo, como que a esculpi-la.⁴¹⁷

O fato de Antônia agir como uma moça respeitável agrada o estancieiro. Os homens da narrativa de Erico tendem a gostar quando as mulheres sexualizadas, prostitutas ou amantes, de quem eles podem desfrutar do corpo sem entraves morais e religiosos, comportam-se com recato. É como se pudessem realizar com as chinocas humildes as fantasias eróticas que o conservadorismo impede que cumpram com jovens donzelas ou com as esposas.

Ao contrário de Ondina, quando, por ainda ser solteiro, Rodrigo pode, eventualmente, desfrutar da companhia da moça em seu próprio quarto no Angico, com Antônia, com a esposa por perto, todos os encontros precisaram ocorrer em meio à natureza.

Encontravam-se no capão da Jacutinga, na Invernada do Boi Osco. Rodrigo achava um sabor esquisito em possuir a cabocla no mato [...]. Tudo aquilo era a um tempo grotesco, assustador e excitante. [...] Um homem de quase quarenta

⁴¹⁶ Ibidem, p. 192.

⁴¹⁷ Ibidem, p. 192.

anos! E Flora e as crianças estavam na estância, a menos de dois quilômetros daquele capão... Por outro lado, o fato de Antônio ser sobrinha de Ismália Caré, a amásia de seu pai, dava àquela ligação um caráter vagamente incestuoso.⁴¹⁸

O Dr. Rodrigo Terra Cambará é uma personagem que vive com intensidade e que acaba, especialmente no que se refere às mulheres, sempre agindo instintivamente. Na passagem acima, fica claro que, para o doutor, é excitante manter tardes de prazer com a sobrinha de Ismália, com a sobrinha da amante do seu pai, a poucos metros de onde se encontram Flora e os filhos. Rodrigo não dorme com Antônio por Antônio, mas porque ela é opção de regozijo naquele momento e pela forma como tudo lhe desperta o desejo. A Carezinha é somente uma possibilidade ocasional de aventura e de risco: “Encontrava Antônio sentada sempre debaixo da mesma árvore, descalça, metida no seu vestido de chita, e recendendo a água-de-cheiro”⁴¹⁹. Em um desses encontros, o risco que excitava o estancieiro acabou materializando-se por meio de uma inocente testemunha. Floriano, ainda adolescente, flagrou a relação sexual do pai com a jovem Caré. Essa descoberta, somada a inúmeros outros casos de infidelidade que caracterizaram a trajetória de Rodrigo, abalou a relação entre pai e filho. O encontro com Antônio é retomado em um diálogo entre os dois, no capítulo “Encruzilhada”, que se passa em 1945, também em *O arquipélago*:

— Uma vez no Capão da Jacutinga (eu teria os meus quinze anos), vi o senhor em grande atividade em cima duma das caboclas do Angico.

Floriano não saberia como descrever a expressão do rosto do pai naquele instante: um misto de surpresa, malícia, orgulho, saudade...

— Eu desconfiava disso. Te vi saindo do capão aquela tarde. Foi pouco antes da tua entrada para o Albion College... E se te interessa saber o nome da chinoca, era a Antoninha Caré. Satisfeito?⁴²⁰

O incômodo por ter visto o pai traindo a sua mãe com Antônio Caré não impediu Floriano de deitar-se também com uma agregada da família, Olmira, uma cabocla com todas as características das Carés, que não tem o sobrenome revelado: “Floriano fechou a porta, com o coração a bater acelerado, e aproximou-se da chinoca. Olmira encolheu-

⁴¹⁸ Ibidem, p. 192.

⁴¹⁹ Ibidem, p. 193.

⁴²⁰ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 3. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 406. (O tempo e o vento; 3).

se, como quem espera uma bofetada, mas não se moveu. Floriano abraçou-a com trêmula fúria e, sem dizer palavra, deitou-a no divã”⁴²¹. Da mesma forma, o fato de repudiarem o envolvimento de Licurgo com Ismália Caré não impediu que os irmãos Toríbio e Rodrigo dormissem com Ondina Caré e, depois com Antônia Caré, e com muitas outras raparigas que trabalhavam para a família dos estancieiros. Todos condenam moralmente a postura ilícita do pai, que é infiel, relacionando-se sexualmente com as chinocas, mas acabam sucumbindo ao desejo da carne e repetindo o que era visto como grave delito, encontrando prazer nos braços de uma empregada. Seguem o costume e os instintos por gerações, apesar das reflexões que desaguavam em constrangimento. O desejo que se traduz em cópulas com moças Carés e/ou com empregadas da família vai sempre tomar conta desses homens, roubando o juízo deles e satisfazendo seus instintos por algumas horas.

Ainda em torno da figura de Antônia Caré, no capítulo “Um certo Major Toríbio”, a narrativa informa que a jovem casou-se com um empregado de outra fazenda e que abandonou a estância da família Terra Cambará, não podendo mais o Dr. Rodrigo desfrutar de sua companhia nas tardes em que passava férias na fazenda. Antônia é a única personagem Caré de *O Tempo e o Vento* que se casa. Casou-se depois de ter sido amante de Rodrigo e Toríbio Terra Cambará, portanto, não sendo mais virgem. No entanto, casou-se com um homem humilde, um agregado da estância vizinha, alguém do mesmo nível social que ela, para quem a virgindade da moça não era premissa básica para o matrimônio.

Em *O arquipélago*, no capítulo “Do diário de Sílvia”, que se passa em 1945, a nora do Dr. Rodrigo Cambará registra que “uma neta da Antoninha Caré faz desenhos com lápis de cor que causariam inveja a muito pintor primitivo”⁴²². Como Antônia havia deixado a estância em razão do casamento, não sabemos exatamente como uma neta sua ainda vive no Angico, se a mulher veio a separar-se ou se a criança está lá por conta dos pais. Contudo, por essa única frase, proferida por Sílvia, no único momento em que as Carés são referenciadas com humanidade e não em razão da condição de amásias, somos informados de que a Antônia Caré, que dormia com Rodrigo no Capão da Jacutinga, já é avó e que ainda existem Carés, mulheres Carés, meninas Carés, vivendo na propriedade da família Terra Cambará.

⁴²¹ Ibidem, p. 60.

⁴²² Ibidem, p. 353.

Apesar de também fazer parte da “ralé”, o perfil do homem Caré apresentado na trilogia *O Tempo e o Vento* é mais variado do que o da mulher. Entre eles, quase todos soldados de guerra, temos, por exemplo: José Caré (Juca Feio), um gaúcho aparamentado; Lulu Caré, um barqueiro; Mingote Caré, um ladrão fracassado. Entre as mulheres, só temos chinocas aproveitadas sexualmente, uma vez que a existência dessas personagens praticamente resume-se à sua função enquanto objeto de desejo.

A trilogia de Erico Verissimo está carregada de atos de violência sexual contra as mulheres, alguns mais exacerbados, como o estupro de Ana Terra, quando os castelhanos invadiram a propriedade de sua família:

Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entranhas. Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer mas não conseguiu. O homem resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiu nas faces, procurando, ao mesmo tempo, mordê-lo. (porque Deus não me mata?). Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos.⁴²³

Outros, um pouco mais sutis, como as cenas envolvendo o Capitão Rodrigo e a mulher do vendeiro Nicolau:

O Nicolau tinha saído de casa e ali do outro lado do tabique sua mulher estava numa cama... Não era nem muito moça nem bonita. Mas era uma fêmea. Fazia tempo que Rodrigo não tinha mulher [...] Ela estacou muda. Ele a segurou pelos ombros e puxou-a para dentro do quarto. Sentiu que ela tremia toda, como se estivesse com sezões, mas não fez nenhum gesto, não disse a menor palavra. Arrastou-a para a cama.⁴²⁴

Vale sublinhar que a promiscuidade sexual está no embrião dos homens Cambarás: Licurgo seguiu os passos do avô Capitão Rodrigo, assim como Toríbio e Rodrigo seguiram os passos do pai Licurgo e assim como, contraditoriamente, Floriano, apesar da

⁴²³ VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 157. (*O tempo e o vento*; 1).

⁴²⁴ *Ibidem*, p. 248-249.

crítica ao modo de agir de seus antepassados, também seguiu os passos do pai, o Dr. Rodrigo. Erico Verissimo nos apresenta um sociedade violenta, com homens violentos e que aplicam a sua brutalidade em mulheres simples ou indefesas, extravasando seus desejos sexuais de forma animalesca.

Em *O Tempo e o Vento*, a violência contra as mulheres é quase naturalizada porque ela caracteriza a sociedade que está sendo retratada; a violência está culturalmente enraizada na conduta de homens e mulheres na trilogia. A violência sofrida, especificamente pelas mulheres Carés, é descrita em sua complexidade, pois se vislumbra algum consentimento por parte das vítimas. No entanto, para Cristiane Saldanha Garcia e Flavi Ferreira Lisboa Filho, em “Representação da identidade do gaúcho e da violência: uma leitura de *O Tempo e o Vento*”, muito embora pareça haver certa concessão por parte das chinocas violentadas, o abuso caracteriza-se como uma “parafilia”, ou seja, fantasias, anseios sexuais ou comportamentos recorrentes, intensos e sexualmente excitantes⁴²⁵. Nas cenas entre as mulheres Carés e os homens da família Terra Cambará os estancieiros agressores entendem as vítimas como objetos de prazer, negando sua condição de ser humano e sujeito de direitos. Na narrativa de Erico Verissimo, de acordo com as autoras, destacam-se traços de uma cultura que inferioriza e menospreza capacidades e características próprias da condição feminina, contribuindo para perpetuar a discriminação da mulher, favorecendo a continuidade de situações de abuso. A dependência financeira dos parceiros e a falta de apoio da família e da comunidade também são mantenedoras da posição de desvalia da mulher, do isolamento e submissão aos abusos sofridos⁴²⁶.

A forma como Erico Verissimo retrata a violência sofrida pelas mulheres Carés demonstra algum consentimento por parte delas, mas sem descaracterizar o abuso. Ismália, Ondina, Joaquina e Antônio Caré sofreram violência sexual, embora nem elas e nem eles tenham tido talvez consciência disso, uma vez que a comunidade destacada na narrativa visualiza a brutalidade de machos sobre as fêmeas como algo natural, especialmente quando a fêmea é uma jovem miserável, sem recurso financeiros e sem proteção familiar. A violência não está apenas no estupro que Ismália sofreu, mas, na

⁴²⁵ GARCIA, Cristiane Saldanha; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. “Representações da identidade do gaúcho e da violência: uma leitura de *O Tempo e o Vento*”. In: KRÜGER, Kelly Berti; OLIVEIRA, Catielle Flôres (Org.). *Violência intrafamiliar: discutindo facetas e possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, p. 8.

⁴²⁶ Ibidem, p. 8-9.

forma, por exemplo, como Rodrigo envolve-se com Ondina e Antônio, desconsiderando a condição humana dessas moças, valorizando apenas a sua utilidade enquanto corpo propiciador de prazer sexual. A violência manifesta-se também diante da impossibilidade das vítimas negarem-se ao coito. Porque nenhuma das moças Carés disse não? Ismália esboçou uma reação, mas era impossível, porque havia na condição de vida daquelas mulheres um desamparo que as empurrava para as garras de homens interessados em prevaricação inconsequente com meninas desvalidas.

Finalizando, a violência sexual que sofrem as mulheres Carés apresentadas na trilogia *O Tempo e o Vento* está inserida em um processo ainda maior de degradação de seres humanos. Ismália, Joaquina, Ondina e Antônio e as outras chinãs Carés não nomeadas, oriundas de família desagregadas e miseráveis, já nascem estigmatizadas. Ao longo da vida, irão conviver com privação alimentar e de vestuário, com a falta de acesso à educação, com o abuso sexual, a violência doméstica, o desamparo, o preconceito social. Sofrerão, enfim, como indivíduos e como mulheres todas as formas de indiferença e desrespeito, o que tornará quase impossível para elas uma forma digna de ascensão social.

Considerações Finais

As personagens Carés de *O Tempo e o Vento* figuram entre tantas outras existências miseráveis que povoaram as nossas letras desde os tempos do Brasil Colônia. Vadios, Dona Plácida, Bertoleza, Jeca Tatu, Fabiano, Severinos, Macabéa, Carés e outros tantos aqui não nomeados, são frutos de processos de criação literária singulares, mas que, a seu modo, transpuseram para a literatura registros da dura realidade de sujeitos desfavorecidos economicamente, rejeitados pela sociedade e desamparados pelas instâncias de poder.

A especificidade dos Carés encontra-se no fato de Erico Verissimo apresentar uma saga dos desvalidos, em paralelo à saga de ascensão e declínio da elite agrária sul-riograndense, representada pelos Terra Cambarás. É apresentada sutilmente na trilogia uma trajetória de aproximadamente 200 anos de invisibilidade dos indivíduos da “raça dos Carés”. Erico fornece ao leitor um longo painel, em que a condição de vida de tais personagens pouco se altera, estando eles, por tanto tempo, à mercê dos interesses de homens das camadas que detêm o poder.

Erico, em *O Tempo e o Vento*, não dá voz aos excluídos Carés, como ocorre em obras literárias citadas nesta dissertação, as quais se detiveram sobre a desgraça do povo

para produzir registros artísticos de potência reflexiva. Erico não confere aos pobres, via literatura, o protagonismo que não tiveram na realidade e tampouco apresenta-os enquanto sujeitos reflexivos; não faculta algum mergulho no interior dessas existências, para retratar como se configuraria a psique do “pária” social. Erico apresenta personagens que estão em constante interação com o território onde vivem e os acontecimentos produzidos na esfera social, cultural e política. Ele ignora o sujeito isolado, privilegiando o indivíduo em estado de interação, construindo personagens que são fruto e produto do seu tempo, e que vivem e moldam-se na troca com o outro e com o universo que os circunda.

Os Carés são invisíveis, sendo registrados ficcionalmente como invisíveis. Apresentados de forma um tanto grotesca, foram cuidadosamente construídos e entrelaçados no enredo principal da trilogia. Eles são seres humanos retratados como “peças”, dispostas de acordo com o interesse da classe dominante. Eles sofrem passivamente com os fatos, não atuando sobre eles ou tomando decisões. Erico revela a desconsideração e o desdém daqueles que têm posses e poder em relação a sujeitos marginalizados e dependentes da ajuda alheia. Em *O Tempo e o Vento*, a condição de pobreza suscita desprezo, preconceito, abuso e discriminação. No entanto, é o próprio pobre, resignado à sua condição de “ninguém”, que mantém (enquanto trabalhador rural e soldado de guerra) o prestígio da aristocracia.

Resignação, imobilidade, passividade, submissão diante dos ricos e poderosos, apego ao passado e às tradições, total falta de consciência de classe e motivação para buscar melhores condições de vida caracterizam os indivíduos designados na trilogia como Carés. Logo, eles são vítimas sem se perceberem como vítimas. Em *O Tempo e o Vento*, a sociedade representada evidencia os senhores de terras e o fascínio que despertam nos indivíduos miseráveis. A elite fortifica-se com o fato de sujeitos como os Carés viverem em função de agradar aos patrões (por gratidão, admiração e apego às relações que se estabelecem na esfera da estância), não procurando obter melhores condições de vida para si e para sua gente.

Somado a isso, os Carés são indivíduos mestiços que trazem no fenótipo traços das etnias negra e indígena, historicamente espoliadas. Eles são um grupo de indivíduos completamente marginalizados, fruto de famílias desagregadas ou muito numerosas, sofrendo as adversidades, o preconceito social e o racismo. Os negros e os índios são as grandes vítimas do modelo de colonização que se instalou no Brasil e que privilegiou homens brancos e enriqueceu a aristocracia à custa da apropriação das terras indígenas e

do trabalho escravo. Tal processo de exploração juntou-se à intensa interação sexual fugaz e descomprometida entre as etnias, que também caracterizou a história da nação brasileira e do estado do Rio Grande do Sul, produzindo uma imensa classe de sujeitos livres, mas desafortunados, desamparados pelo estado, discriminados pela sociedade e dependentes da solidariedade alheia. Essa camada de sujeitos mestiços (fruto da mistura de etnias), subalternos, é retratada por Erico Verissimo como a “raça dos Carés”.

Houve um tempo no antigo Continente de São Pedro em que nem todos os campos haviam sido cercados e havia gado solto por todo o território do pampa, muitas frutas nas árvores, água limpa nos rios e invernos rigorosos. Desbravando esse território inóspito, distante do centro político do país, e envolvido em disputas entre Portugal e Espanha, existia um imensa gama de sujeitos, de diversas procedências, predominantemente do sexo masculino, que vagavam pelos campos, alguns até roubando, cometendo pequenos delitos. Este é o período, meados do século XVIII, que Erico descreve nos interlúdios de *O Tempo e o Vento*. Os bandidos itinerantes que percorriam as propriedades em formação, cometendo contravenções, eram denominados gaúchos. Aos poucos, as terras foram ganhando donos, sendo cercadas, formando unidades fechadas e autônomas. A vida nômade ficou cada vez mais difícil e a elite agrária que se formava começou a aproveitar esses indivíduos andarilhos (bandidos ou não) no trabalho das fazendas. A denominação gaúcho, que outrora teve sentido negativo, passou a ter sentido positivo, designando o peão de fazenda, cavaleiro astuto, aguerrido, campeiro e guerreiro, sujeito que acabou inspirando a chamada literatura regionalista do Rio Grande do Sul (Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja, Amaro Juvenal e Alcides Maya), que fortaleceu e difundiu o mito do gaúcho herói de guerra e bom campeiro. Com o passar do tempo, a terminologia expandiu-se e todo habitante do estado Rio Grande do Sul passou a ser identificado como gaúcho. Quanto aos Carés, apesar de bons guerreiros, a maioria não tem cavalo, veste trapos e vive de cabeça baixa. Erico os denomina gaúchos, negando os mitos que se firmaram ao longo dos tempos, apontando para o fato de que entre a gauchada sempre existiram homens mestiços, desprovidos de quase tudo, donos apenas da liberdade de ir e vir.

No enredo de *O Tempo e o Vento*, os Carés, à medida que os campos vão se tornando unidades privadas, deixam a vida nômade, estabelecendo-se um clã na terra da família Terra Cambará. Chiru ergueu um rancho nos cantos da estância do Angico depois que Bibiana, solidariamente, deu guarida à família de não-proprietários. Erico configura, desta forma, o momento que esses gaúchos “párias” deixam a vida errante, passando a

depende da estrutura do latifúndio. Nela, tais sujeitos permaneceram ao logno dos séculos, submissos, gratos e moldados pela cultura que fortalecia o peão no imaginário coletivo, mas que lhe negava melhores condições de vida e, sobretudo, acesso a terras; mantendo-o, assim, em estado de completa dependência.

Durante muito tempo, a posse da terra definiu lugares sociais, sendo os proprietários idolatrados e os não-proprietários renegados. O prestígio e poder de um pequeno grupo de estancieiros alimentava-se do desprestígio e servilismo de um número significativo de peões e agregados, sujeitos como os Carés, que jamais tiveram a oportunidade de acesso à terra porque a política fundiária brasileira privilegiou a grande propriedade em detrimento do minifúndio. Ao mesmo tempo facilitou o acesso à terra a homens brancos (ou pretensamente brancos), negando-o à maioria mestiça, negra ou indígena. Sintetizando, a pobreza dos Carés, como aponta Erico Verissimo em sua narrativa, é fruto de uma série de acontecimentos que favoreceu determinados segmentos sociais e negligenciou a situação de uma grande massa de indivíduos.

Na sociedade belicista, machista e patriarcal exposta por Erico em *O Tempo e o Vento*, o pobre também foi moldado e mantido “adestrado” por meio do fascínio pela guerra. Do início ao fim da trama, os Carés foram levados a lutar em guerras cujas razões que as fundamentavam jamais eles entenderam direito. Eram forçados a ir, mas gostavam da guerra porque lá eram bem tratados. Em meio a conflitos e à necessidade de avolumar bases de exércitos, os preconceitos de tempos de paz eram esquecidos (ou melhor, disfarçados) e os miseráveis eram tratados com mais respeito pelos membros das camadas superiores. Assim, desvalidos como Pedro Caré e Chiru Caré voltam da guerra com partes do corpo decepadas, mas contentes porque na guerra foram alimentados, andaram completamente vestidos, entraram em contato com pessoas importantes e ainda mataram outros homens sem serem punidos. Depois das guerras, nos tempos de paz, os Carés permaneciam despossuídos e renegados, afinal dificilmente recebiam terra ou soldo pela “heroica” atuação como soldado; contudo, o imaginário do gaúcho honrado, bom de peleia e fiel ao patrão fornecia a eles a recompensa moral. No universo da fazenda, a gauchada reúne-se, proseia e enumera as aventuras de guerra. E assim, Carés seguem Carés por muitos anos, até a decadência do latifúndio, vivenciando a vida campeira, a ilusória camaradagem da estância, saudosos dos heroicos tempos de guerra, do reconhecimento dos patrões e superiores, do fato de ter conhecido figuras importantes, mas sem jamais terem conseguido (e nem tentado) melhorar as condições de vida da sua gente.

Admiradores da guerra e do universo campeiro, os homens de *O Tempo e o Vento* são brutos, independente da condição social. A sociedade de traços feudais delineada na ficção por Erico é machista, patriarcal, conservadora, moralista e apegada a valores propagados pela fé católica. A política e a guerra são atribuições masculinas; o comando do lar e os cuidados da família são atribuições femininas.

Nem todas as mulheres são vistas como prendadas, como moças que se destinam ao casamento. As mulheres Carés, e também outras personagens vistas como “à toa”, não servem para esposas de homens de posses, como os Terra Cambarás. Se os homens Carés são vistos como posteiros miseráveis que somente em tempos de guerra tem alguma utilidade e merecem algum respeito, as meninas Carés são os corpos que devem, resignadamente, ofertar prazer sexual aos membros da elite sem cobrar nada em troca, sujeitando-se ao papel de amásias. Obrigadas ao coito, pouco falam, eventualmente choram ou soluçam, mas deitam-se com os estancieiros quantas vezes eles quiserem. Elas não ousam questionar o “desejo” do patrão. Sofrem violência sexual porque a relação sexual, mesmo quando não é forçada, é realizada desprezando-se a condição de pessoas dignas de algum direito.

Em *O arquipélago*, evidencia-se uma tênue melhora na condição de vida de um clã dos Carés, ao colocar em cena Ismália Caré. Ismália “tomou o Sobrado” e conquistou uma casa para si e sua família (filho, neto e nora), livrando-se da dependência da grande propriedade e misturando o sangue Caré com o sangue Cambará, dando origem a um “Cambaré”, Laurito. No entanto, não foi uma ascensão significativa, afinal a família continuou pobre, e tão pouco digna, porque ela se deu em razão de a mulher Caré ter se sujeitado ao papel de “teúda e manteúda” de Licurgo pela vida toda e ter colhido as “migalhas” que o relacionamento “indecoroso” lhe rendeu.

Obviamente os Carés, gaúchos e chinas do início da narrativa de Erico, não são como os Carés do final do romance. Os Carés dos interlúdios da obra são bem mais miseráveis do que aqueles que aparecem em *O arquipélago*. Isso não significa exatamente uma melhora na situação de vida de tais personagens, mas indica que os tempos são outros e que não é mais possível sobreviver em um grau tão grande de desamparo, como no início do enredo de Erico: nômades, bebendo água dos rios, comendo as frutas que encontravam pelo caminho e carneando rês morta. As frutas, o gado, o rio passaram a ter proprietário, só sendo permitido usufruí-los com autorização deste.

No trecho narrativo de *O Tempo e o Vento*, que transcorre em um período de mais de dois séculos, a sociedade evolui, passa por transformações, chegando a Santa Fé

os benefícios e os prejuízos do progresso: trem, telefones, automóveis, avião, e por outro lado, bolsões de miséria, gente morrendo de fome e frio. Os Carés estarão sempre se portando passivamente, sofrendo as consequências de atos deliberados por outros grupos sociais. Laurito, por exemplo, foi enviado para a guerra, não tendo se alistado por vontade própria.

Em *O arquipélago*, o narrador sugere a decadência da aristocracia, com a família Terra Cambará menos apegada a valores morais, já envolvida em disputas motivadas por dinheiro e com o Dr. Rodrigo já desprestigiado por algumas pessoas de sua cidade natal. O homem poderoso, rico e importante já não desperta a devoção e o fascínio de outrora. No entanto, tal decadência pouco tem a ver com os Carés. Não são eles que estão “subindo”, são os Terra Cambarás (a classe ruralista que se consolidou no poder com a República e a Revolução Federalista) que começam a sofrer uma derrocada em face da entrada de novos “atores” na política e na economia do país. É a falência do latifúndio que se anuncia, mas ainda não se confirma. Contudo, os Carés continuarão Carés. E muitos! E paralisados! Inclusive com muito Cambará virando Cambaré. O contrário mostra-se mais difícil. Este é um enredo que pouco se modifica em 500 anos. Erico Verissimo nos forneceu um intenso e potente recorte de 200 anos da nossa história. Grandezas e misérias da realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lélia. Num território de figuras femininas. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). *O Tempo e o Vento*: 50 anos. Santa Maria: Editora da UFSM; Bauru: EDUSC, 2000. p. 75-84.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 25. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ALVES, Márcia de Borba. *Tratado das gentes d'O Continente*: por uma definição da identidade gaúcha. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/4432>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

ALVES, Márcio Miranda. *A imprensa como fonte de pesquisa e representação em O tempo e o vento, de Erico Verissimo: técnica de narrativa e implicações estéticas*. 2013. 427 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-17122013-122607>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1982.

ARÊAS, Vilma. A comédia no romantismo brasileiro: Martins Pena e Joaquim Manuel de Macedo. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 76, p. 197-217, nov. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000300010>>. Acesso em: 16 out. 2015.

_____. No espelho do palco. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 26.39.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BARCELLOS, Olinda; COMIM, Flávio V. Compreensões de pobreza: os distintos sentidos encontrados na literatura brasileira. In: ENCONTRO DE ECONOMIA DA REGIÃO SUL, 15., 2012, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

BECKER, Celia Doris. Oralidade, literatura e cultura em Fandango. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo*, v. 7, n. 1, p. 161-165, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1921>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

BEGROW, Bianca De Vit. *As mães e seus filhos: uma leitura d'O tempo e o vento, de Erico Verissimo*. 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional)–

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/177>>. Acesso: 16 jan. 2016.

BORDINI, Maria da Glória. *O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2004.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Sobre *Vidas Secas*. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 149-153.

BRUM, Ceres Karam. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 775-794, set./dez. 2009. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000300005>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

BRUTO DA COSTA, Alfredo *et al.* *Um olhar sobre a pobreza: vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Sílvia Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

CARONE, Modesto. Severinos e comendadores. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 165-169.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. [11. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CENTRO CULTURAL CEEE ERICO VERISSIMO. *Memorial Erico Verissimo: catálogo*. Organização de Ana Helena Diniz Soares Rilha, Marcia Ivana de Lima e Silva e Regina Leitão Ungaretti. Porto Alegre: Multimeio Editora, 2013. Disponível em: <<http://www.cccev.com.br/index.php/sobre-o-memorial>>. Acesso em: 18 jan. 2015

CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____ (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre:

Editora Globo, 1972. p.71-85.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis *et al.* As fraturas da modernização em *Morte e Vida Severina*. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB*, Brasília, v. 13, n. 17, p. 35-53, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9170>>. Acesso: 15 abr. 2016

COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 94-120, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222009000100006>>. Acesso: 25 jul. 2016.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DANTAS, Carolina Vianna. O Brasil café com leite: debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 56-79, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042009000100004>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

DINORAH, Maria. Dona sorte ou o aprendizado literário. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997, p. 35-45.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus [Dinamarca], n. 10, p. 116-131, 2005. Disponível em: <http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/10_di__logos_latinoamericanos/mito_democracia.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fedor Mikhailovich. *Humilhados e ofendidos: romance em quatro partes com epílogo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *A outra face do Rio Grande: ideologia e mitificação do gaúcho histórico*. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História do Brasil)–Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2001.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *Terra, trabalho e poder: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 13ª ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969.

FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 24. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

GALVÃO, Walnice. Uma ausência. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 51-53.

GARCIA, Cristiane Saldanha; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Representações da identidade do gaúcho e da violência: uma leitura de “O Tempo e o Vento”. In: KRÜGER, Kelly Berti; OLIVEIRA, Catiele Flôres (Org.). *Violência intrafamiliar: discutindo facetas e possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 171-182.

GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria: Editora da UFSM; Bauru: EDUSC, 2000.

HERNÁNDEZ, J. *A saga de Martín Fierro*. Adaptação em português de José Angeli. São Paulo: Scipione, 1991.

HAMEISTER, Martha Daisson. *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c.1727-c.1763)*. 2002. 265 f. Dissertação (Mestrado em História Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000119.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

HOHLFELDT, Antonio. *O gaúcho: ficção e realidade*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IRIARTE, Sara Jaquelina. *Imagens de Martín Fierro nas reescritas brasileiras: um jogo de identidades*. (Dissertação de mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015

LACERDA, Marina Basso. *Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado: patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil*. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Direito)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.16570>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 101-105.

LARA, Elizabeth Rizzato. *O gaúcho a pé: um processo de desmistificação: ensaio*. Porto Alegre: Movimento/Fisc, 1985.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. João Simeão Lopes Blau ou a arte de ser Zaoris. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 88-100.

_____. *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

LUKÁCS, Georg. *La novela histórica*. México, D.F.: Ediciones Era, 1966.

MAESTRI, Mário. O cativo, o gaúcho e o peão: considerações sobre a fazenda pastoril rio-grandense (1680-1964). In: _____ (Org.). *O negro e o gaúcho: estâncias e fazendas no Rio Grande do Sul, Uruguai e Brasil*. Passo Fundo: UPF Editora, 2008. p. 212-300.

MARCON, Daniele. “*Afinal de contas, que é um gaúcho?*”: Erico Verissimo e as identidades regionais do Rio Grande do Sul. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/1063>>. Acesso em: 08 set. 2016.

MARQUES, Mariana Lima. *A dominação, o tempo e o vento: dominação pessoal e patriarcalismo no romance histórico de Erico Verissimo*. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281981>>. Acesso em: 08 set. 2016.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MEYER, Augusto. *Gaúcho: história de uma palavra*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.

_____. *Prosa dos pagos: 1941-1959*. 4. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, CORAG, 2002.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo gaúcho: um estudo tipológico*. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). *Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira* (PNESB). Niterói: EdiUFF, 2004. p. 16-34.

PAES, José Paulo. O pobre diabo no romance brasileiro. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 20, p. 38-53, mar. 1988.

PAIM, Laura Maria; ARAÚJO, Susylene Dias de. A visão da figura feminina representada na obra de Erico Verissimo, frente à sociedade dos anos 30 e 40. *Diálogos Educacionais em Revista*, Campo Grande, v. 5, n. 1, p. 16-27, jul. 2014. Disponível em: <<http://dialogoseducacionais.semed.capital.ms.gov.br/index.php/dialogos/article/view/111>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 278 – 321.

PENA, Luiz Carlos Martins. *Juíz de paz da roça*: comédia em um ato. Rio de Janeiro: Livraria de Cruz Coutinho, 1871. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4054>>. Acesso em: 15 abril. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção do gaúcho. *Revista Nossa História*, São Paulo, n. 2, p. 42-47, dez. 2003.

_____. Erico Verissimo: encontros e desencontros da ficção com a história. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 270-273, dez./fev. 2005-2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p269-273>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

PICON, Gaëtan. *O escritor e sua sombra*: introdução a uma estética da literatura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Edusp, 1970.

PINTO, Luciana Rocha. Moral e religião no código criminal imperial ou uma apologia da soberania em tempos de ilustração. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300671926_ARQUIVO_MoraleReligiaonoCodigoCriminalImperial\(anpuh2011\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300671926_ARQUIVO_MoraleReligiaonoCodigoCriminalImperial(anpuh2011).pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PROMPT, Luzi Lene Flores. O continente dos Carés. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 83-90, jun. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13717/9102>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. A terra como cultura material: poder e *status* na sociedade gaúcha oitocentista. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, n. 10, p. 5-15, jul./dez. 2009. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista 10 - artigo 1.pdf](http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2010-artigo%201.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2016.

RAMOS, Arthur. *A mestiçagem no Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2004.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: a opção pela marginalia. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 73-78.

RUFFATO, Luiz. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 11-16. (O tempo e o vento; 3).

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. Numa volta do sertão, aqueles desconhecidos singulares. In: BETTIOL, Maria Regina Barcelos; HOHLFELDT, Antônio (Org.). *Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido*. Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2011. p. 33-44. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/euclidesdacunha.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

SANTIAGO, Silviano. Imagens do Remediado. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 31-34.

SANTOS, Bruna Rodrigues dos. *A Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas: qual sua natureza?*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RJ, 16., 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPHU-RJ, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400082707_ARQUIVO_anpuhartcorr.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SANTOS, Davi Siqueira. *Verissimo passando Erico a limpo: espelhos e biblioteca em Solo de clarineta*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/132245>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

SANTOS, Donizeth. O projeto literário de Erico Verissimo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 44, p. 331-363, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184416>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

SANTOS, Donizeth. Reflexões sobre a guerra na ficção de Erico Verissimo. *Revista de Letras da Unesp*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 209-221, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/5722>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. *Sagas familiares e narrativas de fundação engajadas de Erico Verissimo e Pepetela*. 2013. 291 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-21062013-120215/pt-br.php>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, degeneração e viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS,

Ricardo Ventura (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, FAPERJ, 2010. p. 83-108.

SAUTHIER, Ademar Agostinho. *Liberdade e compromisso: “O Tempo e o Vento” de Erico Verissimo: uma interpretação filosófica*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/liberdadeecompromisso.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos*. 2010. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/Schwarcz - adaptacao_mesticagem_tropicos.pdf](http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/Schwarcz_adaptacao_mesticagem_tropicos.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2016.

SCHWARZ, Roberto. A velha pobre e o retratista. In: _____ (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 46-50.

SCHWUCHOW, Valéria. Efeitos de sentidos nas imagens da mulher e homem no discurso dicionarístico do Rio Grande do Sul. *Memento: Revista do Mestrado em Letras, Linguagem, Discurso e Cultura da UninCor*, Betim, v. 5, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1577>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. O cortiço, romance econômico. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 98, p. 185-200, mar. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002014000100010>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SFALCIN, Tanara Mantovani. *Entrelaçamento da História com a Literatura em Ana Terra de Erico Verissimo*. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000161.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

SILVA, Ângela Maria Garcia dos Santos. Erico Verissimo: história da literatura ou ficção?. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 3, n. 1, dez. 2010. Disponível em:

<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/138>>. Acesso em: 20 abr. 2016

SILVA, Angelise Fagundes da; SANTOS, Pedro Brum. O mito do gaúcho e seu redimensionamento em “Trezentas onças”, de Simões Lopes Neto. In: COLÓQUIO LEITURA E COGNIÇÃO, 2., 2005, Santa Cruz do Sul. *Anais...* Santa Cruz do Sul: Unisc, 2005.

SILVA, Elza Elisabeth Maran Queiroz da. *Pensando as fronteiras e as identidades na obra de Erico Verissimo: O Continente (1949)*. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000039.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. Pobreza no Brasil Colonial: representação social e expressões da desigualdade na sociedade brasileira. *Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao34/materia01/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SOUZA, Alexandre Ricardo Lobo de. *A construção do Estado brasileiro em Erico Verissimo e Raymundo Faoro*. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Letras)–Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/72747>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SOUZA, Laura de Mello e. Notas sobre os vadios na literatura colonial do século XVIII. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.9-12.

SPERBER, Suzi. Jovem com ferrugem. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 154-164.

TORRONTÉGUY, Teófilo O. V. *As origens da pobreza no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1994.

VÉRAN, Jean-François. Prefácio – Raça existe?: clarificando equívocos, devolvendo a pergunta... In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, FAPERJ, 2010. p. 9-17.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *O tempo e o vento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 7 v.

_____. *Solo de clarineta: memórias*: vol. 1. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994.

_____. *Solo de clarineta: memórias*: vol. 2. 18. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1992.

_____. *Um certo Henrique Bertaso*: pequeno retrato em que o pintor também aparece. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VILA, Marco Antônio. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O retrato*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 11-14. (O tempo e o vento; 2).

WAGNER, Claudia Raquel. O mito do gaúcho e sua desconstrução em *O Continente*: uma análise do personagem capitão Rodrigo Cambará. *Revista dEsEnrEdoS*, Teresina, ano 4, n. 13, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/13_-_artigo_-_claudia_wagner.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *República: da Belle Époque à era*

do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 49-130. (História da vida privada no Brasil; 3).

XAVIER, Regina Célia Lima. Raça e cor na elaboração de identidades no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

ZARUR, George. *A guerra da identidade: raça e mestiçagem no pensamento latino-americano*. 2009. Disponível em: <<http://www.georgezarur.com.br/artigos/166/a-guerra-da-identidade-raca-e-mesticagem-no-pensamento-latino-americano>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ZILBERMAN, Regina. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O continente*: vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 11-14. (O tempo e o vento; 1).